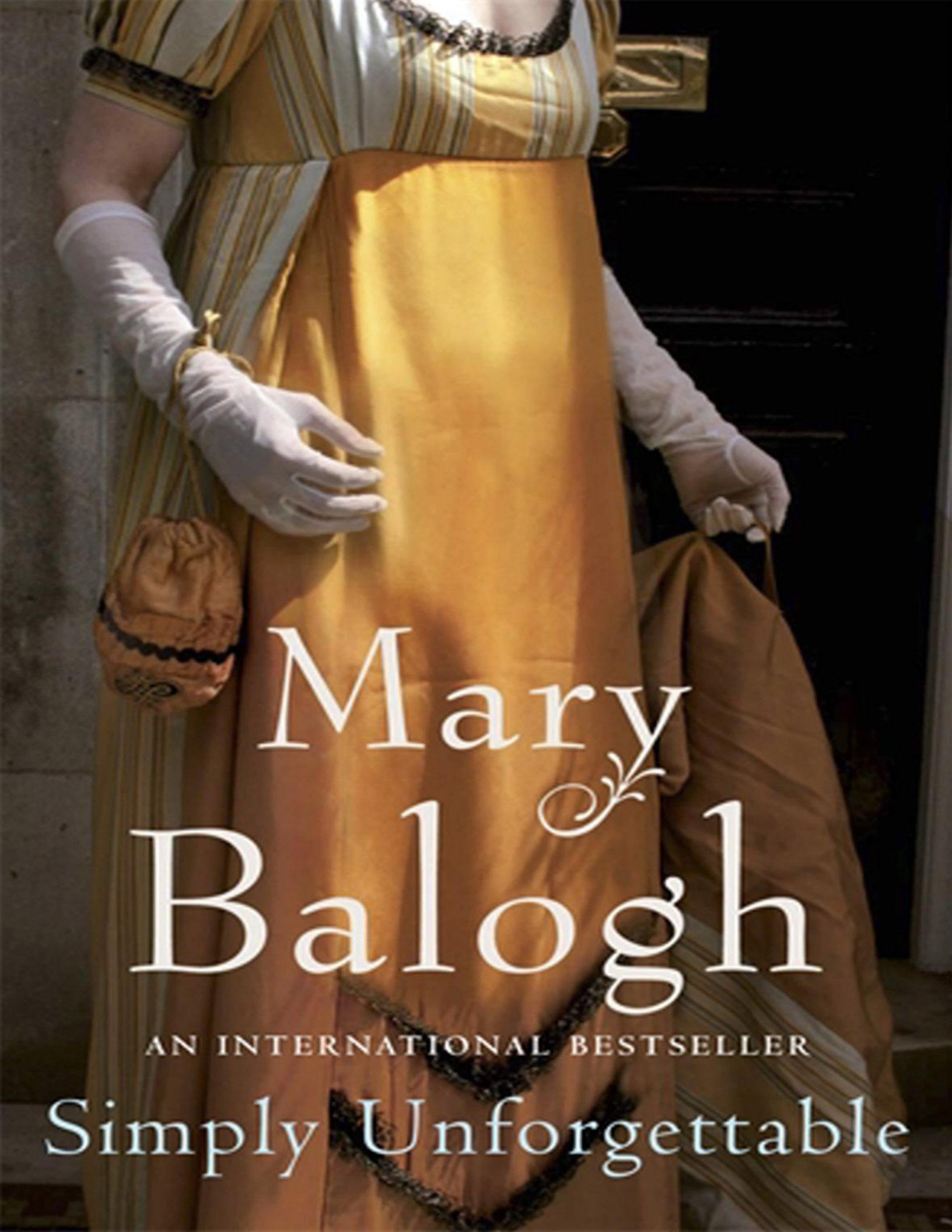

Mary
Balogh
AN INTERNATIONAL BESTSELLER
Simply Unforgettable

Grupo Are traz mais um romance de sucesso

SIMPLESMENTE INESQUECÌVEL
(Simply Unforgettable)
Série Simply Quartet - livro 01 (2005)
Mary Balogh

A tempestade de neve isola em uma hospedaria duas pessoas que, em outras circunstâncias nunca teriam se conhecido. Ele, Lucius Marshall; visconde de Sinclair, um aristocrata orgulhoso, independente e cavalheiro. O dela, Frances Allard, uma jovem professora, digna, trabalhadora, inteligente e bonita.

Nesses dois dias mágicos, Lucius descobre surpreso o prazer de trabalhar com as próprias mãos, de rir e brincar na neve. e de quebra que está apaixonado por alguém que a família dele nunca aprovaria. Ambos consomem a paixão deles na única noite antes de partirem.

Termina o sonho, a realidade de seus mundos diferentes é imposta, e eles são forçados a se separar. Mas o destino tem seus próprios planos e meses depois os junta novamente. Para ficarem juntos, ambos terão que renunciar a uma parte do mundo no qual eles vivem. Eles serão capazes?

Contamos com Barbara Kamalowski na revisão
e Marina Campos na tradução

Capítulo 1

Jamais neva no Natal. Se acontece, sempre neva antes do Natal, quando todo mundo tem que viajar para participar de reuniões familiares ou fazer os preparativos para a festa em casa, ou neva muito depois do Natal, quando a neve é um verdadeiro transtorno para fazer as coisas do dia-a-dia. A verdade é que nunca neva no dia de Natal, quando a neve daria colorido e uma certa magia às celebrações.

Essa é a triste realidade de viver na Inglaterra.

E esse ano não foi nenhuma exceção. Todos os dias de feriado o céu se manteve eternamente cinza e carregado com a promessa de uma horrível tormenta, o tempo frio e com vento, nada agradável, na realidade. Mas estou acostumada a continuar obstinadamente seca e tão cinza quanto o céu.

A verdade seja dita, os feriados natalinos foram bastante monótonos.

Assim discorriam os pensamentos de Frances Allard, que tinha feito a longa viagem de um dia desde Bath, onde era professora na Escola de Meninas da Srta. Martin, na esquina entre as ruas Sutton e Daniel, para passar os feriados natalinos com suas duas tias avós nos subúrbios dos povoado de Mickledean em Somersetshire. Tinha esperado com expectativa esses dias no campo; tinha sonhado fazer longas caminhadas para se revigorar do inverno, sob um céu azul, ou ir à igreja e ao salão de festas passando por entre brancos flocos de neve.

Mas o vento e o frio sob um céu nublado, sem um pingo de sol, tinham-na obrigado a cortar as poucas caminhadas que empreendeu e o salão de baile se manteve firmemente fechado esses dias; ao que parece, esse ano todo mundo se contentou em passar o Natal com familiares e amigos em casa e não com todos seus vizinhos em uma festa ou baile comunitário.

Estaria mentindo a si mesma se não reconhecesse haver-se sentido um pouquinho decepcionada.

As tias avós, senhorita Gertrude Driscoll e sua irmã viúva, senhora Martha Melford, que viviam na casa para viúvas do parque de Wimford Grange, receberam um convite para passar o dia de Natal na casa grande com a família do barão Clifton, que era seu sobrinho neto e portanto primo em segundo ou terceiro grau dela; ela também foi convidada, logicamente e também as convidaram para outras tantas festas íntimas na vizinhança. Mas as tia avós declinaram amavelmente a todos os convites assegurando que se sentiam tão confortavelmente abrigadas em sua casa e tão contentes com a companhia de sua sobrinha neta que não gostariam de aventurar-se a sair para nenhuma festa com esse tempo inclemente. Ao fim e ao cabo de tudo, elas poderiam visitar seu sobrinho neto, sua família e seus vizinhos, qualquer dia do ano. Além disso, a tia Gertrude tinha a idéia de que ia cair de cama com algo, mesmo que não se manifestasse nenhum tipo de sintoma e não se atrevia a

afastar-se muito do fogo de sua casa.

A nenhuma das duas ocorreu consultar Frances, para saber o que ela desejava.

Somente quando as férias chegaram ao fim e as anciãs estavam despedindo-se com abraços, beijos e umas quantas lágrimas, antes que ela subisse em seu desconjuntado carro particular, e que elas insistiram que deviam tê-la levado. Mesmo que normalmente o mencionado carro não se aventurasse além de cinco milhas ao redor, lhes ocorreu pensar que talvez tivessem sido egoístas ao ficar em casa todos os feriados e que deveriam ter recordado que sua amadíssima Frances só tinha vinte e três anos e seguramente teria aproveitado uma ou duas festas e a companhia de outros jovens, aliviando assim, o tédio de passar todos os feriados natalinos só com duas velhas.

Então ela as abraçou, derramou umas quantas lágrimas também e lhes assegurou, quase sinceramente, que elas eram unicamente o que ela tinha necessitado para fazer desse natal um feriado maravilhosamente feliz depois de um longo trimestre na escola, embora na realidade tenha sido mais que um trimestre. Ficou no colégio todo o verão passado, já que a senhorita Martin acolhia meninas pobres gratuitamente e sempre era necessário ocupar-se delas e procurar diversões em época de feriado e férias escolares, e ela não tinha nenhum lugar especial aonde ir nesses períodos.

Assim, o feriado de Natal foi decepcionantemente aborrecido. Mas havia aproveitado o silêncio e quietude depois do constante barulho e agitação da vida na escola. Além disso, queria muitíssimo bem a suas tias avós, que abriram seus braços e corações a ela, no momento em que chegou a Inglaterra, quando só era um bebê, órfã de mãe, e com um pai francês emigrado que teve que fugir do reinado do Terror. Não tinha nenhuma lembrança dessa época, como é lógico, mas sabia que suas tias a teriam levado para viver com elas no campo se seu pai tivesse permitido. Mas ele não aceitou; manteve-a com ele em Londres, rodeando-a de babás, preceptoras e professores de canto, lhe prodigalizando tudo o que o dinheiro podia comprar para sua comodidade e prazer e além disso amor. Sua vida tinha sido feliz, segura e privilegiada durante toda sua infância e adolescência, até a repentina morte de seu pai quando ela só tinha dezoito anos.

Mas suas tias tinham completado seu papel durante esses anos; levavam-na ao campo para passar as férias e de vez em quando foram a Londres para levá-la para passear, comprar presentes e levá-la para tomar sorvete e outros aprimoramentos. E no momento em que ela aprendeu a ler e escrever, escrevia para elas todos os meses. Tinha um carinho imenso, desmesurado por elas. E de verdade foi delicioso passar o natal em sua companhia.

E não houve neve para alegrar esse natal. Entretanto, caiu neve e muitíssimo , pouco depois. Começou quando o carro se encontrava a não mais de oito ou dez milhas de Mickledean; ela considerou a possibilidade de golpear o painel do teto para sugerir ao chofer ancião que girasse para retornar, mas na realidade não era muito a neve que caía e não queria atrasar a viagem;

parecia mais água de chuva branca durante toda a hora que caiu e indevidamente, quando já era muito tarde para voltar, os flocos foram aumentando em tamanho e densidade e em um espaço de tempo muito curto, o campo que ha alguns momentos só parecia coberto de geada, começou a desaparecer sob um manto branco cada vez mais grosso.

O carro continuava estralando com movimento parecido, e Frances se tranqüilizava dizendo-se que era uma tolice ficar nervosa, que o mais provável era que o caminho fosse totalmente seguro para viajar, sobretudo ao passo de tartaruga com que Thomas levava aos cavalos. Logo deixaria de nevar e a neve começaria a derreter, como ocorria sempre na Inglaterra.

Concentrou a atenção no trimestre que a aguardava, pensando que peças de música escolheria para que o coro das mais velhas cantasse. Algo alegre, brilhante, isabelino*, pensou. Seria atrevida o suficiente para escolher um madrigal para cinco vozes? As meninas já dominavam o canto a três vozes e começavam a fazer bastante bem a quatro vozes, embora às vezes interrompiam-se na metade de uma frase, caindo na risada ao enredarem-se sem remédio em uma harmonia complexa.

Sorriu ao recordar. Normalmente ela ria com elas. Isso era melhor, e em último caso mais produtivo do que chorar.

Talvez experimentasse com cinco vozes.

Ao término de outra meia hora já não se via nada além de branco, branco e branco em todas direções, e já não foi possível concentrar-se nas classes, no colégio nem em nenhuma outra coisa. E a neve seguia caindo, tão densa e constante que a deslumbrava, e a impedia de ver além das janelas, no caso de que tivesse algo para ver. Apoiou a bochecha no vidro para olhar adiante e comprovou que nem sequer se distinguia o caminho das sarjetas e dos campos que havia mais à frente. E nessa situação nem sequer se viam as sebes, que poderiam ter servido de indicadores para assinalar por onde seguia o caminho.

O terror apertou-lhe o estômago.

* Manifestações artísticas de época do reinado de Isabel I da Inglaterra.

Thomas veria o caminho de seu lugar mais elevado na boléia? A neve estaria entrando nos seus olhos, cegando-o e devia ter o dobro do frio dela. Colocou ainda mais as mãos na proteção de pele que a tia Martha tinha dado a ela de presente de Natal. Pagaria uma fortuna por uma xícara de chá quente, pensou.

E quanto a desejar neve! Que sábio foi que disse uma vez que alguém deve tomar cuidado com o

que deseja, porque pode conseguir ?

Acomodou-se no assento, apoiando as costas, resolvida a confiar em Thomas para encontrar o caminho. Depois de tudo, ele era o chofer de suas tias avós de toda a vida, eternamente, ou ao menos desde que ela tinha memória, e jamais tinha ouvido dizer que estivesse envolvido em algum tipo de acidente. Mas pensou tristemente na acolhedora e quentinha casa da viúva que tinha deixado e no animado e barulhento colégio que era seu destino. Claudia Martin estaria esperando-a hoje. Anne Jewell e Susanna Osbourne, as outras professoras residentes, estariam olhando pela janela para vê-la chegar. Elas passariam essa noite acordadas, na sala de estar particular de Claudia, sentadas comodamente ao redor da lareira, bebendo chá, conversando a respeito de como tinham acontecido as festas. Ela faria um relato gráfico do temporal de neve pelo qual tinha passado. O embelezaria e exageraria o perigo e seu medo e as faria rir.

Mas ainda não estava rindo.

E de repente a risada escapou tão longe de seus pensamentos como voar para a lua. O carro diminuiu a marcha, inclinou-se e patinou; imediatamente se agarrou ao cabo de couro que estava sobre sua cabeça, convencida de que a qualquer momento o carro tombaria para a direita. Antes de fechar os olhos esperou para ver sua vida em um relâmpago e murmurou as primeiras palavras do Pai Nosso, para não chiar e sobressaltar Thomas fazendo-o perder o último vestígio de controle sobre os cavalos. O som dos cascos dos cavalos era ensurdecedor, mesmo avançando sobre a neve quando não deveriam ser ouvidos. Thomas estava gritando por dez homens.

E então, ao olhar pela janela mais próxima, em lugar de fechar fortemente os olhos para não ver o iminente fim, viu os cavalos e estes, em lugar de ir diante do carro, estavam passando junto a janela.

Apertou com mais força a tira de couro e aproximou o rosto da janela. Esses não eram os cavalos de seu carro. Santo Deus, alguém os estava ultrapassando, com essa nevasca!

Apareceu a boléia do carro que os estava ultrapassando, com seu chofer, que parecia um boneco de neve corcunda, inclinado sobre as rédeas e soltando todo tipo de insultos pela boca, ao que parece dirigidos ao pobre Thomas.

E então o carro passou, como uma espécie de raio azul, e ela pode vislumbrar em seu interior um cavalheiro com muitas capas sobre seu casaco e uma elegante cartola. Ele girou a cabeça e a olhou com uma sobrancelha arqueada e uma expressão de arrogante desprezo.

Como se atrevia a olhá-la assim? A ela?

Em um instante o carro terminou de passar, enquanto o dela estremecia e patinava um pouco, para logo endireitar-se sozinho, e continuar seu lento e laborioso caminho.

O medo cedeu espaço a uma ardente fúria. Ferveu de fúria. Mas que atitude mais temerária, sem consideração, suicida, homicida, perigosa, estúpida! Pelo amor de Deus, nem sequer esmagando o nariz contra o vidro podia ver mais que cinco jardas, e a espessa cortina de neve atrapalhava a

visibilidade inclusive nessas cinco jardas. E esse chofer corcunda e desbocado e esse cavalheiro sem valor com seu olhar arrogante tinham tanta pressa que colocaram em perigo a vida dela, a de Thomas e a sua própria, para ultrapassar ?

Mais uma vez teve um ataque de fúria, repentinamente tomou consciência de que estava só em meio a muito branco. Novamente o pânico contraiu os músculos do seu estômago, e voltou a sentar-se, soltando de propósito o cabo de couro e colocando cuidadosamente as mãos no protetor de pele. O medo não a levaria a nenhuma parte. E o mais provável era que Thomas sim, a levaria a alguma parte.

Pobre Thomas. Quando chegassem a essa alguma parte estaria desejoso de beber algo quente, ou mais provavelmente algo quente e forte. Não era um homem jovem, não, de maneira nenhuma.

Com os dedos da mão direita começou a tocar a melodia de um madrigal de William Byrd sobre o dorso da mão esquerda, como se fossem as teclas de um piano e entoou a melodia em voz alta.

De repente o carro estremeceu e patinou novamente, ela teve que voltar a agarrar-se no cabo. Olhou para fora, para frente, sem esperar ver nada na realidade, mas viu; viu uma forma escura que parecia bloquear o caminho. Em um instante de quase claridade entre os flocos de neve, viu que era um carro com cavalos. Inclusive pareceu-lhe que era azul.

Mas embora os cavalos que puxavam seu carro tivessem parado, o carro não parou imediatamente; inclinou-se ligeiramente para a esquerda, endireitou-se e logo se inclinou mais que ligeiramente para a direita, e continuou inclinando-se e patinando até que chegou ao que devia ser a beira do caminho, onde uma roda ficou presa em algo. A seguir o veículo derrapou, fazendo um meio giro, e começou a cair lentamente para trás até que as duas rodas traseiras ficaram afundadas completamente na sarjeta que transbordava de neve.

Frances, de costas e com o rosto no assento da frente, que de repente estava em cima dela, só conseguiu ver neve sólida pelas janelas dos dois lados.

E se isso não era a parte de fora, pensou com odiosa calma, não sabia o que era.

A seus ouvidos chegava um forte clamor, bufadas e relinchos de cavalos, gritos de homens.

Antes que conseguisse armar-se de serenidade para sair de seu níveo casulo, abriu-se bruscamente a porta, não sem a considerável ajuda de músculos masculinos e uns horrorosos palavrões masculinos e uma mão seguida de um braço se introduziram para ajudá-la; o braço envolto na manga de um casaco muito grosso e muito caro, e a mão em uma fina luva de pele. Estava muito claro que esse braço não pertencia a Thomas e tampouco o rosto que apareceu ao final, de olhos castanhos, mandíbula quadrada, irritada e carrancuda.

Era um rosto que tinha visto fugazmente fazia menos de dez minutos.

Era um rosto e uma pessoa, pela qual tinha concebido uma considerável hostilidade.

Sem dizer uma palavra plantou a mão na dele, com a intenção de usá-la para levantar-se com a

maior dignidade possível. Mas ele a tirou com um puxão de sua incômoda postura como se fosse um saco de farinha e a depositou sobre o caminho, onde imediatamente suas botas de meio cano se perderam de vista sob várias polegadas de neve. Sentiu em toda sua violência a ferocidade do vento frio e o furioso ataque da neve que caía do céu.

Conforme diziam, a raiva faz ver em vermelho. Mas ela só via branco.

—Você, senhor —gritou, para fazer-se ouvir por cima dos ruídos dos cavalos e da batalha de vigorosos e coloridos insultos entre Thomas e o boneco de neve corcunda—, merece que o pendurem, afoguem-no e o esquartejem. Merece que lhe arranquem a pele a chicotadas. Merece que o torrem em azeite fervendo.

A sobrancelha que já a tinha ofendido antes voltou a arquear-se. Também a outra.

—E você, senhora —disse ele, marcando as sílabas em um tom abrupto que fazia jogo com a expressão de sua rosto—, merece que a encerrem em uma masmorra escura por ser um perigo público e aventurar-se pela estrada do rei nessa velha lancha. É um verdadeiro fóssil. Qualquer museu o rechaçaria por ser muito antigo para que alguém se interesse por ele.

—E sua antigüidade e a prudência de meu chofer lhe dá o direito de pôr em perigo várias vidas ultrapassando-o com este horroroso temporal de neve? —perguntou ela retoricamente, com os pés bem plantados diante dele, lhe tocando as pontas, embora a verdade é que não se viam os pés de nenhum dos dois—. Talvez, senhor, alguém deveria lhe relatar a história da tartaruga e a lebre.

Ele baixou as duas sobrancelhas e logo arqueou só a primeira.

—E com isso quer dizer...?

—Sua temerária velocidade levou-o a este percalço —respondeu ela apontando com um dedo para o carro azul, que bloqueava completamente o caminho, embora ao olhá-lo viu que parecia estar bem situado sobre ele—. Não avançou mais depois de tudo.

—Se usasse os olhos para olhar, senhora, em lugar de usá-los só para cuspir fogo e enxofre —disse ele— veria que chegamos a uma curva do caminho e que meu chofer e também eu, depois de nos adiantar a vocês, estamos retirando a neve para que minha lebre possa continuar seu caminho. Sua tartaruga, por sua parte, está afundada em um montão de neve e não vai a nenhuma parte durante algum tempo. Hoje não, sem dúvida.

Ela olhou para trás por cima do ombro. De repente ficou horrivelmente evidente que ele tinha razão. Apenas se via a parte dianteira do carro e estava meio apontando ao céu.

—Quem vai ganhar a corrida, então? —perguntou-lhe ele. Que demônios podia fazer? Tinha os pés encharcados, a bainha da capa toda cheia de neve, continuava nevando, tinha frio e se sentia desgraçada. E assustada também. E furiosa.

—E de quem é a culpa? —perguntou—. Se não tivesse levado os cavalos saltando, não estaríamos metidos neste montão de neve.

—Os cavalos saltando. —Olhou-a com incredulidade combinada com desprezo e gritou por cima do ombro—: Peters! soube que fazia saltar os cavalos quando passamos esta antiqüíssima relíquia. Já disse mil vezes que não faça saltar os cavalos durante um temporal de neve. Está despedido.

—Me dê um momento para terminar de tirar este montão de neve, chefe, e me porei a caminhar para o pôr-do-sol —gritou o chofer—. Se alguém me disser em que direção fica isso.

—Melhor que não —disse o cavalheiro—. Teria que conduzir eu o carro. Está recontratado.

—Pensarei sobre isso, chefe —gritou o chofer—. Tudo bem! Isto está terminado.

Enquanto isso Thomas estava atarefadíssimo desenganchando os cavalos de sua inútil carga.

—Se seu carro tivesse avançando a qualquer velocidade que superasse o quase imperceptível passo de tartaruga, senhora —disse o cavalheiro voltando sua atenção a Frances—, não seria obrigado a cometer uma perigosa temeridade a viajantes sérios e responsáveis que verdadeiramente prefeririam chegar a alguma parte ao final do dia, em lugar de passar uma eternidade em uma parte do caminho.

Frances o olhou indignada. Apostaria o salário de um mês que nem um mínimo indício de frio conseguiria penetrar esse casaco, com sua dúzia de capas, e que nenhuma fibra de neve tinha encontrado seu caminho para dentro dessas botas de cano alto.

—Estamos preparados para continuar então, chefe —gritou o chofer—, a não ser que prefira ficar a admirar a paisagem uma hora mais ou algo assim.

—Onde está sua acompanhante? —perguntou o cavalheiro, entrecerrando os olhos.

—Não tenho —repôs ela—. Isso deveria ser absolutamente óbvio. Estou sozinha.

Viu que ele a estava percorrendo com os olhos da cabeça aos pés, bom, só até pouco mais abaixo dos joelhos. Pôs-se roupas úteis e práticas para voltar para a escola, embora para um cavalheiro tão elegante seria evidente, como não, que não eram caras nem na moda. Olhou-o fixamente, indignada.

—Vai ter que vir comigo —disse ele, em um tom nada cortês.

—De maneira nenhuma!

—Muito bem, então —disse ele, girando para afastar-se—, pode ficar aqui em virtuosa solidão.

Ela olhou ao redor, e desta vez o pânico atacou seus joelhos e além disso o estômago, e quase afundou na neve até onde jamais poderia sair dela.

—Onde estamos? —perguntou—. Tem uma idéia?

—Em alguma parte de Somersetshire —respondeu ele—. Além disso, não tenho a mais remota idéia, mas a maioria dos caminhos, sei por experiência, levam finalmente a alguma parte. Esta é sua última oportunidade, senhora. Deseja explorar a grande incógnita em minha diabólica companhia, ou prefere perecer aqui sozinha?

Chateava-lhe espantosamente não ter nenhuma outra opção.

Os dois choferes estavam outra vez gritando um com o outro e com palavras nada amáveis.

— Leve uma ou duas horas para decidir-se —disse o cavalheiro com a voz carregada de ironia, e arqueando novamente essa sobrancelha—. Não tenho nenhuma pressa.

—E Thomas? —perguntou ela.

—Thomas seria o homem da lua? Ou talvez seu chofer? Ele levará os cavalos e nos seguirá.

Dito isso pôs-se a caminhar com passadas largas para o carro, lançando neve a sua volta. Frances o seguiu com mais cautela, tratando de pôr os pés nos sulcos deixados pelas rodas. Que confusão!

Voltou a oferecer-lhe a mão para ajudá-la a subir no carro. Era um carro maravilhosamente novo, observou, ressentida, com macios assentos estofados. Mal se sentou, afundou e se deu conta de que oferecia uma fabulosa comodidade, inclusive para uma viagem longa. Também sentia quase calor, comparado com o frio que fazia fora.

—Há dois tijolos no chão ainda quentes —disse o cavalheiro da porta—. Ponha os pés em um deles e cubra-se com uma das mantas. Eu irei ocupar-me de que tirem seus pertences de seu carro e as transladem ao meu.

As palavras em si podiam ser interpretadas como amáveis e consideráveis, mas o tom abrupto em que as disse contradizia essa possível impressão, como também a firmeza com que fechou a porta. De todos os modos Frances aceitou a sugestão. Seus dentes batiam de frio, e os seus dedos cairiam se pudesse senti-los; deixou o rolo de pele dentro de seu carro.

Quanto tempo teria que suportar essa situação sofrível, pensou. Não tinha o costume de odiar ninguém a primeira vista, nem sequer de sentir uma leve aversão, mas a idéia de passar, embora só meia hora, em companhia desse cavalheiro arrogante, mal-humorado, zombador e sem consideração seria singularmente pouco atrativa. Só em pensar nele seu cabelo arrepiava.

Conseguiria encontrar outra modalidade de transporte no primeiro povoado que chegassem? Uma diligência talvez? Mas inclusive enquanto a idéia passava pela cabeça, compreendeu o quanto era absurda. Teriam sorte se chegassem a um povoado. Se acaso chegassem supunha que não haveria nenhum rastro de neve lá ?

Ia ficar presa em alguma parte toda a noite, sem nenhuma companhia feminina e sem muito dinheiro, porque recusou o que suas tias avós quiseram lhe dar. Teria sorte se essa alguma parte não fosse esse carro.

Só essa idéia a sufocou e teve que fazer uma longa inspiração.

Mas era uma clara possibilidade. Em poucos minutos o caminho tinha desaparecido diante de seus olhos.

Desta vez combateu o pânico pondo cuidadosamente os pés, um ao lado do outro, sobre o tijolo ligeiramente morno e entrelaçando brandamente as mãos sobre a saia.

Confiaria na habilidade do estranho e impertinente Peters, que depois de tudo não era corcunda,

afinal.

Bem, essa sim seria uma aventura para contar a suas amigas quando chegasse finalmente a Bath, pensou. Se olhasse com mais atenção até poderia descrever a esse cavalheiro como alto, moreno e arrumado, o proverbial cavalheiro de brilhante armadura, na realidade. Com isso os olhos da Suzanna cairiam das orbitas da e os de Anne se suavizariam com um brilho romântico. E Claudia franziria os lábios e a olharia desconfiada.

Mas, ai Deus, seria difícil achar um pouco divertida ou romântica essa situação, inclusive quando a olhasse em retrospectiva já na segurança da escola.

Capítulo 2

Sua mãe o advertiu que nevaria antes que acabasse o dia. Também o advertiram suas irmãs. E também seu avô.

E, a verdade seja dita, também o advertiu seu sentido comum.

Mas como não dava ouvidos a conselhos, muito menos os oferecidos por sua família, e raramente seguia o sentido comum, aí estava, em meio de uma nevasca para esgotar eternamente a neve e contemplando com pouquíssimo entusiasmo a clara probabilidade de passar a noite em uma escura estalagem rural em meio a lugar nenhum. Ao menos esperava passá-la em uma estalagem, e não em uma cabana ou, pior ainda, dentro de seu carro.

E já estava de mau humor inclusive antes de começar essa viagem.

Olhou fixamente a sua passageira quando subiu o carro para instalar-se ao lado dela, depois de fazer tudo que tinha que fazer. Estava encolhida debaixo de uma das mantas de lã para os joelhos, as mãos colocadas dentro do rolo de pele que ele resgatou de seu carro e que entregou minutos antes, e, conforme comprovou, tinha os pés apoiados em um dos tijolos. Embora «encolhida» era talvez uma palavra incorreta para descrever sua postura. Estava com as costas bem retas, rígida de hostilidade, com a dignidade e a virtude ofendidas. Nem sequer virou-se para olhá-lo.

Parecia uma uva passa, pensou. A única coisa que podia ver de seu rosto, por debaixo de seu horrível gorro marrom, era a ponta avermelhada do nariz. O surpreendente era que o nariz não estivesse tremendo de indignação, como se a situação em que se encontrava não fosse culpa dela.

—Lucius Marshall, para servi-la —disse, em tom não muito cortês. Por um momento pensou que ela não ia responder a saudação e contemplou seriamente a idéia de golpear o painel do teto para que parasse o carro, para sentar-se com Peters na boléia. Melhor ser atacado pela neve fora do que ser congelado por um pedaço de gelo dentro.

—Frances Allard —disse ela.

—É de esperar, senhorita Allard —disse ele, só para manter a conversação—, que o dono da

próxima estalagem a que chegarmos tenha a despensa cheia. Acredito que vou ser capaz de fazer justiça a um bolo de carne com batatas e verduras e uma jarra de cerveja, para não mencionar um bom pudim de sebo com nata para acabar a comida. Que sejam várias jarras de cerveja. E você?

—Uma xícara de chá é a única coisa que desejo —repôs ela.

—Poderia ter adivinhado. Mas, bom Senhor, uma xícara de chá! E sem dúvida seu bordado para ocupar as mãos entre um gole e outro.

—Qual é seu destino? —perguntou.

—Bath. E o seu?

—Hampshire. Pensava passar uma noite no caminho, mas tinha esperado que fosse em um lugar mais próximo a meu destino. Mas não importa. Não teria tido o prazer de conhecê-la, nem você o de conhecer mim, se não tivesse ocorrido o inesperado.

Então ela girou a cabeça e o olhou fixamente. Inclusive antes que falasse foi evidente que ela sabia reconhecer a ironia quando a ouvia.

—Acredito, senhor Marshall, que poderia ter vivido muito feliz sem nenhuma dessas três experiências.

Quem dá, leva. E meio doido.

Estando já mais desocupado para olhá-la, surpreendeu-se ao ver que era muitíssimo mais jovem do que tinha calculado. A impressão que teve quando seu carro passou o dela, e depois quando estavam no caminho, é que era uma dama fraca, morena e de idade amadurecida. Mas essa impressão tinha sido errônea. Agora que não enrugava o cenho, nem fazia caretas, nem tinha os olhos semicerrados para não deslumbrar o brilho branco da neve, via que só tinha pouco mais de vinte anos, uns vinte e cinco talvez. De qualquer modo, menos que os vinte e oito que ele tinha. Mas era uma harpia.

E era fraca. Ou talvez só muito esbelta; era difícil vê-la através dessa capa de inverno. Mas tinha os pulsos finos; fixou-se nisso quando ela pegou o rolo de pele de sua mão. Seu rosto também era magro, com maçãs do rosto altas, a pele branca com um leve matiz moreno, além da ponta do nariz avermelhado. Isso combinado com seus olhos, pestanas e cabelos escuros, levava a conclusão de que por suas veias corria um pouco de sangue estrangeiro, italiana, talvez, mediterrânea , seguramente. Isso poderia explicar seu temperamento. Por debaixo do gorro se via o começo de uma severa linha que repartia ao meio o cabelo penteado liso e puxado para trás, desaparecendo sob a aba do chapéu.

Dava a impressão de ser a professora de alguém. O céu amparasse a sua pobre discípula.

—Suponho que a aconselharam não viajar hoje? —perguntou.

—Não. Todas os feriados de Natal esperei que nevasse, e estava convencida de que nevaria. Hoje já tinha deixado de esperar, e então, claro, nevou.

Ao que parecia não estava com ânimo para mais conversação, porque girou firmemente a cabeça à frente, deixando a ele somente a ponta do nariz para admirar, e ele não sentiu nenhuma obrigação, nem inclinação, de continuar falando.

Se tudo isso tinha que acontecer, pelo menos o destino poderia haver-lhe devotado uma débil moça em apuros, loira, de olhos azuis e covinhas nas bochechas. A vida era muito injusta às vezes. E ultimamente o tinha parecido bastante.

Voltou a atenção então à causa do humor negro que havia caído sobre ele como uma nuvem escura durante todos os feriados natalinos.

Seu avô estava morrendo. Ah, não estava exatamente a ponto de exalar seu último suspiro e nem sequer adoecendo em seu leito de morte. Inclusive foi motivo de risos o diagnostico dado por seu exército de médicos londrinos quando foi consultar no começo de dezembro. Mas a crua verdade era que disseram que seu coração estava debilitando-se rapidamente e que não havia nada que nenhum deles pudesse fazer para saná-lo. «É um coração velho que já está preparado para ceder o passo a um novo. Como o resto de mim», comentou o avô com uma bronca risada quando por fim conseguiram arrancar-lhe a notícia.

Enquanto sua nora e suas netas fungavam pelo nariz e punham expressões trágicas, o neto, ele, manteve-se de propósito na parte mais escura do salão, com um semblante feroz , não manifestando uma emoção que envergonharia a ele e a todos os outros.

Ninguém achou graça na brincadeira do ancião, além dele mesmo.

«O que quiseram dizer os médicos ruins —acrescentou irreverente—, é que será melhor que ponha em ordem meus assuntos e me prepare para me encontrar com o Criador qualquer dia a partir de agora.»

Nos últimos dez anos ele não se relacionou muito com seu avô nem com o resto de sua família, pois estava muito ocupado vivendo a vida de um homem ocioso pela cidade. Inclusive alugava residências em Saint James Street para quando estava em Londres, em lugar de viver na casa Marshall, a residência familiar no Cavendish Square, onde normalmente viviam sua mãe e suas irmãs durante a temporada.

Mas aquela horrorosa notícia o tinha feito compreender o muito que queria a seu avô, o conde do Edgecombe, que vivia em Barclay Court, em Somersetshire. E depois de ter compreendido isso, chegou à conclusão de que queria a toda sua família, embora tenha-lhe feito falta algo assim para fazê-lo tomar consciência do muito que os descuidava.

Seu sentimento de culpa e sua aflição teriam sido mais que suficientes para escurecer de tristeza seu Natais. Mas havia algo mais.

Acontecia que ele era o herdeiro do conde. Era Lucius Marshall, visconde Sinclair.

Essa realidade em si mesmo não era algo triste. Não seria um homem de todo normal se detestasse a idéia de herdar Barclay, onde se criou, Cleve Abbey, onde residia quando não estava em Londres ou em alguma outra parte com seus amigos, e as demais propriedades e a imensa fortuna que vinha com elas, mesmo que isso viesse as custas da vida de seu avô. E não o incomodavam as obrigações políticas que um banco na Câmara dos Lordes lhe poria sobre os ombros quando chegasse o momento. Ao fim e ao cabo, da morte de seu pai fazia uns anos sabia que, se a vida seguia seu curso natural, algum dia herdaria, e tinha-se educado e preparado para isso. Além disso, inclusive uma vida de ócio e prazer começava a aborrecer depois de um tempo. Participar realmente da política daria a sua vida uma direção mais ativa e positiva.

Não, o que verdadeiramente o incomodava era que, na opinião de sua mãe, sua irmã casada e talvez seu marido (embora jamais se podia saber o que pensava Tait), suas três irmãs solteiras e seu avô, um homem que logo se converteria em conde também necessitava, inclusive antes, converter-se em homem casado. Quer dizer, um conde necessita uma condessa.

Quer dizer, que necessitava uma esposa.

Ao que parece isso estava tão claro como os narizes nas caras de todos eles, à exceção da sua. Embora, para falar a verdade, nem sequer podia afirmá-lo; ele sabia tudo sobre o dever, mesmo que tivesse passado a maior parte de sua vida ignorando-o e inclusive fugindo dele. Mas até esse momento tinha sido livre para fazer o que desejasse; ninguém tinha posto jamais objeções em voz muito alta a sua forma de vida. Dava-se é obvio que os jovens normais têm que corrê-la, sempre que não se afundem no vício, e ele tinha feito o que se esperava dele.

Mas agora tudo ia mudar. E se a gente tiver que tomar a vida como filosofia, tem que reconhecer que cedo ou tarde o dever dá alcance à maioria dos jovens; é a natureza da vida. E lhe tinha dado alcance.

Todos seus parentes, em separado, tinham feito um discurso sobre o tema nessas férias, sempre que um, ou às vezes dois, conseguiam colocá-lo no que adoravam chamar um simpático bate-papo.

Tinha desfrutado de mais simpáticos bate-papos esse Natal que nunca antes em toda sua vida, ou no que ficasse de vida, esperava sinceramente.

O consenso era, logicamente, que necessitava uma esposa sem demora.

Uma esposa perfeita, se é que existia esse modelo; e ao que parece sim, existia.

Porta Hunt era a candidata mais favorecida, já que era virtualmente impossível encontrar nela alguma imperfeição.

Porta tinha se conservado solteira até a avançada idade de vinte e três anos, explicou-lhe sua mãe, porque esperava converter-se em sua viscondessa algum dia, e finalmente em sua condessa, está claro. E na mãe de um futuro conde.

Porta seria uma esposa admirável, assegurou-lhe sua irmã mais velha Margaret, lady Tait, porque

era uma jovem amadurecida, estável, e tinha todas as qualidades, conhecimentos e habilidades que necessitava uma futura condessa.

Porta era um diamante de primeiríssima qualidade, assinalaram-lhe suas irmãs mais novas, Caroline e Emily, e mesmo que se expressassem com essa frase trivial e batida; não havia nenhuma mulher mais bela, mais elegante, mais refinada, mais hábil, que Porta.

A senhorita Porta Hunt era a filha do barão e lady Balderston e a neta do marquês do Godsworthy, recordou-lhe seu avô (Godsworthy era um de seus mais velhos e íntimos amigos). Essa aliança seria muito conveniente e desejável, disse-lhe, e não que ele quisesse pressionar indevidamente seu neto.

«A eleição de esposa deve ser só sua, Lucius. Mas se não houver nenhuma outra que você goste, poderia considerar seriamente à senhorita Hunt. Faria bem a meu coração vê-lo casado com ela antes de morrer.»

E isso não era pressioná-lo indevidamente, certamente! Somente Amy, a mais nova de suas irmãs, manifestou-se em desacordo com os outros, embora só no ponto de candidata a esposa perfeita, não sobre a necessidade de que encontrasse a essa criatura em alguma parte dentro dos próximos meses.

«Não o faça, Luz — disse-lhe um dia em que tinham saído para cavalgar sozinhos—. A senhorita Hunt é muito, muito tediosa. O verão passado aconselhou a mamãe que não me apresentasse em sociedade este ano, e isso que vou completar dezoito anos em junho, só porque o braço fraturado impediu a Emily de apresentar-se no ano passado e assim atrasou seu turno. A senhorita Hunt poderia ter falado a meu favor, se que pretende casar-se com você e ser minha cunhada, mas não o fez, e depois me sorriu, com esse tão seu sorrisinho sua de superioridade, e me assegurou que no próximo ano eu estaria feliz quando a atenção de toda minha família estivesse enfocada só em mim.»

O problema era que ele conhecia Porta de toda a vida; sua família ia com freqüência passar uma temporada em Barclay Court, e às vezes seus avós o levavam com eles quando iam visitar o marquês do Godsworthy e, queira ou não, os Balderston estavam lá com sua filha. Sempre tinha sido muito evidente o desejo das duas famílias de que eles se casassem finalmente. E embora ele nunca tenha animado a Porta a sacrificar todas as proposições que lhe fizessem depois de sua apresentação em sociedade, à espera de que ele se decidisse a fazer-la sua, nunca a tinha desalentado tampouco. Posto que não era um romântico e sabia sempre que teria que casar-se algum dia, tinha suposto que provavelmente acabaria casado com ela. Mas saber isso como uma espécie de vaga possibilidade futura era absolutamente distinto a enfrentar-se com a expectativa de que isso ia ocorrer, e logo.

Na verdade, tinha-o assaltado uma espécie de pânico com bastante freqüência durante as férias.

Ocorria-lhe particularmente quando tentava imaginar-se na cama com Porta. Bom Deus!, esperaria que ele cuidasse de suas maneiras.

E outro pequeno detalhe que lhe escurecia ainda mais o ânimo era que se ouviu claramente prometendo a seu avô (foi o dia de Natal ao anoitecer, quando os dois estavam sentados na biblioteca e todos os outros já estavam deitados, e umas quantas taças de cerveja uma cerveja especial lhe abrandaram os miolos e o puseram muito sensível) que olharia seriamente ao seu redor essa primavera, escolheria esposa e se casaria antes que terminasse o verão.

Não prometeu exatamente casar-se com Porta Hunt, mas seu nome saiu a reluzir de todos os modos.

«A senhorita Hunt ficara feliz de vê-lo na cidade este ano», comentou seu avô, o que era bastante estranho posto que ele sempre estava na cidade. O que queria dizer o ancião, logicamente, era que Porta ficaria feliz de vê-lo dançar com ela e atendê-la em todos os bailes, festas e outros eventos sociais que normalmente ele evitava como a peste.

Era um homem condenado. Não tinha nenhum sentido tentar negá-lo. Seus dias como homem livre, livre e despreocupado, estavam contados. E já antes do Natal havia sentido apertar-se firmemente a corda no pescoço.

—Esse seu chofer merece que o ponham diante um pelotão de execução —disse de repente a senhorita Frances Allard, essa dama tão encantadoramente amável, com voz aguda, tocando ao mesmo tempo sua manga com uma mão—. Outra vez vai muito rápido.

Certo que o carro se balançava rodando e patinando pela espessa neve. Seguramente Peters ia desfrutando mais do que tinha desfrutado em muitos dias.

—Não me surpreende que diga isso —disse—, dado que tem treinado seu chofer para avançar na metade da velocidade com que caminharia um octogenário sofrendo de gota. Mas o que temos aqui?

Ao olhar pela janela viu que o balanço se deveu a que o carro se deteve. Tinham chegado ao que parecia ser uma estalagem, mesmo que era decididamente bastante pobre, a julgar pela impressão que causava a primeira vista. Parecia mais um centro de reunião para os bebedores do povoado, que devia estar perto, que um lugar de alojamento para viajantes respeitáveis, mas, como dizia o velho adágio, os mendigos não podem ser seletivos.

Também se via bastante abandonada. Ninguém tinha tirado a neve da porta. As portas do estábulo que havia detrás da casa estavam fechadas, não piscava nenhuma luz detrás das janelas, e não saía nenhuma tranqüilizadora espiral de fumaça pela chaminé.

Foi um enorme alívio, então, quando se abriu um pouquinho a porta, depois que Peters gritou algo ininteligível, e apareceu uma cabeça inteira com as mandíbulas e o queixo sem raspar e um volumoso gorro de dormir, no meio da tarde!, e gritou algo.

—É hora de começar a trabalhar, acredito —murmurou Lucius, abrindo a porta e saltando à neve que chegava até os joelhos—. Qual é o problema, homem?

Interrompeu o discurso de Peters, que desde que sentou na boléia estava informando aquele homem a respeito de seu surpreendente e muito pouco elogiável pedigree.

—Parker e sua senhora partiram e ainda não voltaram — gritou ele—. Não podem alojar-se aqui.

Peters começou a dar sua opinião não solicitada sobre os ausentes Parker e os caipiras grosseiros e sem barbear, mas Lucius levantou uma mão apaziguadora.

—Me diga que há outra estalagem a menos de quinhentas jardas desta —disse.

—Bom, não há, mas isso não é meu problema —respondeu o homem, fazendo gesto de fechar a porta.

—Então temo que tem hóspedes para esta noite, meu bom homem. Sugiro que se vista e ponha suas botas, a não ser que prefira fazer o trabalho tal como está. Há bagagem por entrar e cavalos por atender, e vêm mais a caminho. Agora, venha, ponha cara alegre.

Girou e estendeu a mão à senhorita Allard.

—Ao menos é um alívio ver dirigir seu mau humor para outra pessoa —disse ela.

—Não me irrite, senhora — advertiu ele—. E será melhor que ponha seu braço ao redor de meus ombros. A levarei no colo, posto que esta manhã não teve a sensatez de calçar botas apropriadas.

Ela o presenteou com um de seus olhares ferozes e ele acreditou notar que esta vez sim agitava a avermelhada ponta do nariz.

—Obrigado, senhor Marshall —disse ela—, mas entrarei na estalagem com meus próprios pés.

—Você mesma —lhe disse ele, encolhendo-se de ombros.

E então teve a imensa satisfação de vê-la saltar do carro sem esperar a que tirassem os degraus, e afundar-se na neve até quase os joelhos.

Era muito difícil, observou com os lábios franzidos, caminhar com dignidade de um carro até uma casa várias jardas distante sobre uma capa de neve de mais de um palmo, mas ela o tentou. Ao final teve que passar e agitar os braços aos lados para não cair ao dar uma nada elegante derrapagem justo antes de chegar à porta, que o ocupante com gorro de dormir tinha deixado aberta.

Lucius sorriu com macabro humor a suas costas.

—Recolhemos uma boa peça, chefe —comentou Peters.

Lucius girou e olhou-o severamente.

—Mantenha a língua domada em sua boca quando referir-se a qualquer dama a uma distância que eu possa ouvir.

Peters saltou à neve sem parecer nem um pouco acovardado pela reprimenda.

— Tem razão, chefe.

— Ao que parece eu terei minha cerveja —disse o senhor Marshall—, e você seu chá se conseguirmos acender um fogo e se houver chá escondido em alguma parte da cozinha. Mas dou por perdido meu bolo de carne, e também meu pudim de sebo.

Estavam em meio de um triste e pobretão boteco, que não estava mais quente que o carro, pois não havia fogo ardendo no lar. O criado que abriu a porta para eles e que não queria deixá-los passar, apesar da inclemência do tempo, entrou pesadamente com o baú de viagem de Frances e o depositou a um lado da porta junto com seus grossos rastros de neve.

—Não sei o que vão dizer Parker e a senhora quando se inteirarem disto —resmungou sobriamente.

—Sem dúvida vão aclamá-lo como a um herói por obter ganhos extras e dobrarão seu salário — disse o senhor Marshall—. Deixaram-no sozinho aqui durante todas as festas?

—Sim, embora não partiram até o dia seguinte a véspera de Natal e ficaram de voltar amanhã. Deram-me ordens estritas de não admitir ninguém aqui durante sua ausência. Não sei sobre dobrar o salário, mas conheço a língua da senhora. Não podem passar a noite aqui e não há mais o que falar. —Seu nome? —Wally.

—Wally, «senhor».

—Wally, «senhor» —repetiu o homem, mal-humorado—. Não podem se alojar aqui, senhor. As acomodações não estão preparadas e a chaminé não está acesa; tampouco a cozinheira está aqui para preparar algo de comer.

Tudo isso era dolorosamente evidente a Frances, que estava a ponto de mergulhar na mais profunda aflição que era possível. Seu único consolo, o único, era que pelo menos estava viva e tinha um chão sólido sob os pés.

—Vejo que está tudo preparado para acender o fogo —disse o senhor Marshall—. Você pode acendê-lo enquanto eu vou procurar o resto da bagagem. Embora primeiro tenha que trazer um xale ou uma manta para a dama para que se mantenha moderadamente abrigada até que acenda o fogo. E depois se encarregará de preparar duas acomodações. Quanto à comida.,..

—Eu irei à cozinha fazer um reconhecimento — emendou Frances—. Não tenho nenhuma necessidade de que me tratem como uma carga delicada. Não sou. Quando tiver terminado de acender o fogo aqui, Wally, pode vir me ajudar encontrar o que necessitarei para preparar alguma sorte de comida que satisfaça a cinco pessoas, incluindo você.

O senhor Marshall a olhou com as duas sobrancelhas arqueadas. —Sabe cozinhar?

—Necessito mantimentos, utensílios e um fogão se tiver que fazer algo —repôs ela—. Mas ao que parece sei ferver um bule sem que a água fique granulosa.

Por um fugaz instante pareceu-lhe que o brilho nos olhos dele poderia ser de diversão.

—Era um bolo de carne, se por acaso não o ouviu da primeira vez —disse ele—, com muita

cebola e molho.

—Talvez tenha que conformar-se com um ovo quente, se é que há algum.

—No momento, isso me parece um digno substituto.

—Há ovos —disse Wally, em tom ainda mal-humorado, ajoelhando-se para acender o fogo da lareira—. Eram para mim, mas não sei o que fazer com eles.

—Pois esperemos então —disse o senhor Marshall—, que a senhorita Allard saiba o que fazer com eles e que não tenham sido só alarde sem fundamento quando nos prometeu uns ovos quentes.

Frances não se incomodou em responder. Abriu a porta que supunha levava a cozinha, enquanto ele saía à neve para ajudar seu chofer a descarregar o carro.

A estalagem estava fria e escura. As janelas eram pequenas e deixavam entrar muito pouca luz, mesmo que fora reinasse uma deslumbrante brancura. Tinha os pés molhados e frios dentro das botas. A estalagem não estava suja, mas tampouco resplandecia de limpeza. Não se atreveu a tirar a capa nem o gorro, senão ía congelar. Não havia ninguém que atendesse a suas necessidades além de um criado sujo e preguiçoso, e ninguém para preparar uma comida quente, e tampouco fria, se era por isso. E aí estava, só com um cavalheiro antipático, mal-humorado, mal educado e três serventes ariscos.

Decididamente a situação era triste.

Na escola a esperavam esse dia; as meninas chegariam para o seguinte trimestre depois de amanhã. Tinha muito trabalho que fazer se queria ter todas as classes preparadas e no ponto, já que intencionalmente não levou nenhum trabalho para fazer nas férias. Tinha uma pilha de redações em francês da classe das maiores por corrigir e pôr notas e uma pilha mais alta ainda de relatos em inglês da classe das menores.

Esse giro dos acontecimentos junto com o atraso resultante era mais que triste. Era um desastre total.

Deu uma primeira olhada na cozinha, depois explorou as gavetas, armários e despensa, no princípio com acanhamento, logo com mais ousadia, e finalmente saiu a procurar o Wally e ordenou que fosse com ela para limpar as cinzas do enorme fogão e logo pusesse carvão e lenha e acendesse o fogo. Enquanto fazia tudo isto decidiu que praticamente era a única maneira sensata de fazer frente à situação.

E talvez quando recordasse esse dia na segurança da escola, uma vez que chegasse lá, o veria mais como uma aventura que como um desastre.Poderia achar ate um pouco divertido ao recordá-lo. Nesses momentos era difícil imaginar-se assim, mas era muito possível que pudesse considerá-lo uma aventura de primeira classe.

Agora bem, se estivesse ali encalhada com um arrumado e sorridente cavalheiro de brilhante armadura…

Esse homem era sem dúvida uma dessas três coisas, viu-se obrigada a reconhecer. Em sua primeira impressão dele se equivocou em um detalhe. Era tremendamente corpulento, sim, mas tinha um rosto bonito, embora gostasse de danificá-la franzindo o cenho, fazendo caretas sarcásticas e arqueando uma sobrancelha.

Duvidava que ela soubesse esquentar um ovo, e quando falou do bolo de carne o disse como se para ela isso fosse algo espantoso. Ah! Como gostaria de dar-lhe seu justo castigo. E o faria. Antes estava acostumada a surpreender seu pai e o resto dos moradores de sua casa passando longas horas na cozinha, observando à cozinheira e ajudando-a sempre que o permitiam. E sempre achou que essa era uma maneira maravilhosamente relaxante de empregar seu tempo livre.

Examinou um pedaço de pão que encontrou na despensa e comprovou que embora não estivesse fresco para comê-lo como estava, ficaria muito apetitoso se o torrasse. Também encontrou uma pedaço de queijo que alguém teve a precaução de cobrir, por isso estava em perfeitas condições. Em outro prato coberto havia um pouco de manteiga.

Enviou Wally à bomba para procurar água, encheu a chaleira e a pôs para ferver. Demoraria um pouco, calculou, porque o fogo estava começando a ganhar vida, mas a espera valeria a pena. Seguramente que na estalagem haveria bastante cerveja para aplacar a sede de quatro homens enquanto isso.Na realidade, supunha que Wally tinha tomado pouco mais que cerveja desde que ficara sozinho na estalagem; não havia o menor sinal de que usou algum prato ou preparou alguma comida. E provavelmente ele não tinha feito nada além de estar quentinho na cama, tão preguiçoso que nem sequer acendera um fogo para sua comodidade.

Quando voltou para o boteco lá estava o senhor Marshall. Já ardia o fogo na lareira, alegrando um pouco mais a sala, e embora nada podia salvá-la da fealdade, ele estava trazendo uma mesa e cadeiras mais perto da lareira. Endireitou-se para olhá-la.

Tirou o casaco e o chapéu da última vez que o viu, e esteve a ponto de deter-se em seco com a boca aberta. Era o cavalheiro corpulento que tinha visto desde o começo. Também tinha-lhe parecido gordo. Mas agora, nesse momento, ali diante dela, vestido com uma jaqueta de excelente confecção em um tecido verde escuro de qualidade muito fina, colete e calças cor bege escuro, camisa branca e gravata muito bem atada e botas, viu que não era gordo absolutamente, simplesmente tinha os ombros largos e com músculos em todos os lugares corretos, uma clara evidência que passava muitíssimo tempo montado a cavalo. E sem a cartola, seu cabelo se via mais denso e encaracolado do que imaginou. Mantinha-o curto e muito bem penteado.

De fato, era verdadeiramente um deus grego.

A verdade seja dita, era nada menos que aniquiladoramente magnífico, pensou, ressentida, recordando fugazmente o muito que se divertia quando ouvia sem querer as risadinhas e suspiros sentimentais das meninas quando estavam falando de algum jovenzinho que gostavam.

E aí estava ela, boquiaberta.

Os cavalheiros antipáticos deveriam ser feios, pensou.

Avançou com a bandeja para deixá-la na mesa.

—Só é a hora do chá —explicou—, embora suponha que perdeu o almoço, como eu. O fogão da cozinha estará bastante quente para preparar uma comida para o jantar, mas enquanto isso terão que bastar torradas com queijo e umas poucas conservas. Também pus algo na mesa da cozinha para os homens, e enviei Wally correndo ao estábulo procurar Thomas e seu chofer.

—Se Wally for capaz de correr — disse ele, esfregando as mãos e olhando avidamente a bandeja—, comerei meu chapéu junto com as torradas e o queijo.

Enquanto estava na cozinha, Frances ficou na duvida entre ir tomar o chá no boteco com o senhor Marshall ou tomá-lo na cozinha, mas seu orgulho lhe disse que se o tomasse na cozinha abriria um precedente e ficaria firmemente na classe dos serventes. Sem dúvida ele ficaria contente em tratá-la conforme. Podia ser uma professora de escola, mas não era a criada de ninguém, e muito menos dele.

Assim aí estava, só em um boteco de estalagem com o senhor Lucius Marshall, mal-humorado, arrogante, arrumado e muito masculino. Era para deixar deprimida qualquer doce dama de boa criação.

Tirou por fim a capa e o gorro e os deixou sobre um banco de madeira. Teria gostado de arrumar os cabelos, mas viu que seu baú e sua frasqueira tinham desaparecido do lugar junto à porta. Assim em vez do pente passou as mãos pelos cabelos e foi sentar-se à mesa mudada de lugar.

—Ah, calor —suspirou, sentindo o calor do fogo como não o tinha sentido na cozinha, onde o fogão era muito maior que a lareira e demorava para esquentar —. É absolutamente delicioso!

Ele tinha sentado de frente para ela e a estava olhando com os olhos semi abertos.

— Deixe-me que adivinhe —disse ele—. É espanhola? Italiana? Grega?

—Inglesa —repôs ela firmemente—. Mas sim tive uma mãe italiana. Por desgraça, não a conheci. Morreu quando eu era só um bebê. Mas sem dúvida me pareço com ela. Meu pai sempre dizia.

—Dizia? No passado?

—Sim.

Ele continuou olhando-a. Seu olhar era desconcertante, mas de maneira nenhuma ia fazê-lo notar. Colocou comida no prato e mordeu um pedaço da torrada.

—O chá demorará um pouco —disse—, mas não me surpreenderia que você preferisse cerveja. Talvez consiga encontrar algo aqui sem ter que incomodar ao pobre Wally outra vez. Teve uma tarde ocupada.

—Mas se houver algo para o que realmente vale —disse ele—, inclusive com entusiasmo, é para procurar licor. Já me fez um percurso guiado pelas prateleiras que há detrás desse mostrador.

—Ah.

—E já provei algumas das ofertas —acrescentou ele.

Ela não se dignou a responder. Comeu mais torrada.

— Lá em cima há quatro quartos —continuou ele—, ou cinco se contar o quarto grande vazio, que suponho é o salão de festas do povoado. Outro dos quartos pertence ao que parece ao ausente Parker e sua senhora da língua formidável; há um quarto muito pequeno onde tem um só móvel que poderia ser ou poderia não ser uma cama. Não me sentei nem apalpei nele para descobri-lo. Os outros dois poderiam chamar-se, em termos gerais, quartos de hóspedes. Roubei lençóis e mantas da arca grande que está fora do quarto da senhora e fiz as duas camas. Suas coisas foram colocadas na maior. Mais tarde, se Wally conseguir manter-se acordado por tanto tempo, ordenarei a ele que acenda a lareira lá em cima para que você possa retirar-se para dormir com certa comodidade.

—Você fez as camas? —Foi a vez de Frances de arquear as sobrancelhas. —Isso teria sido digno de se ver.

—Tem uma língua muito mordaz, senhorita Allard —disse ele—. Acho que vi um ou dois ratos instalados debaixo de sua cama, mas sem dúvida conseguirá dormir o sono dos justos esta noite, de todos os modos.

E de repente, enquanto o olhava de frente, tratando de encontrar uma réplica sarcástica adequada, golpeou-a uma forte dose de realidade, como se alguém tivesse enterrado o punho em seu estômago. A menos que o dono ausente, ou mais exatamente, a proprietária, chegasse a casa dentro das próximas horas, ia dormir essa noite sem nenhuma companhia feminina, em um quarto próximo ao do senhor Lucius Marshall, que era horrivelmente atrativo além de ser também simplesmente horrível.

Baixou a cabeça e se levantou, afastando a cadeira com as curvas.

—Vou ver se a água da chaleira já ferveu —disse.

—O que, senhorita Allard? E vai me deixar com a última palavra?

Pois sim.

Quando entrou com pressa na cozinha, sentiu as bochechas ardentes, quase para ferver uma chaleira.

Capítulo 3

Condenação, maldição, abominação, pensou Lucius quando ficou sozinho, levantando-se para ir procurar mais cerveja.

Vestia-se de um modo horrível, com um vestido marrom em um tom mais claro que a capa. O

vestido era de corte alto, pescoço alto e mangas largas, mais assexuado impossível. Cobria uma figura alta, esbelta quase até o ponto da fraqueza; menos voluptuosa, impossível. O cabelo era bastante parecido como o tinha imaginado quando ainda usava o gorro; tinha-o penteado em um estilo absolutamente sério, partido cruelmente pelo meio, bem estirado para trás e enrolado em um singelo coque na nuca. Inclusive levando em conta o efeito esmagador do gorro, não acreditava que essa manhã tivesse tentado sequer suavizar o estilo com uns poucos cachos de cabelo para tentar a imaginação masculina. O cabelo era castanho escuro, inclusive possivelmente negro; seu rosto longo e estreito, com maçãs do rosto altos, nariz reto e uma boca insípida. Seus olhos eram escuros e as pestanas espessas.

Via-se escrupulosa e pouco atrativa. Era a essência da preceptora, na aparência e comportamento.

Mas, de qualquer modo, equivocou-se respeito dela.

Por algum motivo que ainda não conseguia determinar, e tinha que ser o conjunto total, e não nenhuma das partes individuais, a senhorita Frances Allard era simplesmente preciosa, magnífica.

Magnífica, mas nada em suas maneiras ele achava nem remotamente atrativo. Entretanto aí estava, junto com ela nessa estalagem, até algum momento do dia seguinte.

Deveria sentir-se feliz de deixá-la só na cozinha, já que parecia tão contente lá. Não voltou a aparecer pelo boteco depois de tomar seu chá e retirar as coisas da mesa. Por sorte, parecia ter tanta aversão a ele como ele a ela e se mantinha afastada.

Mas passada meia hora se sentiu aborrecido. Poderia ir ao estábulo, para ver se Peters e Thomas já tinham chegado às vias de fato. Mas se estivessem esmurrando-se ele seria obrigado a intervir. Portanto, entrou na cozinha e parou de súbito na porta, assaltado por visões e aromas totalmente inesperados.

—Bom Senhor! Não estará tentando fazer um bolo de carne, não e?

Ela estava diante da imensa mesa de madeira que ocupava o centro da cozinha, com as mangas arregaçada até os cotovelos, envolta em um volumoso avental, estendendo com um pau de macarrão algo que tinha todo o jeito de ser massa.

—Pois sim —disse ela, enquanto ele aspirava o aroma da carne com ervas cozinhando em uma panela—. Acreditava que eu era incapaz de preparar uma comida tão singela? Inclusive conseguirei não provocar-lhe uma indigestão.

—Estou pasmado —disse ele em tom sarcástico, embora estivesse de verdade; ovos quentes nunca estiveram em sua lista de pratos favoritos para o jantar.

Ela tinha uma mancha de farinha em uma bochecha, e as duas bochechas estavam rosadas. O avental, que sem dúvida pertencia a uma senhora Parker muito roliça , quase a afogava. Mas estava mais atrativa que antes, mais humana.

Estendeu a mão, pegou um pouco de massa da mesa e colocou na boca, um instante depois que ela tentou golpear-lhe a mão e errou o golpe.

—Se a única coisa que for fazer é comer a massa enquanto eu faço todo o trabalho, lamentarei haver-me incomodado —disse ela secamente.

Ele arqueou as sobrancelhas. Não batiam em seus dedos ha no mínimo vinte anos.

— É mesmo, senhora? Então depois do jantar devolverei o bolo de carne sem tocá-lo.

Ela o olhou indignada um momento e logo... desatou a rir.

Ai, Senhor Deus! Que o diabo a leve. De repente pareceu muito, muito humana, e mais que um pouco atraente.

—Foi uma tolice dizer isso —reconheceu ela, seus olhos ainda iluminados pelo humor e as linhas da boca curvadas para cima, como para que ele visse que não era uma boca insípida absolutamente—. Veio aqui para ajudar? Poderia cortar as batatas.

Ele continuava olhando-a boquiaberto como um estudante embevecido, quando captou o eco de suas palavras.

—Cortar as batatas? —Franziu o cenho—. Como se faz isso? Ela limpou as mãos no avental, desapareceu no que ele supôs ser a despensa, e reapareceu com um balde de batatas que colocou a seus pés. Tirou uma faca da gaveta e passou para ele.

— Acho que é bastante inteligente para descobri-lo sozinho —disse.

Não era nem de perto tão fácil como parecia. Se cortava a pele muito grossa para obter uma batata lisa e limpa, também acabava com batatas muito pequenas e uma grande quantidade de cascas. E se a cortava muito fina tinha que perder outro minuto mais ou menos em cada uma, lhe tirando os olhos e outras manchas.

Sua cozinheira e todo o pessoal de sua cozinha teriam um ataque de apoplexia se o vissem nesse momento, pensou. Assim como sua mãe e suas irmãs. Seus amigos não, mas já estariam segurando a barriga e rolando de rir debaixo da mesa. Eis aí ao visconde Sinclair, um consumado membro da nobreza, cantando por seu jantar, ou melhor cortando batatas por seu jantar, o que era pior ainda.

Ao mesmo tempo mantinha mais de meio olho na senhorita Frances Allard, que estendeu a massa pelo interior de uma forma funda, trabalhando com destreza suas finas mãos de longos dedos. Depois a encheu com a fragrante mistura de carne, verduras e molho que estivera fervendo no fogão, e finalmente cobriu tudo com uma tampa de massa, que uniu com a outra parte pelas bordas, esmagando-a com as gemas dos polegares, e depois furando com um garfo aqui e lá.

—Para que faz isso? —perguntou-lhe ele, terminando de tirar um olho de uma batata para poder apontar com a faca—. Não vai sair todo o recheio por aí ao ferver?

—Se não houver saída para o vapor —explicou ela, agachando-se para colocar a forma no forno—, isto poderia explodir, a tampa da massa sairia voando e teríamos que tirar essa massa e o

conteúdo do bolo do teto do forno para colocarmos em nossos pratos. Em seu prato, deveria dizer, porque eu me serviria do que ficasse na forma.

E falando de tampas voando…

Seguramente ela não tinha idéia do sedutor quadro que apresentava alí agachada diante do forno, seu redondo traseiro belamente apertado pelo tecido do vestido, prova definitiva de que não era de maneira nenhuma disforme. Claro que desde que se conheceram ela não tinha feito o mínimo esforço para seduzi-lo. Na realidade, se não falhava sua memória, as primeiras palavras que tinha dirigido a ele foram que merecia que o submetessem a um bom número de espantosas torturas letais.

Mas nisso, acabava de ver que se equivocou outra vez. Primeiro lhe pareceu uma uva passa e uma harpia. Depois a achou magnífica mas não atraente. E nesse momento sentia-se como se fosse sair voando a tampa dos miolos.

—Cortei batatas suficientes para seu gosto? —perguntou-lhe, irritado.

Ela se endireitou e olhou, com a cabeça um pouco inclinada.

—A menos que cada um de vocês coma como um regimento completo e não só a metade, sim. Esta é a primeira vez que faz isto suponho?

—Curiosamente, senhorita Allard —repôs ele—, não me acovarda reconhecer que sim, é a primeira vez, e a última também, espero fervorosamente. Quem vai lavar todos estes pratos?

Jamais tinha feito pergunta mais estúpida.

—Eu —respondeu ela—, a não ser que tenha um ajudante voluntário. Duvido que valha a pena pedir ao Thomas. E mandei Wally barbear-se. Não me surpreenderia que essa tarefa o tivesse ocupado toda hora seguinte ou mais. Isso deixa seu chofer ou... —arqueou as sobrancelhas.

Como diabos colocou-se nessa ridícula situação? Ela não falava sério que... Pois claro que não. Via um inconfundível brilho de riso em seus olhos.

—Quer que lave ou seque? —perguntou secamente.

—Melhor que seque —disse ela—. Poderia danificar essas mãos de cavalheiro se as tivesse por muito tempo mergulhadas na água.

—Meu criado de quarto choraria —reconheceu ele—. Ontem partiu antes que eu. Se negaria a me deixar sozinho outra vez.

Esse dia ia tornando-se mais estranho a cada momento, pensou, enquanto ela lavava e ele secava os pratos, as batatas borbulhavam alegremente na panela e o aroma que saía do forno fazia seu estômago protestar pelo jantar. Era um dia diferente de todos os que tinha vivido anteriormente.

Jamais sequer pernoitara em uma estalagem que não fosse o melhor do melhor. Raramente viajava sem seu criado de quarto, mas Jeffreys tinha pego um resfriado e ele não conseguiu suportar a idéia de ir escutando suas auto compassivas fungadas de nariz durante toda a viagem no carro até

sua casa. Não tinha posto um pé em uma cozinha desde que era menino, quando fazia visitas freqüentes e clandestinas para mendigar saborosos bocados. Gostava de suas comodidades materiais ou, se renunciava a elas para cavalgar num dia chuvoso, por exemplo, gostava de fazê-lo voluntariamente e para dedicar-se a uma atividade que desfrutava ou considerava valiosa.

Esse dia tinha sido um desastre do momento em que Peters adiantou a esse carro tão velho que ele chegou a pensar que o temporal de neve o teria catapultado para trás no tempo. E o dia não estava melhorando.

Era estranho, então, que estivesse começando quase a desfrutá-lo.

—Dá-se conta, suponho —disse ela quando ele deixou o pano molhado sobre o último prato depois de secá-lo—, que terá que fazer tudo isto outra vez depois do jantar.

Ele a olhou incrédulo.

—Senhorita Allard —disse, antes de escapar de volta ao boteco—, ninguém lhe explicou alguma vez para que são os criados?

Quando terminaram de jantar e o senhor Marshall atribuiu ao Wally e aos dois choferes a tarefa de lavar os pratos, Frances já se sentia esgotada. Tinha sido um dia longo e mais que estranho, e a escuridão do entardecer de inverno fazia que parecesse mais tarde do que realmente era. O tamborilar do vento na janela e seus gemidos na chaminé, o calor e crepitar do fogo na lareira, deixaram-na sonolenta. Também o chá quente que estava bebendo.

Estava sentada contemplando o fogo, bebendo seu chá e observando com a visão periférica as flexíveis e muito brilhantes botas do senhor Marshall. Tinha-as cruzadas nos tornozelos e apoiadas na pedra da lareira, e sua postura informal e relaxada o fazia parecer muito mais másculo que antes.

Perigosamente másculo, na realidade.

Não se atrevia a desculpar-se para ir para a cama. Teria que levantar-se e anunciar que ia subir para deitar-se, no quarto contíguo ao dele. Nem sequer havia fechadura na porta, tinha descoberto. E não que suspeitasse que gostava. Mas ainda assim...

Ele suspirou com evidente satisfação.

—Só havia um defeito nesse bolo de carne, senhorita Allard —disse—. Danificou meu gosto por todos outros.

Sim havia ficado muito bom, levando-se em conta que nunca antes tinha cozinhado sem supervisão e fazia vários anos que não cozinhava. Mas ficou completamente surpreendida. Ele não parecia ser o tipo de homem dado a fazer muitos elogios.

—As batatas estavam bastante boas também —disse, provocando nele um inesperado latido de risada.

O conhecimento mútuo tinha começado tremendamente mal, claro. Mas não tinha nenhum sentido manter a hostilidade só para ser antipática e provocar antipatia, não e? De algum jeito, por acordo tácito, os dois tinham baixado as armas e feito uma espécie de paz a contra gosto.

Mas que estranho estar sentada ali, só com um cavalheiro muito arrumado e masculino, que estava ajeitado em sua poltrona, totalmente relaxado. E saber que passariam a noite a só uns palmos de distância entre eles, os dois sós na parte superior da estalagem. Esse era o tema de suas fantasias e sonhos acordada. Mas essas fantasias não eram tão agradáveis quando se transformavam em realidade.

Santo Deus, nos três últimos anos só se relacionou e viveu com mulheres, se descontasse o senhor Keeble, o ancião porteiro da escola da senhorita Martin.

—Sua casa fica em Bath, então? —perguntou ele.

—Sim. Vivo na escola onde ensino.

—Ah, ou seja, «é» professora.

Ele já o supunha? Mas isso não era para surpreender-se. Era evidente que ela já não era uma dama elegante, não? Até o carro em que viajava era velho e maltratado apesar de quão ricas eram suas tias avós.

—Em uma escola de meninas —disse—. Um colégio muito bom. A senhorita Martin o abriu faz nove anos com umas poucas alunas e um orçamento muito reduzido. Mas sua fama como boa professora e a ajuda de um benfeitor ao que nem sequer conhece permitiram-lhe ampliá-lo anexando a casa do lado e acolher a meninas pobres grátis, além das que pagam. Também pôde empregar mais professoras. Trabalho La ha três anos.

Ele bebeu um pouco de sua taça de Porto.

—E o que essa escola ensina às meninas? O que você ensina?

—Música, francês e escrita. Escrita criativa, não caligrafia, isso ensina Susanna Osbourne. A escola instrui às meninas em todas as habilidades que deve adquirir uma dama, como dança, pintura e canto, assim como postura, modo de andar, comportamento e etiqueta. Mas também dá a elas formação acadêmica. A senhorita Martin sempre insiste nisso, já que acredita firmemente que a mente feminina não é em nada inferior à masculina.

—Ah, admirável —disse ele.

Ela girou a cabeça e o olhou atentamente, mas não ficou claro se tinha feito esse julgamento com ironia ou não. Ele tinha a cabeça apoiada no respaldo alto da poltrona, parecia cochilar. Seus cabelos curtos e encaracolados estavam revoltos. Sentiu uma estranha revoada no baixo ventre.

—Eu gosto de ensinar lá —disse—. Sinto que faço algo útil com minha vida.

Ele virou a cabeça para olhá-la.

—E antes desses três anos não fazia nada útil?

Sua mente vagou pelos dois anos seguintes à morte de seu pai, e por uns instantes pensou que poderia chorar. Mas já fazia tempo que tinha derramado todas as lágrimas por esses dolorosos e desperdiçados anos. E jamais tinha lamentado a decisão que tomou, de ensinar em uma escola em lugar de correr humildemente para refugiar-se na casa de suas tias avós para ser mantida por elas. Se tivesse que fazer tudo de novo, faria o mesmo.

A independência é algo maravilhoso para uma dama?

—Não era feliz ha três anos —disse—. Agora sou.

—É feliz? —perguntou ele, desconcertando-a ao passear seus olhos por seu rosto, pescoço e ombros e depois baixando-os para seus seios—. Tem sorte de poder dizer isso, senhora.

—Você não é feliz, então?

—Felicidade —murmurou ele, arqueando as sobrancelhas em claro desprezo—, é uma palavra estúpida. Existe o prazer e a gratificação sensual, e existem seus opostos. Eu cultivo os primeiros e evito o segundo sempre que posso. É minha filosofia de vida, poderíamos dizer e a da maioria das pessoas se forem sinceras consigo mesmas.

—Expressei-me mal. Empreguei a palavra errônea. Deveria ter dito que estou «contente» com minha vida. Evito os dois extremos que você mencionou em favor de uma paz maior. Essa é minha filosofia de vida, e acredito que muitas pessoas descobriram, que é uma forma judiciosa de viver.

—E também completamente aborrecida —disse ele.

E então fez algo que produziu nela mais revoadas por dentro, deixou-a sem fôlego um momento e quase sem poder respirar.

Sorriu-lhe, revelando-se como um homem muito, muito arrumado.

Ela procurou uma resposta, não encontrou nenhuma e acabou olhando em seus olhos em silencio e sentindo arder as bochechas.

Ele sustentou o olhar, igualmente em silêncio, e o sorriso foi desvanecendo.

—Acredito —disse ela, encontrando a voz por fim—, que é hora de irmos para a cama.

Se alguma vez desejou retirar suas palavras, a vez foi essa. E se alguma vez desejou que se abrisse um buraco negro a seus pés e a tragasse inteira, a vez foi essa.

Por uns espantosos momentos não pôde afastar os olhos dos dele, e ele não desviou o olhar. O ar parecia ranger entre eles. E então ele falou:

—Suponho que quis dizer sozinha, senhorita Allard. E tem toda razão, é hora de ir para a cama. Se ficássemos sentados aqui muito tempo mais, não me surpreenderia que acabássemos dormindo e despertássemos mais tarde quando o fogo já estivesse apagado, com o pescoço dolorido e os pés congelados. Pode subir que eu me encarregarei de cobrir o fogo e pôr a grade diante da lareira. Também verei o fogo do fogão na cozinha, embora me parece que Peters e seu Thomas ficarão lá algum tempo jogando cartas e grunhindo um para o outro. Enquanto falava se levantou e se

inclinou sobre a lareira. Ela se levantou da poltrona, pensando se seus joelhos a sustentariam. Que lapso de linguagem mais horrível! Deveria ter ficado na cozinha depois de tudo.

—Boa noite, senhor Marshall — disse às costas dele. Ele se endireitou e virou para olhá-la. — Ainda está aqui? Boa noite, senhorita Allard. Ela se apressou para escapar, parando só o tempo necessário para pegar uma vela do mostrador. Subiu correndo a escada e chegou ao seu quarto; surpreendeu-a encontrar o fogo aceso na lareira. Embora o senhor Marshall tenha dito que enviaria Wally para acendê-la, ela não o ouviu dar a ordem. Despiu-se e fez as pressa todos os preparativos para deitar-se, apesar de que o quarto não estava frio, e se meteu sob as mantas, subindo até por cima da cabeça, para sossegar seus pensamentos.

Mas havia sensações, além de pensamentos, e decididamente não eram as sensações de uma pessoa que cultiva a tranqüilidade em sua vida. Sentia seus seios rígidos, vibrava-lhe o baixo ventre, formigava-lhe a parte interna das coxas, e não era tão inocente para não reconhecer o que eram esses sintomas.

Desejava a um homem que nem sequer conhecia, e que provavelmente não gostaria se conhecesse. Se até o tinha detestado durante umas horas. Que humilhante!

Na manhã seguinte já tinha parado de nevar quando Lucius se levantou e olhou fora pelo pequeno círculo que limpou com seu fôlego quente na janela de seu dormitório. Mas tinha nevado muito, e o vento miserável tinha formando imensos montículos. Além disso, o céu não estava limpo e se podia julgar pela temperatura de seu quarto, que a neve demoraria para derreter.

Embora ainda estivesse escuro, era impossível ver a distância com perfeita clareza, foi dolorosamente óbvio que ninguém poderia viajar a nenhuma parte nesse dia.

Esperou, então, que descesse novamente sobre ele o abatimento e o mau humor, e ficou surpreso ao descobrir que se sentia mais animado que nunca desde antes do Natal. Não tinha mudado nada nas novas circunstâncias de sua vida, mas o destino o provia dessa ligeira pausa nelas. Nesse dia não poderia fazer nada para favorecer seus planos de reformar sua vida e ser o neto, filho, irmão e marido perfeitos, portanto, bem podia desfrutar do que lhe oferecesse.

Era estranho que pensasse isso quando estava isolado em uma lamentável e horrorosa estalagem rural sem seu criado de quarto, e sem a maioria das outras comodidades que normalmente estava acostumado.

Barbeou-se e lavou o rosto na água fria que estava imóvel na bacia do lavabo desde a noite anterior, vestiu-se e calçou as botas de cano alto, o casaco e o chapéu. Com as luvas em uma mão desceu a escada. Tudo estava quieto, na escuridão. Tal como tinha suposto, Wally continuava em sua cama, e era muito provável que os choferes também continuassem nas suas. Deixou-os jogando cartas e grunhindo negras suspeitas em relação à honradez um do outro quando, bem depois de

meia-noite, ele se sentiu seguro para subir e deitar-se; quer dizer, seguro de sua paz mental. Quando ela disse que era hora de ir para a cama, por um momento se sentiu, outra vez, como se fosse saltar a tampa dos seus miolos.

Essa manhã se sentia com um excesso de energia, apesar de que não dormiu muito. E já que não podia sair para cavalgar, seu exercício matutino favorito, nem praticar boxe, ou esgrima, que teriam sido alternativas dignas, tiraria a neve pelos arredores da porta, decidiu. Colocou as luvas, saiu para a tênue claridade da alvorada e se dirigiu ao estábulo para procurar uma pá e uma vassoura. Com a ajuda de Peters, que já estava cuidando dos cavalos, encontrou o que procurava.

— Se quiser, deixe que eu faço, chefe, assim que terminar aqui —disse Peters—. Antes isso do que lavar os malditos pratos outra vez. Mas vejo que está cheio de vontade de fazer alguma coisa. Assim, vá em frente.

—Muito agradecido —repôs Lucius, irônico.

Pegou a pá e começou trabalhar com ela.

Na luz do amanhecer viu que a estalagem ficava nos subúrbios de um povoado, cuja existência já tinha suspeitado, mas o caminho que os unia estava tão absolutamente sepultado sob a neve que era impossível saber por onde passava. Era improvável que houvesse visitas esse dia, nem sequer no caso de que os aspirantes a beber cerveja soubessem que o dono ia chegar. Mais improvável ainda era que os Parker pudessem voltar.

Tinha a vaga suspeita de que preferiria os dotes culinários da senhorita Allard, a não ser que o bolo de carne fosse o ponto forte de seus pratos e não soubesse preparar nada mais. Embora no que se referia a ele, podia voltar a prepará-lo.

Ao término de uma hora já tinha um espaçoso caminho da porta ao estábulo e outro da porta ao que calculava seria a estrada. Estava ofegando, e se sentia quente e cheio de vigor. Enquanto trabalhava tinha saído o sol, ao menos supunha que tinha saído, porque o céu continuava nublado e de vez em quando caíam alguns flocos de neve. Mas pelo menos o mundo estava iluminado.

Apoiou-se na pá e fez algumas respirações profundas inspirando o ar fresco. Ainda tinha mais energia do que ia consumir, trancado em uma pequena estalagem rural todo um dia.

Começou tirar a neve ao longo da parede da estalagem e de repente se encontrou sob uma janela que tinha que ser a da cozinha. Levantou-se e olhou para dentro.

Frances Allard já havia levantado e estava trabalhando muito atarefada próximo ao fogão. Se ela tinha posto o carvão, a lenha e acendido o fogo não sabia, mas dava a impressão de que já ardia ha um bom tempo.

O vestido era similar ao do dia anterior, só que era de cor nata e sentava melhor nela. Os cabelos estavam cuidadosamente penteados para atrás, bem liso. Novamente estava envolta em um enorme avental. Viu que saía uma espiral de vapor do bico da chaleira. Havia algo cozinhando no

queimador do fogão. Sobre a mesa havia uma terrina com o que pareciam ser ovos mexidos.

De repente deu-se conta de que estava morto de fome.

Também se sentia curiosamente enfeitiçado por essa cena doméstica, e mais que um pouco excitado. Existia alguma coisa quase erótica em contemplar uma mulher agachando, virando e absorta na tarefa de preparar uma comida.

E esse era um pensamento que de maneira nenhuma devia continuar. Ela era uma professora de escola e sem dúvida virtuosa até em excesso.

Em outras palavras, era estritamente proibida.

Ela se virou como se houvesse sentido seus olhos nela e o viu olhando-a. E então, maldição!, sorriu-lhe, deslumbrando-o, inclusive a essa hora da manhã. Esse sorriso era uma arma letal, e dadas as atuais circunstâncias estaria extremamente feliz se não a usasse contra ele.

Fez um gesto convidando-o para entrar e assinalou o que estava cozinhando no fogão.

Quando entrou na cozinha passados alguns minutos, depois de tirar o casaco e trocar as botas, viu que ela tinha disposto dois lugares na longa mesa da cozinha.

—Espero que não se importe de comer aqui—disse ela, virando a cabeça para reconhecer sua presença e voltando imediatamente a atenção aos ovos, que estava mexendo sobre o fogo—. Despertei Wally faz um tempo e o enviei para procurar água. Então ele pensou que ganhou o café da manhã com Thomas e Peters. Assim só faz um tempo que atribuí a ele a tarefa de acender a lareira do bar. A cozinha será mais acolhedora para que comamos.

—Os homens já tomaram o café da manhã? —perguntou ele, esfregando as mãos e aspirando os aromas mesclados de presunto defumado, batatas fritas e café.

—Poderia ter chamado você também —explicou ela—, mas pareceu que estava desfrutando com seu trabalho aí fora.

— E estava.

Ela pôs um prato bem abundante diante dele e outro com menos comida no lugar dela. Tirou o avental e sentou-se.

— Suponho —disse ele, levantando-se para servir o café— que você acendeu o fogo aqui.

— Sim. Não é uma aventura diferente esta?

Ele se pôs-se a rir e ela o olhou fixamente por um momento. Depois baixou a cabeça e voltou a olhar seu prato.

— Já levou uma cozinha de estalagem antes? —perguntou-lhe ele—. Ou se encarregou do apetite de quatro homens adultos?

—Jamais —repôs ela—. E você tirou alguma vez a neve com uma pá de uma estalagem rural?

—Bom Senhor! Nunca.

Desta vez riram os dois.

—Uma aventura diferente, sim—conveio ele—. Ontem me disse que durante todo feriado de Natal desejou que nevasse. O que teria feito se tivesse nevado?

—Teria contemplado a neve maravilhada e reverente. A neve do Natal é muito excepcional. Me imaginava caminhando pela neve até o povoado cantando canções de natal com outros, embora este ano ninguém saiu para cantar canções de natal. E imaginava vadeando pela neve até a salão de festas para o baile de Natal. Mas não houve nenhum baile.

—Povoado mais desanimado não há — disse ele —. Suponho que todos ficaram em casa abarrotando-se de peru e pudim.

—Suponho. E minhas tias avós declinaram a todos os convites que receberam, para ficar em casa desfrutando da companhia de sua sobrinha neta.

—Que teria preferido muito mais estar movendo os pés em um baile do povoado. Triste Natal teve, senhora. Conte com minha mais sincera compaixão.

—Pobre de mim —conveio ela, embora seus olhos dançavam de risada.

—E esses são os únicos usos que teria dado à neve? —continuou ele—Não eram muito dignos de esperar, não é?

—Bom, talvez. —disse ela pondo um cotovelo sobre a mesa e apoiando o queixo na mão, contra todas as regras de etiqueta—, minhas tias avós não teriam desfrutado envolvendo-se em um combate com bolas de neve, e é impossível uma pessoa lutar com ela mesma. Provavelmente teria feito um boneco de neve. Há dois invernos, quando nevou em Bath, a senhorita Martin suspendeu as aulas da tarde, levamos às meninas a um prado que há perto da escola e organizamos um concurso de bonecos de neve. Foi divertidíssimo.

— Você ganhou ?

Ela voltou a segurar sua faca e garfo.

—Deveria ter ganho. Meu boneco de neve era de longe o melhor. Mas as professoras foram declaradas fora do concurso. Foi muito injusto. Quase pedi demissão lá mesmo. Mas quando ameacei apresentando a demissão, umas dez meninas ou mais me jogaram no chão e me fizeram rodar pela neve, e a senhorita Martin entendeu de fazer vista grossa e não fez nem o menor esforço de ir em meu resgate.

Esse parecia um colégio feliz, pensou ele. Não podia nem imaginar alguns de seus professores rodando pela neve, e muito menos à vista do diretor.

Estava claro que a senhorita Frances Allard não era a mulher escrupulosa e mal-humorada pela qual a tinha tomado. E devia reconhecer que se tivesse estado em seu lugar ele teria ficado mais irritado ainda do que ela se sentiu e também teria se entregado a horríveis pesadelos de pôr alguém para torrar em azeite fervendo. Embora nem ele, nem Peters tolerariam jamais que alguém os ultrapassasse em nenhum caminho e em nenhuma circunstância, está claro.

—Pois bem, as professoras não ficarão fora do concurso desta manhã —disse.

Ela o olhou com as sobrancelhas arqueadas.

— Como?

— Para fora da estalagem!—disse ele, apontando para o lado oposto ao povoado—. Tão logo a tenha ajudado com os pratos. Mas há um problema. Tem botas adequadas?

—É obvio que tenho. Teria desejado que nevasse no Natal se não as tivesse? Esta é uma provocação para um concurso de bonecos de neve? Vai perder.

—Isso é o que veremos. O que pôs nestas batatas para ficarem tão deliciosas?

—Minha combinação secreta de ervas.

Ele terminou de comer, juntou os pratos e foi lavá-los, enquanto ela preparava uma massa para fazer pão fresco; a massa cresceria enquanto ela estivesse fora ganhando a competição, disse-lhe.

Pão fresco!, pensou ele. Ficou com água na boca, mesmo estando com o estômago cheio.

Inclusive «secou» os pratos, horror dos horrores! Se não tivesse nevado, ele já estaria na etapa final de sua viagem. Poderia estar em sua casa nessa tarde, na quietude e conhecida paz de Cleve Abbey e a perspectiva de um logo retorno a Londres e a sua miríade de prazeres, embora só até que começasse a temporada, droga. Mas aí estava, planejando mitigar o aborrecimento de um dia inútil fazendo um boneco de neve.

Só que não estava aborrecido, e a verdade era que não estava desde o momento em que se levantou da cama.

Tratou de recordar a última vez que fez um boneco de neve ou que desfrutou de algum outro jogo na neve, e não conseguiu.

Capítulo 4

Olhando dissimuladamente, Frances observou que ele estava cometendo o engano de fazer muito alto e magro seu boneco de neve, engano cometido com freqüência pelos novatos. Estava muito mais alto que o dela, mas ia ter dificuldade com a cabeça. Até no caso de que conseguisse levantar uma cabeça adequada até essa altura, cairia rodando e todo o trabalho seria desperdiçado. Ela seria a indiscutível ganhadora.

Seu boneco de neve, em compensação, era sólido e atarracado. Mais largo que alto. Era...

—Muito gordo para passar por uma porta —comentou o senhor Marshall, desviando a atenção de seu trabalho—, inclusive para passar de lado. Muito gordo para encontrar uma cama bastante larga e bastante firme para dormir. Muito gordo para que lhe permita comer pão ou batatas em suas comidas todo no próximo ano. É asquerosamente obeso.

—É mimoso —disse ela, inclinando a cabeça para examinar sua criação inconclusa—, e bonachão. Não é cadavérico como alguns bonecos de neve que vi. Não dá a impressão de que vai sair voando com a primeira rajada de vento. É...

—Descabeçado, como o meu —interrompeu ele—. Voltemos ao trabalho e deixemos para depois as qualificações.

Seu pobre boneco de neve ficou mais obeso ainda quando lhe pôs uma formosa cabeça redonda sobre os ombros. A cabeça ficava pequena. Tratou de aumentá-la pegando mais neve, mas a neve se desprendeu, caindo em torrões sobre os ombros, assim teve que conformar-se tirando as duas partes de carvão maiores que haviam trazido da cozinha para pelo menos poder dar-lhe olhos grandes e comovedores. Escolheu um carvão menor para o nariz e uma cenoura gorda como um barril, e outros carvões pequenos para os botões da jaqueta. Para finalizar esculpiu uma boca larga e sorridente ao redor da cenoura.

—Pelo menos tem senso de humor —comentou, retrocedendo—. Pelo menos tem cabeça.

Olhou com um sorriso zombador a enorme cabeça que ele tinha formado no chão, completa, com orelhas em forma de asa de jarro e cachos em forma de salsichas.

—O concurso não terminou ainda —disse ele—. Não há tempo limite, não é? Seria muito prematuro começar a gabar-se. Depois poderia sentir-se tola.

Então ela comprovou que ele não era tão ignorante em relação à lei da gravidade como tinha suposto; viu que dedicava um tempo a trabalhar nos ombros, tirando neve para deixar um bom orifício no centro, para que a cabeça não caísse. Claro que ainda faltava colocá-la no boneco.

Observou-o com ar de suficiência quando ele se agachou a pegou a cabeça.

Mas ela tinha feito seus cálculos sem levar em consideração sua maior altura nem a força desses musculosos braços. O que para ela teria sido impossível, para ele era um jogo de meninos. Inclusive teve a força para sustentar a cabeça suspensa sobre o tronco um momento, calculando o melhor ângulo para colocá-la. Uma vez fixada escolheu os carvões e a cenoura que desejava e os pôs em seu lugar, embora a cenoura a pôs de nariz. Depois colocou a mão em um dos bolsos do casaco e tirou um largo e estreito cachecol, tecido em uma horrível combinação de linhas rosa e laranja, e a enrolou no pescoço de seu boneco de neve.

—A esposa do padre da paróquia de meu avô me deu isso de presente de Natal —explicou—. A opinião geral no povoado é que é daltônica. Acredito que tenho que dar razão à opinião geral. Em todo caso é mais amável que dizer que tem muito mal gosto.

Retrocedeu e ficou ao lado de Frances. Juntos contemplaram suas criações.

—O cachecol, os cachos e a boca enviesada salvam ao seu boneco de parecer áspero e sem humor —disse ela generosamente—. Para não dizer essas orelhas. Ah, e essas marcas de varíola pretendem ser sardas. Esse é um bonito detalhe, tenho que confessar. Eu gosto, depois de tudo.

—E eu tenho que reconhecer que eu gosto de Frei Guloso, com seus botões negros na jaqueta —disse ele—. Parece uma alma jovial, embora não sei o que segura a cenoura na boca, com esse sorriso tão largo.

—Os dentes.

—Ah. Bom argumento. Esquecemos de nomear um juiz.

—E de ter um troféu esperando o ganhador.

Só quando ele virou o rosto para sorrir para ela, foi que deu-se conta que ele tinha um braço sobre seus ombros em um relaxado gesto de camaradagem. Supôs que ele acabava de dar-se conta também. Seus sorrisos congelaram nos rostos, e de repente Frances sentiu os joelhos fracos.

Baixou o braço, limpou a garganta e se aproximou dos bonecos de neve.

—Suponho que poderíamos declarar terminada a competição em empate —disse—. De acordo? Senão, nos envolveremos numa briga outra vez e você idealizará outro horripilante plano para pôr fim a minha existência. Ou insistirá em me declarar ganhador ?

—De maneira nenhuma. O meu é decididamente mais resistente que o seu. Vai resistir muito mais tempo as forças da natureza.

—Certo, essa é uma declaração de guerra quando eu tive a magnanimidade de sugerir um empate.

O ato seguinte foi se agachar, girar, e sem avisar jogou nela uma bola de neve. A bola acertou seu peito e salpicou de neve seu rosto.

—Jogo sujo! —exclamou ela.

Então se agachou, pegou um bom punhado de neve e o jogou. Acertou o lado do seu chapéu, inclinando-o.

E começou a batalha.

A batalha continuou durante vários minutos, e com tanta intensidade, que a algum observador casual pareceria que havia quatro bonecos de neve ao lado da estalagem. Só que dois deles se moviam e estavam quase sem forças de tanto rir.

E ainda por cima um deles, o mais alto e largo, de repente se equilibrou sobre o outro e o fez cair para trás até deixá-lo deitado de costas sobre um branco montão de neve, afundando-o com seu peso e segurando seus pulsos em ambos os lados da cabeça.

—Basta! —declarou ele, ainda rindo—. Essa última me deu no olho! —Piscou para tirar a neve dos cílios.

—Reconhece a derrota? —riu ela.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Reconhecer a derrota? Me perdoe, mas, quem tem a quem derrotada na neve?

—Mas quem foi que gritou basta!? —rebateu ela arqueando as sobrancelhas.

—O mesmo que logo pôs fim à batalha com uma aniquilação decisiva do inimigo —riu ele.

De repente ela tomou consciência de que ele estava em cima dela. Sentia seu peso afundando-a; sentia seu fôlego morno sobre sua face. Olhou seus olhos castanhos, que estavam a menos de um palmo, e viu que estavam perfurando os seus. Baixou a vista para sua boca e viu que nesse mesmo instante ele baixava os olhos para a dela.

Sua estranha aventura ia avançando rapidamente para o perigo, e talvez para algo maravilhoso.

Roçou os lábios com os seus, e se sentiu como se estivesse estendida sob o quente sol de agosto e não sob as nuvens de neve de dezembro.

Nunca tinha conhecido um homem tão absolutamente masculino, pensamento que não suportou ter nem interpretar.

—Ah, acabo de me lembrar do pão —disse, com uma voz que soou a seus ouvidos espantosamente normal—. Terei sorte se a massa não inchou tanto que esteja enchendo a cozinha até o teto. E também se conseguir passar pela porta para resgatá-la.

Ele a olhou nos olhos, perfurando-lhe talvez um segundo mais, e logo curvou os lábios, em um gesto que bem podia ser um sorriso ou simples sarcasmo. Levantou-se, ficou de pé e sacudiu um pouco a neve; depois ofereceu a mão para ajudá-la levantar-se. Ela segurou com as duas mãos enluvadas juntas e uma vez que ficou de pé sacudiu a capa, mas comprovou que seguramente tinha entrado tanta neve pelo pescoço como a que a cobria por fora.

—Ah, isto foi muito divertido —disse, sem olhá-lo.

—Sim—conveio ele—. Mas se alguma vez me encontrar cara a cara com o destino perguntarei por que tive que ficar preso aqui com uma professora escrupulosa. Vá, senhorita Allard. Corra. Depois de tudo ficarei de muito mau humor se não tiver pão fresco para minha sopa.

Por um fugaz instante Frances pensou em ficar para protestar pelo uso da palavra «escrupulosa». Mas se fosse bastante tola para fazer isso, poderia encontrar-se em situação de ter que demonstrar que esse adjetivo não era aplicável a ela. Escapou, mas por orgulho, não correu.

Uma parte dela se sentia decididamente zangada. Por que tinha quebrado a tensão desse momento? Que mal teria feito um beijo? Fazia tanto tempo que não a beijavam; possivelmente a oportunidade não voltaria a apresentar-se, e já tinha completado vinte e três anos.

Mas claro, igualmente, «só» tinha vinte e três anos.

Que mal teria feito um beijo?

Mas não era uma menina ingênua. Sabia muito bem o mal que teria feito a ela. Nenhum dos dois, suspeitava, teria se contentado com um só beijo. E não havia nada, nestas circunstâncias que os inibisse para trocarem mais beijos.

E mais...

Santo Deus, se só o roçar de seus lábios havia quase destroçado os miolos e todos os ossos e

órgãos do corpo.

Apressou-se a entrar na cozinha depois de tirar o casaco, e se lançou a assar o pão e preparar a sopa.

Durante o almoço a conversa foi bastante tensa e exageradamente alegre e superficial, da parte dela, em todo caso. Lucius se refugiou atrás de uma atitude taciturna. Mas embora o pão estivesse esponjoso, dos melhores que tinha provado em sua vida, e a sopa era mais que digna de um segundo prato, viu-se incapaz de concentrar-se em desfrutar qualquer das duas coisas, por mais que gostasse.

Estava distraído por um desejo não satisfeito.

E amaldiçoou sua sorte, porque embora as circunstâncias eram as ideais para uma aventura sexual, a mulher com quem estava não era. Oxalá tivesse sido uma atriz ou uma viúva alegre, ou..., bom, qualquer uma, menos uma professora de escola, que podia ser preciosa mas também escrupulosa e virtuosa, à exceção de quando construía bonecos de neve, jogava bolas de neve e se esquecia de si mesma por um momento.

Enquanto ela falava alegremente sobre uma diversidade de temas sem importância, ele tratava de pensar em Porta Hunt. Tratou de imaginar seu rosto, e conseguiu, muito bem; tinha em seus olhos uma expressão que dizia que detestava todos os homens e seus apetites animais, mas que toleraria os dele sempre que tivesse que conhecê-los.

Talvez fosse injusto com ela. Era uma dama perfeita, certo. Também era possível, supôs, que houvesse uma mulher atraente debaixo de toda essa perfeição. Logo descobriria a resposta.

E logo acabaria essa aventura, como a chamava a senhorita Frances Allard. Já tinha saído o sol por entre as nuvens e pela janela do bar se via cair a água dos beirais. Só faltava passar esse dia.

E a noite...

Essa noite dormiria no andar de baixo. Não poria nem os pés mais à frente em direção à escada que subia aos quartos. Quando morresse, sua virtude o levaria direito ao céu, onde poderia aborrecer-se bobamente tocando uma harpa durante toda a eternidade.

Maldição! por que ela não continuou sendo a velha harpia que pareceu no dia anterior, menos de vinte e quatro horas antes? Ou por que não continuou sendo a mulher risonha e entusiasta que fora até que roçou seus lábios? Por que tinha que ser uma mescla que o frustrava tanto?

Ordenou a Wally e a Thomas que lavassem os pratos; Peters estava ocupado com o carro, embora isso não impediu que Thomas resmungasse algo a respeito de favoritismos quando Peters desapareceu pela porta detrás.

Ele voltou a calçar as botas e vestir o casaco e passou a maior parte da tarde fora, primeiro na garagem sentindo-se inútil e depois cortando lenha, já que a pilha de lenha tinha baixado bastante.

Claro que poderia ter feito Wally sair com um só grito para que fizesse o trabalho, e em circunstâncias normais teria feito, mas o alegrava ter esse pretexto para ficar fora. E o alegrava duplamente a oportunidade de gastar mais energia. Cortou mais lenha do que se necessitariam essa noite e a manhã seguinte. Essa lenha esquentaria os dedos dos pés dos Parker até a próxima semana e talvez mais.

Quando voltou a entrar na estalagem ela tinha o chá preparado, pão fresco com mais queijo e conservas, e tortas de passas ainda quentes, recém saídas do forno. Quem foi que disse que o coração do homem se conquista pelo estômago? Embora não fosse exatamente seu coração o órgão afetado, ela era sem dúvida uma boa cozinheira.

—Decidi não lhe oferecer emprego como minha cozinheira —disse quando tinham terminado de comer—. Já sou bastante corpulento tal como estou, ou como estava ontem.

Ela sorriu mas não disse nada. E quando ele se levantou para ajudar a levar a bandeja à cozinha, disse a ele que ficasse onde estava, que já estivera bastante ocupado toda a tarde.

Viu que ela esteve lendo. O livro estava aberto sobre o banco de madeira perto da lareira, com as páginas para baixo. Era nada menos que Cândido Voltaíre. E estava lendo em francês, comprovou quando o pegou. Havia dito que ensinava francês, não? francês, música e escrita.

Era uma professora de escola escrupulosa e séria. Sem dúvida era extremamente inteligente também. Se repetisse muitas vezes essas coisas talvez chegasse a aceitar a dura realidade e esse conhecimento esfriaria seu sangue.

Quem diabos iria querer levar para a cama uma mulher inteligente?

Wally entrou para pôr mais lenha no fogo e depois Lucius cochilou em sua poltrona. Frances Allard não foi reunir-se com ele até a hora do jantar, quando apareceu com um pato assado com batatas e outras verduras que tinha encontrado na adega.

—Nem sequer a ajudei com as batatas esta noite —disse ele—. Me surpreende que me permita comer.

—Eu não lhe ajudei a cortar lenha, mas aqui estou sentada junto ao fogo.

Senhor, já nem sequer podiam ter uma boa briga.

—Voltaire —disse, fazendo um gesto para o livro—, sempre lê em francês?

—Eu gosto se o original foi escrito nesse idioma. Perde-se muito na tradução, mesmo que o tradutor seja bom e sério. Perde-se algo da voz do autor.

Sim, não cabia a menor duvida: era inteligente. Tratou de sentir que por causa disso minguava sua atração por ela. Só se sentia atraído porque estava preso ali e ela era a única mulher que havia, disse a si mesmo. Em circunstâncias normais não lhe dedicaria nem um segundo olhar.

Durante o resto da comida conversaram sem muito desconforto nem muitos silêncios, mas à medida que transcorria o jantar e depois, quando estavam juntos lavando os pratos, descobriu que

tinha descido sobre ele uma certa melancolia. Não era o humor negro que o tinha assaltado durante todos os feriados de Natal, a não ser um... bom, uma clara melancolia. No dia seguinte se separariam e não voltariam a ver-se nunca mais. Dentro de uma semana ela seria para ele uma simples lembrança, e dentro de um mês já teria esquecido totalmente dela.

Bom Senhor! E logo deixaria crescer os cabelos, usaria gravatas de cores vivas, recitaria poemas sentimentais e se afundaria na decadência.

Deixou na mesa a pesada panela que acabara de secar e limpou a garganta. Mas quando ela o olhou com as sobrancelhas arqueadas, e com as bochechas ligeiramente ruborizadas, não soube o que dizer.

Ela caminhou diante dele para voltar para o bar e foi sentar-se em sua poltrona habitual. Ele foi ficar olhando para a lareira e ficou ali de pé, contemplando o fogo segurando as mãos nas costas. E cedeu à tentação. Não é que a combatesse muito, na verdade. Talvez o fizesse depois. E talvez não.

—Assim não chegou a dançar no Natal?

—Ai de mim, não —respondeu ela rindo brandamente—. E tão preparada que estava para impressionar aos aldeãos com minhas proezas na valsa. O senhor Huckerby, o professor de baile, insistiu em ensinar os passos às meninas, já que diz que quase com toda segurança fará furor dentro de uns anos. E me escolheu para fazer a demonstração, como se não tivesse já bastante ocupados meus dias sem isso. Mas quando aprendi os passos deixei de grunhir. É um baile divino. Mas não tive a oportunidade de deslumbrar a ninguém com meu baile no Natal. Que pena.

Sua voz soava carregada de humor. E entretanto por suas palavras, e pelo que havia dito a ele essa manhã, ele teve a impressão de que o Natal tinha sido triste e decepcionante para ela. Um Natal solitário, com apenas duas anciãs por companhia.

Mas já tinha cedido à tentação e não podia negar o prazer de continuar.

Olhou-a por cima do ombro.

— Deslumbre a mim.

—Como disse? —Olhou-o como se não entendesse, embora tenha subido um pouco de cor às suas bochechas.

— Deslumbre a mim—repetiu ele—. Dance a valsa comigo. Nem sequer tem que vagear pela neve até a sala de baile. A espera lá em cima.

—O que? —riu ela.

—Deve dançar a valsa comigo. Temos o luxo da sala e a pista só para nós.

—Mas não há música —protestou ela.

—Acreditei ouvi-la dizer que é professora de música.

—Não vi nenhum piano nem espineta. Mas ainda no caso de que houvesse piano ou espineta, eu não poderia tocar e dançar ao mesmo tempo, não é?

—Não tem voz? Não pode cantar? Ou cantarolar? Ela riu.

—Que absurdo! Além disso, faz frio ali. —A lareira não está acesa.

—Sente frio, então? —perguntou ele.

De repente se sentia como se o fogo do bar estivesse queimando-o até a medula dos ossos, e olhando-a intensamente nos olhos soube que ela se sentia igual.

—Não —disse ela quase em um murmúrio. Limpou a garganta—. Não.

—Muito bem, então. —virou-se e fez-lhe uma elegante reverência flexionando a perna e estendendo a mão com a palma para cima.

—Concede-me o prazer deste dança, senhora?

—Que absurdo! —repetiu ela.

Mas a cor já tinha subido em ambas as bochechas, e os olhos grandes estavam brilhantes, e ele soube que era dela.

Ela pôs a mão na dele e ele fechou os dedos ao redor.

Sim, dançariam uma valsa, como mínimo.

Como mínimo!

E talvez a recordaria inclusive daqui há um ano.

Capítulo 5

Ele subiu levando dois candelabros, cada um com uma vela acesa, e ela subiu com outro, que levou a seu quarto para tirar um xale de seu baú.

Colocou-o ao redor dos ombros e se encaminhou à sala de baile levando o candelabro.

Ele tinha colocado um candelabro em cada extremo da sala, que na realidade não era muito grande. Pegou o que ela levava e foi coloca-lo sobre o suporte da lareira que estava frente à porta. Também foi ate seu quarto; trocar as botas por sapatos.

Que coisa mais terrivelmente tola, pensou ela. Iam dançar? Sem companhia, sem música, sem calor?

Não, calor havia em abundância. E às vezes a tolice pode ser maravilhosamente estimulante. Segurou os extremos do xale e tratou de acalmar as aceleradas batidas de seu coração enquanto ele atravessava a sala, seus olhos fixos nos dela, com um aspecto muito perigoso. Quando chegou diante dela repetiu a elegante reverência maravilhosamente teatral que tinha feito La em baixo e arqueou uma sobrancelha.

—Senhora? Esta dança é minha, acredito.

—Acredito que é, senhor.

Inclinou-se em uma reverência, pôs a mão na dele e sentiu o calor de seus dedos ao fecharem-se novamente ao redor de sua mão.

Falavam e se comportavam de maneira frívola como se estivessem em uma divertida festa.

E não era nada divertido.

Era francamente pecaminoso.

Mas, céu santo, se só estavam dançando.

Ele a levou até o centro da pista e ficou de frente para ela.

—Confesso que minha experiência com a valsa é um pouco limitada —disse—. Vejamos. Minha mão direita vai aqui, acredito.

Olhando-a nos olhos deslizou a mão por sua cintura e a deixou apoiada nas costas a essa altura. Ela sentiu o calor da mão através do vestido de lã e da regata, e aí estavam novamente os batimentos acelerados do coração.

—E minha mão esquerda vai aqui —disse ela, pondo a mão sobre seu largo ombro, um pouco mais acima que o ombro dela, e os ossos dos seus joelhos estremeceram.

—E... —Ele levantou a mão esquerda e arqueou as sobrancelhas.

—Isto —Ela colocou a palma contra a dele e dobrou os dedos entre o polegar e o indicador dele enquanto ele fechava os dedos sobre o dorso de sua mão.

De repente notou que o xale era um aplique totalmente desnecessário, mesmo que o ar que inspirava estivesse muito frio. Sentia-se terrivelmente consciente de que esse largo peito, por trás de sua jaqueta de excelente confecção, da camisa branca e da bem atada gravata, estava só a uns dedos de seus seios. E seu rosto tão perto que sentia o calor de seu fôlego.

Seus olhos estavam cravados nos dele, não podia afastá-los.

Não era de admirar que algumas pessoas considerassem a valsa uma dança indecente. Não havia sentido nada disso na escola. E nem sequer tinham começado.

—A música, senhora? —disse ele, em voz baixa, inclusive rouca.

—Ai, Deus —disse ela.

Teria fôlego suficiente para isso? Já tinha experiência em cantar estando nervosa. Não esse tipo de nervosismo, certo, mas ainda assim... Era questão de respirar com o diafragma, onde podia armazenar o ar e soltá-lo pouco a pouco, em lugar de respirar com a garganta, porque então com os nervos soltaria todo o ar em um sopro.

Agora bem, se conseguisse recordar a melodia de uma valsa. Se conseguisse recordar qualquer melodia, que não fosse um madrigal do William Byrd, claro.

Fechou os olhos, rompendo a tensão ao menos em parte, e recordou o ritmo e o prazer de dançar a valsa com o senhor Huckerby, que era um bom bailarino, mesmo que fosse um homem muito suscetível e sempre lhe acompanhasse um forte aroma de lírios do vale.

Entoou a melodia em voz muito baixa por um momento, só para ela. Depois abriu os olhos, sorriu ao senhor Marshall e a entoou em voz mais alta e firme, acentuando o primeiro tempo de cada compasso.

Ele marcou suavemente o ritmo com a mão direita sobre suas costas e logo aumentou um pouco a pressão levando-a com os passos da valsa, no princípio com passos curtos, tímidos, e depois com mais confiança, até que passado um minuto mais ou menos se moviam com passos largos, firmes e rítmicos, girando pela pista até que ela, teria jurado que viu, doze candelabros em lugar de só três. Riu.

Ele também riu.

E então, claro, não puderam dar os passos porque ela tinha deixado de entoar a melodia por um momento. Voltou a começar.

Muito em breve ficou claro que quando ele disse que tinha uma experiência limitada com a valsa se expressou em termos muito relativos, ou simplesmente mentiu, o que era mais provável. Na realidade ele sabia dançá-la muito bem. Mais ainda, tinha sentido do ritmo e facilidade; sua mão esquerda sustentando firmemente a dela no alto, a direita aberta sobre o arco de sua cintura às costas, levando-a com tanta segurança e domínio nos complicados giros curtos e giros amplos que ela se sentia como se os pés se movessem por vontade própria e quase não tocassem a madeira do chão.

Essa dança não poderia ter sido mais estimulante, pensou, do que se a tivessem dançando em um salão moderado, brilhantemente iluminado, cheio de gente com seus enfeites cintilando e a música tocada por uma orquestra.

Quando a melodia chegou ao fim, estava ofegante. Também era muito consciente de que estava avermelhada, sorridente e feliz, e lamentava que a dança acabou. Os olhos dele brilhavam com uma estranha luz e olhavam muito diretamente os dela. Tinha os lábios apertados, o que dava a sua mandíbula um aspecto rude e imperioso.

Sentia o calor de seu corpo e cheirava sua colônia muito masculina.

—Agora —disse ele— já não pode dizer que não foi a um salão de dança durante a temporada natalina nem que não dançou. Ou valseou.

—O que? Já não posso revolver-me na auto compaixão ?

—Não. A não ser que eu não estive à altura do professor de dança .

—Ah, você supera em muito o senhor Huckerby —o tranqüilizou ela.

—A adulação a levará a toda parte, senhorita Allard—disse ele arqueando as duas sobrancelhas—. recuperou o fôlego? Uma série, acredito, consiste em mais de uma dança. E eu reservei toda a série com você, se o recorda. Algo um pouco mais lento desta vez, possivelmente?

De repente teve a compreensão de que essa aventura estava quase chegando ao fim. Não

estariam na estalagem no dia seguinte a essa hora. Provavelmente ela já estaria de volta na escola e ele... em qualquer lugar que fora. Em um lugar de Hampshire, havia dito.

Não voltaria a vê-lo nunca mais.

Mas foram dançar outra valsa, uma última vez. Sabia com absoluta certeza que viveria da lembrança desse dia e dessa noite durante muito tempo, talvez o resto de sua vida. Tinha a vaga idéia de que seria uma lembrança dolorosa por um tempo, embora que no futuro seguramente o recordaria com prazer.

Pensou em outra valsa, uma mais lenta, uma que o senhor Huckerby usava para começar suas aulas, embora não se deu conta, até que começou a cantarolá-la e continuou com a-lá-lá, o belo, comovedor e terrivelmente romântico que era.

Era tão tola como qualquer das alunas que tinha a seu cuidado, pensou. Estava bastante apaixonada por ele.

Esta vez manteve os olhos fechados enquanto dançavam, os passos mais lentos e largos, os giros mais amplos, e achou muito natural sentir os dedos da mão direita dele pelas costas para aproximá-la mais, e deslizar a mão por seu ombro até deixá-la rodeando sua nuca. Achou agradável abrir a mão direita sobre o tecido quente de sua jaqueta por cima do coração e tê-la presa ali pela palma e pelos dedos dele, é maravilhoso apoiar a bochecha na dele reduzindo o volume da música a um suave murmúrio.

Seus seios roçaram o peito dele e os apertou mais firmes contra ele. No abdômen sentia o vulto de seu relógio de bolso, e seu calor. Suas coxas roçavam as coxas dele enquanto dançavam. E então deixaram de dançar e ela deixou de cantarolar. Pareceu-lhe o mais natural do mundo. Como se no dia anterior tivesse destinado a ocorrer, como se isso tivesse destinado a ocorrer. Embora a verdade é que não pensou nenhuma dessas tolices, sentiu-as. Sentiu que estava onde devia estar, onde sempre tinha desejado estar, onde sempre desejaria estar. Que importância tinha se uma parte dela mais cordata, mais prática, estivesse gritando por fazer-se ouvir. Simplesmente não a escutou. Tinha todo o resto de sua vida para a prudência, mas no momento, "nesse» momento tinha encontrado algo mais profundo que a prudência. Encontrou-se a si mesma. Tinha encontrado o que em toda sua vida tinha sonhado, procurado e duvidado que existisse.

—Frances —murmurou ele em voz baixa, em seu ouvido.

A intimidade de seu nome em seus lábios fez que um estremecimento percorresse sua coluna e esquentou até seus dedos dos pés.

—Sim.

Jogou a cabeça para trás para sorrir para ele e subiu a mão que tinha apoiada na nuca dele enredando os dedos em seus cabelos curtos e encaracolados. Então foi que soube o que era essa estranha e intensa luz que via nos olhos dele. Mas claro, em nenhum momento deixou de saber. Era

desejo, puro e duro.

Então ele aproximou mais o rosto do dela, fechou os olhos e a beijou. Tinham-na beijado antes. Tinha-a beijado um homem que acreditava amar. Mas nunca assim. Ah, seguramente que nunca foi assim. Ele a rodeou com os braços, uma mão fechada sobre o coque na nuca, a outra aberta nas costas por debaixo da cintura, estreitando-a contra ele. Abriu a boca sobre a dela, convidando-a a separar os lábios, convidando-a a um beijo mais íntimo. Quando ela os entreabriu, ele introduziu a língua, fazendo círculos ao redor da dela e lhe acariciando o paladar.

Ela se apoiou mais nele, rodeando com seus braços seu musculoso corpo, todo seu corpo aceso da cabeça até a ponta dos pés. Se tivesse podido aproximá-lo mais o teria feito. Sabia sem o mínimo indício de dúvida que ele era um amante perfeito, experiente. Curiosamente, isso não a assustava absolutamente; só a estremecia de expectativa.

—Lucius.

Ele tinha baixado a cabeça e estava mordiscando suavemente a curva entre o pescoço e o ombro; tinha as mãos sobre seus seios por debaixo do xale, moldando-os, fazendo-os vibrar de desejo.

Quando levantou a cabeça, tinha os cabelos ligeiramente revoltos e seus olhos castanhos carregados de paixão.

—Desejo-a — disse-lhe com a boca sobre seus lábios—. Desejo-a na cama. Desejo me colocar dentro destas roupas.

Ela não estava tão inconsciente para que essas as palavras francas não a sobressaltassem. Era o momento da decisão final. Sabia disso. Ele não a forçaria; isso também sabia. Havia toda sorte de perigos e implicações morais que a desanimavam a continuar. E depois de tudo, ele era pouco mais que um desconhecido. Quase não sabia nada dele. Seguramente lamentaria se cedesse à tentação, que tinha combatido corajosamente na noite anterior.

Mas também sabia, e viu isso nos poucos segundos que deixou passar para responder a ele, que lamentaria sempre, se não tivesse a ousadia de levar sua aventura até suas ultimas conseqüências. Podia passar essa noite com Lucius Marshall se quisesse. Ou podia passar a noite dando voltas e mais voltas virtuosamente em sua cama solitária e lamentar eternamente haver dito que não.

Além disso, dizer não a transformaria em uma coquete tentadora. Já tinha ido muito longe, muito longe para simular que acreditava que se satisfariam com um simples beijo.

—Sim —disse, captando um tom rouco, entrecortado, em sua voz, como se fosse outra pessoa — é o que desejo também.

Foi um alívio haver dito essas palavras, ter reconhecido seu desejo, sua liberdade de escolha.

Sua loucura.

Ele voltou a estreitá-la e separou os lábios sobre os dela.

—Será estupendo —prometeu—. Esta será uma noite para recordar, Frances.

Ela não duvidou nem por um instante.

Não levavam nenhuma vela com eles quando entraram no dormitório dela, mas o fogo estava aceso na lareira; Wally tomou a iniciativa de acendê-lo sem que pedissem. O fogo ardia, esquentando o quarto e iluminando com sua luz as paredes, o teto baixo e a cama. Mas só quando entrou atrás dela no quarto e fechou a porta Lucius caiu em si do quanto tremendamente frio estava o salão de dança.

Ela virou-se para olhá-lo, seus olhos escuros carregados de desejo, os dentes enterrados em seu lábio inferior. Levantou os braços para rodear seu pescoço e ele passou os braços por debaixo dos dela e levantou as mãos para desfazer o severo coque de professora de escola que tinha na nuca. Baixou a cabeça e roçou ligeiramente seus lábios; ela soltou o lábio inferior e o beijou suavemente com os lábios entreabertos.

Isso não era sedução, disse-se ele, nem sequer meia sedução; ela estava muito bem disposta. E não era uma cínica diversão de um casal bem disposto para passar o tempo em uma noite ociosa. Embora ardesse por ela, se o obrigassem a expressar com palavras a potente atração que lhe provocava, estaria em sérias dificuldades. Normalmente não o atraíam nem as mulheres morenas nem as altas. Admirava às mulheres baixinhas, com cachos loiros; e gostava das recheadas, bem cheinhas e meigamente femininas. Gostava de pele muito branca, rosada. Mas Frances Allard não era nenhuma dessas coisas.

E mesmo assim, ardia por ela como não tinha ardido por nenhuma outra mulher antes.

Com seus ágeis e experientes dedos tirou seus grampos e os cabelos caíram em cascata pelos ombros, abundantes, sedosos e brilhantes à luz do fogo do lareira, e quase até a cintura. Emolduravam seu rosto estreito fazendo-a parecer uma Madonna renascentista. Nesse momento não conseguia imaginar uma mulher mais bonita e mais desejável. Deslizou a mão pelos cabelos, enrolando-os entre seus dedos para segurar sua nuca e manter o rosto inclinado para o dele.

—É precioso —comentou—. E entretanto o mantém cruelmente oculto. Isso é um crime contra a humanidade.

—Sou professora de escola —repôs ela, depositando ligeiros beijos em sua mandíbula e queixo.

—Não esta noite —disse ele, apoderando-se novamente de sua boca—. Esta noite é minha mulher—. Prendeu todo o lábio superior dela com a boca, sugando-o.

Ela jogou a cabeça para trás e o olhou nos olhos, os seus ardentes de desejo.

—E esta noite você é meu homem.

Bom. Sentiu-se endurecer de excitação.

—Sim, esta noite —disse, beijando seus olhos fechados, beijando novamente os lábios, beijando o

oco na base da garganta—. Por esta noite, Frances.

Tirou o xale dela, atirou-o para o lado e começou a desabotoar seu vestido pelas costas. Sentiu-a estremecer, apertada contra ele e enredando os dedos em seus cabelos. Mas sabia que esses estremecimentos não eram de frio.

Introduziu uma mão por debaixo da suave lã de seu vestido, depois a outra. Sentiu sua pele quente e suave, ligeiramente umedecida pelo desejo. Baixou-lhe o vestido pelos ombros e pelos braços até que o objeto caiu no chão por seu próprio peso. Por baixo vestia regata, mas não espartilho; talvez isso explicasse por que ele tinha pensado que tinha os peitos muito pequenos, até que colocou as mãos neles na sala de festas. Não eram voluptuosos, mas sim sedutoramente femininos. Apartou-a um pouco para olhá-la inteira.

Tinha as pernas longas, esbeltas, belamente formadas. E com os cabelos muito escuros ao redor, parecia mais jovem.

Fazendo uma lenta inspiração foi até a cama e jogou para trás as mantas.

—Sente-se na cama.

Enquanto ela se sentava colocou as mãos em seus ombros e se inclinou beijar-lhe o ombro na curva com o pescoço. Cheirava sedutoramente a sabão e a mulher.

Fincou um joelho no chão, colocou um pé dela sobre o outro joelho e começou a tirar-lhe a meia, enrolando-a para baixo até tira-la pelo pé. Inclinou-se para beijar a parte interna do joelho e continuou para baixo deixando uma trilha de beijos pela bem torneada panturrilha até o tornozelo e calcanhar.

—Ah, sim—disse ela, com essa mesma voz rouca, entrecortada, que tinha ouvido antes.

Levantou a cabeça para lhe sorrir. Mas ela estava inclinada para trás, com as mãos apoiadas para trás sobre a cama e os olhos fechados. Todo seu maravilhoso cabelo caía sobre a cama estendendo-se sobre o branco lençol de baixo.

Tirou-lhe a outra meia da mesma maneira. Quando ele se levantou para tirar a roupa, ela se estendeu na cama; mas não fechou os olhos nem desviou o rosto. Ficou com os braços estendidos soltos ao lado do corpo, a cabeça meio voltada para ele, uma perna estirada e a outra ligeiramente flexionada, a planta apoiada inteira na cama. Foi difícil não arrancar a roupa apressadamente para unir-se a ela o mais breve possível. Mas com essa intenção tirou lentamente a jaqueta, deixou-a cair no chão, e o mesmo fez com o colete. Desenredou-se da gravata, atirou-a também, e depois tirou a camisa pela cabeça e a atirou em cima do resto.

À luz do fogo viu os seios dela subindo e descendo, marcado na regata. Tinha os lábios entreabertos.

Sorriu-lhe e foi até a lareira para pôr mais carvão; depois voltou para junto da cama e tirou o resto da roupa.

Voltou a sorrir quando ela cruzou os braços diante do corpo, segurou a regata, a tirou pela cabeça e a deixou cair pela beirada da cama. Isso respondia a uma interrogação. Tinha pensando se devia permitir-lhe conservar essa barreira de pudor pelo menos até que estivessem os dois colocados sob as mantas.

Era curioso que só no dia anterior a tivesse achado magra e pouco atraente. Essa noite sua beleza era tão perfeita em todos os detalhes que lhe tirava o fôlego. Ela levantou os braços para ele.

—A cama é muito estreita —disse.

—Mas para que iríamos querer uma mais larga? —perguntou ele jogando-se em seus braços e passando um braço por debaixo dela para beijá-la. — Nos sobraria a metade.

—Devo repetir o que me disse antes respeito à valsa —disse ela, introduzindo os longos dedos de uma mão por seu cabelo—. Tenho que confessar que minha experiência neste tipo de atividade é gravemente limitada.

—Ou talvez inexistente? —disse ele beijando-lhe a ponta do nariz e olhando-a nos olhos.

—Algo assim.

Mordiscou o lóbulo da orelha.

—Eu não tinha nenhuma experiência em cortar batatas.

—Mas ficaram deliciosas.

—Exatamente o que quero dizer —disse ele, soprando dentro de sua orelha.

Ela buscou sua boca para beijá-lo outra vez, e imediatamente reascendeu com redobrada força a paixão que pôs prematuramente fim à valsa e os levou a esse momento. Beijou-a profundamente, explorando o interior de sua boca com a língua enquanto deslizava a mão por seu corpo, acariciando-a, atormentando-a, excitando-a. Ela correspondeu as carícias com suas esbeltas mãos de dedos longos e finos, suave e timidamente no princípio, e logo com mais ousadia, urgência e avidez.

Continuaram acariciando-se, beijando-se, saboreando-se e excitando-se com frenético ardor, ofegantes, até quando ele fechou a boca sobre um mamilo e o sugou, deslizando ao mesmo tempo a mão por entre suas coxas até encontrar seu quente e molhado centro de desejo, e começou a explorá-lo, esfregá-lo e arranhá-lo ligeiramente com os dedos; então ela rodou até ficar de costas e ele montou em cima, esmagando-a com seu não pouco considerável peso. Não teve que pedir que ela abrisse as pernas; ela as abriu e levantou, abraçando seus quadris com as esbeltas e fortes coxas e entrelaçando as pernas com as dele. Então ele passou as duas mãos por debaixo dela, acomodou a posição e a penetrou, firmemente, e com a maior lentidão que foi possível.

Mas não permitiu a ele fazer concessões a sua virgindade. Arqueou-se, apertando-se contra ele até que ele rompeu a barreira e enterrou-se até o fundo nela com mais força do que pretendia. Pressionou suas nádegas, enterrando-o mais. Estava ofegante.

Sentiu-a estreita, quente e molhada. Sentiu vibrar o sangue por todo o corpo e ouvia os batimentos do coração como golpes de um tambor nos ouvidos. Ficou muito quieto, tratando de dominar-se.

— Fique tranqüila —sussurrou, beijando-a na boca—. Com calma. Quero agradá-la , Frances, não sair disparado como um pirralho em sua primeira excursão.

Surpreendentemente e deliciosamente, ela riu. Sentiu os estremecimentos de sua risada por todo seu corpo, e a pressão de seus músculos internos ao redor de seu membro.

—Está me dando prazer —disse ela—. Sim, Lucius, de verdade.

Silenciou-a com um beijo. Mas a risada dela tinha dissipado algo do frenesi de sua união, e conseguiu mover-se dentro dela com investidas lentas, ela fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e relaxou os músculos. Continuou assim durante vários minutos, sentindo-a cada vez mais lubrificada, até que os suaves murmúrios e as sensações o foram levando mais e mais perto de seus limites.

Mas não queria mudar o ritmo ainda. Não queria perder o prazer da espera do prazer, e ela era uma parceira de cama magnífica, sensível, apaixonada. Passado o primeiro minuto ela tinha começado a mover-se com ele, segurando o ritmo de suas investidas com seus músculos internos e complementando-os. Movia lentamente os quadris, em círculos, produzindo nele um prazer tão delicioso que quase beirava a dor.

Tinha tido experiências com cortesãs que eram menos hábeis.

E de repente ela se descontrolou e começou a gemer suavemente com cada investida, contraindo os músculos com mais força e sem ritmo. Ele sentiu mais quente seu corpo e mais úmido pelo suor; ouvia suas respirações entrecortadas e ofegantes. Ela o apertou mais com os braços e coxas.

Então ele investiu mais rápido, com mais força, e mais profundo.

Era impossível que uma virgem chegasse ao orgasmo na primeira vez; era excepcional que uma mulher tivesse um orgasmo alguma vez. Essas duas afirmações ele tinha ouvido de outros homens, claro. Frances Allard demonstrava que estavam equivocados.

De repente ela chegou a um surpreendente orgasmo; primeiro todos os músculos do seu corpo contraíram-se, depois ela gritou e estremeceu violentamente em seus braços, e ele deixou de mover-se. Foi um presente extremamente maravilhoso vê-la remontar a crista da onda e depois sua estremecida descida ao outro lado. Foram raras as vezes em que isso tinha ocorrido com ele, embora tenha conhecido muitas mulheres que chegavam a valentes extremos fingindo.

Esperou até que ela ficou em silêncio e quieta, e então reatou suas investidas em busca de seu próprio prazer, penetrando-a e saindo uma e outra vez até que chegou o maravilhoso momento de liberação.

Depois suspirou com a boca colada na bochecha dela e relaxou, pondo todo seu peso sobre seu

quente e acolhedor corpo.

Esse foi, pensou depois de alguns minutos quando rolou para um lado e a segurou em seus braços, um digno final para uma aventura, ou como quer a chamasse, que tinha sido estranha e imprevisível do primeiro momento.

Sua mente, entretanto, rechaçou a idéia de que esse fosse o final.

Amanhã pensaria nisso, decidiu.

Frances descobriu que estava apaixonada até as sobrancelhas por Lucius Marshall, justamente o cavalheiro antipático e mal-humorado do dia anterior. Sorriu com a boca colada ao ombro dele. Quase riu em voz alta.

Claro que com sua inteligência sabia que não estava absolutamente apaixonada, não. Em todo caso, não estava da maneira como nesses fabulosos e duradouros romances que alguém ouve falar ou lê de vez em quando. Afinal, acabava de conhecê-lo, e não sabia nada dele. Mesmo que ele estivesse inteirado sobre vários detalhes de vida dela, havia dito muito pouco a respeito da sua. O que tinham compartilhado e estavam compartilhando essa noite era inteiramente físico; era luxúria pura e dura. Não tinha a menor ilusão sobre isso. E não tinha nenhuma vergonha em reconhecê-lo. Possivelmente se envergonharia depois, mas não nesse momento, não, de maneira nenhuma. Nesse momento estava muito feliz de aceitar a situação em sua realidade.

Deitada na estreita cama com ele, com os braços e pernas entrelaçados, ele dormindo e ela tentando não dormir, fez suas reflexões com as emoções, não com o intelecto.

Desejava, e tentava com toda sua vontade, apegar-se ao momento, desfrutar, deleitar-se com a sensação de estar apaixonada e de ter sido amada fisicamente da maneira mais gloriosa do que jamais poderia ter imaginado.

Supôs que o ato de amor fosse doloroso. E sim, sentiu dor quando ele a penetrou e um ou dois minutos depois quando ele começou a mover-se dentro dela. Também tinha suposto que ia se sentir horrivelmente envergonhada. Como não, considerando o que realmente tinha ocorrido? Mas a verdade era que não tinha sido nem doloroso nem vergonhoso.

Tinha sido, isso sim, a experiência mais maravilhosa de sua vida.

E continuava maravilhosa. Sentia-se quentinha e cômoda. Sentia seus fortes braços ao redor dela e uma potente perna colocada entre as suas. Sentia seu musculoso e duro corpo colado ao dela, seus seios esmagados no peito dele com seu ligeiro pêlo. Cheirava sua colônia, seu suor, sua masculinidade, e não conseguia imaginar que existisse algum perfume mais sedutor.

Estranho pensamento!

Aconchegou-se mais contra ele e colocando a cabeça no agradável oco sob seu queixo, o que provocou um sonolento grunhido de protesto, considerou que era positivo o fato de que nunca teria

ninguém com quem compará-lo. As oportunidades de casamento, e inclusive as oportunidades de amores não sérios, não se apresentavam com muita freqüência às professoras de escola. Em outra época tivera a oportunidade de fazer um bom casamento, inclusive um feliz, mas isso já estava muito longe no passado.

Queria continuar acordada, não porque não estivesse cansada, mas sim porque essa noite era algo que teria que durar pelo resto de sua vida. Cada vez que passava por sua mente a idéia de que a próxima noite estaria de volta em sua cama na casa de Daniel Street em Bath, sentia pontadas de terror na base do estômago.

Se não dormisse, talvez a noite não acabasse nunca.

Que tolice!

Mas a tragédia, o conhecimento certo da terrível desolação que viria, estava justamente sob a superfície de sua sonolenta felicidade.

Pensaria nisso manhã, quando não tivesse mais remédio.

—Está com frio? —perguntou uma voz rouca e sonolenta.

O fogo se apagou há algum momento, mas ela se sentia muito bem e quentinha onde estava.

—Não.

— É uma lástima, porque poderia pensar em alguma maneira de esquentá-la se tivesse frio.

—Estou congelada— assegurou-lhe ela, rindo em voz baixa.

—Mente descaradamente, senhora —disse ele—, mas eu gosto de seu ânimo. Suponho que agora tenho que pensar em alguma maneira de esquentá-la e de me esquentar. Sem dúvida pode notar que estou tremendo de frio também. Alguma sugestão?

Ela tirou a cabeça de seu quente refúgio e o beijou na boca. Ele tinha uma boca formosa, larga e firme, com promessas deliciosas de todo tipo.

—Mmm —murmurou ele—. Continue pensando.

Não era só seu atrativo físico, pensou ela, embora disso tivesse toneladas e toneladas, e que nesse dia tinha descoberto engenhosidade, humor e inteligência nele e ela começou a gostar dele como pessoa, além de admirá-lo como homem. Em outras circunstâncias poderiam ser amigos talvez, se houvesse mais tempo. Mas tempo era algo que não tinham. Ao menos não muito, só o resto da noite.

Levantou-se apoiada no cotovelo para beijá-lo mais conscienciosamente, mas de repente duas fortes mãos a seguraram pela cintura, levantaram-na e a mantiveram no alto enquanto ele ficava de costas e se movia até o centro da cama; depois a depositou em cima dele.

—Assim está melhor —disse ele—, como uma formosa e quente manta.

Subiu as mantas até cobrir as cabeças dos dois e depois a beijou longamente, fazendo círculos com a língua ao redor da dela, explorando o interior de sua boca e depois simulando o ato sexual.

Ai, ficaria o resto da noite assim, pensou ela.

Liberou a cabeça para beijá-lo, lambe-lo e mordiscar a curva do seu pescoço, apoiou as mãos abertas sobre seus ombros para afastar-se um pouco e poder roçar seu peito com seus seios e mamilos.

—Mmm —murmurou.

—Tirou as palavras da minha boca — disse ele. Então ela abriu as pernas e apoiou os joelhos na cama para ficar escarranchada em cima dele e ter mais liberdade de movimento para acariciá-lo, apalpá-lo e explorá-lo com mãos, dedos e unhas, lábios, língua e dentes. Ele ficou imóvel e a deixou fazer, só reagindo com roucos grunhidos apreciativos. E então ela sentiu o membro dele inchar e endurecer contra o seu abdômen e se esfregou contra ele até parecer que alguém tinha aceso dez fogueiras no quarto.

Foi maravilhosamente excitante sentir seu poder sobre ele, saber que voltariam a fazer o amor e que ela o dirigiria.

Mas finalmente ele interveio abrindo as mãos sobre seus quadris, colocando-a em posição sobre sua dura ereção e baixando-a. Mas esse último não foi necessário, porque ela fez pressão até ficar uma vez mais cheia com ele.

Gloriosa e maravilhosamente cheia.

Inclinou-se sobre ele, com os cabelos caindo sobre os dois, e o olhou nos olhos, apenas visíveis a tênue claridade que entrava pela janela; novamente apoiou parte de seu peso nos joelhos, estendeu as mãos sobre seu peito e começou a mover-se, subindo e baixando, gerando outra vez o embriagador ritmo do amor.

—Ah, sim —sussurrou ele—, me cavalgue Frances.

Ela achou surpreendente e erótica essa imagem. Mas sim, ela o cavalgou, subindo e descendo uma e outra vez, e outra vez, até que não pôde continuar e teve que render-se às mãos dele, que voltaram a segurar seus quadris e a mantiveram quieta enquanto ele se arqueava e investia, rápido e profundo, até o momento em que ficou ali firme, muito dentro, enquanto algo no centro dela explodia em um prazer perfeito e depois numa paz perfeita.

Continuou ajoelhada tal como estava até que ele chegou a seu orgasmo e ejaculou, e então se deitou sobre ele, com as pernas estiradas aos lados das dele. Voltou a subir as mantas e a envolveu em seus braços.

Continuavam unidos.

Isso era felicidade, pensou ela sonolenta. Não alegria, mas «felicidade».

E amanhã...

Mas felizmente dormiu.

Capítulo 6

Peters e Thomas tinham saído quando Lucius chegou ao térreo, mesmo que ainda faltasse bastante para amanhecer. Voltaram pouco depois dele chegar ao estábulo, e vinham com a notícia de que a neve derreteu bastante e o caminho já estava transitável, se procedessem com extrema cautela. Mas o carro da senhorita Allard continuava enterrado em um monte de neve, disseram. Seria necessário pedir ajuda, e levaria a maior parte do dia levantá-lo, secá-lo e revisá-lo para estar em condições de circular por uma estrada.

—Embora se poderia dizer, chefe, que nunca esteve nessas condições nos últimos trinta anos mais ou menos —acrescentou Peters, sem poder resistir.

Carrancudo, Thomas resmungou sobriamente que não teria acontecido nada de mal com seu carro se certo jovem descarado, cujo nome preferia não mencionar, para o bem da paz, não o tivesse ultrapassado quando não devia e depois tivesse parado seu carro bruscamente no meio do caminho. E em sua época, acrescentou, os carros eram feitos para que durassem.

Se esse carro não fosse tão lento que em vez de avançar parecia retroceder, replicou Peters, e que a essa velocidade não era capaz de parar atrás de outro carro sem patinar, cair e afundar-se em um montão de neve, isso queria dizer que já era hora de seu chofer, cujo nome preferia não mencionar, para o bem da paz, aposentar-se.

Lucius os deixou envolvidos com a briga sem fazer-se de mediador; voltou para a estalagem e entrou na cozinha. Frances já estava la, mergulhada no trabalho preparando o café da manhã.

A realidade o golpeou como um soco no estômago. Não fazia muito tempo, tinha tido esse esbelto corpo nú em seus braços.

—Se quiser — disse ele, depois de dar a notícia a respeito de seu carro—, ficaremos aqui outro dia. Certamente amanhã já estará resgatado e em condições de circular.

A sugestão tinha seu atrativo, embora o mundo os encontraria em algum momento durante o dia, mesmo que não se movessem dali. Os aldeãos viriam por sua cerveja; os Parker retornariam de suas férias. Não havia maneira de recuperar o encanto do isolamento do dia anterior, nem da paixão dessa noite.

O tempo tinha avançado, como sempre fazia, inexoravelmente.

Ela pareceu duvidar, mas ele quase viu passar por sua mente os mesmos pensamentos e chegar à mesma conclusão.

—Não —repôs ela—. Devo voltar para a escola hoje, da maneira que for. As meninas voltam hoje e amanhã começam as aulas. Tenho muitíssimo trabalho para fazer. Vou ver se pára alguma diligência em alguma parte do povoado.

Não o olhava nos olhos, observou ele. Mas tinha a face rosada e os lábios estavam brandos e ligeiramente inchados, e em toda ela havia algo mais quente e feminino do que o normal. Tinha o aspecto de uma mulher que fez amor delicadamente durante toda a noite.

De novo se sentiu um pouco excitado ao vê-la. Mas por desgraça essa noite já tinha passado e acabado. Talvez não devesse ter acontecido, embora, claro, ele tivesse tido um certo trabalho em procurar que acontecesse. E dizer que tinha desfrutado do resultado de seu trabalho seria muito pouco.

Simplesmente era hora de seguir adiante.

—Não passa nenhuma—disse— Perguntei ao Wally. Mas se estiver disposta a deixar Thomas aqui para que se ocupe do carro e amanhã o leve de volta a seu destino, pode vir comigo esta manhã. Eu a levarei ate Bath.

Então ela o olhou nos olhos e seu rubor se acentuou.

—OH, não posso pedir isso a você. Bath deve estar muito fora de seu caminho.

Estava. E mais ainda, como não era possível recuperar o ontem, e na realidade não queria prolongar esse encontro além de seu fim natural. O melhor seria que nessa manhã pudessem beijar-se e despedir-se alegremente e depois partir cada um para seu lado. Tudo acabaria em menos de uma hora mais ou menos.

—Não fica muito longe —disse—. E não me pediu isso, não é? Acredito que devo me certificar de que chegue sã e salva a seu colégio, Frances.

—Porque se sente responsável pelo que aconteceu com meu carro?

—Que tolice! Se Thomas fosse meu criado o encarregaria de arrumar o jardim no rincão mais remoto de minha propriedade, onde ninguém se importaria se tirava as flores e deixava as ervas daninhas. Se alguma vez foi um chofer competente, isso foi há vinte anos pelo menos.

—Sempre foi um criado muito leal de minhas tias avós —disse ela—. Não tem nenhum direito de...

Ele levantou uma mão para calá-la, deu um passo em sua direção e se aproximou beijando-a profundamente na boca.

—Eu adoraria ter uma boa briga com você outra vez. Recordo-a como uma digna inimiga, mas prefiro não perder a possibilidade de uma viagem agradável. Quero levá-la pessoalmente a Bath para não ter que me preocupar se chegará sã e salva.

Os caminhos podiam estar transitáveis, mas não tinha dúvida de que ainda havia perigo. Neve, barro, atoleiros de neve meio derretida, o que estavam destinados a encontrar, e era provável que topassem com tudo isso antes que acabasse a viagem; seria um trajeto difícil. Sim, ele se preocuparia se soubesse que ia sozinha com o velho Thomas conduzindo um carro mais que desmantelado. Nem sequer no dia seguinte os caminhos apresentariam um aspecto melhor.

Bom Senhor!, pensou de repente. Não teria se apaixonado por ela, não é? Diabos, isso sim é que seria estúpido.

Acabava de prometer a seu avô que começaria cortejar seriamente a uma noiva adequada, e em

seu mundo uma noiva adequada significava uma mulher conectada com a aristocracia, uma mulher criada do berço para fazer o importante papel de condessa de Edgecombe.

Uma mulher perfeita em tudo.

Uma mulher como Porta Hunt.

Não uma mulher como uma professora de escola de Bath que ensinava música e francês.

Uma dura realidade, sim, mas realidade de todos os modos. Era assim que funcionava seu mundo.

—Agradeço muito, então —disse ela e girou para terminar de preparar o café da manhã—. Obrigada.

Estava fria e reservada essa manhã, além do rubor de suas bochechas e dos lábios inchados. Estaria lamentando o que ocorreu na noite passada? Mas não perguntaria. Que sentido podia ter lamentar o que aconteceu? E estava claro que ela não lamentou enquanto ocorria. Tinha-o amado com avidez e entusiasmo, pensamento que era melhor não continuar tendo.

Então desejou que passasse uma diligência pelo povoado. Precisava afastar-se dela.

Mas menos de uma hora depois, tendo tomado o café da manhã e lavado os pratos, e deixado dinheiro e instruções a Thomas e um bom dinheiro a Wally por sua estadia na estalagem, o carro de Lucius empreendeu a marcha para Bath com Frances Allard de passageira.

Houve certa discussão, logicamente, sobre quem devia fazer os pagamentos. Ele se impôs, mas sabia que ceder tinha sido doloroso e humilhante para ela. Se sua hipótese era correta, e quase estava seguro de que era, ela não possuía grandes riquezas. Seu orgulho estava ferido, sem dúvida. Ia sentada rígida e em silêncio, e assim continuou durante a primeira e segunda milha, olhando pela janela de seu lado.

De repente Lucius se surpreendeu desejando poder reviver o dia anterior outra vez, exatamente como foi, com a exceção talvez da tarde, que desperdiçaram mantendo-se separados, com a inútil intenção de evitar o que provavelmente tinha sido inevitável desde o instante em que se conheceram. Devia fazer anos que não brincava como brincou com ela na neve pelo puro e simples prazer de brincar. Fazia anos que não dançava voluntariamente. Na verdade, não recordava ter dançado voluntariamente alguma vez antes dessa noite. E continuava sentindo-se relaxado e satisfeito depois dessa noite de bom e vigoroso sexo.

Maldição, mas ainda não estava preparado para dizer adeus a ela. E por que tinha que dizer adeus? A temporada não começaria a sério até depois da Páscoa. Até então não era muito o que podia fazer para cumprir sua promessa. E face ao que pareciam acreditar sua mãe e suas irmãs, ainda não estava comprometido com Porta Hunt. De fato, sempre havia tido extremo cuidado, na presença dela, na presença de Balderston, seu pai, e muito especialmente na presença de lady Balderston, de não comprometer-se de maneira nenhuma, de não dizer nenhuma só palavra que

pudesse ser interpretada como uma proposição de matrimônio. E nem sequer tinha prometido a seu avô que ela seria a escolhida.

Portanto, sua honra não estava em jogo. Ainda não, em todo caso. Não tinha sido infiel a ninguém essa noite. Então, por que devia despedir-se?

Estava procurando justificativas, claro. Sabia disso. Não havia nenhum futuro realista para ele e Frances Allard. Mas de todos os modos continuou tentando idealizar um.

Tinha pouca experiência em não conseguir o que desejava.

E por que demônios não podia passar uma diligência pelo povoado?

Ou por que ela não disse simplesmente que esperaria sozinha na estalagem até que o carro de suas tias avós estivesse preparado no dia seguinte? Ele não aceitaria deixá-la só na estalagem, estava segura. E, a verdade seja dita, não suportaria ficar só ali, vendo o carro dele se afastar até o perder de vista. O vazio da estalagem, o silêncio, teriam sido insuportáveis.

Embora isso aconteceria em Bath. Esse pensamento lhe provocou uma dolorosa opressão no estômago que a fez lamentar ter tomado o café da manhã.

A melhor solução, logicamente, teria sido despedir-se essa manhã depois do café da manhã e cada um ter tomar um carro distinto e seguir na mesma direção durante um tempo. Embora muito em breve o carro dele teria ultrapassado ao dela. Mas, em todo caso, tinha tido essa opção.

Ah, não havia nenhuma maneira fácil de dizer adeus.

Que demônio a havia possuído noite passada? Jamais em sua vida estivera nem perto de ceder a essa tentação.

Entregou-se a um desconhecido. Fez amor com ele e passou toda noite na cama a seu lado. Fizeram amor três vezes, a terceira, ardente, rápida e maravilhosa, pouco antes dele levantar e sair de seu quarto, vestido só com as calças e o resto das roupas na mão.

E agora ia ter que sofrer todas as consideráveis conseqüências emocionais. Já estava sofrendo e ainda estava com ele. Sentia seu corpo junto ao dela no assento. Sentia o calor de seu corpo em todo lado direito. Mas era o final. Depois, quando acabasse essa lenta e triste viagem através dos campos nevados, que o dia estivesse cinza em lugar de branco, se despediriam para sempre e não voltaria a vê-lo nunca mais.

E como se não fosse suficiente a depressão e a pena, mais acima estava o nervosismo que a atacava cada vez que as rodas do carro patinavam na lamacenta superfície do caminho, e isso ocorria quase a cada momento, por isso nas primeiras milhas seu nervosismo foi constante, até que Lucius Marshall colocou a mão por debaixo da manta que lhe cobria a saia, tirou-lhe a mão direita do rolo de pele, a segurou firmemente em sua mão e entrelaçou os dedos aos dela.

Quase chorou ao sentir seu quente e consolador contato.

—Peters não é o mais submisso dos criados —disse ele—, mas é o melhor chofer que conheço. Confiaria e confio a ele, minha vida.

—Acredito que a sensação de patinar e depois cair para trás fora do caminho e me encontrar inundada em muita neve vai aparecer em meus pesadelos durante muito tempo.

—Mas se não tivesse acontecido isso não teria me conhecido.

Estava-a olhando, sabia, mas não viraria a cabeça para ver sua expressão. Havia dito isso mesmo no primeiro dia. Só foi anteontem? Mas nessa ocasião disse com antipática ironia.

—Não —disse—. Não o teria conhecido, não é? Que terrível seria isso.

—Esta vendo? —riu ele— Esqueceu-se do nervosismo por um momento para me deixar sem graça. Ou falou sério? Ela riu também, para seu pesar.

Depois disso grande parte do seu nervosismo desapareceu e também a tensão que havia entre eles desde o momento em que ele entrou na cozinha essa manhã. Continuaram de mãos dadas e passado um momento deu-se conta de que tinha o ombro apoiado nas grossas capas de seu casaco. Abaixo delas sentia o calor e a força de seu braço.

Dentro de uns dias faria escrever um ensaio a suas alunas, pensou. Não, um relato, mas não sobre o aborrecido tema de como passaram o Natal, coisa que talvez elas esperassem, mas algo um pouco mais criativo. «Agora cada uma ia imaginar que voltava sozinha ao colégio depois das férias de Natal, encontrando-se em meio de um temporal de neve e ficando isolada em uma estalagem rural abandonada com uma só pessoa por companhia. Escrevam a história.»

Marjorie Phillips molharia sua pluma no tinteiro e, sem mais, inclinaria-se sobre o papel e não se endireitaria até ter escrito umas dez páginas com letra bem apertada e linhas muito juntas. Joy Dentuço faria quase o mesmo. Sara Ponds levantaria a mão para recordar à senhorita Allard que ela não saiu do colégio antes do Natal e portanto não voltou depois. O resto das meninas franziriam o cenho, com suas imaginações inativas ou inclusive inexistentes, calculando se ela notaria que só enchiam uma página, escrevendo com letra grande e alargada e em linhas bem espaçadas. Sorriu afetuosa ao pensar. Todas essas meninas eram preciosas. Mas não foi fácil distrair seus pensamentos durante esse longo trajeto.

Pararam umas quantas vezes para trocar os cavalos, e uma vez para um almoço de quase uma hora, mas o resto do tempo passaram sentados juntos dentro do carro, sem falar muito, de mãos dadas, as coxas e braços tocando-se, em alguns momentos a cabeça dela inclinada, apoiada no ombro dele. Uma vez que adormeceu, comprovou ao despertar que ele também tinha adormecido, com a bochecha apoiada em sua cabeça.

Novamente sentiu vontade de chorar. Tinha oprimido e dolorido o peito de tanto reter as lágrimas.

Um momento depois disso, quando lhe pareceu que deviam estar não muito longe de Bath,

passou um braço pelos seus ombros, virou-a para ele, levantou-lhe o queixo com o oco entre o indicador e o polegar, e a beijou.

Sentiu sua boca tremendamente quente, comparada com o ar frio. ouviu-se gemer brandamente, rodeou-lhe o pescoço com o braço e correspondeu o beijo com todas a ânsia que sentia.

—Frances —murmurou ele depois de um longo, longo beijo—. Frances, que demônios vou fazer com você ?

Ela se afastou, endireitou-se no assento e o olhou receosa.

—Acredito —continuou ele— que deveríamos nos perguntar se e verdadeiramente necessário nos dizer adeus quando chegarmos em Bath.

Suas palavras eram tão iguais às que tinha sonhado ouvir todo o dia que o coração deu um pulo de dolorosa esperança.

—Dou aulas lá—disse—. Você tem sua vida em outra parte.

—Esqueça as aulas —disse ele. Seus olhos brilhavam com intensa temeridade—. Venha comigo.

Ela franziu o cenho, e seu coração acelerou tanto que a impedia de respirar.

—Ir com você? Aonde?

—Em qualquer lugar que decidamos ir. Temos todo o mundo para escolher. Venha comigo.

Ela apoiou os ombros no rincão do assento, para pôr mais distância entre eles e poder pensar com clareza.

«Temos todo o mundo para escolher.»

Isso sim era uma temeridade.

—Não sei nada sobre você, além de seu nome.

E entretanto uma parte dela, essa parte igualmente temerária que dançou a valsa com ele, que se deitou com ele essa noite, sem pensar nas conseqüências, desejou dizer sim, sim, sim, sim, e partir com ele aonde ele quisesse levá-la, ao fim do mundo se fosse necessário. Preferivelmente la, na realidade.

—Nem sequer sabe meu nome completo —disse ele. Fez-lhe uma meia reverência com um amplo gesto da mão—. Lucius Marshall, visconde Sinclair, para servi-la, Frances. Minha casa é Cleve Abbey, em Hampshire, mas passo a maior parte do tempo em Londres. Venha para Londres comigo. Sou tremendamente rico. A vestirei de cetim e a cobrirei de jóias. Jamais faltará nada a você . Jamais terá que dar outra aula em sua vida.

Visconde Sinclair... Cleve Abbey... Londres... riqueza... cetim e jóias.

Ficou olhando horrorizada, desvanecida sua euforia inicial e com ela o romântico sonho que havia nublado sua mente desde essa noite, ou talvez antes.

Ele não era simplesmente um cavalheiro quase anônimo com o qual ela talvez pudesse desaparecer na escuridão e ser feliz para sempre, embora essa realidade fosse um sonho infantil

impossível; ninguém é anônimo e nem sequer quase anônimo. Quem quer que ele fosse, tinha uma família, uma história, uma vida em alguma parte. Não era um príncipe de conto de fadas. E não existia aquilo de felizes para sempre.

Mas a realidade era muito pior do que esperava ou supunha. Ele era o visconde Sinclair de Cleve Abbey, e tremendamente rico...

—Visconde Sinclair —disse.

—Mas também Lucius Marshall. As duas pessoas são uma e a mesma.

Sim.

E não.

Morreu um sonho impossível e o viu como era: um aristocrata impulsivo e temerário, acostumado a tratar tudo com fria realidade, sobretudo no que se referia as mulheres.

Mas talvez a realidade nunca tenha sido fria para ele.

—Esqueça que tem um trabalho — insistiu ele—. Venha comigo para Londres.

—Talvez eu goste de ensinar.

—E talvez os presidiários gostem de suas celas.

Essas palavras a indignaram e franziu o cenho. Recordaram-lhe que esse era o mesmo homem que a enfureceu somente ha dois dias com seu comportamento arrogante e despótico.

—É insultante essa comparação —disse.

Mas segurou suas mãos e beijou docemente uma palma e depois a outra.

—Nego-me absolutamente a brigar com você. —disse—. Venha comigo. Por que teríamos que fazer o que nenhum dos dois deseja? por que não fazer o que desejamos? Não posso me despedir de você ainda, Frances. E sei que você sente o mesmo que eu.

—Mas poderá na próxima semana, ou o próximo mês ou no próximo ano?

Ele a olhou fixamente, com as sobrancelhas arqueadas.

—É por isso que dúvida? Crê que quero fazê-la minha amante?

Ela sabia que sim.

—É matrimônio o que me propõe, então? —perguntou-lhe, sem poder evitar um tom de amargura.

Ele a olhou por um longo momento, ou ao menos pareceu longo, com expressão insondável.

—A verdade —disse ao fim—, e que não sei o que estou propondo a você, Frances. Simplesmente não suporto dizer-lhe adeus. Venha para Londres comigo e buscarei alojamento e uma mulher respeitável para que viva com você como dama de companhia. Poderíamos...

Ela fechou os olhos e desconectou os ouvidos para não ouvi-lo. Estava claro que ele não tinha tudo pensado. Mas claro, não tinha porquê. Não era a ele que pedia para abandonar tudo o que lhe deu segurança e sentido a sua vida durante três anos. Sua vida continuaria mais ou menos como

sempre, supunha, com a diferença de que teria uma nova amante, porque certamente era como amante que a queria. Ficou um pouco surpreso quando ela mencionou o matrimônio, como se fosse algo que não ouvira falar jamais.

—Não irei com você —disse.

Mas enquanto dizia essas palavras sabia que ainda poderia cair na tentação se não fosse por uma coisa: Londres era o único lugar da Terra aonde não poderia voltar nunca. Tinha-o prometido...

Havia algo mais também. Quando ele falou de vesti-la de cetim e cobri-la de jóias, disse-o em um tom tão parecido ao de outros homens que tinha conhecido em outro tempo, que ela não pôde evitar ver com esmagadora clareza a sordidez do futuro que a aguardava se cedesse a esse desejo de segurar-se em algo que a salvasse de despedir-se dele para sempre.

A idéia de não voltar a vê-lo nunca mais era quase insuportável.

Apertou suas mãos tão forte que doeram.

—Ficarei em Bath com você, então.

Seu coração deu um pulo de alegria por sua disposição de ser ele a fazer o sacrifício, mas isso durou só um instante. Não poderia. Ele era o visconde Sinclair de Cleve Abbey, um aristocrata rico e elegante. Vivia a maior parte do tempo em Londres. O que podia lhe oferecer Bath para que o retivesse ali indefinidamente? Se ficasse, simplesmente adiariam o inevitável. Não podia existir nenhum tipo de relação entre eles. E em Bath não podia existir entre eles nenhuma relação que o satisfizesse; relação sexual não, em todo caso, e nenhum outro tipo de relação o satisfaria. Era uma professora, pelo amor de Deus!

Simplesmente não havia nenhum futuro para eles. Algumas realidades são assim duras, e não há outro remédio senão aceita-las.

Negou com a cabeça, olhando as mãos, ainda seguras nas dele.

—Não. Prefiro que não fique.

—E por que demônios não! —exclamou ele, em voz mais alta e irritada do que o normal, a voz de um homem não era acostumado a que lhe negassem aquilo em que colocasse seu coração.

Ela tentou retirar as mãos, mas ele as prendeu firmemente, apertando os dedos até machucá-los.

—Os dois últimos dias foram muito agradáveis —disse, abandonando o jogo—, Ao menos ontem foi. Mas é hora de voltar para a vida normal, senhor Marshall, visconde Sinclair. E é para nós dois. Eu nunca serei sua amante e você nunca se casará comigo, nem eu com você, se for por isso. Não tem nenhum sentido, então, tentar prolongar o que foi simplesmente um agradável interlúdio em nossas vidas.

—Agradável—disse ele, em tom ainda mais irritado, francamente furioso, ensurdecedor—. passamos um dia em íntima companhia e uma noite juntos na cama, e isso foi «agradável», Frances?

—Sim, foi —disse ela, torcendo para que não falhasse sua voz—. Mas não é algo que possa se

repetir nunca. É hora de nos dizer adeus.

Ele a olhou longamente e depois soltou suas mãos. Seus olhos se apagaram, observou ela, e já não podia ler neles seus pensamentos nem seus sentimentos. Sua expressão tinha mudado de outras maneiras também; tinha as linhas da boca curvadas, mas não em um sorriso; tinha uma sobrancelha arqueada. Escondeu-se por trás de uma máscara de cínica brincadeira. Era como se já tivesse partido.

—Muito bem, senhorita Allard, parece que tinha razão a respeito de você desde o começo. Não é freqüente que me rechace uma mulher. Não é freqüente que a minha forma de fazer amor a condene com um elogio tão insípido como o qualificativo de «agradável». Não sente o menor desejo de continuar nossa relação, então? Muito bem. Acatarei seu desejo, senhora.

Nesse curto discurso se transformou em um aristocrata glacial e altivo que não se parecia em nada ao Lucius Marshall que a abraçou e amou essa noite.

Expressou-se mal, compreendeu.

Mas de que outra maneira poderia haver-se expresso quando em essência devia dizer o mesmo? Já não tinha nenhum sentido dizer a ele que sua forma de fazer amor tinha sido surpreendente, maravilhosa, que tinha o coração partido, que também choraria sua perda para o resto de sua vida.

Com toda certeza nenhuma dessas coisas eram certas, em todo caso. Eram certas esse dia, mas no dia seguinte seriam um pouquinho menos e na próxima semana menos ainda. Estava na natureza das emoções fortes que fossem minguando com o tempo. Sua experiência anterior a tinha ensinado isso.

Continuaram em silêncio até que finalmente, depois de uma eternidade, e também muito rápido, foram entrando na periferia de Bath.

—Está vendo? —disse ele, com uma voz tão normal que seu coração voltou a dar um pulo —. Eu disse que a deixaria sã e salva na escola.

—E o fez —disse ela sorrindo alegremente, embora ele não girou a cabeça para ver seu sorriso—. Obrigada. Não tenho palavras para expressar meu agradecimento por haver-se afastado tanto de seu caminho para me trazer.

—A senhorita Martin se sentirá aliviada ao ver que não faltará uma professora amanhã.

—Pois sim—disse ela, sem deixar de sorrir—. Esta noite vou estar ocupadíssima preparando as aulas para amanhã, e todas estarão clamando por me contar como passaram o Natal.

—E estará feliz de estar de volta ao trabalho —disse ele, e não era uma pergunta.

—Ah, sim, é obvio —assegurou ela—. As férias sempre são bem vindas e sempre são agradáveis, mas desfruto ensinando e tenho boas amigas na escola.

—As amigas são sempre importantes.

—Ah, sim —conveio ela alegremente. E assim desperdiçaram esses últimos minutos juntos, em um bate-papo alegre, artificial, sem substância, os dois evitando tocar-se e olhar-se nos olhos.

O carro virou para seguir pela Sydney Agrada, deu uma ampla volta no parque Sydney Gardens e continuou até tomar por Sutton Street e depois virar na Daniel Street, onde Peters se deteve diante de outro carro, do qual estavam descendo uns quantos passageiros e estavam baixando as bagagens, amontoando-as na calçada diante das duas elevadas e imponentes casas que formavam a escola da senhorita Martin.

—Hannah Swan, uma das alunas da classe das pequenas —murmurou Frances, como se pudesse interessar a ele.

Ele meteu a mão em um bolso e tirou um cartão de visita. Dobrou-o, o pôs na palma, fechou-lhe a mão sobre ele e levou a mão aos lábios.

—Talvez prefira que eu fique aqui para que não me vejam —disse—. Este é um adeus depois de tudo, Frances. Mas se precisar de mim, poderá encontrar-me no endereço de Londres que está no cartão. Virei imediatamente.

Ela tinha a vista cravada no botão que fechava o pescoço do casaco, mas então elevou a vista e o olhou nos olhos, olhos castanhos intensos, fixos. Não havia maneira de interpretar errado suas palavras, logicamente. Sua mandíbula estava dura e rígida.

—Adeus, Lucius —disse.

Peters já tinha aberto a porta e estava tirando fora os degraus.

—Se houvessem trazido mais bagagem nesse carro —comentou alegremente, fazendo um gesto com a cabeça para o veículo—, as molas de suspensão iriam arrastando pelo chão. Vai ficar aí, então, chefe? Esta com preguiça de descer para esticar as pernas? Bem, então. Me dê a mão, senhorita, e cuidado com o atoleiro.

Sem perder tempo ela virou e desceu com toda pressa até a calçada. Em um instante já a tinha tragado o alvoroço que rodeava o outro carro baixando baús do teto e entrando com eles na casa.

Baixou a cabeça e passou quase correndo pelo meio sem olhar para trás.

Capítulo 7

Embora a comoção no vestíbulo fosse enorme, estando Hannah Swan ali com seus pais, que estavam despedindo-se dela e exortando-a com todo tipo de conselhos de última hora, ao ancião porteiro, o senhor Keeble, faltou tempo para aproximar-se e saudar Frances com uma inclinação

de cabeça e uma piscada, e informá-la de que certas professoras chegariam a qualquer extremo para não voltar ao colégio nem um minuto antes do que deviam.

Também se aproximou Claudia Martin para dar-lhe as boas vindas com um tapinha no braço, e para dizer que se alegrava por vê-la sã e salva e prometer que já falariam depois.

Mas não estava em seu destino evitar mais efusivas boas-vindas, descobriu Frances. Antes que chegasse ao pé da escada se encontrou com outras duas alunas pequenas que desceram para receber Hannah e que a detiveram alguns minutos ali, tagarelando e rindo sem parar, lhe explicando algo sobre o Natal que ela quase não conseguiu entender. E uma vez lá em cima, assim que fechou a porta de seu dormitório , soltou os laços do chapéu para jogá-lo na cama e expulsou o ar das bochechas infladas, a porta voltou a abrir, depois de só uma débil batida, e entrou correndo Susanna Osbourne para lhe dar um exuberante abraço.

—Vagabunda, vadia! Deixou-nos duas noites sem dormir, a Aline e a mim, e até a senhorita Martin estava preocupada, embora insistia que sendo você tão sensata não ía arriscar-se e pôr-se em perigo. Imaginávamos transformada em um pedaço de gelo em meio de um montão de neve. Ah, que alívio vê-la aqui sã e salva.

Susanna era a mais nova das quatro professoras residentes do colégio. Pequena, de cabelo castanho avermelhado, olhos verdes, muito bonita e vivaz, era muito jovem para ser professora, embora na realidade só dava aulas ao curso das menores, e só há dois anos, depois que terminou seus seis anos como aluna da escola. Mas apesar de sua pequena estatura e aparência juvenil, tinha triunfado na difícil tarefa de ganhar o respeito e obediência das meninas que em outro tempo foram suas companheiras.

Frances correspondeu ao abraço rindo. Mas antes que pudesse dizer algo, agarrou-a em outro forte abraço Anne Jewell, outra das professoras.

—Assegurei a Susanna e também a Claudia, que você é tão sensata que não ia aventurar-se a partir da casa de suas tias avós com um tempo tão inclemente. Alegra-me saber que eu tinha razão, Frances. Embora, ainda assim, estava preocupada.

Todo mundo gostava de Anne, pessoal e alunas por igual. Loira, de olhos azuis e muito formosa, era também equânime, acessível, pormenorizada e simpática inclusive com as alunas mais humildes e menos inteligentes, em especial com estas, na realidade. Se tinha favoritas, estava acostumada a ser entre as alunas que não pagavam, que constituíam a metade do alunado. Mas sempre havia umas poucas meninas, de classe social mais elevada, que não perdiam oportunidade de comentar que a senhorita Jewell, acentuando significativamente a palavra «senhorita», tinha um filho pequeno vivendo com ela no colégio.

Nem Frances nem Susanna conheciam toda a história em relação à existência de David Jewell, embora sem dúvida Claudia sim. As quatro eram sinceras e firmes amigas, mas inclusive as amigas

têm o direito a guardar certos secretos. E quanto ao David, tinha uma babá somente para ele, assim como várias professoras particulares, e as meninas e o pessoal o adoravam e mimavam. De qualquer maneira, era um menino doce, encantador, e possuía muitíssimo talento artístico, segundo o senhor Upton, o professor de arte.

—Bom, estou muito bem, como podem ver —disse Frances—, embora tenha me atrasado dois dias e me assuste pensar no enorme trabalho que terei que fazer hoje. Fiquei com minhas tias avós até esta manhã, como era lógico, assim não tinham por que se preocupar. Enviaram-me aqui em seu próprio carro.

E às vezes as amigas têm direito a mentir entre elas.

Não suportava a idéia de lhes dizer a verdade. Não suportaria o olhar de compaixão que sem dúvida veria em seus olhos quando chegasse ao final da história.

—Tenha trabalho ou não, vai tomar o chá conosco, Frances —disse Anne firmemente—, para relaxar depois do que foi um dia exaustivo, estou segura. Não imagino que os caminhos estivessem muito bons, e não teve nada com que se distrair de além de contemplá-los. Mas não importa. Já está aqui sã e salva e Claudia ordenou que sirvam o chá em sua sala de estar dentro de dez minutos. Eu e a Susanna decidimos ser absolutamente generosas e não brigar com você pela poltrona junto a lareira. As duas riram e Frances sorriu alegremente. —Esse ponto não vou discutir —disse—. E o chá virá muito bem. Dêem-me dez minutos para arrumar o cabelo e lavar as mãos e o rosto?

Anne abriu a porta.

—Já estão aqui todas as meninas —explicou—. Hanna Swan foi a última em chegar, como sempre. A governanta tem a todas firmemente sob a asa, assim temos toda uma hora para relaxar. —Queremos saber tudo sobre suas férias —disse Susanna—, até o último detalhe, incluindo a descrição de todos os cavalheiros que conheceu.

—Não, só dos arrumados, Susanna —atravessou Anne—. E solteiros. Os outros não nos interessam.

—Ah, nesse caso é possível que baste uma hora —disse Frances—, se falar rápido.

As outras duas riram alegremente.

Imediatamente Frances foi sentar-se na cama. As pernas não a teriam sustentado se tivesse ficado um minuto mais em pé, estava segura. Fechou fortemente os olhos. Sentia-se muito perto de um ataque de histeria, embora estava claro, seu orgulho não lhe permitiria entregar-se a ele. O que desejava mais que qualquer outra coisa no mundo era meter-se na cama sob as mantas e continuar ali, feito um novelo, o resto de sua vida.

Se olhasse pela janela, veria que a rua estaria vazia.

Ele tinha partido.

Para sempre.

Por decisão dela.

A teria levado com ele. Ou teria ficado em Bath.

Fechou fortemente os punhos sobre a saia, combatendo o terror, combatendo o estúpido desejo de descer correndo e sair, com a esperança de alcançar seu carro antes que desaparecesse para sempre.

Era inútil. Não havia nenhuma esperança. Ele não só era Lucius Marshall, um cavalheiro, como também o visconde Sinclair. Vivia a maior parte do tempo em Londres. Ela não podia voltar jamais ali, e jamais poderia voltar a mover-se nos círculos elevados, nem que ele tivesse pedido. Mas não teria pedido, seguramente. A teria transformado em sua amante, durante um tempo, até que se cansasse dela. E isso aconteceria. O que houve entre eles esses dois dias passados não foi um grande romance, depois de tudo.

Não tinha a menor duvida de que tinha feito o correto.

Mas jamais tinha lhe parecido tão triste fazer o correto.

«Este é um adeus depois de tudo, Frances.»

Tragou saliva uma vez, depois outra.

E então ouviu o eco de suas últimas palavras: «Mas se precisar de mim, me encontrará no endereço de Londres que está no cartão. Virei imediatamente».

Abriu os olhos, ao se dar conta de que ainda tinha a mão direita apertada sobre o cartão que ele tinha colocado ali. Abriu a mão e o olhou, dobrado, a parte aberta virada para o outro lado.

Acabou-se. Despediram-se para sempre. Ele viria em sua ajuda se ela precisasse, quer dizer, se descobria que estava grávida.

Mas tinha acabado.

Com toda lentidão, dobrou novamente o cartão, rasgou-o pela metade e continuou rasgando até que não pôde continuar, e foi jogar os pedacinhos na parte de atrás da lareira. Reconheceu sua precipitação. Mas ela o tinha enviado longe. Nunca poderia recorrer a ele pedindo ajuda.

—Adeus, Lucius —disse em voz baixa.

Então, muito resolvida, dirigiu-se ao lavabo e verteu água fria na bacia.

Dez minutos, disseram Anne e Susanna. Quando chegasse à sala de estar de Claudia Martin já estaria apresentável. E estaria sorrindo.

E estaria armada até os dentes de divertidas anedotas sobre seu Natal.

Ninguém saberia a verdade.

E ninguém sequer suspeitaria.

A semana seguinte Lucius passou em Cleve Abbey, e depois foi para Londres, embora antes do que tinha planejado; sentia-se tão desassossegado que não podia ficar no campo só com seus

pensamentos, ou melhor dizendo, com suas emoções.

Estas últimas eram predominantemente raiva, que se manifestava em irritabilidade. Ser o rechaçado em lugar do rechaçador era uma experiência nova para ele no trato com as mulheres. Também, supunha, era uma experiência humilhante e portanto boa para a alma. Mas ao diabo a alma! E só idéia de que pudesse ter algo de bom dessa experiência só aumentava seu mau humor.

O que podia ter de bom em perder uma companheira de cama da qual só tinha começado a desfrutar?

Que Frances Allard tivesse toda a razão em acabar seu nascente romance não fazia nada para acalmar sua irritabilidade tampouco. Quando propôs levá-la a Londres com ele, não parou para considerar em que qualidade a levaria. Mas não teria sido na qualidade de esposa, não é? Demônios, acabava de prometer tomar uma esposa conveniente antes que terminasse o verão, e não imaginava que seu avô ou sua mãe considerariam de algum jeito conveniente uma professora de escola de Bath.

Sempre tinha sido impulsivo, inclusive temerário. Mas esta vez uma parte dele reconhecia que se ela tivesse aceito sua sugestão ele ficaria em uma posição muito incômoda. Não só tinha feito a promessa a seu avô, mas também tinha prometido a si mesmo virar a página e transformar-se em um homem responsável e respeitável, Deus misericordioso! Ía cortejar sua futura esposa durante a primavera, não agradar seu gosto com uma nova amante.

E era o que seria Frances se tivesse ido com ele. Para que enganar-se? Não tinha nenhum sentido negá-lo. Não poderia mantê-la por muito tempo; Uma parte disso de virar a página significava comprometer-se com uma mulher para o resto de sua vida, a mulher com a qual se casaria.

Era a hora de dizer adeus, disse-lhe Frances. Tinham desfrutado juntos um ou dois dias, tinha sido agradável, mas agora era o momento de voltar para a vida normal.

Agradável!

A escolha dessa palavra continuou doendo durante muito tempo, inclusive quando já estava em Londres, imerso na conhecida ronda diária por seus clubes e outras afeições tipicamente masculinas com seus numerosos amigos e conhecidos.

Sua relação sexual com ela tinha sido «agradável». Isso era quase para fazer chorar um homem, arrancar os cabelos e perder toda a confiança em si mesmo como amante.

Tinha-lhe feito um favor ao dizer-lhe que não. Verdadeira e francamente.

Na realidade seu mau humor era como uma indesejada dor de cabeça.

Mas não estava em sua natureza entregar-se a tristes reflexões indefinidamente. E tinha muitíssimo para ocupar a mente, além dos conhecidos prazeres da vida na cidade.

O fato, por exemplo, que agora estava vivendo na casa Marshall em Cavendish Square, e que muito em breve reuniriam-se ali com ele sua mãe e suas irmãs.

Depois havia toda a questão de voltar a fazer parte de uma família, e por um tempo prolongado, participando de todas suas esperanças, medos e ansiedades relativos à temporada que se aproximava, em que tinha-se comprometido a desempenhar um papel ativo esse ano. Emily ia fazer sua apresentação em sociedade e devia equipar-se e preparar-se bem para isso e para sua apresentação à rainha. E ele devia cortejar uma futura esposa.

E também havia o fato de que se esperava a chegada de Porta Hunt à cidade imediatamente depois da Páscoa. Sua mãe recordou-o (como se pudesse ter esquecido) uma manhã durante o café da manhã, depois de ler uma carta de lady Balderston.

«A responderei esta mesma manhã — informou sua mãe—, e direi que você já está na cidade, Lucius, e que este ano vieste para ficar na casa Marshall, e que pensa acompanhar suas irmãs a um bom número de eventos sociais.»

Quer dizer, sua mãe anunciaria à mãe de Porta que ele estava disposto, por fim, a tomar uma esposa. Afinal, para que ia um homem da reputação do visconde Sinclair planejar assistir aos bailes, festas, cafés da manhã venezianos e outras coisas se não andasse procurando seriamente um grilhão?

Assim, os Balderston e Porta, como também seu avô o marquês de Godsworthy, chegariam a Londres com a expectativa de que seu compromisso era iminente. Disso, Lucius não duvidava. Assim era como funcionava a sociedade. Podiam-se dizer e organizar muitas coisas, sobre tudo as mulheres, sem que mencionasse nenhuma só palavra clara. A palavra clara diria ele quando finalmente fizesse sua visita a Balderston para falar do contrato de matrimônio e depois fazer sua proposição formal a Porta.

Só a idéia do que o aguardava bastava para que seu corpo ficasse todo banhado em um suor frio.

De qualquer forma, se surpreendia agradavelmente quando voltasse a ver porta. Pensando bem, devia fazer uns dois anos que não tinha nenhum tipo de conversa com ela. Talvez voltar a vê-la serviria para focar a mente sobre seu dever e sobre o inevitável futuro. Depois de tudo, um homem devia casar-se finalmente. E se devia, e se o momento já chegara, bem poderia casar-se com alguém eminentemente conveniente e que conhecia quase de toda sua vida. Melhor o mal conhecido que...

Não, não, de maneira nenhuma pretendia fazer uma comparação entre Porta e o mal. Bom Senhor, ela seria a esposa perfeita, a quintessência da perfeição. Não conseguiria encontrar uma melhor se procurasse em todo o país pelos próximos cinco anos. E esses cinco anos não os tinha, em todo caso. Tinha prometido casar-se muito antes que acabasse o ano.

Quase esperava com expectativa a chegada de Porta à cidade.

Mas havia outra coisa diferente nessa primavera também. Estava preocupado e nervoso pela saúde de seu avô, por isso se lançava em cima de todas as cartas que chegavam de Barclay Court. E uma dessas cartas, chegada há mais ou menos uma semana antes de que chegassem os Balderston,

trouxe a notícia de que o conde estava fazendo os preparativos para ir à Bath passar duas semanas, com o fim de tomar as águas do balneário. Estas águas sempre tinham sido benéficas para sua saúde no passado, explicava, e queria ver se novamente teriam um efeito similar. Tinha alugado uma casa em Brock Street, para não alojar-se em um hotel.

Embora lady Sinclair estava sinceramente preocupada com a saúde de seu sogro, não podia de maneira nenhuma partir de Londres nesse determinado momento. Emily ia ser apresentada na corte muito em breve, e tinha que atender a mil e um detalhes antes que chegasse esse grande dia. Caroline, dois anos mais velha que Emily, tampouco podia abandonar Londres já que ia começar sua terceira temporada, ainda solteira, embora houvesse fortes indícios de que sir Henry Cobham se decidiria a solicitar sua mão antes que acabasse o mês. E Amy era ainda muito jovem para ir sozinha a Bath para cuidar de seu avô, mesmo que expressasse sua entusiasta disposição em fazê-lo.

Então só restava ele. Era desejável que ficasse na cidade, como não. Mas estava muito preocupado por seu avô e sentia a necessidade de assegurar-se pessoalmente de que sua saúde não se deteriorou desde o Natal. Em todo caso, não haverá problema em ausentar-se de Londres por uma ou duas semanas, já que estaria de volta quando a temporada estivesse em seu apogeu.

Uma vez que retornasse teria tempo de sobra para cortejar alguém.

Já tinham transcorrido quase três meses do natal, e mais ou menos se esqueceu de Frances Allard, além da ocasional lembrança nostálgica daquela noite passada juntos. Ainda assim, não era de todo insensível ao fato de que indo à Bath estaria bastante perto dela. Mas não voltou mais a pensar no assunto. Era pouco provável que a visse, e de maneira nenhuma faria o menor esforço para tentá-lo. Ela estava firmemente ancorada em seu passado e ali continuaria. E na realidade tinha ocupado um lugar muito diminuto no seu.

Por isso o desconcertou bastante a potência das lembranças que o assaltaram quando o carro chegou às imediações de Bath e apareceu a cidade no vale, sob o caminho de Londres, toda branca e resplandecente ao sol primaveril. Recordou com tanta intensidade o sofrimento que experimentou a última vez que passou por esse caminho, em direção oposta, que voltou a sentir a pontada de dor. Recordou o desejo quase entristecedor que sentiu de voltar para suplicar a ela que fosse com ele, de joelhos se fosse preciso.

Só pensar que poderia ter feito algo tão vergonhoso e humilhante sentiu-se estremecer. Não, não queria voltar a pôr os olhos na mulher que o tinha humilhado assim.

Amy vinha com ele, e com seus dezessete anos estava em uma idade difícil. Depois do Natal a liberaram da sala de aula para que pudesse acompanhar ao resto da família a Londres no começo da primavera, mas também esmagaram qualquer entusiasta expectativa que ela tinha abrigado em seu peito. Sua mãe ficou firme na negativa de permitir que ela se apresentasse em sociedade esse

ano, posto que tocava a Emily, e Caroline ainda continuava solteira. A pobre Amy se sentia menos que encantada diante da perspectiva de ver-se excluída de quase todas as deslumbrantes atividades que logo iluminariam a vida de suas irmãs, por isso agarrou a oportunidade de acompanhá-lo a Bath.

Ouvir suas exclamações de prazer diante da paisagem que se estendia e assinalar alguns dos lugares mais proeminentes de Bath distraiu sua atenção. Na realidade, sua companhia o tinha alegrado toda a viagem. Na verdade, desfrutava bastante desse contato mais íntimo com sua família, e começava a sentir saudades do fato de que tivesse parecido tão importante manter-se afastado deles tanto tempo.

Isso se devia a que já não era um jovem irresponsável, disse-se. Devia-se a que tinha posto fim a suas correrias e começava a compreender o valor das relações de afeto.

Fez uma careta. Era possível que tivesse se afundado tanto nas profundezas do aborrecimento?

Nunca escreveu para ele, embora tivesse esperado uma carta até o inicio de fevereiro, «dela», de Frances Allard. De repente estava pensando nela outra vez, para seu pesar.

Eram poucas as chances de que a visse, nem sequer por acaso. Ela vivia no colégio do outro lado do rio, além de Sydney Gardens, e estaria ocupada com seus deveres docentes. Ele estaria agasalhado em Brock Street, a área da classe alta, e alternaria com outras visitas em residentes elegantes da cidade. Era impossível que se cruzassem seus caminhos.

Quando chegaram a Brock Street, deixou de pensar nela para centrar toda a atenção em seu avô. Via-se frágil, mas estava tão animado e alegre como sempre, e insistiu em que o ar e as águas de Bath já tinham feito algum bem a ele.

O avô estava sentado escutando com olhos risonhos o entusiasta relato de Amy sobre a viagem, no que intercalou rindo a divertida anedota do que ocorreu a ela em uma estalagem que pararam: confundiram-na com a esposa de Lucius e a chamaram «milady».

Depois do chá, enquanto seu avô descansava, Lucius levou Amy para dar um curto passeio para ver o edifício Royal Crescent, no outro extremo de Brock Street. Escutou-a sorrindo indulgente quando se desfez em exclamações de prazer e declarou que o Royal Crescent era o monumento arquitetônico mais magnífico que tinha visto em sua vida.

Mas nesse mesmo dia ao entardecer, depois de jantar, enquanto seu avô lia sentado junto a lareira da sala de estar e Amy escrevia uma carta a sua mãe e suas irmãs em uma pequena escrivaninha, ele foi se instalar junto à janela para contemplar a majestosa arquitetura da rua circular chamada Circus, que estava muito perto. De repente se surpreendeu pensando que se Frances continuava trabalhando na escola da senhorita Martin, estava a não mais de uma milha ou algo assim dali. Pensar isso o incomodou, nem tanto pela pouca distância que havia, mas sim por pensar nela.

Voltou-se e se afastou firmemente da janela.

—Está triste, Lucius?—perguntou-lhe seu avô, baixando o livro em seu colo.

Apoiou ligeiramente a mão no ombro da Amy.

—Eu, senhor? Não, absolutamente. Estou encantado de estar aqui com o senhor. Me alegro havê-lo visto comer um bom jantar e que tenha vindo passar uma hora aqui com a Amy e comigo.

—Pensei —disse o ancião, olhando-o com olhos risonhos por debaixo de suas espessas sobrancelhas brancas— que talvez estivesse suspirando por ver um certo par de formosos olhos.

Uns olhos castanhos tão escuros que eram quase negros. Olhos grandes, expressivos, que podiam faiscar de raiva ou dançar de riso ou obscurecer-se de paixão.

—Suspirando, senhor? —disse, arqueando as sobrancelhas—. Eu?

—Refere-se à senhorita Hunt, vovô, não é? —disse Amy, molhando a pluma no tinteiro de prata—. Tem os olhos mais azuis que já vi. Há quem os chamasse formosos, mas eu prefiro os olhos que sabem rir embora sejam do cinza mais feio que existe. E a senhorita Hunt não ri jamais, supõe que rir é indecoroso, impróprio de uma dama. De verdade, Luz, espero que não se case com ela.

—Sem dúvida Lucius fará a escolha correta quando chegar o momento —disse o avô—. Mas seria muito estranho, Amy, se não admirasse os olhos azuis, o cabelo loiro e a pele sem mácula da senhorita Hunt. E é uma dama refinada. Me orgulharia chamá-la neta.

Lucius apertou o ombro de sua irmã e foi sentar-se na poltrona do outro lado da lareira. Seu avô tinha toda a razão, pensou. Porta era uma beldade; também era elegante, refinada e perfeita. Corria o rumor, conforme o informou sua mãe, de que nos últimos anos tinha recusado numerosos pretendentes muito convenientes.

Estava esperando por ele.

Concentrou a mente em seus consideráveis encantos e novamente sentiu apertar a corda no pescoço.

Capítulo 8

O dia seguinte foi frio e com vento; nada que animasse a fazer excursão prolongada, mas o outro foi um desses dias primaveris perfeitos que convidam a sair para tomar ar e recordam que o verão não está muito longínquo. O sol brilhava em um céu sem nuvens, o ar estava limpo e bastante quente, e só soprava uma tênue brisa.

Depois de uma visita matinal a Pump Room para tomar as águas e um descanso em casa lendo os jornais da manhã, no meio da tarde o conde de Edgecombe estava muito disposto a dar um passeio com seus netos por Royal Crescent. Os elegantes iam passear ali todo dia a essa hora, se o permitia o tempo, para trocar as fofocas que se acumularam do dia anterior, e para verem e serem vistos. O

passeio tinha mais ou menos a mesma função que o do Hyde Park em Londres à hora em que saía a aristocracia, embora em uma escala muito menor, logicamente.

Caminhar pela rua pavimentada que passava diante do edifício fazendo uma ampla curva e depois baixar ao formoso prado que o rodeava por esse lado não era um exercício vigoroso, por isso Lucius sentia falta de seus clubes, atividades e conhecidos de Londres, embora estivesse totalmente resignado a passar uma semana mais ou menos cavalgando um pouco pela manhã ate as colinas para dar vazão para seu excesso de energia. Alegrava-o ver seu avô tão animado e ligeiramente melhor de saúde que no Natal. E Amy, que nesse momento segurava seu braço, realmente irradiava alegria pela mudança de cenário, livre como estava das severas restrições sociais que impunha Londres a uma jovenzinha ainda não apresentada a sociedade.

Estavam os três conversando sobre o prado com as senhoras Reynolds e Abbotsford quando, meio aborrecido mas com um amável sorriso bem firme no rosto, levantou a vista para o Royal Crescent e distraidamente viu um grupo de meninas escolar em fila dupla, todas com uniforme azul marinho, caminhando por Brock Street, talvez depois de ter admirado a arquitetura do Circus e a caminho de fazer o mesmo com a jóia vizinha, o Royal Crescent. Uma dama, provavelmente uma professora, vinha à frente, impondo um passo enérgico e com o aspecto de mamãe pata sulcando a água para suas duas retas filas de patinhos que a seguiam atrás.

«Provavelmente uma professora.»

Entrecerrou os olhos para olhar mais atentamente à mulher. Mas o grupo ainda estava muito longe para poder distinguir com clareza as faces de alguns de seus componentes. Além disso, simplesmente seria muita coincidência...

—E o senhor Reynolds aceitou alugar uma casa ali para o verão —estava dizendo a senhora Reynolds. Nossa querida Betsy estará conosco, é obvio. Um mês junto ao mar em julho será justo o que necessitamos todos.

—Dizem que os banhos de mar são excelentes para a saúde, senhora —disse o conde.

A senhora Reynolds emitiu uma exclamação que soou como um chiado de bom tom.

—Banhos de mar, milord? —exclamou—. OH, não diga isso. Não se pode imaginar algo mais horroroso para as pessoas mais sensíveis. Terei supremo cuidado em não permitir que Betsy se encontre a menos de meia milha das instalações dos banhos.

—Mas eu não poderia estar mais de acordo com você, lorde Edgecombe —disse a senhora Abbotsford—. Quando ha dois verões passamos uns dias em Lyme Regis, Rose e Algernon, quer dizer, minha filha e meu filho, para que me entenda, banharam-se no mar, e nunca estiveram mais sãos do que o resto dessas férias. As damas se mantêm muito separadas dos cavalheiros, Bárbara, assim não havia nada indecoroso.

Lucius e seu avô se olharam, trocando um sorriso travesso.

—Ai, antes que me esqueça, lorde Edgecombe —disse a senhora Reynolds—. Devo lhe suplicar…

A fila dupla de meninas chegou à esquina de Brock Street em que começava o Royal Crescent, e a professora se deteve para lhes assinalar a ampla curva da fachada do magnífico edifício que tinham diante dos olhos. Um esbelto braço apontou; uma esbelta mão gesticulou. Estava de costas para ele. Sobre um vestido cor bege levava uma jaqueta entalhada marrom. O chapéu também era marrom. Do lugar onde estava ele era impossível ver a face e os cabelos. De qualquer maneira sua boca secou. Não tinha a menor duvida a respeito de sua identidade. As coincidências sim ocorrem.

—E você também virá, espero, lorde Sinclair? —estava dizendo a senhora Reynolds.

—Ah, diga que sim, diga que sim, Luz —rogou Amy apertando seu braço e olhando-o suplicante—. Assim eu poderei ir também.

—Como? —Sobressaltado olhou de uma à outra senhora, com os olhos inexpressivos. De que demônios falavam?—. Rogo-lhe me perdoe, senhora. Temo que estava na lua.

—Lorde Edgecombe aceitou amavelmente assistir a minha singela festa amanhã a noite —explicou a senhora Reynolds—. Não será nada comparado com as grandiosas festas que está acostumado em Londres, é obvio, mas a companhia será de bom tom, no salão haverá um recital musical de qualidade e uma sala de jogos para aqueles que não apreciam a música. O senhor Reynolds sempre insiste nisso. Faria-me uma grande gentileza se aceitasse unir-se a nós e trouxesse a senhorita Amy com você.

—Será uma honra para mim, senhora —disse Lucius, fazendo uma inclinação da cabeça—. E para Amy também, parece-me. Bom Senhor! Uma festa. Em Bath. Para onde ia sua vida? Amy estava quase saltando de entusiasmo a seu lado. Uma festa em Bath poderia não ser considerada importante na agenda social da maioria das pessoas, mas era muito atrativa para uma menina que estava excluída de quase todos os eventos sociais de Londres aos que estavam se preparando para assistir sua mãe e suas irmãs durante toda a primavera.

Poderia haver sorrido afetuosamente para ele, se pelo menos a metade de sua atenção não tivesse dirigida a outra parte, e se seu coração não tivesse começado a golpear seu peito como se alguém tivesse enganchado um martelo.

Maldição, não queria que ocorresse isso; não queria voltar a pôr os olhos nela. De qualquer modo elevou a vista para olhar outra vez à mulher que o tinha rechaçado fazia três meses com desculpas esfarrapadas e que depois instalou-se em sua memória e se negou a partir durante um bom tempo.

A bem ordenada fila dupla de meninas ia caminhando pela rua e voltou a deter-se na metade. Novamente falou a professora, virada para o edifício, descrevendo amplos semicírculos com os dois braços, explicando algo a sua classe aparentemente atenta.

Não tinha olhado nenhuma só vez para o prado. Mas não tinha por que. Sabia. Algumas coisas não faz falta ver com os olhos.

—Dois cavalheiros com título entre seus convidados —estava dizendo a senhora Abbotsford—. Ficarão com inveja todas as anfitriãs de Bath, Bárbara, e sua festa terá o êxito assegurado. E não é que já não o tivesse, é obvio.

—Estou muito de acordo com você, senhora —disse o conde—. A senhora Reynolds já tem fama de excelente anfitriã. Sempre que estou em Bath espero com ansiedade receber um de seus convites.

A professora deu meia volta; o mesmo fizeram todas as meninas. Então ela fez um amplo gesto com o braço abrangendo a esplêndida vista da cidade e as colinas mais à frente.

Frances!

Estava muito longe para ver o rosto com clareza, mas bastante perto para saber que irradiava entusiasmada animação, absorta na tarefa de instruir ao grupo de meninas; estava apreciando.

Não se viam nem olheiras, nem angústia, observou.

Melhor. Esperava que estivesse, sem dúvida consumida por ele, convertida em uma sombra de si mesma?

Também parecia totalmente desinteressada na presença das pessoas ao seu redor. Não olhava a nenhum dos senhores elegantes que passeavam pela rua ou pelo prado abaixo. De qualquer maneira, ele inclinou a aba do chapéu, para proteger-se dos raios do sol, e virou-se, para admirar a vista que tinha atrás.

—Bath nunca deixa de me maravilhar com sua beleza —comentou estupidamente.

Imediatamente as senhoras Reynolds e Abbotsford, as duas residentes da cidade, acolheram felizes o tema com entusiasta loquacidade. Amy explicou então o muito que tinha aproveitado comprando em Milsom Street na tarde anterior, quando seu irmão deu de presente para ela o chapéu que estava usando.

As duas damas admiraram o chapéu fazendo efusivos elogios.

Quando Lucius voltou novamente a cabeça para olhar, as meninas já tinham terminado o percurso de Royal Crescent e foram descendo rapidamente a colina para Marlborough Buildings.

Por que, pensou, se escondeu dela? De uma simples professora de escola que um dia tinha desejado torrá-lo em azeite fervendo, que no seguinte se deitou com ele e que depois emitiu julgamento sobre sua relação sexual qualificando-a de «agradável» para depois dizer a ele, um muito firme e final adeus?

Será mesmo que tinha se escondido atrás de seu chapéu como um covarde rasteiro?

Sentia-se decididamente perturbado, se é que tinha que reconhecer a verdade. Pensou o que teria acontecido se ele tivesse na rua e não no prado e se encontrassem cara a cara. Teria balbuciado e gaguejado como um tolo, ou a teria cumprimentado friamente, arqueado as sobrancelhas e fingido procurar seu nome em sua memória?

Senhor, esperava que fosse o último.

E então, quando as meninas foram desaparecendo pela Marlborough Lane, ocorreu a ele pensar como teria reagido ela. Teria se ruborizado e perturbado? Teria arqueado as sobrancelhas e fingido que o havia esquecido?

Maldição, era melhor que o tivesse esquecido. Na realidade tinha sido muito conveniente que não se encontrassem frente a frente; sua auto-estima poderia ter sofrido um golpe que não se recuperaria jamais. Seu avô, Amy e essas duas senhoras teriam presenciado sua humilhação. E também as meninas, claro, absorvendo a cena com olhos ávidos para depois poderem gargalhar em seus dormitórios durante toda a semana ou o mês.

Não teria outro remédio que buscar uma pistola em alguma parte para estourar seus miolos.

De repente voltou a sentir-se irritado, e intensamente incomodado com a senhorita Frances Allard, quase como se realmente não a tivesse visto e tampouco reconhecido.

Talvez, pensou, apertando os dentes, um destino maligno a tinha introduzido em sua vida com o fim de mantê-lo humilhado; essa professora de escola que preferiu um trabalho docente a ele.

As senhoras Reynolds e Abbotsford estavam se despedindo. Lucius tocou a aba do chapéu diante cada uma e depois olhou atentamente a seu avô.

—Acredito que já tivemos o suficiente por uma tarde, senhor. É hora de voltar para casa para tomar o chá.

—Talvez a Amy gostasse de ficar um momento mais —sugeriu o conde.

Mas Amy sorriu alegremente e segurou seu braço, enquanto com o outro segurava o de Lucius.

—Estou encantada de voltar para casa e tomar o chá com você, vovô — disse—. foi uma tarde fabulosa, não foi? Falamos com umas dez pessoas ou mais. E nos convidaram para uma festa amanhã a noite. Terei muitíssimo para contar quando escrever a mamãe, Caroline e Emily esta noite. Não sei o que vou vestir.

—Acredito —disse Lucius, com um exagerado suspiro— que posso predizer outra expedição de compras a Milsom Street amanhã.

—Pode comprar um vestido feito, com o dinheiro que darei a você, filha—disse o conde—. E todos os complementos necessários que vem com ele. Mas confie no bom gosto de Lucius quando escolher. É impecável.

Enquanto caminhavam de volta para casa, Lucius foi lutando contra a lembrança de Frances Allard fechando as bordas de um bolo de carne com as gemas dos polegares, furando a cobertura de massa para que o vapor não a fizesse sair voando, e agachando-se depois para pôr o bolo no forno quente.

Por que continuava sentindo-se como o recheio de carne debaixo da cobertura de massa sem furar, no meio do forno quente, era um mistério para ele, para não dizer uma grave moléstia.

Por que ela tinha escolhido justamente esse dia para levar a uma classe ao Royal Crescent?

Ou, mais importante ainda, por que demônios ele escolheu justamente esse dia para ir passear por aí com seu avô e sua irmã?

Achava completamente humilhante ter perdido a serenidade por culpa de uma amante de uma noite, três meses depois do fato acontecido.

—Ah, Luz —disse Amy, apertando seu braço—, não é maravilhoso estar em Bath?

—É absolutamente injusto —protestou Susanna Osbourne— que eu tenha passado só uma hora fora jogando com as meninas pequenas e tenha as bochechas como uma lagosta, o nariz como uma cereja e todas estas sardas, e que Frances, que passou toda a tarde caminhando com a classe das medianas, esteja bronzeada e formosa. Ainda não é verão.

—O bronzeado não e considerado melhor para uma dama que a cor lagosta —disse a senhorita Martin, levantando a vista do encaixe com que ocupava as mãos—. Nós ensinamos às meninas que devem proteger a pele do sol a todo custo, não é, Susanna? Não tenho nenhuma compaixão por você, então, se estava tão ocupada se divertindo com sua classe que não protegeu sua pele, e cada vez que olhava pela janela via que estava se divertindo. Vi que participava dos jogos. Quanto a Frances, bom, é a exceção de todas as regras no que a aparência e pele se refere. É sua herança italiana. As pobres mortais inglesas devem simplesmente suportar essa injustiça.

Mas apesar de suas palavras, seus olhos riam ao olhar a sua professora mais jovem, que estava sentada inclinada, com os pés apoiados em um tamborete, rodeando os joelhos levantados com seus esbeltos braços, e a face brilhante e visivelmente queimada pelo sol.

—Além disso — continuou Anne Jewell, que estava remendando um rasgado nas costas de uma camisa de menino pequeno—, não se parece com nenhuma lagosta que eu tenha visto, Susanna. Está rosada, jovem, saudável e mais bonita que nunca. Embora na escuridão seu nariz brilharia como um farol, suponho.

Todas riram da pobre Susanna, que tocou com extremo cuidado a parte afetada, enrugou-a ao sorrir e depois se uniu às risadas.

As quatro estavam sentadas na sala de estar da senhorita Martin, como estavam acostumadas a fazer ao anoitecer, depois que as meninas se retiravam para seus dormitórios aos cuidados da governanta e David já estivesse dormindo em sua cama.

—Foi educativo seu passeio, Frances? —perguntou a senhorita Martin, com os olhos ainda risonhos—. As meninas adquiriram todo o material que esperava para suas composições?

Frances pôs-se a rir.

—Estiveram maravilhosamente atentas. O que não sei é quanto assimilaram da arquitetura do Circus, do Royal Crescent e da sala de baile Upper Assembly Rooms. Não tenho dúvida de que

poderiam descrever com os mínimos detalhes a todas as pessoas elegantes que passeavam, em especial se a pessoa era homem e menor de vinte e um anos. Mas me senti muito orgulhosa de todas quando íamos cruzando o Pulteney Bridge, de volta para cá. Havia ali um grupo de jovens ridículos que começaram a pavonear-se e fazer comentários intencionais; um inclusive teve a audácia de colocar um monóculo no olho. Todas as meninas passaram com a cabeça muito erguida, como se os jovens fossem invisíveis.

Anne e Susanna riram também.

—Ah, boas meninas —disse a senhorita Martin, aprovando e voltando a inclinar a cabeça sobre seu trabalho.

—Claro que estragaram tudo quando atravessamos Laura Agrada e já não podiam ouvir os mocinhos —acrescentou Frances—. Não paravam de sussurrar rindo deles ao longo de Great Pulteney Street. Suponho que isso é o que mais vão recordar da excursão.

—É claro —disse Anne—. Esperava outra coisa, Frances? Todas têm quatorze ou quinze anos. Comportam-se conforme sua idade.

—Tem toda a razão, Anne —disse a senhorita Martin—. Os adultos são muito tolos quando repreendem os meninos revoltados dizendo que se comportem de acordo com sua idade. Em nove de cada dez casos, isso é exatamente o que estavam fazendo.

—O que vai vestir amanhã a noite, Frances? —perguntou Anne.

—Meu vestido de seda marfim, suponho. É o melhor que tenho. —Ah, mas claro —disse Susanna sorrindo travessa e levantando-se para servir mais chá a todas—, Frances tem um namorado.

— Convidaram Frances para a festa da senhora Reynolds e também o senhor Blake, Susanna — demarcou a senhorita Martin, levantando novamente a vista de seu trabalho—. A convidaram por sua voz, que é como a de um anjo. Sem dúvida Betsy Reynolds disse a sua mãe e esta, com muito bom senso, acrescentou Frances à lista de convidados que vão entreter a outros com seu talento especial.

—Mas é o senhor Blake quem vai acompanhá-la —insistiu Susanna, sem poder resistir a seguir brincando—. Acredito que Frances tem um namorado. O que parece a você, Anne?

Anne sorriu às duas, com a agulha suspensa sobre seu trabalho. —Eu acredito que Frances tem um admirador e aspirante a namorado. Também acredito que Frances ainda não decidiu se vai aceitá-lo na qualidade do último.

—Eu acredito que será melhor que leve em contra —acrescentou a senhorita Martin—. Tenho uma forte objeção a perder a minha professora de francês e música. Embora suponha ser por uma boa causa, uma muito boa causa, poderia deixa-me persuadir a fazer o sacrifício.

O senhor Aubrey Blake era o médico que atendia às alunas da escola sempre que alguma delas necessitava seus serviços. Era um homem sério, responsável e arrumado, de uns trinta e cinco anos,

que esse mês tinha começado a mostrar interesse por Frances. Um sábado a tarde em que se encontrou com ela quando estava às compras por Milsom Street, insistiu em acompanhá-la até a escola para levar as sacolas, que na realidade eram apenas alguns pacotinhos muito leves.

Suas três amigas caíram na risada depois, quando ela explicou que quase morreu de vergonha pensando que ele descobriria que o pacote continha algumas meias.

Depois, um dia em que ela levou a sua casa uma aluna antes que terminassem as aulas porque tinha febre, e ficou ali esperando pelo doutor Blake para poder voltar com notícias sobre o estado da menina, ele insistiu em acompanhá-la de volta até a porta da escola.

E agora, ao inteirar-se de que ela iria cantar na festa dos Reynolds, a que ele estava convidado, foi a escola e pediu ao Keeble que a chamasse na sala de visitas, depois de pedir educadamente permissão à senhorita Martin, para pedir que concedesse a honra de acompanhá-la essa noite.

Não ficaria bem negar, embora quisesse. Mas na realidade foi um alívio. Dado que a saída era a noite, Claudia insistiria para que fosse acompanhada por uma criada, isso causaria sérios inconvenientes ao serviço. Além disso, caminhar sozinha a noite teria exigido dela muita força de vontade.

—Não acredito que uma professora tenha tempo para um namorado —disse—. E ainda no caso de que esta professora o tivesse, não sei se escolheria ao senhor Blake. É talvez um pouquinho sério demais para seu gosto. Entretanto, é arrumado, é um perfeito cavalheiro e tem uma profissão muito respeitável, e se ela decidisse que o desejava como namorado, sem dúvida informaria a suas mais queridas amigas e avisaria a sua empregadora, de sua iminente partida para o mundo da ociosa vida conjugal.

Rindo levou a xícara aos lábios.

—Bom, eu não me conformaria com um simples médico —disse Susanna, sentando-se e segurando novamente os joelhos—. Teria que ser um duque ou um príncipe, talvez.

Susanna tinha chegado à escola aos doze anos em regime não pago. Antes disso tinha mentido, dizendo ser mais velha , com o fim de trabalhar como criada de quarto e dois dias depois de a recusarem para esse posto, encontrou-a o senhor Hatchard, o agente da senhorita Martin em Londres, e ofereceu a ela o posto de aluna da escola. Quando terminou os estudos, a senhorita Martin lhe deu um emprego como professora do primeiro curso. De sua vida antes dos doze anos Frances não sabia nada.

—Um duque não, por favor, Susanna —disse firmemente a senhorita Martin.

Frances e Anne se olharam divertidas; Susanna apoiou a testa nos joelhos para ocultar seu sorriso. Todas conheciam a aversão da senhorita Martin pelos duques. Uma vez trabalhou para o duque de Bewcastle na qualidade de preceptora de sua irmã, lady Freyja Bedwyn. Em pouco tempo demitiu-se, como fizeram as numerosas preceptoras anteriores a ela, ao comprovar que seu

trabalho, ou melhor dizendo a aluna, era insuportável. Mas a diferença das outras, negou-se a aceitar o dinheiro que ofereceu o duque em pagamento e a recomendação para outro emprego. Simplesmente pôs-se a andar pelo caminho de entrada da casa senhorial Lindsey Hall, levando com ela seu triunfo e seus efeitos pessoais. Então, quando pouco depois abriu a escola, sem recursos para mantê-la, e um benfeitor anônimo ofereceu-lhe ajuda econômica, antes de aceitá-la fez o senhor Hatchard jurar sobre a Bíblia que esse benfeitor não era o duque de Bewcastle.

—Terá que ser um príncipe —acrescentou Claudia—. Me nego terminantemente a assistir a suas bodas se o noivo for um duque.

Anne terminou seu remendo, dobrou a camisa, recolheu as tesouras, a agulha e o fio e se levantou.

—É hora de ver David para me assegurar de que continua dormindo tranquilamente. Embora tenha que dormir bem, depois de tudo o que correu pelo prado esta tarde. Obrigado pelo chá, Claudia. Boa noite a todas.

Mas as outras também se levantaram. A atividade começava cedo na escola e acabava tarde, e estavam extraordinariamente ocupadas todo esse tempo. Muito poucas vezes ficavam conversando até tarde.

Enquanto se preparava para deitar-se, Frances pensou na festa do dia seguinte. Cantar era algo que esperava com verdadeira expectativa e entusiasmo, mesmo que fizesse três anos que não cantava em público. Quando chegasse o momento ficaria nervosa, mas isso era natural. Não permitiria que os nervos danificassem sua interpretação.

Mas estava um pouco nervosa por outro aspecto da festa. Era certo que o senhor Blake se transformaria em seu pretendente se ela o aceitasse; ele não havia dito nada que desse a entender, mas sua intuição feminina dizia que não estava enganada. Era um homem perfeitamente conveniente, mesmo que fosse pelo menos dez anos mais velho que ela. Também era de aparência agradável, inteligente, afável e muito respeitado.

Suas perspectivas de matrimônio não eram muitas. Seria uma tola se não o aceitasse. Gostava de ensinar e seu salário era suficiente para cobrir todas suas necessidades mais básicas; a escola lhe dava um lar e amizade. Mas só tinha vinte e três anos e em outro tempo sua vida tinha sido muito diferente. Não podia enganar-se dizendo que seria muito feliz se continuasse como estava o resto de sua vida.

Tinha suas necessidades, necessidades humanas que eram difíceis de ignorar.

O senhor Blake poderia ser sua única oportunidade de atrair um marido decente. Claro que as coisas não eram tão simples. Teria que explicar alguns detalhes de seu passado, e alguns deles não a deixavam muito bem. Talvez ele não estivesse tão disposto a continuar interessado nela uma vez que contasse tudo. Por outro lado, talvez sim. Não saberia se não experimentasse.

Quando ficou pronta apagou a vela, abriu as cortinas, como fazia sempre, e se deitou de costas, contemplando a escuridão e olhando as estrelas.

Tinha chorado quando descobriu que não estava grávida; lágrimas de alívio, é obvio, e lágrimas de pena.

Não tinha recuperado do todo o ânimo nesses três meses. Isso porque se deitou com ele, dizia-se, e que tinha lhe entregue sua virgindade. Pois claro que era difícil recuperar-se, esquecê-lo. Seria estranho que não fosse.

Mas se fosse totalmente sincera consigo mesma, sabia que havia algo mais que isso.Na maioria das vezes, quando lembrava de Lucius Marshall, eram muitas as coisas que recordava dele além disso». O recordava cortando batatas, tirando a neve com a pá, secando os pratos, levantando a cabeça com orelhas de asa de seu boneco de neve e pondo-o no buraco entre os ombros, dançando a valsa e... bom, seus pensamentos sempre voltavam para o que aconteceu depois.

Inclusive o recordava furioso, antipático e arrogante ali firme de pé diante dela sobre o caminho cheio de neve, depois de tê-la tirado com tanta brutalidade do carro.

Contemplando uma estrela e pensando a quantos milhares ou milhões de milhas estaria, reconheceu que se não fosse por Lucius Marshall conseguiria ver com mais clareza seu destino ao lado do senhor Blake, e, claro, teria menos reservas para confessar. Mas via com dolorosa clareza as diferenças entre aqueles dois homens e, mais importante ainda, a diferença em suas reações a eles.

Com o senhor Blake não havia nada de magia.

Mas claro, o senhor Blake era um homem estável, responsável, que talvez pudesse lhe oferecer um futuro decente. Além disso, não saberia ao certo se havia ou não magia se ele decidisse cortejá-la, não é?

Iria tentar, decidiu, fechando os olhos.

Sim, iria tentar .

Começaria a ser mais sensata.

Voltou a abrir os olhos e os fixou na estrela.

—Lucius —sussurrou—, bem poderia estar tão longe como essa estrela por mais pena que me causasse. Mas isto é o final. Não voltarei a pensar em você nunca mais.

Era uma decisão eminentemente sensata.

E passou quase toda noite acordada contemplando-a.

Capítulo 9

Ao entardecer do dia seguinte foi a senhorita Martin, não Keeble, quem chegou ao quarto de Frances, cinco minutos antes do que se esperava o senhor Blake, para lhe avisar que este já tinha

chegado.

—Por sorte tenho tão poucas oportunidades de pôr este vestido de seda marfim que poucas pessoas se darão conta de que já tem vários anos.

—E é de um desenho tão clássico —disse a senhorita Martin, olhando avaliadora o corte alto, as mangas curtas e o recatado decote redondo— que não esta absolutamente fora de moda. Esta bem. Seus cabelos também, embora os tenha penteado com a mesma severidade de sempre. Claro que de maneira nenhuma pode esconder sua imensa beleza. Se eu fosse dada à vaidades, ficaria morrendo de inveja. Não, com ciúme.

Rindo, Frances pegou sua capa marrom.

—Não, não, tem que usar meu xale de cachemira. Para isso o trouxe no braço. E uma coisa mais antes que vá. Não falava a sério ontem à noite. Claro que me chatearia perder a qualquer de minhas professoras. Somos uma boa equipe e tenho muito carinho à vocês três que vivem na escola comigo. Mas se gostasse do senhor Blake...

—Vamos, Claudia —disse Frances, rindo outra vez e lhe dando um rápido abraço— você é muito boba. Vai acompanhar-me a uma festa na qual nem sequer sou uma convidada de pleno direito. E nada mais.

—Mmm, ainda não viu a expressão de seus olhos esta noite, Frances.

Mas em poucos minutos Frances viu, quando desceu e o encontrou passeando pelo vestíbulo enquanto Keeble, sombrio e carrancudo, montava guarda em seu domínio com sua habitual desconfiança por toda a metade masculina do círculo quando passava pela soleira. O senhor Blake estava muito distinto com sua capa negra e seu chapéu de seda na mão. E quando levantou a vista para vê-la descer a escada, ela viu um brilho de aprovação e de algo mais em seus olhos.

—Como sempre, senhorita Allard, está extraordinariamente elegante.

—Obrigada.

O tinha o carro esperando à porta, em muito pouco tempo já estavam entrando na casa dos Reynolds na Queen Anne Square. A Frances pareceu estranho voltar a entrar em uma festa depois de tantos anos. Novamente sentiu uma enorme gratidão por ir acompanhada pelo senhor Blake. A casa já estava cheia de convidados, mesmo que se dissesse que Bath tinha deixado de ser um lugar da moda para passar temporadas. A senhora Reynolds estava muito orgulhosa informando a todos os convidados que iam chegando da presença do conde do Edgecombe e seus dois netos.

Depois de estar um momento no salão, Frances chegou à conclusão de que estes aristocratas deviam estar na sala de jogos; ao que parecia não havia ali nenhum ilustre personagem que exigisse fazer reverências e tocar o chão com o chapéu. Melhor ainda, não havia ninguém que ela reconhecesse, além dos conhecidos de Bath, e portanto ninguém que a reconhecesse. Havia sentido um pouco de medo de ser vista e reconhecida por alguma das pessoas que conhecera antes em

Londres. Preferia que ninguém de sua antiga vida descobrisse jamais para aonde fora.

Até o momento, ninguém a tinha descoberto.

O recital musical começou pouco depois que ela chegou. Tomou assento ao lado do senhor Blake para assistir as atuações, embora tenha se levantado para ajudar no primeiro número do programa, um estudo para piano meio doido por Betsy Reynolds, a filha de treze anos dos anfitriões , aluna externa da escola da senhorita Martin. Ela era sua professora de música, e a ajudou a colocar a partitura e lhe deu fôlego, até que a menina conseguiu controlar os nervos e começar a tocar. A interpretação foi bem, se não brilhante, e quando Betsy terminou sorriu afetuosamente para ela e foi abraça-la antes que a enviassem para a cama.

Depois teve que esperar quase uma hora pela sua vez. De fato, seu número era o último do programa. Quando terminasse seria servido o jantar.

—Imagino, senhorita Allard —lhe sussurrou o senhor Blake enquanto a senhora Reynolds se levantava para anunciá-la— que a deixaram para o final porque se supõe que será a melhor.

O senhor Blake não a tinha ouvido cantar; nenhum dos presentes no salão a tinha ouvido, à exceção do senhor Huckerby, o professor de dança da escola, que ia acompanha-la ao piano. Ela sorriu para ele agradecida. Conhecidas mariposas estavam revoando no seu estômago.

Tinha escolhido uma peça ambiciosa e talvez não apropriada para a ocasião, mas a primeira ária da terceira parte do Messias de Haendel, «I know that my Redeemer liveth», sempre tinha sido sua favorita, e a senhora Reynolds tinha dado liberdade para ela escolher.

Levantou-se, sorriu diante os aplausos e ocupou seu lugar no meio do salão, junto ao piano. Tomou seu tempo, preparando os pulmões com inspirações e expirações lentas, com os olhos fechados, introduzindo a mente na música.

Depois fez um gesto de assentimento ao senhor Huckerby, escutou as notas introdutórias, e começou a cantar.

Imediatamente se evaporou todo seu nervosismo e junto com ele a consciência de seu público, de seu entorno e de si mesma. A música adquiriu existência própria.

Depois de deixar Amy no salão com a senhora Abbotsford e sua filha, que a tinham acolhido com muito afeto, Lucius tinha passado a maior parte do tempo na sala de jogos, embora só jogasse uma ou duas mãos. O resto do tempo, observou seu avô jogar, conversando com os convidados que entravam do salão, e tratando de não pensar muito no quanto estava aborrecido.

Ia entrar no salão quando começou o recital musical, mesmo gostando de música, estava seguro de que a que podia oferecer Bath era insípida, se chegasse a isso. Mas justamente neste momento o senhor Reynolds resolveu abordá-lo com um longo e aborrecido discurso sobre as virtudes da caça como esporte absolutamente inglês e aristocrático e a natureza malvada de seus opositores, os

quais, conforme sua opinião, deviam considerar-se traidores de sua pátria. Observou seu avô para ver se por acaso demonstrava sinais de cansaço, para poderem partir. Embora em Londres se sentiria mais que horrorizado diante da perspectiva de ter que abandonar tão cedo uma festa, mas em Bath só podia pensar nostálgico em estar sentado com os pés levantados na sala de estar da casa de Brock Street lendo um livro.

Lendo um livro, pelo amor de Deus!

Claro que Amy se sentiria tremendamente decepcionada se acontecesse isso.

Mas o conde de Edgecombe parecia estar feliz absorto em seu jogo. Seus lucros e perdas foram bastante equilibradas; e não que se apostasse muito alto. Nunca subiam muito as apostas em Bath, onde os professores de etiqueta desaprovavam o jogo com apostas muito elevadas.

A música era ouvida claramente. O programa teve inicio com um estudo para piano algo lento, que Reynolds explicou que quem estava tocando era sua filha, embora não fez gesto de entrar no salão para fazer o papel de pai orgulhoso, e nem sequer deixou de falar para escutá-lo. A ela seguiram uma sonata para piano e violino, uma ária para tenor, um quarteto de cordas e outra peça de piano, o intérprete mais seguro e mais hábil que a senhorita Reynolds.

Lucius punha toda a atenção possível à música. Felizmente, compreendeu em poucos minutos, só precisava emprestar meio ouvido ao que dizia Reynolds sem perigo de perder algo importante.

E então começou a cantar uma soprano, e se preparou para não prestar muita atenção. A voz soprano não era seu favorita, pois com muita freqüência tendia a ser gritada ou estridente. E essa soprano tinha cometido o engano de escolher uma peça religiosa para uma festa muito secular.

Mas enquanto se preparava para desviar a atenção deu-se conta de que essa soprano era muito superior às normais. E em pouco tempo centrou toda sua atenção nela e em seu canto, deixando Reynolds falando com o ar.

—know that my Redeemer liveth, and that Hei shall stand at the latter day upon the earth.*

Muito em breve um bom número de convidados que estavam na sala de jogo, e inclusive os que estavam jogando, levantaram as cabeças para escutar. A conversação não parou de todo, mas diminuiu bastante em volume.

* I know that my Redeemer liveth, and that Hei shall stand at the latter day Upon the earth. And tho' woorms destroy this body, yet in my flesh shall l see God. For now is Cristo risen from the dead, the first fruits of them that sleep. Sei que meu Redentor vive, e que estará no último dia sobre a Terra. E embora os vermes destruam este corpo, em minha carne verei Deus. Porque Cristo ressuscitou dos mortos, como a primicia daqueles que dormem. (N. T.)

Mas isso Lucius nem notou. A voz tinha cativado todo seu ser. Era uma voz potente e cheia, sem

ser estridente. Tinha todas as qualidades da voz de contralto, mas chegava às notas mais altas sem esforço aparente e nem sequer um indício de estridência nem rigidez. Era uma voz pura como um sino e entretanto refletia paixão humana.

—Yet in my flesh shall I see God.

Sem a menor duvida, era a voz mais gloriosa que tinha escutado em toda sua vida.

Fechou os olhos, com o cenho franzido em uma concentração quase dolorosa. E finalmente Reynolds, talvez compreendendo que tinha perdido seu ouvinte, ficou calado.

—For now is Cristo risen from the dead —continuou a voz, já alegre e triunfal, levando sua alma com ela.

Tragou saliva.

—The first fruits of them that sleep.

Sentiu que tocavam sua manga e abriu os olhos. Seu avô estava a seu lado. Sem trocar palavras, juntos caminharam para o salão.

—For now is Cristo risen —a voz diminuiu em intensidade preparando-se para a apoteose—. For now is Cristo risen, from the dead.

Chegaram à porta e ficaram ali, olhando.

Ela estava no centro do salão, alta, morena, esbelta e majestosa, os braços ao lado do corpo, a cabeça erguida, de beleza clássica mas cativando a seu público só com sua voz.

—The first fruits... —sustentou a nota alta, alargando o som de triunfante aclamação e logo começando a baixar— of them that sleep.

Continuou com a cabeça levantada e fechou os olhos enquanto o piano tocava as notas finais, e nenhuma só pessoa do público moveu um músculo.

Houve um breve silêncio.

E logo um entusiasmado aplauso.

—Meu Deus —murmurou o conde, unindo-se aos aplausos.

Mas Lucius só podia olhar, como se estivesse paralisado.

Ai, Deus! Ai, Deus!

Frances Allard.

Ela abriu os olhos, sorriu e inclinou a cabeça em agradecimento aos aplausos, suas bochechas rosadas, seus olhos brilhantes, seu cabelo liso e escuro resplandecente à luz do abajur de aranha acima. Seus olhos foram percorrendo aos assistentes, até chegar à porta...

E ali se detiveram em Lucius, que estava olhando-a.

Seu sorriso não desvaneceu . Mas se congelou tal como estava.

Nessa fração de segundo pareceu que o mundo deixou de girar.

E então os olhos continuaram seu percurso até que sua sorridente face agradecesse todo o

público. Então se dirigiu para uma cadeira em um dos extremos do salão, perto de onde estava sentada Amy com as mãos segurando a na saia. Quando Frances se aproximava se levantou um cavalheiro, inclinou-se diante dela e acomodou a cadeira para que se sentasse. Depois aproximou a cabeça da dela para lhe fazer um comentário.

—Foi muito, muito maravilhoso, senhorita Allard —estava dizendo a senhora Reynolds com cordial jovialidade—. Fiz bem em seguir o conselho de colocá-la no final do programa. Minha querida Betsy tinha toda a razão ao dizer que você canta soberbamente. Mas estou segura de que depois de todos estarem sentados por uma hora, devem estar preparados para o jantar, que será servido imediatamente na sala de jantar.

Enquanto todo mundo começava a mover-se e o salão zumbia com os murmúrios de conversações, seu avô pôs uma mão em seu ombro.

—Lucius, poucas vezes ouvi uma voz que me comovesse tanto. Quem é? Se for famosa, não reconheço o sobrenome. Senhorita Allen?

—Allard —disse Lucius.

—Vamos oferecer nossas felicitações à senhorita Allard —disse o conde—. Devemos convidá-la para sentar-se conosco no jantar.

Frances estava de pé novamente. Ao seu redor estavam vários convidados para falar com ela. Tinha um alegre sorriso fixo na face. Estava resolvida a não olhar para eles, observou Lucius. A senhora Reynolds abriu caminho até ela e os viu cercar-se.

—Ah, lorde Edgecombe —disse, com o tipo de voz que faz retroceder a todo mundo para deixar espaço—, permita-me ter o prazer de lhe apresentar à senhorita Allard? Não canta divinamente? Ensina música na escola da senhorita Martin. É uma academia superior. A nossa Betsy estuda lá .

Frances fixou a vista no conde e se inclinou em uma reverência.

—Milord —murmurou.

—Tenho a honra, senhorita Allard —continuou a senhora Reynolds, visivelmente orgulhosa por ter esses ilustres convidados em sua casa— de lhe apresentar o conde do Edgecombe e seu neto, o visconde Sinclair. E a sua neta, senhorita Amy Marshall.

Amy estava a seu lado, observou Lucius, e pegou seu braço.

Então Frances se voltou para ele e seus olhos se encontraram uma vez mais.

—Milord —disse.

—Senhorita Allard —disse ele, inclinando-se.

—Senhorita Marshall? —disse ela, olhando Amy.

—Levou-me as lágrimas, senhorita Allard —disse Amy—. Ai, se eu pudesse cantar assim.

Lucius se sentia como se alguém tivesse dado um soco em seu estômago.

Mas uma coisa estava perfeitamente clara. Fossem quais fossem seus sentimentos por ele, ela

não o tinha esquecido.

—A escola da senhorita Martin pode ser muito superior —estava dizendo seu avô—, mas o que faz você ensinando lá, senhorita Allard, quando deveria estar encantando ao mundo com sua voz?

Com o rubor mais aceso nas bochechas, ela se voltou para olhá-lo.

—É muito amável ao dizer isso, milord, mas ensinar é minha profissão. Dá-me muita satisfação.

—Seria para mim uma enorme satisfação —disse o conde, sorrindo afetuosamente— se jantasse com Amy, Sinclair e comigo, senhorita Allard.

Ela titubeou só um instante.

—Obrigado, é muito amável de sua parte, mas já aceitei me sentar com o senhor Blake e seus conhecidos.

—Mas senhorita Allard —exclamou a senhora Reynolds horrorizada—. Sem dúvida o senhor Blake estaria mais que disposto a renunciar a sua companhia uma meia hora em favor do conde de Edgecombe.

O cavalheiro assim aludido franziu o cenho mas inclinou a cabeça diante de sua anfitriã em aceitação preliminar a sua petição. Mas Frances falou primeiro:

—Mas eu não estou disposta a renunciar a dele.

—E tem razão, querida minha —disse o conde, rindo—. foi um prazer conhecê-la. Talvez pudesse fazer a honra de tomar o chá comigo amanhã em Brock Street. Meu neto ficará encantado de ir buscá-la em seu carro, não é, Lucius?

Lucius, que estava ali olhando como um imbecil mudo ou um gnomo atordoado, inclinou a cabeça. Já era muito tarde para que ele ou Frances fizessem o lógico reconhecessem que já se conheciam, compreendeu.

Demônios, mas por que não podia simplesmente surpreender-se de vê-la ou alegrar-se de vê-la ou chatear-se por vê-la? Por que demônios tinha ficado tão desequilibrado que se sentia cambalear como se fosse um homem sem nenhum domínio sobre si mesmo ou seus impulsos?

Mas, Senhor, essa voz!

Ela fez uma inspiração para dizer algo, mas pareceu mudar de idéia.

—Obrigado —disse sorrindo, sem olhar para Lucius—. Ficaria muito agradecida, milord.

Demônios, pensou ele, mas ninguém estava lhe prestando atenção.

—OH, que emoção! —exclamou Amy, batendo palmas — eu adorarei sobremaneira. Poderei ser a anfitriã, já que só Luz e meu avô vivem la comigo.

Então outras pessoas reclamaram a atenção de Frances Allard, e a Lucius não restou outro remédio que fazer um comentário sobre o cansaço evidente de seu avô, passar por cima da expressão de decepção de Amy e procurar seu carro sem demora.

O carro demorou uma eternidade para chegar.

—Desejo escutar outra vez essa voz em minha memória —disse o conde, instalando-se no assento do carro para o curto trajeto a Brock Street. Apoiou a cabeça na almofada, exalou um profundo suspiro e não fez mais intentos de conversar.

Amy ou estava fazendo o mesmo ou ia revivendo toda a festa, que tinha aproveitado bastante, mesmo que a tivessem privado do prazer de participar do jantar. Ia sentada em silêncio, olhando a escuridão pela janela, com um sonhador sorriso nos lábios.

Lucius ia sentado em seu lugar, fervendo de fúria silenciosamente. Já era horrível que tivesse suspirado recordando-a como um condenado poeta ferido de amor durante um mês depois do Natal, e pior ainda que depois de vê-la na tarde anterior em Royal Crescent tivesse tido que sofrer toda uma noite de insônia, embora deve ter dormido um pouco, que do contrário não teria tido vividos sonhos com ela. Mas o pior de tudo era havê-la encontrado aqui em uma festa que ele participava essa noite, e de que maneira.

Essa voz!

Demônios, que voz. Isso acrescentava toda uma nova dimensão ao conhecimento de seu caráter, do talento e da beleza de alma que vivia dentro de seu formoso corpo. O fazia compreender todas as coisas que devia haver nela que ele ainda não conhecia, e o enchia de ânsia por saber mais.

Estava afetado gravemente por um amor ressuscitado, não havia maneira de negá-lo. E não gostava disso nem um pouco. Já tinha levado bastante tempo esquecê-la.

E para completar, essa noite estava ainda mais formosa do que recordava. Sua pele levemente morena estava mais bronzeada, como se tivesse estado exposta ao sol. Em contraste, o castanho de seus olhos estava mais vivo, e seus dentes mais brancos. O cabelo estava igual, mas o penteado que depois do Natal lhe pareceu simplesmente severo, essa noite estava elegante, seu cabelo lindamente lustroso. Estava tão esbelta como a recordava, mas o singelo vestido de seda marfim que usava e seu porte quase majestoso a faziam maravilhosamente feminina.

Seria um pretendente o indivíduo que estava com ela? Um noivo? Mas se era meio calvo, pelo amor de Deus, e esteve disposto a renunciar a sua companhia na hora de jantar, embora a contra gosto. Se tivesse prometido sentar-se com «ele», pensou, e alguém tentasse usurpar seu lugar, o teria esbofeteado ou teria se batido em duelo à alvorada, caramba, em vez de aceitar com submissão.

— Esta noite me agradou muito, tenho que dizer—disse seu avô quando o carro parou— pelo que deveria dormir profundamente. Só lamento não ter sentado no salão como você, Amy, para ter visto toda a última interpretação. A senhorita Allard tem um talento excepcional. E é uma mulher bonita também.

—Mmm—resmungou Lucius.

—Que festa mais maravilhosa —disse Amy, suspirando de satisfação, quando Lucius ajudou-a descer na calçada—. E amanhã serei a anfitriã do vovô na hora do chá. Não o agrada sobremaneira a visita da senhorita Allard, Luz?

—Sobremaneira —repôs ele secamente.

Não podia culpá-la por estar na festa dos Reynolds essa noite, claro, embora no princípio se sentiu inclinado a fazer justamente isso; as professoras de escola teriam que permanecer dentro das paredes de suas escolas, para que os amantes rechaçados não corressem o risco de encontrar com elas quando menos esperassem.

Mas sim podia culpá-la por aceitar o convite para tomar o chá, demônios. Tinha tido outras opções: podia ter dito sim e podia ter dito não.

E disse sim, maldita seja.

Sentia-se perigosamente incomodado. E nem sequer podia ir ao White's ou a algum outro lugar para cavalheiros de Londres, afogar suas mágoas no meio do alvoroço, do jogo e do álcool.

Capítulo 10

—Está em casa sã e salva senhorita —comentou Keeble com solicitude quase paternal, quando abriu a porta para ela, imediatamente depois que ela bateu, tão rápido que suspeitou que estivesse no vestíbulo esperando-a.

— Me preocupo quando qualquer uma de vocês está fora a noite. A senhorita Martin a convidou para reunir-se com ela em sua sala de estar.

— Obrigada.

Seguiu-o pela escada para que ele pudesse abrir a porta e inclusive anunciá-la, como se fosse um membro da realeza.

Imaginou que suas amigas estivessem esperando sua volta. Mas a única coisa que desejava era chegar sigilosamente em seu quarto para lamber suas feridas a sós. Noite passada tomou a ousada e liberadora decisão de não dedicar nem um só pensamento mais a Lucius Marshall, visconde Sinclair? Mas como poderia saber que por uma estranha ironia do destino, ia voltar a se encontrar com ele essa noite? Jamais freqüentara festas em Bath, e desde que chegou lá, ela nunca tinha cantado em público fora da escola.

E não somente era estranho; era cruel. Quando seus olhos pousaram nele se sentiu...

—E bem? —perguntou Susanna, ficando de pé de um salto no instante em que entrou na sala, olhando-a entusiasmada, com os olhos faiscantes—. Preciso perguntar se teve um êxito divulgado? Como poderia não tê-lo tido?

— A receberam tão bem quanto merecia? —perguntou-lhe Anne, sorrindo afetuosamente—. Foi

bem tratada?

—Entre e nos conte como foi sua atuação —disse a senhorita Martin—. E se sirva uma xícara de chá antes de se sentar.

—Eu sirvo —disse Susanna—. Sente-se, Frances, sente-se. Deixe que eu sirva a nova celebridade de Bath. Depois desta noite não me surpreenderia se a transformassem em uma estrela e convidassem para todas as partes.

—E descuidar das minhas obrigações aqui? —disse Frances, sentando-se na poltrona mais próxima e pegando a xícara que Susanna lhe oferecia —. Acredito que não. Esta noite foi maravilhosa, mas sou muito feliz sendo professora. Preocupava-me um pouco a peça que escolhi, mas foi bem recebida. Acredito que todo mundo gostou. Pareceu-me que a senhora Reynolds não estava decepcionada comigo.

—Decepcionada? —riu Anne—. Imagino que não. Suponho que está felicitando-se por ter descoberto você antes dos outros. Eu adoraria tê-la ouvido, Frances. Todas nos teríamos gostado. Pensamos em você toda a noite.

—E o senhor Blake foi o acompanhante perfeito, espero? —perguntou a senhorita Martin.

—Absolutamente —respondeu Frances—. Não se separou de mim durante toda a noite e foi muito amável. E esperou fora de seu carro até que o senhor Keeble tivesse aberto a porta.

—Estava muito gentil esta noite, tenho que dizer —disse Susanna, com os olhos risonhos—. Eu e Anne aparecemos na janela quando partiam, igual a um par de estudantes.

—E como foi o resto da festa? —perguntou Anne—. Nos Conte tudo, Frances.

—Betsy Reynolds tocou bem. Foi a primeira a atuar e estava muito nervosa, pobre criança, mas não se equivocou em nenhuma nota, nem tocou tão devagar que se notasse, como acontece às vezes. Foi um bom concerto, e depois houve o jantar. Todos foram muito amáveis.

—Havia muitos convidados? —perguntou Susanna. Olhou travessa para Claudia Martin e piscou os olhos para as outras—. Havia algum duque? Morrerei de inveja se houvesse algum.

—Nenhum duque. —Frances titubeou—. Só um conde. Foi muito amável. Convidou-me para tomar chá com ele amanhã.

—Sim? —perguntou Claudia Martin em tom agudo—. Em um lugar público, espero, Frances?

—Um conde —riu Susanna—. Espero que seja maravilhosamente bonito.

—Que esplêndido! —disse Anne—. Você merecer essa atenção, Frances.

—Em Brock Street —disse Frances a Claudia—, com seu neto e sua neta, Susanna.

—Alegra-me ouvir isso —disse Claudia—, sempre que os netos não sejam bebês.

Susanna enrugou o nariz.

—Bom, aí acaba minha idéia de um ardente romance, embora os avós possam ser bonitos e amorosos, suponho.

—Não são bebês —disse Frances—. A senhorita Marshall é uma jovenzinha muito bonita, não muito mais velha que algumas de nossas alunas. O neto, o visconde Sinclair, vem buscar-me em seu carro para me levar a Brock Street. Só pensar nisso fez sua mão tremer e derramou um pouco de chá no prato.

—Suponho que com um título como visconde Sinclair deve ser o herdeiro de seu avô —disse Susanna—. Talvez meu sonho vá se realizar depois de tudo. É maravilhosamente bonito, Frances?

—Meu Deus, não me fixei —repôs ela, obrigando-se a levantar os cantos da boca para sorrir.

Susanna levantou os olhos para o teto, pondo os olhos em branco.

—Não se fixou? Mas, filha, onde deixou os olhos ao sair? Mas imagino que é. E não me surpreenderia se concebesse uma imensa paixão por você, Frances, a menos que já a tenha concebido, e se apaixone perdidamente e acabe sendo a condessa de... onde?

—Não tenho nem idéia —disse Frances, levantando-se e deixando a xícara com o prato molhado na mesinha lateral—. Não me recordo. Estou muito cansada, sinto muito. A festa foi muito exaustiva, e estou tão cansada que não posso nem pensar. E não tenho tempo para ir a esse chá amanhã. Pela manhã chegarão as redações de toda uma turma, e a tarde é minha vez de fiscalizar as horas de estudo e deveres das meninas. Tenho que preparar um exame de francês para a turma das mais velhas. E há ensaio do coro. Talvez envie uma nota me desculpando por não ir.

—Mas aceitou o convite? —perguntou Anne.

Frances a olhou desesperada.

—Sim, mas não ficaria mal se enviasse uma nota de desculpa sincera, não? Embora não saiba para que casa de Brock Street enviá-la.

Ao dar-se conta disso se sentiu invadida por uma onda de terror; voltou a sentar-se e cobriu o rosto com as mãos abertas, combatendo um ataque de histeria.

—Frances, não era minha intenção ofendê-la — disse Susanna, espantada—. Só era uma brincadeira. Me perdoe.

—Sinto muito —disse Frances baixando as mãos—. Não estou zangada com você, Susanna. Simplesmente estou cansada.

—Pode corrigir as redações e preparar o exame enquanto fiscaliza as horas de estudo —disse Anne—. Melhor ainda, eu farei a supervisão, já que o senhor Upton me prometeu vir amanhã para dar uma aula de arte ao David. Assim terá tempo para ir a esse chá e fazer seu trabalho. Seguramente Claudia não se importará que falte um ensaio do coro.

—Não —disse Claudia—. Mas há algo mais que cansaço e um dia muito ocupado. Ficou triste com o convite, Frances? Há algum motivo em particular?

Inclinou-se sobre o braço da poltrona e colocou uma compassiva mão no seu braço.

E isso precipitou tudo. Passou por Frances uma onda de emoções, que se traduziu em uma chuva

de palavras.

—Conhecia o visconde Sinclair de antes —disse rapidamente —, e teria preferido não ter me encontrado com ele outra vez.

A crua angústia que se viu obrigada a manter muito no fundo dela durante a hora passada tinha-lhe apertado a garganta e o peito.

—Ai, pobre Frances —murmurou Anne—. É alguém de seu passado? Que má sorte que tenha vindo a Bath. Suponho que não sabia que estava aqui.

—Não o conheço há muito tempo —explicou Frances—. Lembram da nevasca que atrasou minha volta ao colégio depois do Natal? Não fiquei com minhas tias avós como disse então. Já estava a caminho para cá quando começou a nevar. Meu carro acabou enterrado em um montão de neve na beira do caminho, quando o carro do visconde Sinclair o ultrapassou e depois parou bruscamente porque se encontrou diante de um montículo de neve. Levou-me para a estalagem mais próxima e passamos juntos o dia seguinte. Trouxe-me aqui logo que o caminho foi liberado. Sabia que eu vivo em Bath.

Mas havia retornado e não tinha ido vê-la; não, claro que não. O encontro dessa noite tinha sido totalmente casual. Sua atitude, tanto quando o viu na porta do salão como depois quando se aproximou dela com o conde, era rígida, séria. Estava aborrecido, na realidade.

Não tinha por que estar aborrecido. Ele sabia que ela vivia em Bath.

—Sinto muito —repetiu—, tanto por não haver dito tudo então, quanto por lhes dizer isso agora. Naquele momento me pareceu um incidente de pouca importância, tão insignificante que não achei necessidade de mencionar. Simplesmente me perturbou um pouco voltar a vê-lo esta noite tão de repente, sem esperar, nada mais. Todas tiveram uma noite agradável?

Mas todas a estavam olhando solenemente, e compreendeu que não as enganara nem por um instante. Depois de tudo, que idiotice dizer que o incidente tinha sido tão insignificante que não ocorreu a ela mencioná-lo.

—Teria sido tudo muito tranqüilo —disse Anne— se Miriam Fitch e Annabelle Hankcock não tivessem brigado justamente antes da hora de dormir e a governanta foi obrigada a chamar Claudia.

—Mas não houve derramamento de sangue —acrescentou a senhorita Martin, dando um tapinha no braço de Frances e retirando a mão—. Assim não podemos nos queixar. Agora bem, Frances, quer que encontre para você um trabalho absolutamente indispensável depois que terminarem as aulas? Quer que me negue terminantemente a liberá-la para que possa ir a esse chá com o conde e seus netos? Sei ser uma maravilhosa tirana quando quero, como bem sabe.

—Não —suspirou Frances—. Disse que iria, e seria uma covarde se deixasse que me tirasse dessa enrascada, Claudia. Irei. Na realidade não é algo tão terrível.

Voltou a levantar-se e lhes desejou boa noite. De verdade se sentia mortalmente cansada, embora

duvidava que pudesse pregar olho essa noite. E já se sentia mal por haver mentido, ou mais ou menos mentido, para suas amigas, que deviam pensar que era uma boba completa.

Outro problema no que pensar era que o senhor Blake interpretou mal sua insistência em sentar-se com ele no jantar, como era lógico, e quando voltavam no carro pegou sua mão e a levou aos lábios. Disse-lhe que se sentia orgulhoso e gratificado porque o tinha escolhido como acompanhante nessa festa. Felizmente não disse, nem fez!, nada mais ardente que isso, mas inclusive isso a inquietou bastante.

Jamais tinha sido uma namoradeira, mas essa noite esteve muito perto de ser, mesmo que o tivesse feito involuntariamente.

Anne a alcançou na escada e segurou seu braço, apertando-lhe suavemente.

—Pobre Frances. Vejo que teve uma desagradável comoção esta noite. E claro, só o fato de ter ocultado a verdade sobre o que aconteceu depois do Natal sugere que o visconde Sinclair significou muito mais para você do que quer reconhecer. Não tem que reconhecer agora. Somos suas amigas, e estamos aqui para escutar seus segredos quando quiser contá-los, e para deixá-la em paz com os que preferir guardar. Todas temos e precisamos ter segredos. Mas talvez o chá de amanhã sirva para exorcizar alguns fantasmas.

—É possível —conveio Frances—. Obrigada, Anne. Qualquer um acreditaria que aprendi a lição há três anos; nem sequer contei toda a história do que me ocorreu antes de vir para cá, não é? Mas parece que não aprendi. Por que nós mulheres nos apaixonamos tão bobamente?

—Porque temos muito amor para dar —disse Anne—. Porque amar é nossa natureza. Como poderíamos criar filhos se não fôssemos propensas a nos apaixonar por esses pequeninos que parimos? Nos apaixonar pelos homens é só um sintoma de nossa condição geral. Somos sofredoras, mas não acredito que eu seria diferente se pudesse. E você?

Anne tinha amado o pai de David?, pensou Frances fugazmente. Haveria em seu passado uma tragédia terrível da qual ela não sabia nada? Supôs que sim.

—Ah, não sei —disse, rindo com pesar—. Nunca tive um filho a quem dar meu carinho, como você, Anne. Às vezes a vida me parece... vazia. E que ingrato soa isso quando tenho este lar e esta profissão e a você, Susanna e Claudia.

—E ao senhor Blake —acrescentou Anne.

—E ao senhor Blake.

As duas riram em voz baixa e se deram boa noite. Quando por fim entrou em seu quarto, apoiou a cabeça na porta fechada, fechou os olhos, e não pôde evitar que escapassem de seus olhos lágrimas quentes que escorreram pelas bochechas.

Na realidade se sentiu muito feliz essa noite, não só contente e gratificada, mas feliz. O senhor Blake se mostrou atento durante toda a festa, sem ser enjoativo; um acompanhante amável e

interessante. Inclusive ela o tinha considerado seriamente como um possível pretendente, e decidido que seria uma tola se não lhe desse atenção. Achou agradável estar novamente na companhia de um homem e saber que era gostava e inclusive era admirada. Essa decisão a agradou; significava que por fim tinha deixado para trás o leve incidente ocorrido depois do Natal como também tudo o que aconteceu anos atrás. Significava que estava olhando para um futuro mais luminoso.

E havia voltado a cantar; isso era a causa da felicidade. Não a preocupava ter escolhido uma peça que talvez não fosse conveniente; tinha escolhido a que «ela» queria cantar, e enquanto a cantava estava absolutamente absorta nela, como sempre que cantava, também se deu conta de que não se equivocou na escolha; tinha percebido a reação de seus ouvintes, e sentido essa emoção já quase esquecida de formar um vínculo com eles, esse vínculo forte, ditoso, invisível, que às vezes une o artista com o público. Quando terminou a ária e percebeu o momentâneo silêncio que seguiu às últimas notas, sentiu... ah, sim, então foi quando conheceu a felicidade.

Então abriu os olhos para sorrir a seu público e...

E se encontrou olhando para Lucius Marshall.

No princípio só sentiu uma simples e estúpida comoção, e logo veio o choque, a brusca descida da felicidade à angústia total. E nesses momentos se sentia mortalmente esgotada.

Ele estava em Bath quando ela já não o queria ali. Só nesse momento pôde reconhecer para si mesma que durante dias, inclusive semanas, depois de sua partida, tinha esperado e esperado que voltasse.

Que tola insensatez!

Agora ele estava de volta, mas não tinha feito nenhum intento de vê-la. Sem dúvida teria partido outra vez sem que ela soubesse sequer que tinha estado ali, se não tivesse sido pelo casual encontro dessa noite.

Doía-lhe que ele não tivesse tentado vê-la.

Ao que parece, nos assuntos do coração não existe o que se chama sentido comum.

Quando na tarde seguinte Lucius bateu na porta da escola da senhorita Martin, veio atende-lo um porteiro ancião de ombros encurvados que vestia uma jaqueta negra tão velha que brilhava, umas botas que rangiam a cada passo e uma expressão carrancuda que dizia tão claramente quanto qualquer palavra que todo homem que atravessasse essa soleira devia ser considerado um inimigo e ser vigiado de perto.

Lucius arqueou uma eloqüente sobrancelha quando o homem o fez passar para uma sala de visitas e o deixou firmemente fechado lá dizendo que ia informar à senhorita Allard da chegada de sua senhoria. Mas não foi ela a primeira que entrou na sala; foi outra dama, de estatura média, as

costas retas como uma vara e semblante severo. Antes que ela se apresentasse, ele compreendeu que essa tinha que ser a senhorita Martin, apesar de que era muito mais jovem do que tinha pensado; seguramente era um ou dois anos mais velha que ele.

—A senhorita Allard demorará cinco minutos mais —lhe explicou ela depois de apresentar-se—. Está dirigindo o ensaio do coro das mais velhas.

—Sim, senhora? —disse ele em tom enérgico—. É muito afortunada por ter uma mulher tão perita como professora de música aqui.

Durante todo um mês, até que conseguiu tirá-la da cabeça, tinha-lhe incomodado, ou ferido seu orgulho, o fato de Frances ter preferido seu trabalho docente em uma escola de meninas a ir com ele. Mas na noite passada notara que ainda o incomodava mais o fato de uma mulher com uma voz tão extraordinariamente gloriosa tivesse escolhido uma profissão docente quando poderia ter escolhido uma ilustre carreira como cantora com apenas um estalar de dedos. Não entendia; não a entendia. E o fato de não conhecê-la, de não entendê-la, tinha-o mantido acordado e irritável a maior parte da noite. Apenas a conhecia, compreendeu, e entretanto se deixava obcecar por ela como nunca tinha se deixado obcecar, nem de perto, por nenhuma outra mulher.

—E ninguém é mais consciente disso que eu, lorde Sinclair —disse a senhorita Martin, entrelaçando as mãos à altura de sua cintura—. É gratificante que seu talento seja reconhecido por uma pessoa da importância do conde, seu avô, e me alegra que ele tenha considerado conveniente convidá-la para tomar o chá com ele. Entretanto, a senhorita Allard tem obrigações nesta escola, e a necessitarei de volta aqui às cinco e meia.

Quando a diretora se transformou em uma afiada lança de guerra, Lucius pensou que devia ter muita prática. Sem dúvida suas alunas, e suas professoras, tinham-lhe terror. Meu Deus! Já eram quase três e quarenta e cinco.

— Vou devolvê-la aqui as cinco e meia, nem um segundo a mais, senhora —disse, arqueando as sobrancelhas e olhando-a com fria altivez.

Mas se ela se sentiu intimidada, não demonstrou.

— Seria muito bom se eu pudesse dispor de uma dama de companhia livre para que a acompanhasse —disse—, mas não posso.

Bom Deus!

—Então deverá confiar em minha honra de cavalheiro, senhora —lhe disse secamente.

A dama não simpatizara com ele, ou ela não confiava nele. Isso estava perfeitamente claro. A razão não estava clara. Saberia do episódio depois do Natal? Ou desconfiava de todos os homens? Apostaria que era esse último.

E isso era o que Frances tinha escolhido em lugar dele? Era para lançar seriamente um homem à bebida. Mas inclusive tinha preferido isso a uma carreira como cantora.

E então se abriu a porta e entrou Frances na sala. Vestia-se como no dia que a viu no Royal Crescent: um vestido cor bege com uma jaquetinha marrom entalhada e um chapéu marrom sem adornos. Sua expressão também era rígida, reservada, como se estivesse preparada para uma experiência horrorosa. De fato, parecia-se muitíssimo com a harpia seca que tirou de um puxão do carro um dia depois do Natal deixando-a sobre o caminho cheio de neve; a única diferença era que neste dia tinha a ponta do nariz vermelha e cuspia fogo e enxofre.

A teria deixado ali afundada na neve para que se arrumasse sozinha se soubesse da metade dos problemas que ia lhe causar.

—Senhorita Allard? —disse, inclinando-se em uma elegante reverência.

—Lorde Sinclair —disse ela, fazendo sua reverência, seus olhos frios e indiferentes, como se ele fosse uma mosca na parede.

—Informei a lorde Sinclair, Frances, que tem que trazê-la de volta exatamente às cinco e meia.

Ela pestanejou, talvez surpreendida.

—Não me atrasarei —prometeu, e virou para sair da sala sem esperar para ver se ele estava preparado para segui-la.

Um ou dois minutos depois, estavam os dois sentados um ao lado do outro em seu carro; este entrou na Sutton Street para logo fazer a longa curva que rodeava Sydney Gardens e ir pela Great Pulteney Street. Ela ia agarrada ao cabo de couro que estava pendurado sobre sua cabeça, presumivelmente para não deslizar pelo assento e tocar o braço dele inadvertidamente.

Isso o irritou profundamente.

—Virei um aficionado em devorar professoras enquanto não chega a hora de me servirem o chá —disse.

Ela virou o rosto e o olhou com expressão de não compreender.

—Por que esta dizendo isso? —perguntou.

—Se sentar mais longe de mim entortara um lado do carro, e a advirto que isso me desgostaria bastante. Mas se decidisse atacar, poderia gritar e então Peters viria correndo para resgatá-la , embora talvez fosse mais para que não rompesse seus tímpanos.

Ela soltou a tira, embora desviasse o rosto e ficou olhando pela janela do seu lado.

—De todos os lugares da Inglaterra que poderia ter ido desfrutar, por que teve que escolher Bath?

—Não o escolhi. Meu avô o escolheu por motivos de saúde. Está muito doente e pensa que as águas lhe fazem bem. Eu vim para cuidar dele, para vigiá-lo. Acredita que vim com a intenção de vê-la, Frances? Para cortejá-la novamente, talvez? Para me pôr sob a janela de seu quarto e fazer serenatas com baladas de amor ferido? Presunçosa .

—Esta tomando muita liberdade,falando assim.

— Ah estou...? Pelo menos poderia deixar de ser ridícula, «senhora».

Observou-lhe o perfil, ou o que deixava ver de seu perfil a aba do chapéu, enquanto o carro percorria o longo e reto trajeto de Great Pulteney Street, pensando por que estava zangada. Não podia acreditar seriamente que ele tivesse vindo a Bath com a intenção de atormentá-la. Nem sequer foi ele quem a convidou para tomar o chá essa tarde, nem o que aceitou o convite. Tampouco foi ele que a abandonou depois do Natal. Foi justamente o contrario.

Ia sentada muito reta, tão rígida como uma vara, igual a senhorita Martin. Seguia olhando pela janela, como uma rainha em busca de súditos aos quais conceder uma saudação com sua mão.

—Por que está zangada? —perguntou-lhe. Ela se voltou para olhá-lo outra vez, as narina dilatadas, os olhos relampejantes.

—Zangada? Por que deveria estar? Você esta cumprindo uma ordem de seu avo, lorde Sinclair, não esta?, enviado para me levar a casa do conde de Edgecombe. Ele foi muito amável ao me convidar e me agrada ir.

Parecia dizer a sério!

—Por mais mulheres que tenha conhecido —disse—, nunca cheguei a compreender a mente feminina. ha três meses teve a oportunidade de prolongar e avançar nossa relação, e a recusou, e muito rotundamente, se não me falha a memória. E entretanto agora, Frances, toda sua atitude demonstra que parece que eu a ofendi. É possível que eu a tenha ferido de algum jeito?

Suas bochechas coraram, relampejou uma luz nos olhos escuros, e voltou a segurar no cabo, no momento em que o carro rodeava a fonte central de Laura Agrada.

—Que coisa ridícula é essa? —exclamou—. Como poderia haver-me ferido?

—Às vezes os homens e as mulheres reagem de forma diferente ao tipo de... de aventura em que participamos —disse ele—. Os homens são capazes de desfrutar do momento e esquecê-lo, enquanto que as mulheres se inclinam mais a comprometer seus corações. Nunca foi minha intenção fazê-la sofrer.

Mas, demônios, pensou irritado, ele não tinha esquecido exatamente esse momento, tinha?

—E não fez, pode estar seguro —disse ela, indignada, enquanto o carro estralava por Pulteney Bridge, rodeado de lojas, cruzando o rio—. Que presunçoso, lorde Sinclair! Que arrogante ao imaginar que partiu meu coração!

—Frances, compartilhamos uma cama e muitíssimo mais durante toda uma noite. É ridículo me tratar de senhor e me chamar lorde Sinclair com essa voz de professora de escola escrupulosa, como se eu fosse um total desconhecido.

—Com a exceção dessa única noite, que não deveria ter acontecido e que lamentei depois, sou escrupulosa. E sou professora de escola, e me orgulha sê-lo. É o que escolhi ser, para o resto de minha vida.

E dito isso voltou a desviar o rosto bruscamente.

—Então o cavalheiro meio calvo que a teria cedido a meu avô e a mim ontem à noite não é seu prometido?

Ouviu-a fazer uma forte inspiração, indignada.

—O que é ou não é o senhor Blake para mim não é assunto seu absolutamente, milord.

Ele olhou furioso a parte detrás do chapéu. Sim ela era escrupulosa, antipática, mau gênio, e uma massa de contradições. Não sabia por que demônios não saia de sua cabeça e mexia com suas emoções dessa maneira. Quanto antes a tirasse de ambas mais feliz seria.

Talvez se pusesse todo seu empenho, conseguiria apaixonar-se por Porta Hunt nessa primavera. Mas, bom Deus, até no caso de que isso fosse possível, e duvidava muito que fosse, Porta se horrorizaria.

—Por que demônios escolheu ser professora quando sua profissão deveria ser cantar? —perguntou-lhe bruscamente.

Porque a noite passada só tinha chegado à porta do salão quando ela estava terminando sua ária, e ainda custava acreditar que Frances e essa cantora pudessem ser a mesma pessoa.

—Tenho que pedir que vigie sua linguagem, lorde Sinclair —disse ela.

Ele se surpreendeu, e surpreendeu a ela ao emitir um curto som de riso.

—Acredito —disse— que talvez tenha acabado de me dar a resposta a minha pergunta. Nessa ocasião depois do Natal não me disse que sabia cantar assim.

—Para que ia dizer uma coisa assim? —perguntou ela, virando-se para olhá-lo—. Deveria haver dito «Ah, por certo, senhor Marshall, canto de uma maneira que poderia impressioná-lo um pouco», ou deveria haver despertado uma manhã com uma ária particularmente estridente?

Ele começou a rir ao imaginar despertando-o assim na segunda manhã, quando estava aconchegada em seus braços na cama.

Não soube se ela estaria pensando o mesmo, mas de repente seus olhos se iluminaram com um sorriso, seus lábios se curvaram e não pôde evitar que escapasse o riso.

—Eu adoraria saber se teria achado excitante —disse.

Imediatamente surgiu novamente a professora de escola escrupulosa, e se endireitou no assento e dirigiu os olhos à frente.

Por um momento, maldição!, tornou a sentir-se totalmente enfeitiçado por ela, outra vez.

—Meu avô esta esperando com muita expectativa para voltar a vê-la—disse, passados uns momentos de silêncio—. E minha irmã está fora de si de entusiasmo. Ainda não fez sua apresentação em sociedade, sabe?, e não está acostumada a ter a oportunidade de receber visitas nem de fazer o papel de anfitriã.

—Então pode fazê-lo para mim —disse ela—. Estou acostumada às jovenzinhas e a suas

incertezas e exuberâncias. Serei uma convidada muito fácil de agradar.

Não houve mais diálogo enquanto o carro fazia o lento trajeto colina acima.

Quando o carro se deteve em Brock Street, ela aceitou a mão que lhe ofereceu para ajudá-la a descer, o primeiro contato entre eles desde que colocou seu cartão na palma antes que ela entrasse na escola, ha três meses. Voltou a sentir sua esbelta mão, seus longos e finos dedos de artista. Mesmo que ela e ele usassem luvas, sentiu o estremecimento da familiaridade.

Ela entrou diante dele na casa, enquanto o mordomo de seu avô sustentava aberta a porta.

Lucius olhando furioso as suas costas, entrou atrás dela.

Capítulo 11

Todo o trajeto foi uma experiência horrivelmente penosa para Frances, ao recordar a última vez que viajou nesse mesmo carro com Lucius Marshall, visconde Sinclair. Então tinha segurado sua mão. Durante grande parte da viagem ele a tinha rodeado com seus braços. Beijaram-se e cochilaram assim abraçados.

Durante todo o trajeto se sentiu horrivelmente consciente dele, fisicamente. Tomou muito cuidado para não tocá-lo, até que não pôde evitá-lo, quando lhe ofereceu a mão para ajudá-la a descer diante da casa de Brock Street.

Quando entraram na casa e logo seguiram ao mordomo até o primeiro andar, depois que este tivesse recebido seu chapéu, luvas e chaquetinha, sentiu-se machucada e humilhada.

«É possível que eu a tenha ferido de algum jeito?»

Ainda fervia de raiva diante dessa arrogância.

«Os homens são capazes de desfrutar do momento e esquecê-lo, enquanto as mulheres se inclinam mais a comprometer seus corações.»

Que humilhantemente certo estava isso! Toda sua atitude e conversação lhe demonstrava que ele não tinha sofrido nem um pouco a conseqüência do ocorrido entre eles.

Tinha desfrutado do momento, esquecendo-o em seguida.

Ela tinha batalhado com seu machucado coração depois.

«Apesar de todas as mulheres que conheci...»

De cujo número ela era uma insignificante unidade. Se tivesse ido a Londres com ele quando pediu, quanto tempo teria demorado para cansar-se dela? Já faria tempo que teria cansado, estava segura.

Mas sua visita a essa casa esta tarde não tinha nada que ver com ele, pensou. Endireitou os ombros e tirou suas melhores maneiras quando a fizeram passar a uma simpática sala de estar que dava à rua. O conde de Edgecombe começou a levantar-se de sua poltrona junto a lareira, com um acolhedor sorriso em sua face macilenta, e a senhorita Marshall correu para ele com as mãos

estendidas, as bochechas rosadas, o rosto sorridente.

—Senhorita Allard —disse Amy, quando Frances pôs as mãos nas dela—. Estou tão encantada de que tenha vindo. Sente-se, por favor, ao lado de meu avô. Em seguida subirão a bandeja com o chá.

—Obrigada.

Sorriu afetuosamente a jovem, que sem dúvida estava fazendo uso de suas melhores maneiras, meio eufórica e meio nervosa, temendo cometer algum engano. Era bonita, o cabelo e os olhos castanhos como seu irmão, embora sua face fosse em forma de coração, as bochechas arredondadas e o delicado queixo em ponta.

O conde lhe sorriu amavelmente e estendeu a mão direita quando ela se aproximou. Segurou sua mão e a levou a seus lábios.

—Senhorita Allard, faz-nos uma imensa honra —lhe disse—. Espero não havê-la afastado de um compromisso muito importante em sua escola.

Ela se sentou na poltrona junto a dele.

—Estou segura de que as meninas do coral se sentiram encantadas ao inteirar-se de que não haveria ensaio esta tarde, milord.

—Então dirige um coral, ensina música e dá aulas de piano —disse ele—. Mas quando canta, senhorita Allard?

—Ontem à noite foi a primeira vez que cantei fora da escola em vários anos —respondeu ela, enquanto o conde voltava a sentar-se, o visconde Sinclair tomava assento em outra poltrona, a senhorita Marshall revoava por aí e a criada e o mordomo entravam com as xícaras para o chá —. Foi bom para meus nervos que o público não fosse mais numeroso.

—Foi uma tragédia para o mundo musical que o público fosse tão pouco numeroso —disse ele—. Não só tem boa voz, senhorita Allard, mais que boa. Tem uma voz «maravilhosa», decididamente uma das mais formosas que ouvi em quase oitenta anos de vida. Não, não, «A» mais formosa.

Frances não seria humana se não houvesse sentido um calorzinho de prazer diante esse elogio tão pródigo e ao tão sincero.

—Obrigada, milord —disse, sentindo subir o rubor às bochechas.

Sobre uma mesinha próxima aonde acabava de sentar a senhorita Marshall atrás da bandeja do chá, puseram uma bandeja de delicados e diminutos sanduíches e outra com pãezinhos banhados em nata coalhada com geléia de morangos. Havia também outra bandeja com bolachas de caprichosas formas. A menina serviu o chá em xícaras de delicada porcelana e as levou a cada um; depois ofereceu os sanduíches.

—Mas já ouviu que tudo isso antes —disse o conde—. Muitas vezes, suponho.

Sim já haviam dito. Às vezes pessoas cujas opiniões ela respeitava. Depois da morte de seu pai, pessoas que lhe prometeram fama e fortuna, sem interessar-se nem um pouco por sua alma de

artista. Mas por diversos motivos, dos quais a vaidade juvenil não era o menor, tinha acreditado e permitido que a representassem, e esteve a ponto de ser desonrada por isso. E depois perdeu a Charles por culpa do canto, e finalmente se comportou muito mal. Perdeu muito; todos seus sonhos da infância, por exemplo. Às vezes, mesmo que só tivessem transcorrido três anos desde que viu o anúncio para o posto de professora na escola, e solicitou ao senhor Hatchard a enviasse a Bath para uma entrevista com a Claudia, às vezes era difícil acreditar que todas essas coisas tivessem acontecido a ela e não a outra pessoa. Até a noite passada, não tinha cantado em público em três longos anos.

—As pessoas sempre foram amáveis —disse.

—Amáveis—repetiu o conde, rindo roucamente, e pegando um petisco da bandeja—. Não é amabilidade, senhorita Allard, render homenagens quando se está em presença da grandeza. Quem dera estivéssemos em Londres. Convidaria à alta sociedade para uma festa em minha casa para que você cantasse para eles. Não sou um famoso mecenas das artes, mas não faz falta que seja. Seu talento falaria por si mesmo, e estaria assegurada sua carreira como cantora. Estou convencido disso. Poderia viajar por todo mundo e encantar ao público em qualquer lugar onde fosse.

Frances molhou os lábios e moveu daqui para lá as iguarias que tinha no prato.

—Mas não estamos em Londres, senhor —disse o visconde Sinclair—, e a senhorita Allard parece estar muito contente com sua vida tal como é. Não tenho razão, senhora?

Ela levantou os olhos para os dele, e deu-se conta do muito que se parecia com seu avô. Tinha o mesmo rosto de mandíbula quadrada, embora a do conde se afrouxasse com a idade e a dominava uma sorridente afabilidade, enquanto que a do visconde se via arrogante, obstinada e inclusive dura. Estava-a olhando com olhos intensos e uma sobrancelha arqueada. E tinha falado em tom abrupto, embora talvez ela fosse a única a notar.

—Eu gosto de cantar para mim mesma —disse—, e para os outros. Mas não anseio a fama. Quando se é uma professora, deve oferecer o melhor, é obvio, a sua empregadora, aos pais das alunas e às próprias alunas, embora, apesar de tudo, gozo de muitíssima liberdade profissional também. Não sei se poderia dizer o mesmo de uma cantora, ou de qualquer outro tipo de intérprete. Necessitaria um representante ou agente, para o que seria somente um bem comercializável. A única coisa que importaria seria o dinheiro, a fama e a imagem, conhecer as pessoas adequadas e... bom, acredito que nessas circunstâncias seria difícil conservar a integridade e a visão do que é a arte.

Falava por amarga experiência.

Os dois a estavam olhando muito atentos, o visconde com a brincadeira marcada em todos os contornos do corpo.

Ele a tinha chamado escrupulosa; era uma tolice sentir-se ferida por essa descrição. Era

escrupulosa, não tinha por que envergonhar-se disso. Era algo que tinha cultivado intencionalmente. Observou que ele estava brincando com a beirada de seu prato, com a mão forte e capaz, que tinha cortado lenha, descascado batatas, esculpido a cabeça de um boneco de neve. A mão que manteve apoiada em suas costas quando dançavam a valsa, e lhe acariciou o corpo...

A senhorita Marshall se levantou para oferecer pãezinhos.

—Acredito que não —disse o conde—, se tivesse um agente que compartilhasse sua visão artística, senhorita Allard. Mas e sua família? Alguma vez a incentivou? Quem são, se me permite perguntá-lo? Nunca ouvi falar de nenhum Allard.

—Meu pai era francês. Escapou do reinado do Terror quando eu ainda era bebê e me trouxe para a Inglaterra. Minha mãe já tinha morrido. Ele morreu faz cinco anos.

—Quanto o lamento —disse ele—. Teve que ficar só muito jovem. Tinha algum outro familiar aqui na Inglaterra?

—Somente minhas duas tias avós. São irmãs de minha avó, filhas do falecido barão Clifton.

—De Wimford Grange? —exclamou ele arqueando as sobrancelhas—. E uma delas é a senhora Melford, não e ? Era íntima amiga de minha falecida esposa. Fizeram juntas sua apresentação em sociedade. E você é sua sobrinha neta. Wimford Grange está a menos de vinte milhas de minha casa de Barclay Court. Ambas as propriedades estão em Somersetshire.

E isso explicava porque ela e Lucius Marshall estavam viajando pelo mesmo caminho depois do Natal, compreendeu ela. Não o olhou, e ele não fez nenhum comentário.

—Faz anos que não vejo a senhora Melford —continuou o conde—. Mas sente que o atual Clifton não a tenha ajudado em sua carreira como cantora.

—Na realidade é um primo bastante distante, milord —disse ela; nem sequer o tinha visto esse último Natal.

—Suponho —concedeu ele—. Mas talvez se sobressaltou com toda esta conversa sobre sua família e seu talento. Falemos de outra coisa. O conceito de um colégio para meninas é interessante, quando a maioria das pessoas querem nos fazer acreditar que utilizar o dinheiro para educar a metade feminina da população é jogá-lo fora, ou que a pouca educação que requerem as meninas podem ser aprendidas melhor com uma preceptora. Imagino que você está em desacordo com ambas as opiniões.

Riam-lhe os olhos sob as sobrancelhas brancas. E efetivamente trocou de tema, escolhendo um que supunha provocaria uma reação nela. Provocou-a, claro, e tiveram uma animada conversa analisando as vantagens de enviar longe de casa às meninas para as educar, e as instruir em temas tais como matemática e história. Também era um tema no qual à senhorita Marshall adorou participar. Sempre tinha pensado que seria tremendamente divertido ir a um colégio, explicou a Frances, mas tinha herdado a preceptora de suas irmãs e portanto continuou em casa.

—E não é que não tenha recebido uma boa educação dela, senhorita Allard—, mas acredito que teria sido maravilhoso receber aulas de piano de você e cantar em um de seus corais. As meninas de seu colégio são muito afortunadas.

Frances quase sentia a brincadeira que emanava da poltrona do visconde Sinclair, mesmo que não olhasse em sua direção e que ele não participasse muito da conversa.

—Bem, obrigada —disse, sorrindo à menina—. Mas são afortunadas pelos outros professores e professoras também. A senhorita Martin insiste em escolher só o melhor. Embora suponha que dizendo isso engrandeço a mim mesma.

— Teria gostado de —disse a senhorita Marshall—, ter amigas da minha idade.

Finalmente a conversa voltou para a música, mas já não se centrou a ela pessoalmente. Falaram de suas respectivas preferências em compositores, peças de música e instrumentos para concertos. O conde lhes falou de interpretações de músicos famosos que tinha ouvido fazia muitos anos em Viena, Paris e Roma.

—O Continente ainda estava aberto aos jovens que faziam o Grand Tour em meu tempo —explicou—. E, ah, que bom era, senhorita Allard. Os franceses em geral e Napoleão Bonaparte em particular, têm muito do que responder. Lucius se viu privado dessa experiência, e seu pai também.

—Tem que voltar a esse tema com meu avô quando tiver duas ou três horas livres, senhorita Allard —disse o visconde Sinclair.

Eram palavras irônicas, e entretanto pareceu que as dizia com afeto. Talvez sim, tivesse alguns sentimentos mais nobres.

— Esteve em Paris? —perguntou ao conde—. Como é?

O conde de Edgecombe estava mais que disposto a falar de seu passado, e os entreteve tanto com as anedotas de suas viagens e as descrições dos lugares e pessoas que tinha visto, que Frances olhou surpresa quando o visconde se levantou e anunciou que era hora de devolver à senhorita Allard à escola.

Em algum momento dessa hora ela relaxou e começou a aproveitar. Talvez Anne tivesse razão no que lhe disse a noite passada. Talvez fosse enterrar uns quantos fantasmas. Nesse dia tinha visto o outro lado da natureza do visconde Sinclair: o lado arrogante, zombador, menos agradável, que viu quando o conheceu e esqueceu em grande parte no dia seguinte e subseqüente. Era bom que se lembrasse do que exatamente se afastou.

Não poderia ser feliz com esse homem. Embora também fosse, está claro, a pessoa que tinha vindo a Bath para cuidar de seu avô e de sua irmã mais nova.

Ah, que enredo é a vida às vezes. Seria muito mais fácil cobrar simpatia ou antipatia das pessoas se só tivessem uma maneira de ser.

O conde e a senhorita Marshall também se levantaram. O conde segurou sua mão e a levou aos

lábios.

—Foi um prazer e uma honra, senhorita Allard —lhe disse—. Espero ter a oportunidade de ouvi-la cantar outra vez antes de morrer. Acredito que isso será um de meus mais acariciados desejos, na realidade.

—Obrigada, o senhor é muito amável. —Sorriu-lhe com um sentimento próximo ao afeto.

A senhorita Marshall lhe deu um forte abraço.

—Isto foi simplesmente «fabuloso» —disse, revelando toda sua juventude nessa exuberante despedida.

—Foi, sim—disse Frances sorrindo afetuosa—. E minha anfitriã me tratou como uma rainha. Obrigada por me atender tão bem.

Mas então a menina se voltou impulsivamente para seu irmão no momento em que Frances ia sair da sala de estar diante dele.

—Luz, passa o dia dizendo que se eu quiser que me leve com ele e vovô à festa em Upper Rooms dentro de três noites, teríamos que procurar uma dama mais velha para que me acompanhasse. Poderíamos convidar à senhorita Allard? Ai, por favor, podemos?

Frances a olhou consternada, mas a menina tinha a vista cravada em seu irmão, seus olhos suplicantes, suas mãos agarradas à altura do peito.

Que terrível estupidez da menina ao perguntá-lo quando ela estava perto.

—Mais velha? —disse o visconde Sinclair arqueando uma sobrancelha.

—Bom, é mais velha que eu —disse a menina—. Não disse que era velha, Luz, só que tinha mais idade que eu. E é professora.

—É uma sugestão esplêndida, Amy —disse o conde—. Deveria haver me ocorrido . Senhorita Allard, nos faria essa honra? Embora talvez, como vive em Bath, assistir a uma dessas festas não será uma grande coisa para você.

—Se nunca fui a nenhuma! —exclamou ela.

—O que? Nenhuma vez? Então, por favor, aceite assistir a esta festa na qualidade de nossa convidada especial —disse o conde.

—Por favor aceite, senhorita Allard —lhe suplicou a senhorita Marshall—. Carolina e Emily, minhas irmãs, morrerão de inveja se contar que fui depois de tudo.

Frances era terrivelmente consciente do silêncio que mantinha o visconde Sinclair a seu lado. Virou-se para olhá-lo, com os dentes enterrados no lábio inferior. Como podia negar-se sem fazer sofrer à senhorita Marshall, que estava se desesperada por assistir a uma festa antes de ser considerada oficialmente maior de idade?

Ele não a ajudava. Mas como poderia, sem ser grosseiro diante de sua família?

—Seria maravilhoso se pudesse aceitar, senhorita Allard —disse ele secamente—. Faria um favor

a todos nós .

O problema era que ela sempre pensara que seria maravilhoso dançar na sala de baile chamada Upper Rooms, que já tinha visto, mas só no dia em que foi visitar com um grupo de meninas. Em outro tempo freqüentara bailes em Londres e sempre desfrutava extraordinariamente neles.

Mas como podia ir a esse?

E como podia negar-se? Agora o convite foi feito pelos três.

—Obrigada —disse—. Seria muito agradável. A senhorita Marshall bateu Palmas, o conde a agradeceu com uma inclinação de cabeça e o visconde Sinclair a tirou da sala sem acrescentar outra palavra, uma de suas mãos firme em suas costas à altura da cintura, fazendo-a sentir como se estivesse abrindo um buraco com fogo nela.

Fizeram o trajeto de volta ao colégio sentados um ao lado do outro no carro, sem trocar palavra. Que situação mais desconcertante. Frances esteve a ponto de lhe perguntar se o incomodava a ida dela a essa festa, mas era evidente que o incomodava, assim como a ela. Pensou em perguntar se ele queria que ela enviasse através dele uma desculpa para não ir. Mas por que teria que fazê-lo? Haviam-na convidado corretamente, mesmo que a senhorita Marshall tivesse falado impulsivamente sem haver consultado seu irmão em particular.

Além disso, se o incomodava e desejava que ela não fosse, tinha língua, tal como ela tinha. Que ele fosse o primeiro a falar.

Entretanto, seu coração compreendeu que se encontrava em um estado muito frágil, e claro que não lhe faria nenhum bem voltar a vê-lo depois de hoje. Inclusive essa visita a faria sofrer horas insones durante muitas noites, não havia dúvida. Santo Deus, tinha feito amor com esse homem que ia calado a seu lado. Recordava com enorme clareza todos os detalhes dessa noite de intimidade.

E da horrorosa separação no dia seguinte.

O carro parou diante da escola exatamente às cinco e meia. Peters abriu a porta, tirou os degraus e o visconde Sinclair desceu e ajudou Frances descer à calçada. Logo a acompanhou até a porta, que Keeble já tinha aberta.

—Daqui a três noites, então, virei buscar você para acompanhá-la às Upper Assembly Rooms — disse.

—Sim, obrigada —disse ela.

—Talvez —disse ele então, perfurando-lhe os olhos com os seus— possamos dançar outra vez, senhorita Allard.

Em seguida entrou e subiu correndo ao seu quarto, onde esperava poder tranqüilizar sua revolta ao menos o suficiente para corrigir umas quantas redações antes do jantar.

«Virei buscar você para acompanhá-la...»

«Talvez possamos dançar outra vez...»

A vida era tremendamente injusta. A noite passada tornou a sentir-se feliz. E agora...

Agora parecia que tudo nela, todas as partes de seu corpo, sua cabeça, suas emoções, giravam em um redemoinho.

Leu atentamente a primeira das quatro páginas de uma redação, e quando estava chegando ao final se deu conta de que não tinha entendido nenhuma só palavra.

Era muito bom recordar que era uma professora, disse-se severamente. Esse era seu papel principal e o único verdadeiramente importante em sua vida.

Era professora.

Começou a ler a página desde o começo.

Capítulo 12

Depois de dispensar seu criado de quarto, Lucius se olhou no espelho por um momento, carrancudo. Sempre se esforçava em parecer o melhor possível. Afinal, fazia parte de ser um cavalheiro estar sempre na moda e bem vestido, sobretudo se o cavalheiro tinha fama de ser muito elegante. Mas por que demônios tinha obrigado ao pobre Jeffreys a descartar três gravatas muito respeitáveis para no final mostrar-se satisfeito com a quarta?

Estaria se transformando em uma espécie de dandi?

Só ia a uma festa em Bath, pelo amor de Deus, não a um baile no Carlton House. Teria sorte se houvesse umas dez pessoas com menos de cinqüenta anos. O mais provável é que fosse uma festa longa e aborrecida, para cochilar. E entretanto aí estava, tendo mais trabalho que de costume com sua aparência.

Custava-lhe acreditar que ele, Lucius Marshall, visconde Sinclair, fosse realmente a uma reunião tão insípida. Raramente ia a bailes ou festas, nem sequer em Londres, embora tivesse que fazê-lo essa primavera, claro. Consideraria essa festa algo assim como um ensaio para o que estava por vir.

A expressão se transformou em uma careta, assim que deu as costas ao espelho.

Quando desceu encontrou Amy já vestida e passeando pela sala de estar, mesmo que ainda faltasse meia hora para que ela e seu avô se colocassem a caminho do salão de festas. Esteve muito nervoso todo o dia, incapaz de concentrar-se em nada.

—Bom, está extraordinariamente bonita esta noite —lhe disse.

Ela segurou nos lados do vestido e fez uns quantos giros e saltos diante dele, enquanto a olhava com olho crítico da cabeça aos pés. Gostava do vestido de musselina azul celeste que a ajudou a escolher há dois dias, e o primoroso penteado com cachos. Sua criada teve o bom senso de não fazê-la parecer mais velha do que era. Embora não tivesse a altura nem a elegância de Caroline, nem a covinha na bochecha nem os cachos naturais de Emily, podia ser a mais bonita das três. Margaret

foi uma beldade em seu tempo e continuava bonita mesmo que já tivesse passado dos trinta e tivesse três filhos.

—Estou bem, então? —perguntou Amy, olhando-o com as bochechas coradas e os olhos brilhantes.

—Muito bem. Se esta noite todos os cavalheiros a assediarem terei que afugentá-los com meu monóculo.

—Ah, Luz —riu ela, encantada—, espero que não ponha uma expressão tão feroz quando estiver comigo, porque senão ninguém terá coragem para me tirar para dançar. Está esplêndido, isso sim.

—Obrigado, senhora —disse ele inclinando-se em uma reverência brincalhona—. Irá devagar quando sair de casa com o vovô, Amy? Ou galopará com todo seu entusiasmo obrigando-o a seguir seu passo?

Ela ficou séria imediatamente.

—É obvio que não. Acredito que as águas estão fazendo bem a ele, não parece, Luz? Esta bastante bem ultimamente.

—Sim—conveio ele, embora os dois soubessem que nunca voltaria a estar realmente bem.

—Não vejo a hora de ir —disse ela segurando as mãos no peito— e de voltar a ver a senhorita Allard. É extraordinariamente amável, e me trata como a uma adulta. E é formosa além disso, embora não se vista na última moda. Admiro-a por seu formoso cabelo e seus olhos escuros. Vamos, a que horas o vovô vai estar pronto?

—À hora exata em que disse que estaria — disse Lucius aproximando-se da janela—. Sabe que ele é pontual sempre. E se eu quiser ser pontual, devo me pôr em marcha. Vejo que Peters já tirou o carro.

Uns minutos depois ia novamente a caminho da escola da senhorita Martin.

Essa manhã tinham chegado cartas de sua mãe e de Caroline.

Destacando entre as notícias que as duas estavam ansiosas por comunicar que o marquês de Godsworthy tinha chegado à cidade para passar a temporada com o senhor e a senhora Balderston, e com Porta, é obvio. Sua mãe tinha ido com Caroline e Emily para visitar as duas damas. A senhorita Hunt estava de muito bem, informavam. Lady Balderston tinha perguntado por ele e dito que esperava vê-lo em um futuro próximo.

Porta sempre estava bem, assim isso não era nenhuma novidade. Não recordava jamais havê-la visto com a proverbial mecha fora do lugar, nem sequer quando era uma menina.

O carro se deteve diante da porta da escola e Lucius desceu à calçada sentindo-se como se fosse fazer algo pecaminoso: acompanhar outra mulher a um baile.

Seus olhos se encontraram com uma curiosa cena quando o porteiro abriu a porta e o fez entrar. Frances Allard estava no meio do vestíbulo, luzindo um vestido de musselina cinza com reflexos

prateados, apertado sob o peito por uma fita de seda prateada e duas voltas da mesma fita no barrado. Outra dama estava ajoelhada junto a ela, com uma agulha e fio na mão costurando uma parte da fita que devia haver-se soltado. E havia mais uma, inclinada para a que estava ajoelhada com alguns alfinetes na mão. Por último, a senhorita Martin estava pondo um xale de caxemira ao redor dos ombros de Frances, alisando-o.

Quando ele entrou, as duas costureiras viraram para ele suas faces igualmente ruborizadas e puseram-se a rir. Frances mordeu o lábio inferior, com aspecto de estar sobressaltada, mas imediatamente pôs-se a rir também.

—Ai, Deus —disse.

A viva beleza de sua alegre expressão o golpeou como um soco no abdômen, e quase o deixou sem poder respirar por um momento.

—Outro cavalheiro que decide chegar cinco minutos antes da hora marcada —disse severamente a senhorita Martin.

—Peço-lhe que me perdoe. —Arqueou as duas sobrancelhas—: Devo sair à calçada e esperar lá até que passem os cinco minutos?

As três caíram na risada outra vez; inclusive a senhorita Martin sorriu.

—Não, não, já estou pronta—disse Frances. A costureira cortou o fio e a faixa já estava em seu lugar—. Já conhece a senhorita Martin, lorde Sinclair. Permita-me que o presente a minhas companheiras, a senhorita Jewell e a senhorita Osbourne?

Apontou para as duas costureiras, as duas jovens e bonitas. As duas olhando com franco interesse.

—Senhorita Jewell? —disse, inclinando-se para a professora loira de olhos azuis—. Senhorita Osbourne? —inclinou-se para a pequena beldade de cabelo castanho avermelhado.

As duas se inclinaram em uma reverência.

De repente compreendeu que uma noite fora para uma delas devia ser uma ocasião importante para todas. Compreendeu que via uma realidade, embora involuntária, de outro mundo, um mundo alheio, no qual a vida das mulheres não era uma constante e ociosa ronda de festas, bailes e frivolidades. Entretanto, todas essas professoras eram jovens e atraentes. Nem sequer a rígida e azeda senhorita Martin ele repelia.

Mas por que demônios Frances decidiu ser uma delas? Não tinha por que.

O porteiro, calado e sombrio, como se o chateasse a intrusão de qualquer homem que não fosse ele, nesse sagrado recinto feminino, abriu a porta e ele saiu atrás de Frances e a ajudou a subir no carro.

—O tempo colaborou para a ocasião —disse ela alegremente quando o carro colocou-se em marcha.

—Teria recusado o convite se tivesse chovido?

Ela segurou as pontas do xale com ambas as mãos.

—Não, claro que não.

—Então só queria manter uma conversação educada?

—Perdoe se o aborreci —disse ela em tom incomodado —. Talvez devesse ter ficado calada. Farei isso o resto do trajeto.

Quando ela não falou mais nenhuma palavras, depois de um ou dois minutos, perguntou-lhe:

—O que fazem normalmente para se entreter? Você e as outras professoras? Vive em Bath e entretanto nunca esteve em uma festa. Colocam às meninas na cama toda noite e depois se sentam para conversar acima do ruído de suas agulhas de fazer crochê?

—Se o fazemos, lorde Sinclair, não tem por que preocupar-se conosco. Somos muito felizes.

— Disse isso uma vez, e depois mudou a palavra para «contente». Basta para você estar contente, Frances?

Ele pensou que não ia responder. Observou-a na tênue luz do anoitecer. Essa noite não usava chapéu. Seus escuros cabelos lisos estavam presos sobre a cabeça, com uns poucos cachos na nuca. Não era um penteado complicados, mas ficava muito melhor do que o habitual coque. Estava elegante e formosa. Ia conseguir que todas as demais mulheres que estivessem na festa, parecessem excessivamente polidas.

—Sim—disse ela—. A felicidade deve encontrar seu equilíbrio na infelicidade, e a ilusão na depressão. Estar contente é mais fácil de manter e traz consigo a tranqüilidade da mente e a paz da alma.

—Meu Deus! Pode haver algo mais aborrecido? Acredito que é uma covarde, Frances.

Ela se voltou para olhá-lo com seus grandes olhos indignados.

—Uma covarde? Acha que foi covardia minha não abandonar minha profissão, minha segurança, meu futuro e minhas amigas para ir a Londres com você.

— Acho sim —disse ele.

—Se covardia significar prudência, então sim, por sua definição, sou uma covarde, lorde Sinclair, e não peço desculpas por sê-lo.

—Poderia ter sido feliz —continuou ele—. Poderia ter aproveitado uma oportunidade na vida. E muito em breve eu teria descoberto seu talento, sabe? Poderia ter cantado para públicos mais numerosos dos que jamais encontrará aqui. Não pode me dizer que tendo a voz que tem não sonhou nunca com a fama.

—E com a fortuna —acrescentou ela em tom duro—. As duas estão indevidamente unidas, lorde Sinclair. Suponho que você teria me feito feliz, suponho que você teria patrocinado minha carreira como cantora e teria procurado que conhecesse todas as pessoas adequadas.

—E por que não? Não iria manter todo seu talento unicamente para mim.

—Então —disse ela, com a voz tremendo por uma emoção que ele pensou devia ser raiva—, uma mulher é totalmente incapaz de saber o que quer e de encontrar a alegria, inclusive a felicidade, que deseja na vida, sem a ajuda e a intervenção de um homem. É isso o que quer dizer, lorde Sinclair?

—Não sabia que estávamos falando dos homens e mulheres em geral. Eu falava de você. E a conheço bastante bem para compreender que não foi feita para estar simplesmente contente. Que absurdo que acreditar nisso. Virtualmente goteja paixão pelos poros, Frances, e não toda ela sexual, poderia acrescentar.

—Como se atreve! —exclamou ela—. Não me conhece absolutamente.

—Perdoe-me, conheço-a no sentido bíblico, e uma noite me bastou para tirar certas conclusões sobre sua capacidade para a paixão sexual. Falei com você , e briguei com você, em várias ocasiões, inclusive nesta noite. Ri e brinquei com você. E talvez o mais importante de tudo, ouvi-a cantar. Conheço-a bastante bem.

—Cantar não tem nada a ver com...

—Ah, pois sim que tem a ver. Qualquer pessoa que usa um extraordinário talento em sua totalidade, esquecendo-se de si mesmo, não tem outra opção que esvaziar-se. Não há forma de ocultar-se nessas ocasiões, seja uma pintura, um poema ou uma canção o produto. Quando cantou na festa dos Reynolds, revelou muito mais que uma voz formosa, Frances. Revelou-se você, e só um idiota não a teria visto como a mulher profundamente apaixonada que é.

Curioso, não tinha pensado conscientemente nessas coisas antes; mas sabia que dizia a verdade.

—Estou muito contente como estou —disse ela obstinadamente, apoiando as duas mãos na saia e olhando os dedos estendidos.

—Ah, sim, muito covarde, Frances. Renuncia à discussão e se refugia em banalidades porque seu caso é indefensável. E mente descaradamente.

—Você foi ofensivo. Não lhe dei nenhuma permissão para que falasse comigo com tanta liberdade, lorde Sinclair.

—É possível que não. Só me deu seu corpo.

Ela fez uma brusca inspiração. Mas deixou sair o ar lentamente e se refreou de o responder.

Ele não tinha prestado atenção ao caminho. De repente deu-se conta de que foram aproximando-se do salão de baile. Estupendo. Meu Deus, não teve a menor intenção de brigar com ela. E talvez não o teria feito se ela não o tivesse irritado, iniciando a conversação com seu alegre e banal comentário sobre o tempo.

Como se só fossem dois desconhecidos.

Quanto antes partisse de Bath e voltasse para o assunto sério de atar-se em um matrimônio, melhor para todos. E Porta Hunt estava em Londres esperando-o. Também o estavam a mãe dela, a

mãe dele e suas irmãs.

Bath, Londres. Londres, Bath. Maldição, era como escolher entre o diabo e a profundidade do mar azul.

Aonde tinha ido essa vida que o tinha mantido tão contente durante os dez últimos anos?

Mas quando desceu do carro e se virou para oferecer a mão a Frances, deu-se conta.

Contente?

Esteve «contente» esses dez últimos anos?

Contente?

Muitas vezes nesses três dias Frances esteve a ponto de escrever à senhorita Amy Marshall desculpando-se por não poder ir à festa. Tinha muito trabalho por fazer na escola, aulas para preparar, redações por corrigir, além das aulas particulares de música que devia repartir em seu horário, e os ensaios com os corais das pequenas e das maiores e o coral de três ou quatro vozes.

Sua vida de professora ocupava a maior parte de suas horas de vigília.

Mas suas amigas, que deveriam ter apoiado essa atitude responsável, nesta ocasião não colaboraram.

«Tem que ir e desfrutar pela senhorita Marshall —lhe disse Claudia—; disse que necessitava companhia feminina, e já é tarde para que encontrem outra. E deve ir pelo conde de Edgecombe também. Parece um cavalheiro fino e cortês, embora seja um aristocrata.»

«E deve ir e desfrutar por nós —acrescentou Anne suspirando—. vai a uma das festas na Upper Rooms, Frances, convidada especial de um conde e um visconde. Nós queremos desfrutá-la através de você. Queremos ouvir todos os detalhes, por mínimos que sejam, na dia seguinte.»

«E talvez —acrescentou Susanna, com sua característica piscada travessa nos olhos—, o visconde Sinclair compreenda que não deveria havê-la deixado partir depois do Natal, Frances, e comece a cortejá-la a sério. Você se apaixona por ele e põe para repousar o pobre senhor Blake. —Mas correu para abraçá-la pondo fim às brincadeiras—. Aproveite, Frances.

Mas depois Anne foi a seu quarto quando estava se preparando para sair, para perguntar se de verdade ia ser muito doloroso para ela estar em companhia do visconde Sinclair toda a festa.

«Talvez não deveria ter dito para aproveitar a festa por nós. Que egoísmo o meu.»

Mas já era muito tarde para não ir, de modo que Frances lhe assegurou que a visita a Brock Street para tomar o chá a tinha curado de qualquer estúpido amor que tivesse sentido por ele depois do Natal.

Isso foi justo antes que chegassem Susanna e Claudia a seu quarto, e justo antes da hora em que devia chegar o visconde Sinclair para buscá-la, de modo que todas desceram com ela para esperar na sala de visitas. E justo quando foram para o vestíbulo Anne viu que tinha descosturado a fita e

Susanna voou para cima para procurar agulha, fio e alfinetes, e todas riam para afugentar o pânico enquanto Anne costurava.

A nenhuma ocorreu ir à sala de estar ou dizer ao Keeble que não abrisse a porta quando o visconde bateu.

A situação foi bastante violenta e bastante divertida. E quando ele se ofereceu para sair e esperar fora, foi mais divertida ainda. E claro, na realidade era bastante emocionante ir a uma festa, e talvez poder inclusive dançar.

Talvez com ele.

Ele tinha falado de dançarem juntos quando a levou para casa na tarde depois do chá.

Mas ela já não se sentia tão animada quando desceu do carro às portas do salão de baile. Santo Deus, tinha-a chamado covarde; e mulher apaixonada.

«Virtualmente goteja paixão pelos poros, Frances, e não toda ela sexual, poderia acrescentar.»

Tinha falado abertamente da noite que passaram juntos. Recordou que a conhecia no sentido bíblico.

Acusou-a de esconder-se atrás de sua alegria, de ser muito covarde para agarrar a felicidade.

Não era covardia. Era sensatez, arduamente adquirida. Seria maravilhoso, pensou quando ia passando diante dele pelas portas, se não estivesse tão aniquiladoramente arrumado essa noite, com seu fraque e calças negras, seu colete prateado bordado, a camisa branca de linho e a gravata perfeitamente atada. Ou tão sufocadoramente masculino com seu formoso rosto de mandíbula quadrada e intensos olhos castanhos.

E então esqueceu um pouco de sua agitação ao dar-se conta de que estava ali de verdade. Ia a um baile na Upper Assembly Rooms. Ao menos parte dos motivos para decidir ir depois de tudo, compreendeu, foi seu desejo de participar de uma reunião assim outra vez. Tinha sentido falta da sociedade. Não havia se sentido desgraçada sem ela, mas sim sentido falta dela. Os convidados circulavam pelo vestíbulo de entrada com seu teto elevado, e sentiu uma inesperada onda de entusiasmo.

O visconde Sinclair pôs a mão atrás na sua cintura para fazê-la avançar. Mas antes que pudesse sentir algo mais que um estremecimento de emoção diante de seu contato, se aproximou com toda pressa a senhorita Amy Marshall; devia estar esperando sua chegada olhando da porta do salão de baile. Estava bonita, juvenil, toda animação e entusiasmo.

—Senhorita Allard —lhe disse estendendo as duas mãos, como tinha feito em Brock Street, segurando-as e beijando-a na bochecha—, chegou a tempo. Só faz cinco minutos que chegamos o vovô e eu, e sim Luz, viemos a passo de tartaruga, juro-lhe isso. Que formosa está de prata, senhorita Allard. Seu vestido combina à perfeição com as cores de Luz —acrescentou rindo.

Ai, Deus, que comentário mais desafortunado. Frances se separou da mão dele, sorriu

alegremente quando a menina segurou seu braço e as duas puseram-se a andar em direção ao salão de baile. Lorde Sinclair as seguiu.

—Ah! —exclamou Frances quando se detiveram na porta—. Só tinha visto o salão à luz do dia. É muito mais esplêndido com todas as velas acesas, não é?

Vários abajures de aranha pendiam do teto, todos cheios de velas acesas. Sobre o palco estavam os membros da orquestra afinando seus instrumentos. Um bom número de pessoas estavam reunidas em pequenos grupos, de pé ou sentadas ou passeando ao redor da pista de dança.

Tinha que fixar-se em todos os detalhes, pensou, para poder fazer um fiel relato de tudo a suas amigas no dia seguinte.

—Esta é a primeira vez que entra em um salão de baile depois de muito tempo, não é, senhorita Allard? —perguntou-lhe o visconde Sinclair.

Na tarde do chá ela lhes disse que nunca tinha estado em uma festa no salão de Bath, mas entendeu imediatamente por onde foram os tiros. E quando se virou para olhá-lo, viu em seus olhos o brilho quase diabólico que esperava ver.

—Sim —respondeu.

—Parece que vai haver bastante assistência —disse ele—, embora só estejamos em Bath e portanto não se pode esperar uma grande multidão. Uma festa pode ser, claro, perfeitamente prazeirosa com muito poucos convidados. Inclusive dois bastam, sempre que os convidados sejam um homem e uma mulher, para que possam dançar. Nem sequer a orquestra é indispensável.

—Que ridículo, Luz! —exclamou sua irmã rindo alegremente.

Mas o visconde tinha os olhos fixos em Frances e as sobrancelhas arqueadas.

—Não estaria de acordo comigo, senhorita Allard? —perguntou-lhe.

Não se ruborizaria, pensou ela, não, por nada do mundo.

—Mas então não seria uma verdadeira festa, não é ? —disse. —E o homem e a mulher — acrescentou ele— poderiam cansar-se muito em breve de dançar e procurar alguma outra diversão. Tem toda a razão. Suponho que temos que agradecer que haja uma multidão considerável aqui esta noite.

Por que fazia isso?, pensou Frances. Não pareceu agradá-lo vê-la em nenhum de seus três encontros desde sua volta a Bath.

Felizmente nesse momento chegou até eles o conde de Edgecombe. Tinha permanecido no salão de baile para acompanhar sua neta enquanto estava sozinha, explicou-lhes, depois de cumprimentar Frances inclinando-se sobre sua mão, mas queria ir à sala de jogo, se o desculpassem.

—Dancei em algumas festas informais em casa —confidenciou a Frances a senhorita Marshall, enquanto o visconde Sinclair levava a seu avô ao outro salão—, mas nunca estive em uma tão

grandiosa. Caroline e Emily vão ficar verdes de inveja quando eu contar amanhã.

Não havia muita gente jovem, observou Frances. E embora a primeira vista a deslumbrou a elegância dos convidados, ao olhar mais atentamente viu que muito poucos foram vestidos no estilo que se esperaria ver em um baile da alta sociedade. Mas isso a alegrava. Tinha temido chamar a atenção com seu vestido menos que elegante.

—É bastante grandiosa —disse—, mas o próximo ano, senhorita Marshall, quando fizer sua apresentação em sociedade, estará encantada ao descobrir que há algo ainda mais grandioso que isto para experimentar.

—Ah, por favor, me chame Amy —disse a menina. Então sua expressão se iluminou mais e levantou o leque para cumprimentar alguém que se achava do outro lado da pista de dança —. Aí está Rose Abbotsford com sua mãe. E esse deve ser o irmão de que me falou. É arrumado sobremaneira, não acha?

Abriu o leque no momento em que chegava até elas seu irmão.

—Antes que comece a conquistar todos os jovenzinhos do salão, Amy —lhe disse—, lembre que vai dançar comigo a primeira série de danças. É provável que minha mãe queira minha cabeça por haver permitido que viesse aqui.

E nesse instante um cavalheiro estava se inclinando diante de Frances. Viu que era o senhor Blake.

—Senhorita Allard —disse ele—. Não me atreveria a esperar vê-la aqui esta noite. Mas estou encantado, é obvio.

Enquanto fazia a reverência ele olhou a seus dois acompanhantes, e ela os apresentou, embora já os tivesse visto na festa dos Reynolds.

—Foi extraordinariamente amável de sua parte, milord — disse ao visconde—, trazer aqui à senhorita Allard como convidada.

—Ah —disse Frances, sobressaltada—. Estou aqui mais na qualidade de acompanhante do que de convidada, senhor Blake.

—Não, isso não, de maneira nenhuma —exclamou Amy, lhe golpeando o braço com o leque—. Que idéia!

—Obrigado, senhor, mas a senhorita Allard é a convidada pessoal do conde de Edgecombe — disse o visconde Sinclair.

Disse-o em um tom tão frio e altivo que Frances o olhou fixamente; ele tinha levantado seu monóculo, embora não o tivesse sobre o olho.

O senhor Blake se inclinou e o olhou, embora sem entender por que acabava de receber uma glacial resposta. Frances se sentiu indignada por ele. Incomodou-se o visconde porque o tinham apresentado a um simples médico? Santo Deus, mas se ela era uma simples professora.

—Seria muito esperar que estivesse livre para dançar a segunda série comigo, senhorita Allard? —perguntou-lhe o senhor Blake—. Já tinha combinado a primeira com a senhorita Jones antes de vê-la aqui.

—A senhorita Allard vai dançar a segunda comigo —disse o visconde Sinclair.

Frances teve um breve instante para decidir se brigava em público com ele ou deixava em paz o assunto. Olhou-o e viu que tinha arqueada uma das sobrancelhas. Talvez, pensou, o encantaria se ela lançasse o primeiro ataque; havia um claro desafio nessa sobrancelha.

—Sim —disse, sorrindo e olhando-o nos olhos—. Lorde Sinclair me pediu isso especialmente, quando vínhamos em seu carro.

—Ah. A terceira série talvez, então, senhorita Allard? —disse o senhor Blake.

—Encantada —lhe disse ela.

O Mestre de cerimônias estava anunciando a primeira série de danças, observou então, que a orquestra estava a ponto de começar a tocar. Repentinamente evaporados todo o sobressalto e todo o mal-estar, voltou a atenção à pista de dança. Sentiu-se entusiasmada, embora não esperasse dançar muito. Pelo menos dançaria a segunda e a terceira série de danças, e isso era mais do que tinha esperado.

Mas no final resultou que não se perdeu a primeira série de contradanças. O senhor Blake foi procurar seu par, o visconde levou a sua irmã à pista de dança e ela encontrou um assento desocupado. Mas em seguida se aproximou o senhor Gillray, cunhado do senhor Huckerby, a quem tinha sido apresentada no concerto de Natal da escola, para perguntar se dançaria com ele, assim teve todo o prazer de participar do baile desde o primeiro momento.

E foi um prazer muito grande também. Surpreendeu-se sorrindo e rindo durante algumas das intrincadas voltas e giros da dança, que tinha frescos na memória, já que ela era sempre o par escolhido pelo senhor Huckerby quando dava aulas às meninas. Mais à frente na fila, Amy Marshall também estava se divertindo muito e rindo. O visconde Sinclair olhava sua irmã sorrindo indulgente, embora a vez que captou seu olhar, sustentou-o um longo momento.

E a próxima série de contradanças as dançaria com ele. Não sabia se alegrava-se ou lamentava. Ele era de longe o cavalheiro mais arrumado e distinto dos pressente, e sentia-se deprimida só em pensar que ia dançar com ele outra vez. Mas sabia que quanto mais afastada se mantivesse de Lucius, melhor séria para sua paz mental. Sua apreciada paz.

Sua «alegria».

Mas, Deus misericordioso, a magia daquela primeira vez ia tecendo seu tecido ao redor dela de novo, momento a momento.

Desejava voltar a dançar com ele, desejava-o desesperadamente. Só uma vez mais.

Capítulo 13

O senhor Algernon Abbotsford foi apresentado a Amy quando terminou a primeira série de danças, e com muita correção pediu permissão a Lucius para levá-la para dançar a segunda. Tendo dado sua permissão, ele ficou livre para voltar sua atenção a seu par, que estava conversando com uma dama que ele não conhecia.

Sua atenção não se desviou muito dela desde que chegaram, a verdade seja dita. E se em algum momento se enganou pensando que não esperava com expectativa e impaciência vê-la essa noite quase tanto quanto Amy, e que não havia especialmente se esmerado em sua aparência porque ia ver Frances Allard outra vez, nesse momento, finalmente, viu-se obrigado a encarar essa humilhante verdade.

Condenação!

E se seriamente ela acreditava que era uma mulher feita só para estar contente, queria dizer que era mais dada que ele a enganar-se a si mesma. Não conseguia imaginar a nenhuma mulher menos feita para envelhecer solteirona como professora de escola que ela. Suas bochechas, seus olhos, toda ela, resplandeciam de apaixonado prazer por essa ocasião, mesmo que só fosse uma festa em Bath.

Sabia, como ninguém, com que facilidade e plenitude seu amor pela dança podia se transformar em paixão sexual.

E não que ele fosse tentar efetuar essa transformação essa noite!

—Senhora? —disse, inclinando-se diante ela—. Esta é minha dança, acredito.

Ela elevou a vista e o olhou nos olhos, e ele viu que recordava que essas foram suas palavras exatas na fria e opaca sala de baile da estalagem, antes que dançassem a valsa e depois fizessem amor. Não sabia por que se sentiu impulsionado a lhe recordar essa ocasião. Pura diabrura, talvez? Ou talvez sentia a necessidade de enfrentá-la, de obrigá-la a mostrar-se, de...? Bom, não sabia o que se propunha. Poucas vezes pensava nos motivos do que fazia ou dizia. Sempre tinha sido um homem de impulsos e ação.

—Acredito que é, milord —disse ela, pondo a mão na dele—. Obrigada.

—Ai de mim, não é uma valsa —comentou ele quando a levava a pista de dança—. Não haverá nenhuma esta noite. Eu averigüei.

—Disseram-me que não se tem o costume de dançar valsa em Bath —disse ela.

—É um imperdoável delito de omissão. Mas se dançassem aqui, Frances, dançaríamos juntos.

—Sim—conveio ela, e virou a cabeça para olhá-lo nos olhos.

Nesse momento passou entre eles algo fugaz e tácito. Desejo, desejo, conhecimento, ele não soube muito bem o que. Talvez as três coisas. Consciência carnal plena, certamente.

Os dois aporrinhavam um ao outro. Os dois se inclinavam tanto a brigar como a ser educados entre eles. Mas havia uma faísca de algo, que foi se acendendo durante todo o dia anterior a aquela valsa há três meses e que logo ardeu com toda potência durante e depois da valsa. Essa faísca não estava apagada de todo, inclusive depois de três meses.

E, maldição, já não queria simular para si mesmo que lamentava havê-la reencontrado, que devia evitá-la, que desejava que fosse para o inferno. Não era bom nesses jogos de auto engano, mesmo que ela fosse.

Estava extremamente feliz de estar com ela uma vez mais.

De novo outra contradança, mais lenta e majestosa que a primeira. Acompanhou-a até a longa fila de damas e foi ocupar seu posto frente a ela na fila de cavalheiros. Ela se via surpreendentemente diferente em meio as outras damas, pensou: morena, cheia de vida e formosa. Uma rosa entre espinhos. Não. Melhor, era uma excepcional orquídea entre rosas.

E de repente as rosas lhe pareceram insípidas.

Não recordava a última vez que dançou duas séries seguidas em algum baile. Inclusive uma costumava ser mais do que podia suportar. Sempre tinha pensado que quem quer que tivesse decretado que um baile era a forma predileta de desfrutar de uma festa, deveria ser deportado às colônias como um perigo público para a prudência da metade masculina da espécie. Se desejava intimidade com uma mulher, e o desejava com freqüência, havia formas de fazê-lo muito mais diretas que fazer cambalhotas ao redor dela em uma pista de dança em companhia de uma grande aglomeração de pessoas com similar inclinação.

Mas a valsa com Frances Allard depois do Natal foi uma experiência sexual em si mesmo. Mais que isso, foi excitante e estimulante. E agora ia dançar com ela outra vez, e tudo em seu ser estava focado nela, alta, muito esbelta com seu vestido de musselina prateada, seus cabelos escuros resplandecentes à luz das velas dos abajures, seus olhos brilhantes de expectativa e prazer.

Começou a música, os cavalheiros se inclinaram, as damas flexionaram seus joelhos fazendo suas reverências. Avançaram as filas, aproximando-se, cada cavalheiro segurou a mão direita de seu par levantando-a até um pouco por cima de suas cabeças, fez um giro completo com ela e voltaram a separar-se.

Continuou a música e os bailarinos seguiram os passos majestosos e bem medidos da dança, marcando uma rítmica figura com seus sapatos no brilhante chão. Giravam um ao redor do outro, Frances e Lucius, ficando às vezes cara a cara, às vezes costas com costas. Seguravam-se as mãos, avançavam para um lado e outro da pista em suas filas, cruzavam-se com outros casais, separando-se e voltando-se para juntar, passavam no meio das fileiras de um extremo ao outro quando era sua vez, de braços dados, as mãos unidas entre eles.

Faziam tudo sem dizer uma só palavra, mesmo que houvesse freqüentes oportunidades para

pequenas conversas. Mas ele não afastava os olhos dos dela em nenhum momento, e sustentava o olhar com sua força de vontade. Tinha os sentidos a flor de pele, consciente de sua presença, do brilho de sua fita prateada, dos reflexos da luz em seus cabelos escuros, do frufrú da musselina quando se movia, do calor de sua fina mão na dele, sua conhecida fragrância, que seguramente provinha mais do sabão que de algum perfume.

Mas enquanto dançavam uma coisa ficou cegamente mais clara que qualquer outra: ela podia havê-lo rejeitado há três meses, mas não o fez por indiferença, caramba. Todo esse tempo sabia, supôs, mas nesse momento estava seguro.

Frances Allard não era outra coisa que uma covarde.

E se havia algo que estava resolvido a conseguir antes que fechasse a porta da escola atrás dela essa noite, era obrigá-la a abandonar sua atitude de falsa segurança, obrigá-la a entender que tinha perdido mais do que tinha ganho ao preferir sua cômoda segurança a ele. A obrigaria reconhecer seu engano.

Esqueceu totalmente que ele mesmo tinha reconhecido que não tinha sido um engano absolutamente.

O ar entre eles virtualmente rangia.

Quando terminou a dança ela estava ainda mais formosa, com o tênue brilho de suor na face e no peito, e mais desejável. Também a fazia mais desejável a ligeira agitação de seus seios, por causa do exercício. Tinha os lábios entreabertos, e os olhos brilhantes.

—Obrigada —lhe disse quando ele dobrou o braço para pôr sua mão sobre a manga—. foi muito agradável.

—Essa palavra outra vez. —Encarou-a com um duro olhar—. Às vezes gostaria de sacudi-la, Frances.

—Como disse? —perguntou ela olhando-o surpresa.

—Espero que nunca elogie às meninas de seus corais ou a seus músicos dizendo que suas interpretações foram agradáveis. Isso bastaria para que renunciassem à música para sempre. Se eu pudesse, já teria eliminado essa palavra do idioma.

—Sente por ter dançado comigo, lorde Sinclair. Parece que não lhe caio muito bem.

—Às vezes parece que cair bem tem muito pouco que ver com o que há entre nós, Frances.

—Não há nada entre nós.

—Inclusive a animosidade é algo —replicou ele—, mas há muito mais que isso.

Levou-a em direção de onde estava Amy com os Abbotsford, com expressão mais animada do que tinha quando chegaram, se isso era possível.

—Depois da dança seguinte vai se reunir com Amy, meu avô e comigo no salão de chá — disse ele.

De repente tinha concordado que ela ia dançar a seguinte dança com Blake, o médico, que tinha claros interesses sobre ela, embora avançasse a passo de caracol se não tinha encontrado uma maneira de convidá-la para ir a festa com ele essa noite. Mas o indivíduo não ia levá-la para tomar o chá com ele, como fez na festa dos Reynolds.

—É um pedido, lorde Sinclair, ou uma ordem?

—Fincarei um joelho no chão se quiser, mas a advirto que isso ocasionará consideráveis fofocas.

Ela riu.

O coração dele nunca deixava de acelerar quando ela ria. A riso a transformava, mesmo que já estivesse rosada e radiante. Sem dúvida foi criada para o riso. A riso a fazia real, o que quer que significasse isso.

—Irei mansamente então —lhe prometeu ela. Muito em breve apareceu seu pretendente e a levou, sua cabeça meio calva brilhando à luz das velas. O Mestre de cerimônias levou a um sério jovenzinho com óculos para apresentá-lo a Amy, e o jovem a levou a pista para dançar.

Lucius se apressava para entrar no salão de jogos, quando o Mestre de cerimônias meteu na cabeça lhe apresentar outro par também. Seu avô estava absorto no jogo, observou.

Voltava a sentir-se incomodado e irritado, sentimentos muito comuns nele ultimamente, e que com toda certeza não o abandonariam nas próximas semanas e meses. Tratou de recordar como era sua vida antes de ir a Barclay Court antes do Natal. Seguramente não vivia mal-humorado e irritável, comportava-se como a mais plácida e simpática das almas.

Tão pouco sentia inclinações de apaixonar-se por professoras de escola.

Por que demônios seu avô não podia viver eternamente?

Ou por que não teve uma dezena de irmãos, todos mais velhos que ele?

A dança não acabava nunca, parecia eterna. Já estava disposto para ir tomar o chá.

Chá, pelo amor de Deus!

O senhor Blake era um bailarino toleravelmente bom. Também foi um par amável e felicitou Frances por sua aparência e sua perícia para dançar. Voltou a expressar seu prazer por vê-la ali na festa.

—Se soubesse que podia ir a estes eventos, senhorita Allard, a teria convidado para vir comigo, pois vim com minha irmã e meu cunhado. Talvez quisesse vir conosco ao teatro alguma noite dessas?

—Isso seria muito agradável, senhor —sorriu ela—. Quer dizer, se puder me eximir de meus deveres vespertinos na escola, como me eximiram esta noite. É muito amável de sua parte pensar em mim.

—Não é tarefa absolutamente difícil pensar em você, senhorita Allard —disse ele, aproximando

mais a cabeça da dela—. Na realidade, ultimamente me surpreendo fazendo-o com freqüência.

Ela se alegrou de que os passos da dança os separassem nesse preciso instante. Por dentro a agitavam todo tipo de emoções depois do baile anterior, e se sentia totalmente incapaz da tarefa de vê-lo com um ardor que ainda não estava preparada para considerar. Portanto se concentrou em desfrutar da equipe que estavam dançando. Por um instante tratou de recuperar o prazer que sentiu só fazia uma semana pelo interesse demonstrado pelo senhor Blake, mas não conseguiu. O visconde Sinclair tinha razão, compreendeu repentinamente: as palavras «agradável» e «prazer» eram bastante insípidas na realidade.

Notava a ausência do visconde no salão de baile muito mais que a presença do senhor Blake, sinal nada promissor. De repente lhe pareceu insípida toda a atmosfera do baile.

Por que não era possível dominar o coração com a mesma facilidade que a mente? Por que não era possível escolher a que homem amar? Embora na realidade «amar» não era exatamente a palavra apropriada para as emoções que buliam em sua cabeça e seu corpo. Mas qualquer que fosse a palavra correta, a gente deveria poder escolher o homem que nos agitasse o sangue, acelerasse o coração e enchesse o mundo com o poder de sua presença.

Ia ter que empenhar-se mais depois que acabasse essa festa, decidiu, depois de ter visto o visconde Sinclair pela última vez.

Sim, desejava iniciar uma relação com o senhor Blake. Seu interesse nela devia ser considerado uma bênção em sua vida.

—Sinto muito —disse, quando ao terminar a dança ele perguntou se faria a honra de tomar os refrigérios com ele e seus parentes—, mas já aceitei tomar o chá com o grupo do conde de Edgecombe. Na realidade me convidou a vir porque parecia que a senhorita Marshall necessitava uma dama mais velha como acompanhante.

—Ah, mas não muito mais velha, senhorita Allard —disse ele galantemente, inclinando a cabeça—. Mas compreendo perfeitamente, e a honro por antepor o que considera uma obrigação ao que poderia ser sua inclinação pessoal. Terei a honra então de ir visitá-la na escola da senhorita Martin um dia destes , se me permitir isso.

—Obrigada —disse ela, voltando a lhe sorrir.

E entretanto por um motivo incompreensível pensou que tinha sido falsa com ele; ou talvez não era tão incompreensível. Nos próximos dias ia ter que ter muito cuidado em não utilizá-lo para esconder-se de seu machucado coração.

Que idiotice mais inexprimível permitir que machucassem seu coração outra vez.

Desfrutou da meia hora que passou no salão de chá. Isso se devia a que o conde de Edgecombe e Amy Marshall voltaram a tratá-la como a uma convidada especial, disse-se, e a que a conversação era animada, e divertida, e a que ao seu redor era uma festa para os sentidos. Teria muitíssimo para

dar de presente aos ouvidos de suas amigas. E sempre, sempre, recordaria essa noite.

Mas no fundo sabia que não haveria sentido nem a metade da euforia que sentia se Lucius Marshall, visconde Sinclair, não estivesse sentado à mesa também. Poderia ser terrivelmente impertinente às vezes, e tinha o costume de dizer de propósito coisas que a perturbassem ou chateassem, ou de ficar calado por esse mesmo motivo, mas sempre era um acompanhante interessante, e estar em sua presença outra vez lhe trazia lembranças de um episódio de sua vida que tratara de esquecer por todos os meios, embora nesses momentos reconhecia que não se teria perdido por nada do mundo.

Esses dias a tinham feito sentir-se plenamente viva.

E essa noite voltara a sentir-se plenamente viva.

Ia voltar a sofrer quando tudo se acabasse; talvez quase tanto quanto sofreu então, mas já não podia fazer nada para impedi-lo, não é? A vida tem o costume de fazer coisas assim. Não havia maneira de esquivar o corpo do sofrimento, por mais que tentasse levar uma vida tranqüila em que se equilibravam as desigualdades das emoções.

E dado que os momentos difíceis insistem em meter-se na vida quando menos se espera. No fim de tudo, quem poderia prever que ia cair uma forte nevasca justo no dia que ela escolheu para viajar? Quem poderia prever suas gloriosas conseqüências?

E poderia prever que sua decisão de aceitar o convite para cantar na festa dos Reynolds há três noites a levaria a encontrar-se com Lucius outra vez, e que isso ia levar a esse momento?

E dado que os altos insistem em invadir a vida, também o fazem os baixos. É inevitável; altos e baixos estão inexplicavelmente unidos.

Que sentido pode ter, então, sofrer por antecipação os baixos, se vão chegar inexoravelmente?

Portanto, deu-se permissão para desfrutar francamente do que restava da festa e desfrutar o prazer adiantado que sentiria ao contar tudo a Claudia, Anne e Susanna no dia seguinte, embora então já estivesse sofrendo.

Depois do chá dançou todas as séries que faltavam com o visconde Sinclair, entre elas a última, outra contradança. E posto que ao ver tantos carros estacionados ao redor das Upper Rooms o visconde tinha ordenado que o seu esperasse fora da casa, todos fizeram o trajeto de volta a pé, ela com Amy adiante, a menina agarrada em seu braço, e os dois cavalheiros atrás a certa distância.

—Eu nunca tinha me sentido tão maravilhosamente bem em minha vida —disse Amy, suspirando contente, quando foram entrando na curva do Circus—. E você, senhorita Allard?

— Na realidade, acredito que não —repôs Frances.

—Todos queriam dançar comigo —continuou calorosamente a menina—. E com você também. Não se perdeu nenhuma dança, não e? Eu adorei ver Luz dançando com você pela segunda vez. Deixa mamãe louca porque «nunca» dança.

—Então devo me considerar muito honrada —disse Frances.

—Claro que esta temporada terá que dançar queira ou não queira. Para o Natal prometeu ao vovô que este ano tomaria uma esposa, e suponho que será a senhorita Hunt, que esteve esperando-o toda a vida. Ela já está na cidade com sua mãe, seu pai e o marquês do Godsworthy, seu avô e amigo especial de meu avô. Mas eu não poderei voltar a dançar até o ano que vem, quando fizer minha apresentação em sociedade. É uma chatice.

Frances notou que o coração estava batendo em suas costelas. Tinha sido muito sensata ao rechaçá-lo depois do Natal, e não tinha sido tão tola esses últimos dias para esperar que ele renovasse suas intenções. Não desejava que as renovasse. Mas na verdade, saber que estava a ponto de casar-se, que já tinha eleito a sua futura esposa, sim que lhe doía. Muito irracionalmente, na realidade. Mas a razão não tem nada que ver com os assuntos do coração. Tinha passado uma noite com ele uma vez. Era o único homem com o qual tinha tido relações sexuais. Era compreensível, então, que se sentisse ferida, ou se não ferida, então... deprimida.

—Ter que esperar algo que se deseja tanto é muito tedioso —disse—. Mas sua apresentação em sociedade será gloriosa quando chegar o momento, e será mais ainda porque esperou por tanto tempo. Mas essas são palavras sensatas que talvez ouviu muitas vezes. Em seu lugar, eu estaria muito inclinada a ter um ruidoso chilique.

Amy riu encantada e apertou seu braço.

—OH, que encantadora você é. E quando voltar a Bath, embora não sei quando será isso, escreverei para dizer-lhe e irei vê-la na escola. Quem dera não tivéssemos que partir tão logo de Bath, porque aqui me sinto adulta, longe de minhas irmãs. Mas Luz diz que devemos voltar para Londres amanhã ou depois de amanhã.

Ah! Outro golpe. Embora na realidade não o era, claro. Não devia fazer uma grande tragédia dos incidentes dos quatro últimos dias. Não esperava voltar a ver nenhum deles depois dessa noite, ao menos não esperava a razão.

—Esperarei ansiosamente voltar a vê-la em algum momento no futuro, então —disse, quando se detiveram diante da porta da casa.

O carro do visconde Sinclair esperava alí; Peters instalado no boléia. Passou pela sua mente a idéia de sugerir ir só no carro até a escola, mas sabia que não o permitiriam. Além disso...

Bom, além disso não podia privar-se dos últimos minutos de sofrimento em companhia dele, não é?

Sofrimento?

Que tolice mais sentimental!

Colocou o xale emprestado ao redor dos ombros. Só era primavera e o ar estava fresco.

Amy a abraçou quando os cavalheiros se aproximaram delas. O conde lhe estendeu a mão direita

e quando Frances pôs a sua nela, a cobriu com a outra mão.

—Senhorita Allard, agradeço-lhe muito sinceramente ter ido conosco esta noite. Sei que sua companhia significou muitíssimo para Amy. Dentro de um ou dois dias irei a Londres com meus netos, mas quando voltar, a convidarei para cantar para mim. Espero que aceite.

— Ficarei encantada, milord.

—Agora Lucius a levará para casa. Boa noite, senhorita Allard.

—Boa noite, milord —disse ela—. Boa noite, Amy.

Em um minuto estava novamente sentada no carro com o visconde Sinclair, e o carro empreendeu a marcha. O trajeto levaria dez minutos, calculou. Teriam dez minutos.

Que tolice sentir pânico ao pensar nisso.

—Me diga que desfrutou desta noite —disse ele repentinamente passado o primeiro minuto de silêncio.

—Ah, sim, foi muito...

—Se disser «agradável» estrangularei você, Frances.

—Deliciosa —disse ela, sorrindo na escuridão.

—Me diga que achou deliciosa porque eu estava lá. Me diga que não teria achado nem de perto tão boa se eu não estivesse lá.

O interior do carro estava muito escuro. Não viu seu rosto quando virou a cabeça para olhá-lo.

—Não direi nada disso —disse indignada—. Que idéia! Que arrogância! Claro que teria desfrutado igual da festa, ou até mais! Se você não estivesse lá.

—Mentirosa! —disse ele em voz baixa.

—Parece ter a enganosa ilusão, lorde Sinclair, que é um presente de Deus para as mulheres.

—Uma frase feita indigna de você. Diga que lamentou haver-me rechaçado depois do Natal.

—Não lamentei! —exclamou ela.

—Nem sequer um pouquinho?

—Nem sequer isso.

—Um quarto, então? —riu ele suavemente—. Mentira fatal, Frances.

—E você é o homem mais presunçoso que conheci em minha vida.

—É minha presunção que depois de ter conhecido uma mulher e haver sentido uma avassaladora atração por ela, e ela por mim, e ter consumado essa atração, crer que ela sentiu uma pontada de pesar ao me dizer adeus, sobretudo quando não tinha por que fazê-lo?

—Era melhor sofrer essa pontada que me transformar em sua amante —disse ela sarcástica.

— Ah. Ou seja, reconhece que sentiu uma pontada, então?

Ela mordeu o lábio e não o respondeu.

—Nunca disse que minha intenção era transformá-la em minha amante.

—Mas tampouco disse que sua intenção era o matrimônio. Perdoe-me, lorde Sinclair, mas não sei de nenhuma outra relação que fosse possível entre nós se eu tivesse ido com você.

—Namoro? —sugeriu ele—. Precisávamos passar mais tempo juntos, Frances. Não tínhamos acabado a relação.

—Fala do ponto de vista do rico ocioso. Eu preciso trabalhar para viver. E meu trabalho está aqui.

—Ofereci-me para ficar aqui — a recordou ele—, e não quis. E ofereci levá-la para Londres e encontrar um lugar para viver e uma senhora decente para que vivesse com você, por sua reputação.

—E você teria pago todos os gastos, suponho.

—Sim, é obvio.

Pelo tom de sua voz ela soube que tinha arqueado arrogantemente as sobrancelhas.

—Teria sido uma mulher «mantida». Será que não vê? Teria sido sua amante, fosse qual fosse o outro nome que quisesse dar a nossa relação.

—Senhor! —exclamou ele—. Discutiria que branco é negro se eu me atrevesse a dizer que é branco, Frances. Mas discutir me causa dor de cabeça e evito as dores de cabeça a todo custo. Não há maneira de discutir de forma sensata com você, não é? Sempre tem que dizer a última palavra.

Ela começou virar-se para replicar, mas ele a virou antes, passou um braço pelos seus ombros, levantou-lhe o queixo com a outra mão e a beijou intensamente na boca.

A comoção do beijo destruiu toda coerência mental dela.

—Mmm. —Colocou as mãos em seus ombros para afastá-lo.

—Não resista —sussurrou ele energicamente sobre sua boca—. Não resista, Frances.

E como o contato dele tinha destroçado todos os processos de pensamento racional de Frances, ela abandonou sua resistência instintiva e se entregou a seu abraço. Em lugar de afastá-lo, subiu a mão introduzindo os dedos em seus cabelos e correspondeu ao beijo com todo o ardor que havia reprimido durante três longos meses.

Afastou os lábios e sua língua lhe invadiu a boca, enchendo-a de calor, desejo e crua necessidade. Por um momento se entregou à sensação e se virou mais para rodeá-lo com os dois braços e apertar seus seios contra o peito dele. Ah, fazia tanto tempo.

Toda a eternidade.

Quanto, quanto tinha sentido falta dele.

Sentiu as mãos dele por todo o corpo, estreitando-a mais contra ele.

Por mais potente que fosse a paixão física, não obscureceu sua mente muito mais que alguns momentos. Não estava livre para entregar-se à paixão dele como estivera depois do Natal, porque sabia que ele não estava livre. Tinha prometido casar-se, iria a Londres amanhã ou depois de amanhã, justamente para fazer isso. Na realidade, ele tinha feito essa promessa antes de encontrar-

se com ela em meio a nevasca.

O estômago dela se contraiu diante dessa compreensão.

Baixou a mão até o ombro e o empurrou para afastá-lo.

—Não! —exclamou com a boca grudada a dele.

—Maldita seja, Frances —disse ele, afastando os dedos da face —. Maldita seja, merda!

Nem ocorreu a ela o repreender por essa linguagem. Mordeu o lábio e fechou fortemente os olhos para não começar a chorar desconsoladamente.

Ele tentou reatar o beijo, mas ela desviou o rosto.

—A senhorita Hunt talvez não goste.

—A senhorita...? Quem diabos falou de Porta a você?

Ah, para ele era Porta, então?

—Amy, suponho — respondeu ele mesmo.

—Sim, Amy. Desejo-lhe o melhor, lorde Sinclair.

—Se voltar a me tratar por lorde só mais uma vez, eu bem poderia perder a compostura, Frances. Ainda não estou comprometido com Porta Hunt.

—Ainda não. Mas estará logo. Retire o braço de meus ombros, por favor.

Ele obedeceu bruscamente, fazendo-a sentir-se tão abandonada que inclusive fazer entrar ar em seus pulmões parecia um esforço superior a sua capacidade.

O resto do trajeto o fizeram em silêncio. Quando o carro fez a grande curva ao sair de Great Pulteney Street para entrar em Sydney Agrada, e para logo seguir por Sutton Road, os dois se seguraram nos respectivos cabos de couro para não tocar-se. E quando o carro estremeceu ao parar diante da porta da escola, repentinamente o silêncio foi total, só quebrado pelos cavalos bufando e tamborilando o chão com os cascos.

Abriu-se a porta e apareceram os degraus.

O visconde Sinclair continuou onde estava. Também Frances.

—Algumas pessoas gostariam de dormir em algum momento da noite —resmungou Peters da calçada.

—Ao diabo seu descaramento! —trovejou o visconde em tom de autêntica ira descendo do carro como um raio—. Se o incomoda estar de pé depois da hora, Peters, e quiser deixar esse trabalho por isso, eu o liberarei de bom grado.

— Tem razão, chefe —disse o chofer sem dar o menor sinal de estar intimidado—. Eu direi quando chegar esse momento.

O visconde se virou e estendeu a mão a Frances para ajudá-la a descer. Acompanhou-lhe até a porta da escola, que se abriu quando eles se aproximaram. Keeble apareceu, olhando como um pai desconfiado, com a expressão carrancuda.

—Bom, Frances —disse o visconde Sinclair, segurando as mãos às costas—. Parece que este é outra vez um adeus.

Ela combateu o pânico.

—Sim.

Olharam-se longamente na tênue luz do abajur do vestíbulo, ele muito sério, implacável, com a mandíbula rígida. Depois inclinou a cabeça duas vezes, virou-se bruscamente e pôs-se a andar com longas passadas para seu carro.

Frances entrou no vestíbulo sem olhar para atrás, e a porta se fechou.

Acabou-se.

Outra vez.

Mas agora era definitivo.

Capítulo 14

Foi um imenso alívio encontrar a escola às escuras, somente com um abajur aceso no vestíbulo e um candelabro no alto da escada. Havia imaginado que encontraria suas amigas esperando-a no vestíbulo, como quando ela saiu para a festa.

Keeble comentou que estava a ponto de fechar com chave a porta para ir deitar-se.

Mas em lugar de retribuir a brincadeira, como teria feito normalmente, passou com toda pressa a seu lado agradecendo-o e dando boa noite e subiu correndo a escada antes que ele pudesse dizer algo mais.

Já tinha quase passado junto à sala de estar da senhorita Martin a caminho de seu quarto, quando a porta se abriu.

—Agora não, Claudia —disse—. Espero que não tenha ficado me esperando. Boa noite.

Logo que entrou em seu dormitório se jogou atravessada sobre sua estreita cama, de barriga para baixo, e cobriu a cabeça com os braços, como se assim pudesse deixar de fora tudo que a ameaçava, inclusive seus pensamentos.

«No Natal prometeu ao vovô que este ano se casaria, e suponho que será com a senhorita Hunt, que esteve esperando-o toda a vida.»

Que tolo, que absolutamente ridículo que essas palavras tivessem doído tanto.

«Ainda não estou comprometido com Porta Hunt.»

«Ainda não.»

E entretanto, entre ouvir de Amy a notícia de seu iminente compromisso e matrimônio e o reconhecimento disso no carro, deixou-se beijar. Inclusive correspondeu ao beijo.

Embora «beijo» era uma maneira muito moderada para definir esse ardente abraço.

Ouviu uma leve batida na porta, mas não prestou atenção. Depois passado um instante, teve consciência de que alguém tinha entrado no quarto e estava sentado em silencio na cadeira junto a sua cama. Esse alguém tocou seu braço, o esfregou suavemente e deu um tapinha.

Tirou os braços da cabeça mas não virou o rosto para olhá-la.

—Suponho que não acreditará em mim se disser que passei uma noite maravilhosa e que agora estou tão cansada que não tenho forças para tirar a roupa e me deitar.

—Nem por um segundo —disse Claudia.

— Eu já imaginava isso.

Virou a cabeça, sem levantá-la. Claudia estava sentada com as costas muito retas, as mãos entrelaçadas sobre o regaço, tão serena e tão severa como sempre.

—Tive uma noite maravilhosa. Dancei todas as séries de danças, inclusive uma com o senhor Blake e outra com o cunhado do senhor Huckerby. E depois fui uma idiota quando o visconde Sinclair me trouxe de volta para cá. Permiti-lhe que me beijasse no carro, na realidade fiz algo mais que permitir-lhe. E já sabia que ele está a ponto de comprometer-se e que logo se casará.

Claudia a olhou sem dizer uma palavra.

—Foi minha culpa tanto quanto dele —continuou Frances—. Eu permiti o beijo. Desejava-o. Estava impaciente por beijá-lo.

—Mas você não está a ponto de se comprometer, Frances. E suponho que ele iniciou o abraço. Foi culpa dele.

Sim, foi. Se era certo que a senhorita Porta Hunt o estava esperando em Londres, que ia se casar com ela este ano, então ele não deveria ter falado como falou no carro. Não deveria havê-la beijado.

—Não sei o que acontece comigo, Claudia —disse cansativamente—. por que sempre atraio os homens que não devo? E por que quando atraio o homem correto não posso me apaixonar por ele? Há algo errado comigo?

—Às vezes, em particular quando a ouço cantar, Frances, compreendo que é uma mulher muito apaixonada, com um coração romântico. Isso é uma combinação perigosa para uma mulher, e tão mais porque se supõe que as mulheres não devem ser outra coisa que um poço de sensibilidade, e abundam os homens que estão muito dispostos a aproveitar-se disso. A vida pode ser trágica para nós. É mais seguro, chego a acreditar, que uma mulher faça de si mesma uma pessoa, que se orgulhe de quem ou do que é, e chegue a sentir-se feliz consigo mesma, à margem do que os outros digam ou esperem dela, em particular o mundo masculino. Se tiver muita sorte, embora reconheça que isso é raro, uma mulher pode viver com independência dos homens e contente no mundo que criou.

Levantou-se e caminhou até a janela, onde ficou olhando a escuridão, com as costas muito retas.

— Foi o que fiz há três anos —disse Frances—, quando vim para cá. E fui feliz, Claudia. Acreditava que nada poderia afetar minha felicidade até que me encontrei em meio de um temporal

de neve quando voltava depois do Natal.

—Suponho que nesta vida não existe o que se chama felicidade perfeita, Frances —disse Claudia, em voz baixa e reflexiva—. Só podemos fazer o melhor para nos fazer a vida passável. Às vezes acredito que deve haver algo mais que isso para uma mulher, mas isto é o que eu escolhi para mim, e prefiro minha vida assim ao que poderia ser se fosse a posse de um homem, ou dependesse de meus parentes homens.

—E quando a gente cai —disse Frances levantando-se e sentando-se na beira da cama—, simplesmente se levanta e começa tudo de novo. Os refrões mais singelos são os mais sábios.

—Só que em seu caso não tem que começar pelo começo —disse Claudia voltando-se para olhá-la meio sorrindo— Amanhã lhe esperam suas aulas, seus corais e suas alunas da aula de música. E todas a adoram, Frances. E suas amigas estarão esperando impacientes na mesa do café da manhã para ouvir tudo sobre o esplendor de uma festa em Upper Rooms. Desejam e inclusive precisam saber como foi e como você desfrutou.

—Não as decepcionarei —disse Frances sorrindo tristemente—. E depois estarei animada para fazer um exame oral de francês ao curso intermediário, e para sorrir e elogiar a minhas alunas de música para que se sintam estimuladas a aspirar a maiores alturas. Não falharei, Claudia.

—Disso estou absolutamente segura. Todas aprendemos a enterrar um coração partido sob capas de dignidade, Frances. Fez isso por mais de três anos e continuará fazendo. Boa noite.

Depois que Claudia saiu, Frances voltou a ouvir suas palavras e franziu a testa olhando a porta fechada: «Todas aprendemos a enterrar um coração partido...». Claudia faria isso? Ela tinha feito isso?

«Ainda não estou comprometido com Porta Hunt.»

«Ainda não. Mas o estará logo.»

Cansadamente ficou de pé e começou a despir-se.

Embora no dia seguinte o conde de Edgecombe tenha levantado cedo para fazer sua habitual visita a Pump Room para tomar as águas, Lucius viu claramente que estava esgotado pela saída da noite anterior; não estava em condições de fazer o longo trajeto a Londres. Entretanto, o ancião continuava insistindo em que quando seus netos retornassem, ele os acompanharia em lugar de voltar para Barclay Court. Desejava rever seu amigo Godsworthy. Desejava ver o progresso do galanteio entre ele e Porta Hunt, embora não mencionasse seu nome.

Lucius sabia que seu avô desejava, embora não dissesse, participar do entusiasmo e atividade que rodearia seu compromisso e planos de casamento.

Ele estava desesperado para partir de Bath mesmo que só o esperassem em Londres, Porta e o matrimônio. Passou terrivelmente mal a noite depois da festa, e inclusive durante ela, droga.

Esforçou-se para recordar a primeira vez que dançaram e por perturbar seu controlado desfrute da festa. E depois, no carro, quando devia protegê-la como acompanhante…

Bom, foi incapaz de negar a satisfação desse último beijo. Esse era seu problema, não estava acostumado a exercer o autodomínio, a pensar antes de atuar. Só Deus sabia a que teria levado esse abraço se não o tivesse posto fim com firmeza.

E entretanto, justamente o fato de que ela fosse sempre tão sensata e controlada, quando ele sabia que vibrava de paixão atrás dessa fachada, e que de quando em quando a deixava sair fora por uns breves e sedutores momentos, irritava-o tanto que quase não podia suportá-lo.

Não partiram de Bath no dia seguinte da festa, então. Tampouco partiram no outro, já que Amy, no dia anterior tinha saído às compras com a senhora Abbotsford e sua filha, sendo convidada para ir com elas e o jovem Algernon a uma excursão a um povoado próximo a Bristol, e ela pediu sua permissão com uma certeza tão trágica de que o negaria, que Lucius não pôde resistir cedeu.

Um dia a mais ou a menos não tinha menor importância, pensou.

Depois também saiu seu avô para visitar um amigo, com o qual ficaria até a tarde, ficando ele com muito tempo nas mãos e muitos pensamentos desagradáveis para perturbar sua mente.

Maldição, em que momento a promessa que fez a seu avô começou a ser um compromisso firme com Porta Hunt? Alguma vez havia dito a alguém que ela ia ser a escolhida? Mas claro, se não era Porta, quem? Comprometeu-se a escolher uma esposa «conveniente».

Não podia existir uma perspectiva menos atrativa.

A esposa perfeita e perfeitamente conveniente!

A palavra «perfeito» e todos seus derivados deveriam ser eliminados do idioma junto com a palavra «agradável». O mundo seria um lugar muito melhor sem elas.

Sentou-se com um livro e passou toda hora seguinte refletindo tristemente, fervendo de raiva, planejando, desesperando-se e amaldiçoando sua sorte na vida, até que o fechou sem ter lido nenhuma só página, e saiu da sala de estar. Uma vez na rua e com passo enérgico passeou pelo centro da cidade, chegou ao rio, cruzou a ponte Pulteney e seguiu por Great Pulteney Street. Quando chegou ao final se deteve, simulando que tinha saído a caminhar em benefício de sua saúde e tinha tomado essa direção por azar, mas já que tinha chegado alí bem podia fazer um passeio solitário por Sydney Gardens.

Não era um homem dado a fazer caminhadas solitárias e sem rumo. Preferia um exercício mais vigoroso para sua saúde. Além disso, o dia não convidava a passear por prazer; estava cinza, ventando e frio. Poderia haver dedicado um pensamento compassivo a Amy, que tinha saído a essa excursão com eufóricas esperanças, se não estivesse seguro que a presença do jovem Algernon no grupo a faria totalmente indiferente à inclemência do tempo.

Não, não tinha saído para dar um passeio por prazer. E de repente deu-se conta que estava

entrando em Sutton Street em lugar de cruzar a rua para entrar em Sydney Gardens, olhando pela extremidade do olho a escola, na esquina com Daniel Street, e recordando que era sábado, que portanto não haveria aulas, o que não significava necessariamente que ela estivesse livre, claro. Era um internato; alguém tinha que cuidar das meninas e as entreter, inclusive nos fins de semana.

Que demônios fazia ali?

Esteve um momento olhando a porta, carrancudo, pensando o que seria mais covardia, se bater ou dar meia volta e pôr-se a correr. Por natureza ele não era um indeciso nem um covarde. Nem um pensador, se fosse por isso.

Avançou até a porta, levantou o batente de bronze e o deixou cair.

Quando passaram dois minutos talvez, e não houve resposta, chegou à conclusão de que na realidade o porteiro não vivia no vestíbulo, a um palmo da porta, mas sim só a ocupava quando estava esperando alguém. Mas foi ele quem finalmente abriu a porta e apareceu. Imediatamente sua expressão se tornou azeda e desconfiada.

— Pergunte à senhorita Allard se me concede alguns minutos de seu tempo —disse Lucius em tom enérgico e cruzou a soleira sem prévio convite.

—Está dando uma aula na sala de música —disse o porteiro.

Lucius arqueou as sobrancelhas.

—E?

O homem deu meia volta e pôs-se a caminhar, fazendo ranger os saltos das botas no chão.

—Será melhor que espere aqui—disse em tom nada cortês, fazendo um gesto para a sala de visitas.

Quando entrou na sala foi ficar junto à janela para olhar os prados que se estendiam além de Daniel Street, desejando estar em qualquer parte do mundo menos ali. Não tinha por costume perseguir mulheres indispostas, sobretudo estando o mundo tão cheio de bem dispostas. Mas já era muito tarde para fugir.

Na distância ouviu o som de risadas infantis e as notas de um piano; interromperam-se as notas. No prado havia um grupo de meninas, certamente da escola, jogando algo em particular. A professora que as fiscalizava parecia ser a de cabelo castanho avermelhado, a senhorita Osbourne. Não as tinha visto quando chegou e isso dizia algo a respeito de sua obsessão; o mais certo é que estivessem todas rindo como loucas.

Quando sentiu abrir a porta, quase esperou que ao virar-se encontraria de novo com a senhorita Martin. Mas era Frances que entrou, totalmente pálida. Ela entrou e fechou a porta.

—O que faz aqui?

Sua voz tremeu, mas se era de comoção, raiva ou alguma outra emoção era difícil saber.

Nesse momento ele compreendeu algo com atroz clareza.

Desta vez ia ser incapaz de deixá-la partir.

Simples assim.

—Vim para vê-la —disse.

Tinham aparecido manchas vermelhas em suas bochechas. Seus olhos se tornaram duros.

—Por que?

—Porque ainda ficou algo por dizer entre nós, e eu não gosto de deixar coisas sem dizer quando devem ser ditas.

—Não há nada mais que dizer entre nós, lorde Sinclair. Nada absolutamente.

—Aí é que se engana, Frances. Saia comigo. Vamos caminhar por Sydney Gardens.

—Estou no meio de uma aula de música.

—Pois dispense as meninas. Ficarão extasiadas. Tem outra aula depois desta?

Ela manteve um momento os lábios apertados e ao fim respondeu:

—Não.

—Então venha caminhar comigo.

—Não se fixou como está o tempo hoje? Vai chover.

—Mas ainda não está chovendo. Poderá não chover por todo o dia, como não nevou em todo feriado de Natal. Traga um guarda-chuva. Não pode dizer que é inglesa, Frances, se não sair por medo de que chova. Ficaria encerrada em casa toda sua vida.

—Não quero ter mais nada que ver com você.

—Se acreditasse que diz sinceramente, iria imediatamente. Mas acredito que mente. Ou se não mente conscientemente, acredito que se engana.

—É um homem comprometido. A senhorita Porta Hunt...

—Não estou comprometido ainda.

—Mas estará logo.

—O futuro só é uma teoria, Frances, não uma realidade. Como podemos saber o que vamos fazer «amanhã»? Agora, neste exato momento, não sou um homem comprometido. E você e eu temos um assunto inacabado.

—Não temos...

—Que covarde é, Frances.

Começava a sentir-se frustrado, zangado. Ia se negar a sair com ele? E por que demônios insistia quando ela se mostrava tão claramente relutante a ter mais trato com ele?

Mas sabia, sabia sem o menor indício de dúvida, que sua atração por ele era tão forte como a dele por ela.

—Não é covardia querer evitar um sofrimento inevitável e sem sentido.

A incipiente raiva evaporou imediatamente. Por fim ela reconhecia algo mais que uma simples

pontada.

—Causo-lhe sofrimento, então?

Mas ela não respondeu. Juntou as mãos junto à cintura e voltou a ficar serena e pálida. Olhava-o muito seriamente nos olhos.

—Me dê uma hora mais de sua vida —lhe disse—. Não é pedir muito, é?

Notou um imperceptível afundamento de seus ombros e soube que ela não se negaria.

—Uma hora, então —disse ela—. Irei dispensar o Rhiannon Jones e avisar à senhorita Martin que vou sair um momento.

Ele ficou olhando pensativo a porta depois que ela saiu. Deveria haver parado para pensar e considerar antes de vir. Mas, demônios, era sua vida, e tinha que haver uma maneira de vivê-la com satisfação e cumprindo seu dever para com sua família e posição ao mesmo tempo.

Mas como poderia ter pensado ou considerado? Quando saiu da casa de Brock Street não sabia aonde ia.

E não sabia para que.

Ou sim?

Olhou pela janela, sem ver, pensando tristemente na época, não tão longínqua, em que sua vida era perfeitamente satisfatória e sem complicações.

Bom, voltaria a ser satisfatória, maldita seja.

Seria.

Tinha prometido encontrar a esposa perfeita.

Mas existe mais de um tipo de perfeição.

Capítulo 15

Ele pagou a entrada do Sydney Gardens, justo do outro lado de Sydney Agrada, e puseram-se a caminhar pela beira da pista para jogar bocha até que o atalho começou a subir, serpenteando por entre extensões de grama e árvores cujos ramos se balançavam agitadas pelo vento.

Não era absolutamente o dia ideal para passear por nenhum parque. Não havia nem uma alma à vista, além deles dois.

Frances estremeceu apesar de estar agasalhada, dando-se conta nesse mesmo momento, com a mesma capa, chapéu e botas de meio cano que usava quando o conheceu. Estava gelada até a medula dos ossos, mas nem tanto pelos golpes de vento frio, mas sim pelo fato de ir caminhando junto a ele outra vez, um dia depois de ter pensado que ele tinha voltado para Londres, e dois dias depois de se dizerem adeus para sempre, outra vez. Já tinha passado todo um dia de dor tão intensa que parecia que se desesperaria para tudo. Ia ter que suportar tudo isso outra vez o resto desse dia

e o seguinte?

Será que alguma vez partiria definitivamente?

Será que ela não ia ter jamais a resolução de mandá-lo embora para sempre?

No correio da manhã tinha chegado para ela, um cartão da senhora Lund, a irmã do senhor Blake, convidando-a para acompanhar ao senhor Lund e a ela ao teatro na próxima semana. O senhor Blake ia formar parte do grupo também, acrescentava. Embora ela vacilasse, ao final escreveu que aceitava. A vida tem que continuar, raciocinou. E talvez enfim ia conseguir deixar para trás o passado, para concentrar a atenção no homem que parecia tão impaciente por ser seu pretendente. E não é que tivesse tomado alguma decisão com respeito a ele; nem sequer tinha que contar tudo dela ainda. Só a convidaram a uma saída ao teatro.

Felicitou-se, outra vez, por seu bom julgamento. Mas aí estava, só algumas horas depois, caminhando pelo Sydney Gardens com Lucius Marshall, que logo ia casar-se com a senhorita Porta Hunt.

—Para alguém que tem algo importante que dizer —disse, rompendo o longo silencio—, e a quem dei só uma hora de meu tempo, está extraordinariamente calado, lorde Sinclair.

Entraram em uma ponte chinesa maravilhosamente esculpida e pintada em vivas cores e se detiveram ali um momento a contemplar as águas cinza piçarra do canal que passava debaixo. Ela estava meio consciente de que em outras circunstâncias toda a beleza que os rodeava teria sido uma festa para seus sentidos, apesar do mau tempo.

—Crê no destino, Frances?

Ela pensou um momento a resposta. Acreditava?

—Acredito nas coincidências —repôs ao fim—. Acredito que ocorrem coisas inesperadas que captam nossa atenção e que o que fazemos com esses momentos pode influir ou mudar todo o curso de nossa vida. Mas não acredito que sejamos arrastados irremediavelmente por um destino sobre o qual não temos nenhum controle. Se assim fosse, não teria nenhum sentido falar de livre-arbítrio. Todos temos o poder de decidir, de dizer sim ou não, de fazer algo ou não fazê-lo, de ir nesta direção ou naquela.

—Crê que todo o curso de sua vida a levou a esse caminho coberto pela neve quando o fez, e que todo o curso de minha vida me levou a esse mesmo lugar e ao mesmo tempo? E crê que essa coincidência, como chama, dispôs ou ordenou? Ou que de algum jeito inconsciente o dispusemos nós? Que talvez não foi uma simples casualidade, um acidente ao azar, que estivesse você lá e não outra mulher, ou que fosse eu e não outro homem?

Essa estranha e inverossímil possibilidade a fez reter o fôlego. Poderia a vida ser tão... intencional?

— A advertiram que ia nevar —disse—. Poderia ter decidido não viajar naquele dia. Eu tinha

visto durante dias todos os sinais de uma iminente tormenta. Poderia ter esperado para ver o que aconteceria.

—Exatamente. Qualquer dos dois, ou os dois, poderiam ter feito caso das advertências e sinais de aviso, que ao que parece dissuadiram todas as demais pessoas da região que pensavam viajar. Mas nenhum dos dois deu importância. Não pareceu curioso a você que não encontrássemos ninguém mais no caminho? Que não parasse ninguém na estalagem?

Não, não tinha parecido. Jamais tinha ocorrido a ela pensar. Mas pensou nesse momento. Ela desejava sair cedo naquela manhã, mas suas tias avós a convenceram de que as acompanhasse uma hora mais na mesa do café da manhã. Se tivesse partido na hora que tinha planejado, era provável que não se encontrasse com ele.

Como desejava ter partido mais cedo!

Ou não?

O que queria dizer ele, em todo caso?

Ele reatou a marcha pelo atalho e ela continuou a seu lado. Ele não lhe ofereceu o braço; na realidade não o tinha oferecido desde que saíram da escola. Ela agradeceu, mas não precisava tocá-lo para senti-lo em todas as fibras de seu ser.

Seria possível que não fosse só o haver deitado com ele, que a atraía com tanta força que era impossível esquecê-lo e que tinha transformado sua vida em uma dor horrorosa nesses dias passados? Tinha amado antes; amou Charles, certamente, mas jamais havia se sentido assim.

Continuaram caminhando em silêncio. Ainda não tinham encontrado ninguém desde que entraram no parque. Ao que parece todos os habitantes e visitantes de Bath tinham muito mais sensatez que eles.

Quando chegaram ao topo da colina se detiveram novamente a olhar para baixo, as árvores, os jardins, a grama e os curvos caminhos. À esquerda se via um pavilhão coberto; também se via o famoso labirinto um pouco mais abaixo. Haviam-lhe dito que no Hotel Sydney se podia conseguir um mapa do labirinto junto com a entrada do parque, para aqueles que temiam perder-se antes de encontrar por fim a saída. Atrás deles havia uma fileira de balanços, um deles rangendo ao vento.

Evidentemente, era um jardim para desfrutar, como demonstrava a mesma beleza da natureza. Entretanto ela sentia justamente o contrário ao olhá-los. A

Aonde os conduziria essa hora? A nenhuma parte absolutamente.

O silêncio dele a desconcertava, mas tinha jurado não voltar a rompê-lo. Mas quando o olhou encontrou-o olhando para trás, com uma expressão insondável na face.

— A chamam esses balanços com tanta força como a mim? —perguntou-lhe ele.

Suas palavras a pegaram totalmente de surpresa.

O que? Por um momento sua mente saltou, como catapultada, à cozinha da estalagem na

primeira manhã que passaram lá, quando estavam tomando o café da manhã e ele a desafiou a competir para fazer um boneco de neve. Isso, compreendeu então, justamente isso, foi o verdadeiro começo de tudo o que ocorreu entre eles. Se ela se negasse...

Girou a cabeça para olhar os balanços. Os largos assentos de madeira penduravam dos ramos em longas cordas trançadas. Ao estarem no interior de um bosque pareciam estar protegidos do vento. Só o balanço do extremo mais afastado se balançava e corria.

—Mais forte ainda —respondeu.

Girando e levantando a bainha do vestido e da capa, pôs-se a andar para o balanço mais próximo.

A necessidade de romper a terrível tensão entre eles era avassaladora. Que forma mais segura de fazê-lo que sentar-se em um balanço?

—Necessita um empurrão? —perguntou ele enquanto ela se sentava.

—É obvio que não —disse Frances, retrocedendo com ambos os pés, e logo estirando as pernas e as dobrando por debaixo do balanço para pô-lo em movimento e tomar impulso—. E certamente serei primeira a chutar o céu.

—Ah, uma provocação —disse ele, sentando-se em outro balanço —. Ninguém a ensinou alguma vez que é impróprio de uma dama fazer apostas?

—Essa é uma regra imposta pelos homens porque têm medo de perder para as mulheres.

— Já!

Começaram a balançar-se e foram subindo mais e mais alto até que as cordas de ambos os balanços rangeram protestando, com o vento lhe açoitando as saias e a aba do chapéu, e quase deixando-a sem fôlego a cada subida e descida. Em cada subida Frances via mais e mais do parque em baixo, e em cada descida via os ramos das árvores movendo-se só a uns palmos dela. — Hummm! —gritou em um descida.

—Essa é exatamente a palavra que estava procurando —disse ele, passando junto a ela em direção oposta.

Então os dois riram e continuaram balançando-se e gritando como dois pirralhos eufóricos, até que, como por acordo tácito os dois foram diminuindo a velocidade e ao final ficaram sentados um ao lado do outro balançando-se suavemente.

—O problema é que não havia céu para chutar —disse ele.

—O que? —voltou-se a olhá-lo com os olhos aumentados—. Não o sentiu? Isso significa que não chegou tão alto para tocá-lo. Eu sim, e ganhei.

—Você, Frances Allard, mente descaradamente. Havia-lhe dito essas mesmas palavras antes, e a ocasião irrompeu em sua mente com alarmante claridade. Estavam na cama, ela acabava de lhe dizer que não tinha frio e ele respondeu que era uma lástima porque ele poderia empenhar-se esquentá-la. «Estou congelada», disse ela então. «Mente descaradamente, senhora —disse ele—,

mas eu gosto de seu ânimo. Suponho que agora tenho que pensar em alguma maneira de esquentá-la ...»

Que fazia ali? Pensou de repente. Por que estava fazendo isso outra vez, brincando com ele, apostando contra ele, rindo com ele?

Só há um momento atrás tentava fazer com que Rhiannon Jones sentisse a melodia que tocava com a mão direita e deixasse que a paixão da música se elevasse por cima do acompanhamento que tocava com a esquerda. —Frances... —disse ele.

Mas nesse preciso instante ela sentiu cair uma gota gorda em uma bochecha e viu cair mais na capa, escurecendo o tecido. Estendeu uma mão com a palma para cima e os dois olharam ao céu.

—Condenação! —exclamou ele—. Vai cair um toró, e não trouxe guarda-chuva embora eu a aconselhasse para trazer. Vamos ter que correr até o pavilhão.

Em seguida agarrou a mão dela, sem sequer pedir permissão, e um instante depois foram correndo como loucos para o pavilhão, que estava a curta distância um pouco mais abaixo na colina, enquanto o céu dava todos os sinais de que ia se abrir a sério em qualquer momento. Quando chegaram ao refúgio os dois estavam ofegantes e rindo outra vez.

O pavilhão era uma estrutura construída mais para resguardar do sol que da chuva. Tinha paredes de três lados e o teto se sobressaía uns três palmos das paredes laterais. Felizmente, o vento soprava atrás, sobre a parede transversal, e o interior estava seco. Sentaram-se no longo banco encostado a essa parede, a esperar que se desencadeasse o dilúvio. Este caiu em correntes, golpeando ruidosamente o magro teto, formando uma cortina na parte sem parede, quase ocultando da vista dos jardins de grama e das árvores a frente. Era como estarem sentados por trás de uma imensa cascata.

—É de esperar que isto não dure todo o dia —comentou ela.

Mas a risada se desvaneceu e a solidão em que se encontravam se pronunciou ainda mais quando estavam fora nos desertos jardins.

Ele segurou uma mão dela e a reteve entre as suas, enquanto ela olhava para outro lado, tratando de não reagir a esse quente contato.

—Frances, acredito que é melhor que venha comigo a Londres.

Então ela tratou de retirar a mão, mas ele a reteve firmemente.

—Foi o destino —continuou ele—. E falou forte e claro. E é um destino tão insistente que voltou a nos reunir esta semana, quando tínhamos desperdiçado a oportunidade que nos ofereceu depois do Natal. Perdoe-me que o diga, mas conheci muitas mulheres, Frances, e nunca lamentei a saída de nenhuma só delas de minha vida. Quer dizer, até você. Jamais tinha conhecido a uma só dois dias e seguido obcecado por ela três meses depois.

—Suponho —disse ela amargamente— que isso se deve a que eu disse não, e não está

acostumado a que as mulheres lhe neguem o que deseja.

—Considerei isso como uma clara possibilidade —reconheceu ele—. Mas o orgulho ferido, se isso tivesse sido a única coisa que sentia, teria me jogado rapidamente na direção oposta, para procurar outra mulher que reforçasse minha debilitada confiança em meus encantos. Jamais ficaria miserável diante de uma mulher porque tinha frustrado meus desejos. Andaria por aí em busca de uma presa mais fácil.

—As quais, sem dúvida, há em abundância—disse ela, mordaz.

—Exatamente. Sou jovem, sabe Frances? Conservo os cabelos e todos os dentes toleravelmente brancos. Também sou rico e tenho título, com a perspectiva de ter muito mais no futuro. Isso é uma combinação irresistível para muitas mulheres. Mas nada disso importa nas atuais circunstâncias. Estou-me arrastando diante de você, Frances, será que não vê?

—Tolices! —exclamou ela. O coração golpeava suas costelas como um martelo; ouviria, estava certa, se o ruído da chuva no teto não fosse ensurdecedor—. O que quer é me colocar na cama, nada mais.

Sentiu arder as bochechas pela vulgaridade de suas palavras.

—Se isso fosse tudo —disse ele—, já faz tempo que teria ficado satisfeito, Frances. Tive-a na cama. Uma queda costuma ser suficiente para satisfazer a luxúria. Entretanto, não estou satisfeito.

As bochechas lhe arderam mais ainda. Mas não podia reprovar essas palavras tão francas. Ela o tinha induzido dizê-las.

—Precisa estar em Londres —continuou ele—. Bath torna-se sufocante depois de uma ou duas semanas.

—Você a acha sufocante porque está ocioso aqui. Eu não.

—Além de ficar comigo se estivesse em Londres, precisa estar la para cantar, Frances. Está desperdiçando seu talento ensinando música quando deveria estar interpretando-a. Se estivesse em Londres eu poderia apresentá-la as pessoas certas para que tivesse a oportunidade de cantar que necessita e o público que a merece.

De um puxão ela soltou a mão e se levantou bruscamente, tomada pelo terror. Ele queria prostituir seu talento, então, igual o fez George Ralston? E de passagem ela seria sua amante, sem dúvida? Mesmo que estivesse a ponto de casar-se com outra? De repente se sentiu mal, com sabor da bílis na boca. Mas o que esperava? Deu um passo para a parte aberta e se deteve. Não havia sinais de que fosse amainar a chuva.

—Detestei Londres quando vivi lá —disse—, e jurei que não voltaria jamais. E não necessito que ninguém me apresente a nenhuma pessoa adequada. Sou feliz tal como estou. Não pode entender isso?

—Contente—disse ele—. reconheceu, Frances, que está contente. E volto a dizer que não é uma

mulher feita só para estar «contente». Foi feita para uma felicidade gloriosa, apaixonada. Ah, para a infelicidade também, é obvio. A provocação de viver é aspirar a uma e aprender da outra, embora só tenha a força para suportá-la. Venha comigo.

—Não. Ah, não, de maneira nenhuma. Crê que a felicidade e a paixão sexual são a mesma coisa, lorde Sinclair, e que a última é algo que tem que satisfazer a todo custo. Na vida há muito mais que satisfação física.

—Desta vez estamos em total acordo. Continua acreditando que quero persuadi-la a ser minha amante. Não é, Frances?

Ela se virou para olhá-lo.

—Sim, e se disser outra coisa, estarei mentindo, ou me enganando. Aqui sou uma mulher independente. Não sou rica, mas não tenho obrigações com ninguém. Tenho uma liberdade com que muitas mulheres só podem sonhar. Não renunciarei a isso para me converter em seu brinquedo até que se canse de mim.

—Meu brinquedo? Então não me escutou? Desejo ajudá-la a compartilhar seu talento com o mundo e que se sinta feliz e satisfeita por isso. Livrá-la da idéia de que só sou um libertino sem princípios. Desejo-a na cama, sim, sem dúvida. Mas mais que isso, desejo a você.

Ela negou lentamente com a cabeça. Queria que o assunto continuasse sendo simples. Não desejava nada que a tentasse, como ficou tentada e cedeu à tentação em dezembro. Não queria nada que a tirasse de sua resolução de ser «sensata».

—Ainda não entendeu? —perguntou-lhe ele—. O que peço é que seja minha esposa, Frances.

Ela tinha aberto a boca para responder antes que ele terminasse de falar. Olhou-o e fechou bruscamente a boca, fazendo soar os dentes.

—O que?

— Descobri que não desejo viver sem você. Acontece que atualmente necessito de uma esposa. Meu avô está morrendo, eu sou seu herdeiro, e lhe prometi cumprir meu dever e tomar uma esposa enquanto ele ainda estiver vivo, é de esperar. E só hoje me ocorreu que é perfeitamente elegível, Frances. Presumivelmente seu pai tinha alguma conexão com a corte francesa, e tem laços familiares com o barão Clifton. Haverá quem pense, claro, que eu deveria me aliar com alguém de linhagem e fortuna evidentemente iguais ou superioras as minhas, mas nunca dei muita importância ao que pensam os outros, e muito menos tratando-se de meu bem-estar e felicidade. E meu avô, cuja opinião contra seria a única que me importaria, tomou um extraordinário afeto por você, e honra e respeita seu talento. Se convencerá em um minuto quando ficar claro que não quero a ninguém senão a você. E minha mãe e minhas irmãs também, no fim de tudo me querem bem e desejam minha felicidade. Se case comigo, Frances. Eu não gosto muito do aspecto deste chão de pedra, mas ficarei de joelhos diante de você, se quiser. Isso será algo que poderá alardear para seus

netos. Sorriu-lhe.

Ela quase não podia respirar, não conseguia colocar ar nos pulmões. Não que não houvesse ar no interior do pavilhão, na realidade havia muito. Tremiam-lhe as pernas, mas se tentasse sentar no banco novamente, cambalearia e cairia ao chão, seguramente. Ficou onde estava.

Queria casar-se com ela?

— Vai se casar com a senhorita Hunt —disse.

Ele fez um gesto de impaciência com uma mão.

—Essa é a expectativa geral —reconheceu—. Nos víamos muitíssimo quando éramos crianças, já que sua família ia com freqüência visitar meus avós e nós íamos visitar os dela. E, claro, nossas famílias nos faziam passar vergonhas terríveis, ou a mim, em todo caso, falando francamente de suas esperanças de que algum dia nos casássemos, e nos faziam brincadeiras sem piedade se por acaso nos olhássemos. E minha mãe crê firmemente na idéia de que Porta esteve me esperando até a avançada idade de vinte e três anos. Mas eu nunca disse uma palavra que indicasse que tinha a intenção de me casar com ela, nem ela a mim. Não tenho nenhuma obrigação, portanto, de lhe propor matrimônio.

—Talvez ela esteja em desacordo com isso.

—Não tem nenhum motivo para estar. Fiz minha escolha, e é você. Se case comigo, Frances.

Ela fechou os olhos. Essas eram as palavras que sua parte romântica, não realista, tinha sonhado ouvir durante esses três meses. Inclusive tinha representado cenas similares na imaginação. Mas se tivesse suposto que ia ouvir da boca dele, as teria temido. Seu coração, pensou, ia acabar rompendo-se a sério.

Quando abriu os olhos se sentia enjoada, e preparou-se para voltar cambaleante a sentar-se no banco. Ele segurou uma de suas mãos e logo a outra e as sustentou entre as dele, quentes e grandes. Baixou a cabeça e beijou as duas.

—Não posso voltar para Londres —disse ela.

—Então viveremos em Cleve Abbey. Lá criaremos uma família numerosa e rebelde, Frances, e viveremos felizes para sempre. Poderia cantar para nossos vizinhos.

—Sabe que não poderia viver no campo indefinidamente. Quando herdar o condado terá que assumir seu posto na Câmara dos Lordes. Eu não posso voltar para Londres nem à boa sociedade.

—Não pode? Ou não quer?

—As duas coisas. Não há nada que me atraia na vida que me oferece.

—Nem sequer minha pessoa?

Ela negou com a cabeça.

—Não acredito —disse ele.

Ela o olhou com um lampejo de raiva nos olhos.

—Isso é problema seu. Não pode aceitar um não, não é, lorde Sinclair? Não pode acreditar que uma mulher em seu são julgamento prefira o tipo de vida que levo aqui ao tipo de vida que me oferece você, nem que prefira a relativa solidão daqui a uma vida no belo mundo com você .

Ele arqueou as duas sobrancelhas. Mas por sua expressão parecia que tinha lhe dado uma bofetada.

—Não! —disse, carrancudo—. Isso não me convence, Frances. O que há de tão repugnante na vida de Londres ou na vida como viscondessa Sinclair, para que me rejeite, para evitar? Não acredito que sinta aversão por mim pessoalmente. Vi-a, senti-a, conheci-a quando estava com a guarda baixa e essa mulher respondeu a mim com uma efusão e uma paixão que se igualam às minhas. O que é?

—Não sou conveniente —repôs ela—. Não sou para ser a viscondessa Sinclair. Não sou aceitável para seu avô nem para sua mãe nem para a alta sociedade. E não vou dizer nada mais sobre isso.

Não tinha nenhum sentido dizer mais, lhe contar toda a lastimosa história de sua vida. Era um homem impulsivo, sabia. Duvidava que ele tivesse pensado atentamente em todas as conseqüências do que estava fazendo essa manhã. Gostava de obter o que desejava, e por alguma razão desejava a ela. Não faria diferença se lhe contasse tudo. Ele não daria importância e insistiria para que se casassem.

Simplesmente isso não devia acontecer, pelo bem dela e pelo dele.

E por seu avô, ao que apreciava e respeitava.

Devia impor sensatez, como se tinha imposto nos três últimos anos, com algumas notáveis exceções.

E assim perderia sua última oportunidade de sorte. O destino a tinha eleito muito destacadamente, tanto nos dias depois do Natal como nessa semana, nisso ele tinha razão e ela rechaçaria o destino, se opondo ao poder de seu livre-arbítrio. Para que servia o livre-arbítrio, depois de tudo?

Não destruiria sua nova vida arduamente construída, nem a dele além disso.

—Eu não gosto da sociedade —disse, como se isso fosse a explicação mais lógica para rechaçar uma proposta enormemente vantajosa para ela e que ele sabia era muito atrativa—. É artificial e cruel, e não é o que eu escolheria para viver o resto de minha vida. É o que deixei de propósito faz mais de três anos para vir para cá.

—Se eu tivesse estado lá então —disse ele veementemente, lhe perfurando os olhos com os seus— sim, se tivesse me conhecido então, e eu tivesse pedido o que peço agora, teria tomado a mesma decisão, Frances?

—As perguntas hipotéticas são como o futuro de que falava antes. São produtos sem sentido da imaginação. Não é real. Não o conheci então.

— E é sua resposta final, então —disse ele. E não era uma pergunta.

—Sim.

—Bom Deus! —soltou-lhe as mãos—. Um dos dois tem que estar louco, Frances, e temo que possa ser eu. Pode me olhar nos olhos, então, e me jurar que não tem nenhum sentimento por mim?

—Nada é assim tão simples. Mas não vou jurar nem em um nem em outro sentido. Não tenho por que. E disse que não. Isso é a única coisa que é necessário dizer.

—Tem razão, caramba. —levantou-se ele—. Peço mil perdões, senhora, por causar-lhe tanto incômodo.

Sua voz soou tensa de hostilidade.

De repente ela deu-se conta de que estavam rodeados outra vez pelo silêncio, além das gotas que caíam do teto. A chuva tinha parado tão de repente como começou.

—Mas ainda há uma parte de mim, Frances —acrescentou ele— que poderia estrangular você alegremente.

Ela fechou os olhos e cobriu a boca com uma mão, para impedir-se de dizer palavras que lamentaria depois. Assaltou-a um desejo tão imenso de jogar-se em seus braços e lançar ao vento a sensatez que voltou a sentir-se doente.

Os pensamentos giravam em sua cabeça como um caótico torvelinho.

Talvez devesse ser mais como ele e simplesmente agir em lugar de pensar sempre.

Mas não o faria. Não «deveria». Se levantou, passou ao seu lado e saiu para olhar o céu. Ainda havia nuvens de chuva e continuava caindo uma suave garoa.

—Acabou-se a hora, lorde Sinclair—disse, virando-se para ele—. Vou voltar para a escola. Não precisa me acompanhar.

—Maldita seja, Frances —disse ele em voz baixa.

Essas foram as últimas palavras que lhe disse, as últimas palavras dele que ouviria, pensou, pondo-se a caminhar a toda pressa pelo caminho, sem fixar-se que não estava acostumada e estava muito molhado e lamacento e em partes inclusive escorregadio.

Pediu-lhe que se casasse com ele.

E ela disse não.

Porque, por toda uma série de razões, um matrimônio entre eles simplesmente não funcionaria.

E porque o amor não é suficiente.

Estava louca, pensou, louca, louca, louca.

Pediu-lhe que se casasse com ele.

Não, não era loucura. Era prudência, prudência fria, incômoda, sem piedade.

Ia meio correndo quando chegou às portas do parque e saiu a Sydney Agrada. Também ia meio soluçando, embora tentou convencer-se de que só ia ofegando pela pressa em chegar à escola antes

que começasse a cair a chuva torrencial outra vez.

Lucius desejava casar-se com ela e ela se viu obrigada a dizer-lhe que não.

Capítulo 16

Na realidade, participar dos animados ritos da temporada da primavera, ir a bailes e festas, cafés da manhã venezianos, concertos e peças de teatro, cavalgar pelo Hyde Park a primeira hora da manhã e conduzir o tílburi à hora do passeio dos elegantes pela tarde, deixar-se levar às mil e uma atividades frívolas... na realidade, participar de tudo isso era muito bom para distrair os pensamentos de humilhações passadas e evitar que o ânimo fosse residir permanentemente à sola dos sapatos. Isso descobriu Lucius ao longo desse mês, sobretudo depois de passar também boa parte da noite no White's ou em algum dos outros clubes de cavalheiros e a manhã no salão de boxe do Jackson, em um leilão de cavalos em Tattersall's ou em qualquer dos outros lugares onde estavam acostumados a se congregar numerosos cavalheiros e podia esquecer do bom comportamento social.

Claro que tudo isso era muito distinto da vida a que estava acostumado, e tinha que obrigar-se a suportar as caretas de compaixão e as grosseiras brincadeiras de um bom número de seus conhecidos, que não tinham deixado de fixar-se em que estava vivendo na casa Marshall e não em suas habitações de solteiro, e que estava participando das atividades do mercado do matrimônio, e que, dito seja de passagem, estavam muito contentes de que não estivessem em seu lugar.

Dançou com Emily no baile de sua apresentação em sociedade, e com Caroline no baile de celebração de seu compromisso. Levou a estas duas irmãs, e a Amy uma ou duas vezes, para comprar e passear a pé e no carro. Acompanhava a sua mãe em suas visitas e compras e a olhar livros na biblioteca. Acompanhava-as ao teatro e à ópera. Inclusive, pelo amor de Deus, uma noite as acompanhou ao centro social Almack's, esse insípido e exclusivista baluarte da classe alta, onde não havia outra coisa que fazer que dançar, comer pão rançoso com manteiga, beber uma insípida limonada e fazer de simpático diante de uma verdadeira turba de jovenzinhas esperançadas e a suas mães.

Mas essas esperanças, despertadas sem dúvida ao ver um tão bom partido indo a essas festas que não acostumava ir, estavam totalmente mal colocadas e ao que parece o entenderam muito em breve. Porque inclusive antes de que chegasse a Londres procedente de Bath, já se tinha organizado um jantar na casa da cidade do marquês de Godsworthy em Berkeley Square, em que os membros de sua família eram os convidados de honra, na realidade os únicos convidados, como não demoraria para descobrir, e também um jantar similar com uma festa íntima na casa Marshall poucas noites depois. E muito pouco depois de sua volta, de fato no dia seguinte, quando fez uma visita de cortesia aos Balderston, acompanhado por sua mãe e suas irmãs, decidiu-se que as duas

famílias se sentariam juntas no camarote do conde de Edgecombe no teatro uma noite dessa mesma semana.

E em cada ocasião, durante os dois jantares, durante a visita de cortesia e no teatro, encontrou-se sentado ao lado de Porta Hunt. Não poderiam ter parecido um casal mais estabelecido se já estivessem comprometidos.

E, com efeito, ela estava bem, muito bem. Tinha esse tipo de beleza que só melhora com a idade. Seus cachos loiros, seus olhos azuis, seus traços perfeitos e sua pele de rosa inglesa só a faziam extraordinariamente bonita quando era menina; agora era nada menos que formosa, e a essa beleza se somava um porte e uma dignidade que a proclamava a dama da perfeita boa criação.

Tudo nela era perfeito, na realidade. Não havia nem um só granito, lunar, olho vesgo ou um defeito fatal à vista. E era uma mulher para quem o dever era algo tão instintivo que sem dúvida obsequiaria a seu marido com um herdeiro antes que transcorressem dois anos das núpcias e nem lhe ocorreria a possibilidade de parir filhas.

Seria a esposa perfeita, a anfitriã perfeita, a mãe perfeita, a viscondessa perfeita, a condessa perfeita.

Decididamente a palavra «perfeita» devia ser eliminada do idioma.

Lucius agüentava tudo com os dentes resolutamente apertados, e sem pigarrear. Tinha cometido o engano fatal, e muito inesperado, de apaixonar-se por uma mulher que o tinha desprezado e rechaçado. Em geral, isso era bom. Embora seu avô admirasse a Frances como cantora, talvez não se teria mostrado muito inclinado a aceitá-la como candidata para o papel de condessa de Edgecombe, mesmo que fosse uma dama com conexões impecáveis, ao menos pelo lado de seu pai.

Do horrível momento em que partiu de Bath, tinha deixado atrás, com implacável firmeza e finalidade, qualquer intenção de apaixonar-se e de soltar uma impulsiva proposição de matrimônio.

Fizera uma promessa no Natal, e por Deus que a cumpriria. E posto que não podia ter à mulher que desejava, teria a Porta. Não podia fazer nada melhor, depois de tudo, pensamento que contemplava com uma ligeira careta.

Sua mãe, que era boa e carinhosa, queria que todos seus filhos desfrutassem de seu momento especial sob o sol. As duas primeiras semanas depois de sua volta à cidade, esse momento pertenceu a Emily, enquanto se preparava para sua apresentação à rainha e logo para o baile de sua apresentação em sociedade. As duas semanas seguintes foram o momento de Caroline, já que sir Henry Cobham se decidiu por fim e foi falar com ele sobre o contrato de matrimônio e logo fez sua proposição a sua irmã. E claro, a ocasião fez necessário outro baile na casa Marshall, para celebrar o compromisso.

Se tivesse feito sua proposição a Porta nesse mês, teria tirado injustamente o foco de atenção a uma ou outra de suas irmãs, e sua mãe se haveria sentido afligida.

Ao menos isso foi o que se disse; estava-se empenhando muito em dar mais tempo, atenção e afeto a sua família do que tinha acostumado a fazer durante os despreocupados anos de sua juventude.

Mas demorar indefinidamente não era uma opção para ele essa primavera. Fizera sua promessa a seu avô e já não tinha mais remédio que fazer sua proposição formal e acabar com isso.

O faria à manhã seguinte do baile de Caroline, decidiu. Já não havia nenhuma desculpa para atrasá-lo. Sua mãe já fazia comentários intencionados e seu avô o olhava com olhos sorridentes cada vez que saía a colação o nome de Porta, que saía com muita freqüência.

Assim, chegada essa manhã, vestiu-se com supremo esmero, com a perita ajuda do Jeffreys, e pôs-se a andar para Berkeley Square, onde descobriu que depois de preparar-se e fortalecer-se tanto para a terrível experiência, lorde Balderston não estava em casa. Mas as senhoras sim estavam, informou-lhe o mordomo. Desejava lorde Sinclair visitá-las?

Lorde Sinclair supôs que sim, mesmo pensando nostálgico em seus amigos que nesse momento estariam praticando esgrima, boxeando ou olhando cavalos nos lugares habituais, e nenhum deles tinha que cuidar de ninguém no mundo.

Quando o fizeram passar ao salão de visita, encontrou-se de maneira que Porta estivesse sozinha ali.

—Mamãe ainda está em seus aposentos, pois ontem à noite se deitou muito tarde pelo baile de Caroline — explicou ela uma vez que lhe fez sua vênia.

Isso era compreensível. O surpreendente era que Porta estivesse em pé e tão bem vestida e penteada que podia receber convidados com tanta prontidão. Ele não tinha visto sua mãe nem a nenhuma de suas irmãs quando saiu da casa Marshall.

Acrescentava levantar-se cedo a suas outras virtudes?

—Quer que a faça chamar? —perguntou-lhe, passando a vista pela sala—. Ou a sua criada?

—Não seja tolo, Lucius —repôs ela com frio aprumo, lhe indicando uma poltrona, enquanto ela se sentava elegantemente e pegava o bastidor com seu bordado—. Já não sou uma menina que necessite companhia para receber um amigo de tantos anos.

Eram próximos porque se conheciam desde que eram meninos. Eram amigos também?

—Lady Sinclair deve sentir-se gratificada —disse ela—, com uma filha casada, outra comprometida e Emily tão bem recebida na alta sociedade. E seguramente que a Amy será bem igual no próximo ano se conseguir aprender a refrear sua exuberância natural.

Sua agulha entrou e saiu do tecido, formando uma rosa perfeita cor pêssego.

—Espero que nunca aprenda essa lição, Porta —disse ele—. Eu gosto muito tal como é. Ela o olhou rapidamente.

—Foi desafortunado que a levasse a caminhar pelo parque tão tarde anteontem. Não deveria

haver-se deixado ver pela gente boa. E não deveria haver rido com tão irrefletido prazer de algo que você lhe disse, fazendo-se notória. Lorde Rumford a olhou com seu monóculo, e todos conhecemos sua reputação.

—Quando minha irmã vai em meu braço está muito a salvo das rabugices de libertinos, Porta. E as meninas que ainda não se apresentaram em sociedade necessitam ar fresco e exercício tanto quanto as damas que o estão.

Voltava a sentir-se irritado, pensou. Maldita seja, a irritação estava se transformando em um ponto quase habitual nele. Sem dúvida noventa e nove de cada cem senhoras de Londres estariam de acordo com Porta.

Estaria de acordo Frances? Desprezou o pensamento, sem piedade.

—Seu carinho por suas irmãs é elogiável —disse Porta—, mas estou segura de que não ia querer danificar as oportunidades de Amy de ser bem aceita no próximo ano depois de sua apresentação.

Contemplou seus cachos loiros pensando se os anos que o aguardavam estariam cheios dessas amáveis recriminações por cada opinião ou ato dele. Apostaria uma fortuna que sim. Ele escaparia, supôs, como faziam a maioria dos maridos, percorrendo suas terras com rifle em mão e com seu cão pisando os calcanhares quando estivesse no campo, e refugiando-se em seus clubes quando estivesse na cidade.

—Foi muito amável de sua parte —continuou ela— levá-la com você quando foi a Bath. Sua presença juvenil tem que ter sido um enorme consolo para lorde Edgecombe.

—Acredito que sim. E eu também o desfrutei.

—Mas foi correto permitir assistir a uma festa de noite?

Ele arqueou as sobrancelhas mas ela não levantou a vista de seu trabalho.

—E uma festa em Upper Rooms? —continuou ela—. Mamãe se horrorizou infinitamente quando Emily nos contou isso, não me importa dizer-lhe isso Lucius.

Tinha o cabelo partido ao meio, viu, embora só uns dedos sobre a frente, logo a partição desaparecia sob uns cachos muito bem ordenados.

Não como outra pessoa que ele conhecia...

—Pelo menos teve o bom julgamento de contratar a uma professora de escola para que a acompanhasse, mas a mulher deveria a haver impedido que dançasse, Lucius.

Ele entrecerrou os olhos de fúria, e contemplou em silêncio o prazer que lhe daria esmagar um desses cachos e desbaratar todo o penteado.

—A senhorita Allard foi na qualidade de convidada especial de meu avô —disse—. Amy dançou com minha permissão.

—Só cabe esperar que não lhe tenha feito um dano irreparável, Lucius. Me agradará lhe oferecer orientação e conselhos no próximo ano.

Em qualidade de esposa dele e cunhada da Amy, sem dúvida, pensou ele.

—Ah, sim? —disse.

Ela levantou a vista e sua agulha ficou suspensa sobre o trabalho.

—Ofendi-o. Não tem por que preocupar-se, Lucius. As damas sabem essas coisas melhor que os cavalheiros, e estamos muito preparadas para restabelecer e manter o decoro enquanto os homens se ocupam livremente de seus assuntos.

—De libertinagem?

Esperou que aparecessem manchas de cor em suas bochechas, mas de repente recordou que Porta não se ruborizava jamais, nem o necessitava, supôs.

—Acredito que poderíamos guardar silêncio sobre esse tema, Lucius. O que fazem os cavalheiros com seu tempo é assunto deles e não interessa absolutamente às damas de boa criação.

Bom Senhor! Demônios! Não se perturbaria sua calma se ele se dedicasse à libertinagem do momento mesmo das bodas, dia após dia até o dia de sua morte? A resposta, suspeitava, era que, em realidade, não.

—Veio esta manhã visitar papai? —perguntou ela.

—Sim —reconheceu ele—. Voltarei em algum outro momento.

—Claro que sim—disse ela, olhando-o sem pestanejar.

Teria algum sentimento por ele? Qualquer sentimento quente? Desejaria realmente casar-se com ele? Quer dizer, com «ele», não com o visconde Sinclair, o futuro conde de Edgecombe?

—Porta—disse, quando ela estava bordando outra vez—, tem a sensação de que nos colocam juntos em toda ocasião esta primavera, desejemos nós ou não?

A agulha se deteve, mas ela não o olhou.

—É obvio —disse—, mas por que não teríamos que desejá-lo?

O coração dele foi ao chão.

—Deseja uma relação comigo, então?

«Uma relação», que eufemismo mais idiota!

—É obvio —repôs ela.

—É obvio? —repetiu ele arqueando as sobrancelhas quando ela o olhou.

—Os homens são muito tolos. —Por um momento sua expressão pareceu quase maternal—. Evitam a realidade a cada momento. Mas não se pode evitar indefinidamente, Lucius.

—Quer se casar comigo, então?

Já está, já estava dito, e não podia retirá-lo nem simular que estavam falando de outra coisa.

—É obvio.

Seu coração já não tinha espaço para baixar mais. De todos os modos tentou o impossível.

—Por quê?

Tocou a ela arquear as sobrancelhas. Apoiou a mão com a agulha sobre o trabalho e pareceu esquecer-se dela no momento.

—Por que? Tenho que me casar com alguém, Lucius, e você é minha melhor opção. Você tem que se casar com alguém e eu sou sua melhor opção.

—É isso razão suficiente? —perguntou-lhe carrancudo.

—Lucius, essa é a «única» razão.

—Ama-me? —perguntou ele.

Ela pareceu quase horrorizada.

— Que pergunta mais tola. As pessoas como você e como eu não nos casamos por um motivo tão vulgar como o amor, Lucius. Casamo-nos por posição, fortuna e linhagem superior.

—Tudo isso é horrorosamente pouco romântico.

—Você é a última pessoa que eu esperaria que falasse de romantismo.

—Por que?

—Perdoe-me, mas sua reputação não me é de todo desconhecida, por protegida que tenha estado sempre da vulgaridade. Sem dúvida deseja continuar com essa vida, a que duvido muito que chame romântica. E portanto não esperará nem desejará um romance com sua esposa. Não tem por que preocupar-se. Eu tampouco o espero nem o desejo.

—Por que? —repetiu ele.

—Porque o romance é muito estúpido. Porque não é de bom tom. Porque é totalmente imaginário. Porque é ilusório, normalmente por parte da mulher. Os homens são mais sábios e nem sequer crêem nele. Eu tampouco acredito.

Até há alguns meses ele estaria de acordo com ela. Talvez seguisse estando de acordo. O romance não o tinha feito nenhum bem esses últimos meses, não é?, Além de irritar eternamente os nervos.

—E a paixão? Não esperaria isso de seu matrimônio?

—Muito certamente não! —exclamou ela, já francamente horrorizada—. Mas que idéia, Lucius!

Ele a olhou de forma lúgubre quando ela voltou uma vez mais a atenção a seu bordado, sua mão tão firme como se tivessem falando do tempo.

— Disse ou fiz algo alguma vez que a tenha levado a pensar que proporia matrimônio a você? —perguntou-lhe.

Sim que o tinha feito, fazia muito pouco. Acabava de reconhecer que tinha ido lá essa manhã para visitar seu pai.

—Não tem por que —disse ela—. Lucius, compreendo que esteja relutante e vá adiando. Entendo que todos os homens são iguais em circunstâncias similares. Entendo também que finalmente todos fazem o que devem fazer, como fará você. E as conseqüências não serão tão terríveis. Haverá um lar,

uma esposa e uma família onde antes não havia nada, e esses são componentes necessários para uma vida agradável, de bom tom. Mas no principal a vida do homem não muda muito e não tem por que mudar. Todo o medo dos grilhões e da armadilha do padre e esses outros clichês que empregam os homens não têm nenhum fundamento na realidade.

Ele pensou fugazmente se de verdade seria tão fria até o fundo do coração, ou só seria incrivelmente recatada e inocente. Existiria um homem em alguma parte capaz de acender uma faísca de paixão nela? Duvidava.

—Está resolvida a me ter, então, não é, Porta? Não há nada que pudesse dissuadi-la ?

—Não consigo imaginar nada, a não ser que mamãe e papai retirassem seu consentimento, é obvio. Mas isso é muito improvável.

Deus misericordioso, estava condenado pensou, como se não tivesse compreendido antes. Estava alí, pelo amor de Deus, não? Maldita Frances, maldita, demônios. Ela poderia tê-lo salvado disso. Pediu-lhe que se casasse com ele e depois disse que não o teria feito se tivesse parado para pensar. Mas se ela tivesse ignorado o risco como fez ele e dito sim, ele não teria tido por que pensar. Estaria muito ocupado sentindo: euforia, paixão, triunfo. Amor.

Mas ela disse não, assim alí estava ele, diante de uma condenação a prisão perpétua tão certa quanto seu nome era Lucius Marshall. Sem ter feito outra coisa que uma visita matutina a um homem que nem sequer estava em casa, e ao que parece tinha ido muito longe com Porta para dar marcha ré.

Mas antes que pudesse reatar a conversação se abriu a porta e entrou a mãe, com cara muito presunçosa, embora sim disse quanto lamentava que lorde Balderston tivesse escolhido essa manhã para ir cedo a seu clube, quando sempre ficava em casa até muito depois do café da manhã.

Os três conversaram, então, sobre alguns temas banais, incluídos, como não, os comentários obrigados sobre o tempo e a saúde de cada um, até que Lucius pensou que já tinha passado tempo suficiente para poder fazer sua escapada descentemente.

Em que diabos estava se colocando? Perguntou-se quando ia caminhando em direção ao salão de Jackson, onde esperava colocar as luvas e tirar a merda a golpes de alguém, ou, melhor ainda, obter que alguém tirasse a merda dele. Embora não houvesse nada futuro em sua complicada situação.

Era formosa, refinada, habilidosa e perfeita. Era também uma mulher que nunca lhe tinha despertado simpatia, embora ele se empenhasse em pensar o contrário, e sua conversação essa manhã não tinha feito nada para mudar isso.

Entretanto, estava tão preso a ela como se já tivessem lido as admoestações. Tinha ido ver Balderston essa manhã, e tanto lady Balderston como Porta sabiam. Só podia haver um motivo para essa visita. E tinha prometido voltar. É o que Porta esperava dele.

«Voltarei em algum outro momento.»

«claro que sim.»

Voltou a sentir toda a fúria.

«Pelo menos teve o bom julgamento de contratar a uma professora de escola para que a acompanhasse, mas a mulher deveria haver impedido que ela dançasse.»

Contratar a uma professora de escola! A mulher!

Frances!

Apertou os dentes e apressou o passo. Jamais conseguiria decidir se o desejo de estrangulá-la era mais forte que a dor e a humilhação de seu rechaço. Ou que a dor de saber que não voltaria a vê-la nunca mais.

Ou a incômoda suspeita de que ela mostrou mais sensatez que ele e o salvou de si mesmo. Quando saiu da casa de Brock Street naquele dia não tinha nem idéia de que estava a ponto de propor matrimônio a ela. Se nem sequer sabia que ia à escola para vê-la, pelo amor de Deus.

Mas a calma e o sentido comum nunca tinham sido seu forte. Sempre tinha forjado seu caminho para o futuro com impulsiva e temerária desenvoltura.

E voltou a fazê-lo, não muito mais de vinte e quatro horas depois de sua visita a Berkeley Square.

E novamente foi por causa do Frances Allard.

Capítulo 17

— Soube que a senhora Melford está na cidade —comentou o conde de Edgecombe no café da manhã.

Esse era um de seus melhores dias quanto a saúde e se levantou para tomar o café da manhã com a família.

Por uma vez, noite passada não tinha havido nenhum baile nem festa, por isso estavam todos reunidos à mesa, com a exceção de Caroline, que sim tinha ido a uma festa em Vauxhall com sir Henry, e voltou tarde para casa, depois dos foguetes.

—Sim? —disse lady Sinclair, levantando brevemente a vista de uma carta que estava lendo.

—Com sua irmã —acrescentou o conde—. Raramente vêm à cidade. Não sei quando foi a última vez que as vi.

—Sim?

Sua mãe não parecia muito interessada, observou Lucius, enterrando a faca em seu bife. Já havia voltado sua atenção à carta.

—São as tias avós do atual barão Clífton, de Wimford Grange —explicou o conde—. A senhora Melford fez sua apresentação em sociedade com minha Rebecca, e seguiram sendo íntimas amigas até que ela morreu. Que jovenzinhas mais bonitas eram as duas!

—Ah —disse a viscondessa, levantando a vista outra vez, um pouco mais interessada, pois já

entendia que seu sogro se referia as damas que eram virtualmente suas vizinhas em Somersetshire.

De repente Lucius recordou por que lhe soava familiar o sobrenome Melford.

Também o recordou Amy:

—Ah, mas a senhora Melford e sua irmã são as tias avós da senhorita Allard também. Seriamente estão na cidade, avô?

—Quem é a senhorita Allard? —perguntou Emily—. Me passa o açúcar, Amy, por favor?

—É uma dama que tem a voz soprano mais gloriosa da cristandade —explicou o conde a Emily, empurrando o açúcar para ela—. E não exagero. A ouvimos cantar quando estivemos em Bath.

—Não irá chover, não é? —perguntou a viscondessa a ninguém em particular, olhando para a janela—. Seria uma aporrinhação se chovesse. Queria muito ir as compras hoje.

—Acredito que irei apresentar meus respeitos às damas esta tarde —disse o conde. Pôs-se a rir— Será um prazer falar com pessoas que são quase tão velhas como eu.

—Eu o acompanharei, se me permitir isso, senhor —disse Lucius.

—Você, Luz?! —Emily o olhou surpresa e pôs-se a rir—. Vai com vovô visitar duas velhas quando mamãe sempre diz que é mais fácil tirar-lhe um molar que o arrastar para fazer visitas de cortesia?

—Senhoras mais velhas, Emily —a repreendeu sua mãe—. Senhoras mais velhas.

—Eu irei também —disse Amy, alegrando-se notavelmente—. Posso ir, Luz? Posso, vovô?

—Bom, eu não vou —declarou Emily—. Irei às compras com mamãe.

—Ninguém pediu que vá, Em —assinalou Amy—. Além disso, a senhora Melford e sua irmã são as tias avós de «minha» amiga, e desejo muito especialmente as conhecer.

Mais tarde, quando estava se arrumando para a visita, Lucius seguia sentindo saudades, pensando para que queria as conhecer. Depois de tudo Emily só disse a verdade quando comentou sua aversão a fazer visitas sociais. E as duas damas tinham que ser muito anciãs; sem dúvida a conversação consistiria em longos informes sobre a saúde e evocações ainda mais longas sobre um impreciso e longínquo passado, e uma vez transcorridos os primeiros minutos ele teria que beliscar-se para manter-se acordado.

Ia simplesmente porque eram aparentadas de Frances? Se fosse por isso, seria o motivo mais condenadamente ruim. Mas que outro motivo podia ter?

Entretanto, a visita não foi absolutamente aborrecida. A senhora Melford, pequena e redonda, em cujo semblante ainda havia indícios da beleza de que falava seu avô, mostrou-se encantada de ver o marido de sua velha amiga, e expressou efusivamente quanto a alegrava que seus netos tivessem querido acompanhá-lo. Sim que falaram do passado os dois anciões, mas com tanta graça e humor que Lucius e Amy não pararam de rir e desejar ouvir mais.

—Mas não há nada mais propício para afastar os jovens —disse ao fim a senhora Melford— que o bate-papo de dois velhos a respeito de um passado tão longínquo que inclusive me parece algo de

outra vida. —Olhou afetuosamente a Amy— Conte-me algo sobre você, filha.

Imediatamente Amy se lançou a detalhar seu último triunfo, sua visita a Bath, onde permitiram a ela ir a uma festa em que ouviu cantar à senhorita Allard, e depois sobre a tarde que a senhorita Allard foi tomar chá com eles e ela fez-se de anfitriã, e também da festa em Upper Rooms, a que foi acompanhada pela senhorita Allard, que ia como convidada especial de seu avô.

— Eu adorei sobremaneira, senhora —explicou para sua anfitriã, sorrindo—. Me tratou como se eu fosse adulta.

—Bom, é o que é, filha —disse a senhora Melford— embora ainda não tenha feito sua apresentação em sociedade. Tem tudo isso para esperar com ilusão. Se parece com sua avó, especialmente a boca e o queixo, e todo mundo se apaixonava por ela, como pode lhe dizer seu avô. Ele também se apaixonou.

—Pois sim —disse o conde—. A levei a toda pressa ao altar, antes de seis meses de conhecê-la, antes que visse outro e o preferisse.

—Só tinha olhos para você, como bem sabe —lhe assegurou a senhora Melford, fazendo rir a todos—. Então conheceram nossa querida Frances quando estiveram em Bath? E voltou a cantar? Oxalá tivéssemos estado ali para ouvi-la.

Falava de sua sobrinha neta com evidente carinho, pensou Lucius.

Essa era uma das senhoras de que se despediu na manhã do dia da nevasca, pensou. Quando ele a adiantou, Frances ia viajando no carro muito velho delas, conduzido por seu muito velho chofer.

—O que me surpreende —disse o conde— é que ninguém tenha descoberto o talento da senhorita Allard quando vivia em Londres.

— Soubemos que alguém o descobriu —disse a senhora Melford—. Seu pai sempre se preocupou de que tivesse aulas de canto com os melhores professores, sabe? Era seu sonho e o dela que algum dia fosse uma grande cantora. Mas vai e morre repentinamente o pobre homem. Então Frances foi viver com lady Lyle e esteve com ela por dois anos, mesmo nós tendo oferecido um lar em nossa casa para ela. Soubemos que alguém aceitou patrocinar sua carreira e que estava cantando. Imaginávamos que qualquer dia nos inteiraríamos de que ficara famosa, mas de repente recebemos uma carta dela de Bath, nos comunicando que tinha aceito um posto de professora na escola da senhorita Martin. Depois ficamos preocupadas com sua felicidade, mas quando passou alguns dias conosco no Natal passado, pareceu-nos que estava muito contente com sua profissão escolhida.

Lady Lyle?, pensou Lucius, arqueando as sobrancelhas, mas não fez nenhum comentário.

—Me assegurou que se sentia muito feliz com o que fazia em sua vida —disse o conde—, quando tive a rabugice de lhe perguntar por que não estava encantando ao mundo com seu canto.

—Tanto Gertrude quanto eu a consideramos quase uma filha —explicou a senhora Melford—. Eu não tive filhos e Gertrude não se casou. As duas adoramos Frances.

Então o conde perguntou amavelmente pela senhorita Driscoll, que até o momento não tinha se apresentado para saudar as visitas.

Estava na cama, explicou sua irmã. Não tinha conseguido livrar-se do resfriado produzido pela friagem que apanhou durante a viagem à cidade. Sempre tinha sofrido de debilidade nos brônquios e era uma eterna causa de preocupação para ela.

—Embora aqui na cidade pelo menos temos o consolo de ter a disposição os melhores médicos —acrescentou.

—Sem dúvida necessita um bom tônico —aconselhou o conde—. Algo que levante seu ânimo. Tem que pedir ao seu médico que lhe receite algo conveniente para isso, senhora. Eu lhe recomendaria ir a Bath para tomar as águas, mas talvez você ache que sua irmã está muito fraca para fazer a viagem.

—Isso me parece sim, embora leve em conta a recomendação.

E foi aí que Lucius abandonou o sentido comum e voltou a falar impulsivamente, sem dar-se tempo para pensar primeiro.

—Talvez, senhora, a senhorita Driscoll se beneficiaria muitíssimo de voltar a ver a senhorita Allard —sugeriu.

—Não tenho dúvida de que tem razão, lorde Sinclair —disse a senhora Melford, suspirando—. Que maravilhoso seria isso para as duas. Mas a saúde de Gertrude teria que melhorar grandemente para que pudéssemos fazer a viagem a Bath.

—O que queria dizer senhora, é que talvez ela pudesse vir aqui —disse ele.

Mas vamos, no que estava se metendo? Perguntou-lhe seu cérebro. Mas ele não deu importância.

—Ah, mas ela estará ocupadíssima com seus deveres na escola até bem entrado o verão —disse a senhora Melford— Não acredito que possam prescindir dela.

—Nem sequer pela saúde de uma amada tia? —perguntou Lucius—. Se ela soubesse que a senhorita Driscoll está doente e não se recuperará rápido mesmo que a atende um médico de Londres, estou seguro que pediria que a eximissem de seus deveres uma ou duas semanas, para vir para vê-la e imagino que a senhorita Martin não o negaria, por motivos de compaixão.

—Você crê? —A senhora Melford se via muito entusiasmada pela perspectiva—. É muito amável de sua parte mostrar tanto interesse, lorde Sinclair. E a verdade é que não sei por que isto não me ocorreu antes. Uma visita de Frances seria justo o remédio para levantar o ânimo de Gertrude. Nossa sobrinha sempre traz uma rajada de ar fresco a nossa vida.

—Ah! —exclamou Amy, juntando as mãos em seu peito—. Espero que escreva a ela pedindo que venha, senhora Melford, e oxalá o faça. Assim poderei voltar a vê-la. Pedirei a Luz que me traga aqui. Isso eu gostaria sobremaneira.

—E talvez cante para a senhorita Driscoll —acrescentou o conde rindo— e eu espero que isso se

arrume para que me convidem também, para voltar a ouvi-la. Não imagino um tônico melhor.

— O farei —disse a senhora Melford com firme decisão juntando as mãos—. Não me surpreenderia que não pudesse deixar a escola na metade do trimestre, mas não saberei se não perguntar, não e? Nada me daria mais prazer que voltar a ver Frances, e estou segura de que fará muito bem a Gertrude.

—Talvez, senhora — disse Lucius, com seu mais encantador sorriso—, em sua carta deva lhe dizer que a idéia foi toda dela.

—E não foi? —perguntou ela, olhando-o com olhos risonhos.

Mas que diabos lhe tinha ocorrido?, pensou Lucius, e continuou dando voltas ao assunto durante o resto da visita e depois, quando partiram. Por que se precipitou a agarrar-se em uma débil possibilidade de induzir Frances a vir a Londres?

Seriamente desejava voltar a vê-la?

Mas com que fim? Acaso não lhe falou muito claro a última vez que a viu? Não tinha sofrido já muitos rechaços e humilhações nas mãos dela?

Que demônios esperava conseguir?

Se só na manhã anterior tinha ido a Berkeley Square para falar de matrimônio com Balderston, embora não estivesse.

E não havia retornado.

Voltaria a ir na manhã seguinte?

Era muito provável que Frances não viesse.

E se viesse, o que aconteceria? Deveria ver sua tia doente, não ele.

Mas «se» viesse, pensou resolutamente, apertando os dentes, enquanto Amy falava alegremente com seu avô, que ia sentado ao lado dela, talvez ele também, fizesse todo o possível para vê-la.

Ninguém tinha escrito ainda a palavra «fim» em sua história comum. Não estava acabada.

Demônios, não estava acabada.

Não em sua mente, em todo caso.

«Esse é seu problema. Não pode aceitar um não, não e, lorde Sinclair?»

Pois sim que podia, fazia isso a todo momento. Mas como ia poder aceitar um não, quando sempre estivera convencido de que ela desejava desesperadamente dizer sim?

Então, por que não o disse, caramba?

Os subúrbios de Londres não eram atrativos nem na melhor das circunstâncias. Viam-se francamente feios sob a chuva e com o lixo que era arrastado por redemoinhos formados pelo vento depositando-se em montões molhados nos espaços abertos e junto ao meio-fio das calçadas.

Doía-lhe todo o corpo; fizera a viagem desde Bath em um dia, na duvidosa comodidade e na

enorme lentidão do carro de suas tias avós com o Thomas à boléia. Doía-lhe um pouco a cabeça; tinha a roupa úmida, mesmo que tivesse as janelas firmemente fechadas. E sentia frio.

Mas na realidade não ia pensando nem na vista nem em sua comodidade física, nem sequer no fato de que estava de volta em Londres. Depois de tudo não vinha a passeio nem para estar com a sociedade.

Vinha porque sua tia avó Gertrude estava morrendo. Certamente que a tia Martha não dizia em sua carta com essas cruas palavras, mas a conclusão era inevitável. Suplicava-lhe que viesse se fosse possível, ainda que soubesse estar na metade do trimestre. E embora acrescentasse que estava segura de que sua querida Frances não poderia deixar a escola até o final do trimestre e que portanto não se preocupasse se não pudesse vir, enviou-lhe um sinal que não deixava qualquer dúvida que a presença de sua sobrinha neta em Londres era uma urgente necessidade. Em lugar de lhe mandar a carta pelo correio, a enviou com Thomas e o antiqüíssimo carro particular. «Para sua comodidade, se pudesse vir», acrescentava em um P.S.

Claudia lhe deu a permissão para ausentar-se antes que ela tivesse pensado nas palavras para pedir algo tão inconveniente, lhe assegurando que encontraria uma suplente temporária para suas aulas e deveres. Anne a abraçou sem dizer uma palavra. Susanna a ajudou a fazer suas malas. O senhor Huckerby se ofereceu para dirigir os ensaios dos corais enquanto ela estivesse ausente. Todas suas alunas insistiram para que voltasse o mais breve possível.

E ela se desfez em lágrimas quando contou a suas amigas o conteúdo da carta.

«Só são minhas tias avós —lhes explicou—. Não é muito o que as vi em minha vida e só lhes escrevo uma vez ao mês. Mas agora que vejo que poderia perder a uma delas compreendo que foram sempre âncoras de segurança em minha existência e o muito que dependo de seu carinho e apoio. Tendo morrido meu pai, elas são as únicas pessoas que tenho. E as quero muitíssimo.»

Foi nelas que pensou com mais angústia quando lady Fontbridge a ameaçou já há mais de três anos. Foi em grande parte por elas que prometeu partir de Londres e não voltar jamais. Não poderia suportar se lady Fontbridge houvesse dito. Isso teria destruído grande parte de seu mundo.

«Mas é obvio que as quer —lhe disse Claudia energicamente—. Fique todo o tempo que se fizer necessário, Frances. Todas sentiremos sua falta, está claro, nós e as meninas, mas nesta vida ninguém é imprescindível. Isso pode resultar humilhante às vezes.»

Assim ali estava, em Londres outra vez e doente de ansiedade. A tia Gertrude nunca tinha gozado de muito boa saúde e estava acostumada a manter-se muito afastada do ar fresco e o mais perto possível do fogo da lareira. Mas a ela jamais passara pela cabeça pensar que a perderia.

Quando por fim o carro se deteve na porta de uma casa de aspecto muito respeitável em Portman Street, esperou impaciente que Thomas abrisse a porta e tirasse os degraus e se precipitou para a porta, que se abriu antes que chegasse e entrou em um vestíbulo ladrilhado, onde caiu diretamente

nos braços abertos da tia Martha.

—Frances, querida —exclamou a tia, sorrindo de orelha a orelha de felicidade—, você veio! Não me atrevia a esperar que pudesse deixar a escola. E que preciosa está, como sempre.

—Tia Martha! —exclamou Frances, abraçando-a também—. Como está tia Gertrude? —perguntou, quase com medo.

Mas a primeira coisa que notou ao entrar e com enorme alívio, foi que sua tia avó não vestia luto.

—Hoje está um pouco melhor, apesar da umidade. Inclusive se levantou e desceu à sala de estar. Que maravilhosa surpresa vai ser isto para ela! Não lhe disse nenhuma palavra sobre sua vinda. E na verdade, mal posso acreditar que tenha vindo só porque pedi isso. Espero que a senhorita Martin não a tenha despedido.

—Deu-me uma permissão. Então, tia Gertrude está melhorando? Não est...?

—Ai, minha pobrezinha —disse a tia Martha pegando-a pelo braço e levando-a para a escada—. Não terá imaginado o pior, não é? Não esteve gravemente doente, mas veio arrastando um resfriado que não quer partir, e isso a deixou terrivelmente deprimida e desanimada. As duas estivemos deprimidas. Pareceu-me de forma egoísta querida, que vê-la seria justamente o tônico que necessitávamos.

Ou seja, a tia Gertrude não estava em seu leito de morte? Pensou Frances. Essa era a melhor das notícias. Ao mesmo tempo pensou pesarosa em todo o problema que tinha causado a Claudia ao deixar a escola tão de repente para ausentar-se algumas semanas na metade do trimestre, e nos transtornos para suas aulas, corais e alunas de música.

Mas era tremendamente comovedor que sua presença significasse tanto para suas tias. Nunca voltaria a deixá-las sem atenção e dar por descontadas as coisas. E de verdade estava feliz por voltar a ver a tia Martha. Seus olhos se encheram de lágrimas e os fechou para contê-las.

Foi imenso o júbilo quando apareceu na sala de estar, que estava quente e sufocante com o fogo crepitando na lareira. A tia Gertrude estava encolhida em uma poltrona muito perto do fogo, seus ombros envoltos em um grosso xale de lã e os joelhos cobertos por uma manta, mas logo que viu sua sobrinha neta jogou a um lado ambas as coisas, levantou-se com surpreendente rapidez e correu para ela. Encontraram-se no meio da sala e se abraçaram fortemente, enquanto a tia Martha revoava ao redor explicando entusiasmada o segredo que se calou esses quatro dias, se Frances não pudesse vir e Gertrude caísse mais fundo ainda em sua depressão pela desilusão.

Depois, quando estava sentada com uma xícara de chá na mão e um prato de bolos no joelho (tia Martha colocou para ela três pedaços de bolo mesmo que tenha pedido só um), Frances já se sentia abrigada, feliz e agradavelmente cansada. Era evidente que a tia Gertrude não estava a transbordar de saúde, mas tampouco estava gravemente doente. Inclusive sentiu uma pontada de culpa por ter vindo. Mas não tinha vindo com falsos pretextos, disse-se, e na realidade parecia que ela tinha sido

um tônico para o ânimo de suas tias. Estavam conversando alegremente e nem sequer se fixaram que o fogo tinha diminuído bastante.

Passaria uma semana ou mais com elas e o desfrutaria sem sentir-se culpada, decidiu, um pouco adormecida; depois voltaria para a escola e trabalharia o dobro até que terminasse o trimestre. Teria todo o trabalho extra de preparar a entrega de prêmios e o concerto de fim de ano.

Talvez tratasse de ir passar outra semana com suas tias no campo durante o verão. Necessitavam-na, acabara de compreender, e ela também as necessitava.

—Seus amigos vieram para ver-me faz uns dias, Frances —lhe disse a tia Martha, sorridente—. A pobre Gertrude estava de cama nesse dia, assim não os conheceu, mas vamos convidá-los para jantar um dia destes.

Frances a olhou interrogativamente, sentindo uma revoada de alarme na boca do estômago Alguém que a conhecia já sabia que ela ia voltar para Londres?

—Sim?

—Veio a me visitar o conde de Edgecombe —explicou a tia Martha—. Com sua falecida esposa fomos amigas da alma, desde pequenas, sabe?, e a mim ele sempre caiu muito bem. Foi muito amável ao vir para ver-me.

Frances notou que o estômago lhe dava um tombo. Ah, sim, claro; recordou que o conde havia dito que conhecia sua tia avó Martha. Nem sequer lhe tinha ocorrido a possibilidade...

Mas sua tia disse «amigos».

Plural.

—E trouxe com ele a seu neto e a uma de suas netas —continuou a tia Martha—. O visconde Sinclair e a senhorita Amy Marshall. Uns jovens encantadores. E não imagina quanto elogiaram sua voz, Frances, depois de ouvi-la em Bath. Não sente saudades, é obvio.

—O que sente saudades é que não tenha cantado mais e não seja já famosa —disse a tia Gertrude.

O coração de Frances tinha descido para alojar-se à altura das reveste dos sapatos. Esse era o tema de seus piores pesadelos. Tinha que encontrar a maneira de dissuadir suas tias de convidá-los para a casa. Não suportaria voltar a vê-los.

Não suportaria voltar a ver ele.

Céu santo, e por que tinha vindo? Só porque o quis seu avô?

—E os acompanhou a uma festa em Upper Rooms —estava dizendo a tia Martha, olhando-a com um sorriso de orelha a orelha—. Fez bem a meu coração, querida, saber que começou a desfrutar dê sua vida outra vez. Sempre pensamos que é muito jovem e formosa para se enterrar entre as quatro paredes de uma escola e não ter nenhuma oportunidade de conhecer pretendentes convenientes.

Frances terminou seu chá e deixou a xícara com seu prato em uma mesinha lateral.

—Bom —disse, forçando um sorriso—, de verdade sou muito feliz tal como estou, tia Martha. E

não estou tão sem pretendente.

Esse mês tinha ido ao teatro uma noite com o senhor Blake, sua irmã e seu cunhado, e outra para jantar com eles. Também assistiu a dois serviços na Abadia de Bath só com o senhor Blake, e as duas vezes caminharam juntos até a escola dando um longo rodeio. O que havia entre eles não se podia chamar exatamente galanteio, mas isso o agradecia. Preferia muito mais uma aprazível amizade que com o tempo poderia, ou não, converter-se em um pouco mais quente.

—O que eu gostaria de saber —disse tia Martha, inclinando-se para ela, seus olhos travessos— é se dançou com o visconde Sinclair, Frances.

Frances sentiu subir um incômodo rubor a suas bochechas.

—Sim. Foi muito amável. O conde me tinha convidado a acompanhá-los à festa a pedido da senhorita Marshall, e o visconde teve a amabilidade de dançar comigo depois de dançar a primeira dança com sua irmã.

—Não me disse, Martha — interrompeu a tia Gertrude—, e a mim não me ocorreu perguntar, é jovem e arrumado o visconde Sinclair por acaso?

—E encantador também —repôs a tia Martha, e as duas anciãs intercambiaram um sorriso malicioso—. E foi uma série de danças ou duas as que dançou com ele, Frances?

—Duas —respondeu Frances, horrorizada pelo rumo que estava tomando a conversação—, mas...

—Duas —repetiu a tia Martha batendo palmas, extasiada—. Sabia. Sabia, tão bem como sei meu nome, que ele a admira.

—Frances! Que esplêndido! —A tia Gertrude se inclinou para ela e voltou a esquecer do xale; este caiu atrás dela na almofada; a manta dos joelhos já estava a seus pés toda enrugada—. Viscondessa Sinclair! Eu gosto!

Estavam de brincadeira, é obvio. As duas estavam rindo alegremente.

—Ai de mim, temo que estão muito equivocadas —disse, tratando de dar um tom alegre e manter o sorriso na face—. O visconde Sinclair vai se casar com a senhorita Porta Hunt.

—A filha de Balderston? —disse a tia Martha—. Que pena! Embora suponha que não é uma pena para a dama. É «muito» arrumado, Gertrude. Mas talvez não esteja tudo perdido. Não se disse nada sobre um compromisso quando estiveram aqui, e não vi nenhum anúncio nos jornais, desde que chegamos aqui, e isso que os leio muito atentamente cada manhã. E estava notavelmente interessado em você, Frances, embora não o disse, claro. Se não fosse por ele duvido que tivesse me ocorrido convidá-la a vir aqui, como tônico para o ânimo de Gertrude.

Frances a olhou espantada.

—O que?

—Foi ele quem sugeriu —explicou a tia Martha, sorrindo satisfeita—. E embora foi muito amável

ao mostrar tanta solicitude por duas velhas, algo me disse no momento que esse era um jovem com um motivo superior. Desejava voltar a vê-la, Frances.

—Isto foi idéia do visconde Sinclair? —perguntou a tia Gertrude, com expressão encantada—. Já eu gosto, Martha, embora jamais tenha posto meus olhos nele. Parece ser um jovem que sabe o que quer e como obtê-lo. Temos que convidá-lo para jantar aqui uma noite, com sua irmã e o conde de Edgecombe, é obvio. Viemos a Londres para ver algo da sociedade depois de tanto tempo, não é? E entretanto depois de quase três semanas não vimos ninguém, ao menos eu. Mas já é hora de que o veja. Já me sinto muito melhor do que há uma hora. Ai, Frances, queridíssima, ainda não acredito que está aqui.

Frances as olhou às duas, muda.

Sua vinda era obra dele?

Ele foi quem sugeriu que a induzissem a vir?

Porquê?

Ainda não estava comprometido?

—Mas aqui estamos com todo esse bate-papo —disse a tia Martha levantando-se— e você está cansada pela viagem e muito pálida. Vamos, querida. Acompanharei a seu dormitório para que descanse até a hora do jantar. Esta noite falaremos mais.

Frances se inclinou para beijar tia Gertrude na bochecha e se deixou levar até um agradável dormitório na parte de acima, que mostrava todos os sinais de que o tinham preparado para ela, com a esperança de que pudesse vir.

Quando ficou sozinha sentou-se na cama e ficou a contemplar o dossel.

Ele tinha estado aqui, nessa casa.

E tinha sugerido que a chamassem. Talvez inclusive sugeriu que se exagerasse a enfermidade da tia Gertrude para que ela se sentisse mais obrigada a abandonar seus deveres. Seria muito próprio dele fazer algo tão arrevesado e despótico.

Que atrevimento!

Não era capaz de aceitar um não? Não podia deixá-la em paz?

Seria possível que ainda desejasse casar-se com ela? Mas quando lhe propôs matrimônio em Sydney Gardens o fez totalmente por um impulso. Isso ela viu com absoluta clareza. Seguramente que quando pensou depois teve que reconhecer que escapou por um triz de fazer algo muito imprudente.

Depois de um mês inteiro continuava sofrendo em sua carne a pena de havê-lo voltado a ver, dançado com ele outra vez, acariciado, beijado, falado com ele, brigado com ele e rechaçado sua proposição de matrimônio.

Continuava profunda e perdidamente apaixonada por ele.

Estava assim desde depois do Natal, claro, e o sentimento se negava obstinadamente a partir.

Talvez porque ele se negava obstinadamente a sair de sua vida.

E agora tinha arrumado para vê-la outra vez, utilizando a suas tias avós em um desprezível e intrincado complô para atrai-la a Londres.

Por que?

Era o homem mais irritante, fastidioso e despótico que tinha conhecido em toda sua vida. Com toda intenção pôs sua mente a pensar em tudo o que lhe desagradava dele. Tratou de visualizá-lo no caminho no primeiro dia quando ela se arrepiou de hostilidade para ele e lhe devolveu o favor.

Mas não pôde. Em lugar de vê-lo assim o viu virando-se repentinamente para lhe jogar uma bola de neve e depois provocando uma animada briga com bolas de neve, os dois rindo, até quando a fez cair de costas na neve, lhe sujeitando os pulsos com suas mãos...

Exalou um longo suspiro e para seu pesar, caiu em um profundo sono.

Capítulo 18

Lorde Balderston levou sua senhora e sua filha ao campo, onde passaria alguns dias, para participar da celebração do aniversário de um parente longínquo. Assim foi como, com certa sensação de pausa temporária, Lucius saiu uma manhã cedo a cavalgar pelo parque na agradável companhia de três amigos. O fato de que estivesse caindo uma fina garoa de um céu cinza não modificou de maneira nenhuma o seu ânimo. Em realidade, isso lhe permitiu encontrar um Rotten Row quase deserto e puderam galopar sem pôr em perigo outros cavaleiros mais sérios e prudentes. Quando voltava para casa para trocar-se nem sequer teve que sustentar o habitual debate anterior a respeito do que devia fazer depois do café da manhã. Não podia ir à casa de Berkeley Square nem que quisesse.

Só estavam acordados seu avô e Amy; os outros seguiam na cama, pois tinham estado até tarde em um baile ao que ele não se sentiu obrigado a ir. Esfregou as mãos satisfeito e contemplou o sortimento de pratos quentes dispostos sobre o aparador. Tinha uma fome canina.

Viu que Amy estava a ponto de arrebentar por lhe dizer algo e não pôde esperar que ele tivesse feito sua escolha e ocupasse seu lugar na mesa.

—Luz, adivinha...?

—Me dê uma pista. Não, me deixe adivinhar. Já sei, dormiu dez horas e agora está transbordante de energia e idéias de como usá-la, me utilizando como escravo.

—Não, tolo! O vovô acaba de receber um convite para jantar na casa da senhora Melford amanhã

e eu também estou convidada. Mamãe não dirá que não, não é? Simplesmente você tem que falar em meu favor. Você e o vovô.

—Suponho que não dirá que não —disse ele, cauteloso— sempre que for um jantar íntimo.

—Ah e você também está convidado.

Isso era o que ele temia. Uma visita tinha sido agradável, mas...

—A senhorita Allard veio de Bath.

Ah!

Bom!

—Então veio —comentou em tom enérgico—. E eu tenho que renunciar a uma noite, para ir jantar com a senhora Melford e sua irmã simplesmente porque a senhorita Allard está lá também?

Simplesmente!

—Seria o cortês, Lucius —disse seu avô—, uma vez que foi você que sugeriu que a chamassem.

—Fui eu, sim —reconheceu ele—. Espero que sua chegada tenha tido o efeito desejado.

—A senhora Melford assegura que a senhorita Driscoll experimentou uma recuperação que se poderia chamar milagrosa antes da hora da chegada de sua sobrinha neta —disse o conde—. Foi inspirada sua sugestão, Lucius. Posso enviar uma confirmação por você também junto com a da Amy e a minha?

Lucius seguia junto ao aparador com o prato vazio e um apetite que ao que parece tinha evaporado. Quando viu Frances sair quase correndo do pavilhão de Sydney Gardens depois de negar-se a casar-se com ele e a dar um motivo de satisfação por fazê-lo, ele pensou que se não voltaria a vê-la nunca mais.

Entretanto, não podia negar que tinha manipulado as coisas para que viesse a Londres a ver suas tias avós.

E agora ia se manter afastado dela?

—Sim, por favor, senhor—disse, com a maior despreocupação que pôde.

—Agrada-me sobremaneira voltar a vê-la —disse Amy, voltando a atenção a seu café da manhã—. A você não, Luz?

—Sobremaneira—disse ele, sarcástico, colocando batatas fritas no prato e passando às salsichas.

Seguramente que faria algo estúpido, como contar as horas que faltavam para voltar a vê-la. Como um tolo apaixonado.

Mas e Frances? A agradaria «sobremaneira» voltar a vê-lo?

Frances começava a pensar e a esperar, que suas tias avós esquecessem do plano de convidar para jantar ao conde de Edgecombe com o visconde Sinclair e Amy Marshall. Tinham passado dois dias e não se tornou a falar do assunto.

E desfrutou desses dias. Suas tias, não só a tia Gertrude mas também também a tia Martha, tinham melhorado visivelmente em saúde e ânimo. E ela também. Era agradável estar com elas outra vez, sentir-se mimada, ser a menina de seus olhos, ter a sensação de formar parte de uma família. Esse mês passado tinha estado muito deprimida na realidade, e a verdade era que no Natal não tinha estado no melhor dos ânimos.

Já tinha decidido ficar uma semana. E não se preocuparia com estar de volta em Londres. Depois de tudo não pensava sair a nenhuma parte, e não era provável que o mundo viesse a visitá-la.

Mas se tinha equivocado no plano para o jantar, descobriu a última hora da tarde desse segundo dia, só umas horas antes do momento em que se esperava aos convidados. Suas tias tinham guardado o segredo até o último momento, explicaram-lhe, pensando encantá-la com a surpresa quando finalmente o dissessem.

Também lhe suplicaram, com idênticos sorrisos do mais puro prazer, que usasse seu vestido mais bonito e que deixasse que a penteasse Hattie, a criada pessoal dela, de acordo com a ocasião.

Se já era terrível saber que Lucius estaria ali dentro de algumas horas, pensou quando subia a seu dormitório para preparar-se, ainda era pior que suas tias parecessem muito resolvidas a fazerem-se de casamenteiras.

Que vergonha mais atroz se ele ou algum dos outros notasse!

Havia trazido seu vestido de seda nata. E não porque esperasse ter ocasião de usá-lo. Mas qualquer dama tem que ir preparada para diversas circunstâncias quando viaja. O vestiu para o jantar e não teve como dizer a Hattie que não a penteasse e desiludir suas tias. Assim quando desceu à sala de estar, só dez minutos antes da hora em que se esperava que chegassem os convidados, tinha o cabelo transformado em uma massa de cachos de cabelos longos às costas e um complicado arranjo de finas trancinhas cruzadas sobre o cabelo liso no alto da cabeça .

Estava muito bem, teve que reconhecer diante de Hattie, quando esta terminou de fazer o penteado. Mas isso justamente a envergonhava. E se Lucius pensasse que o tinha feito por causa dele? E se pensassem também seu avô e Amy?

Os convidados chegaram um minuto adiantados; logicamente ela estava olhando o relógio do suporte da lareira da sala de estar.

Amy foi a primeira a entrar na sala; radiante de exuberância juvenil, fez seu cumprimento diante de tia Martha, logo diante de tia Gertrude, sorrindo a cada uma, e depois avançou para Frances com as duas mãos estendidas. Parecia encantada de vê-la, pensou ela, como se fossem irmãs que não se viam ha muito tempo; alarmante pensamento.

—Senhorita Allard! —exclamou—. Que contente estou de vê-la. E conseguiu que a senhorita Driscoll se recuperasse tal como predisse Luz.

Então entrou o conde de Edgecombe, todo frágil e curvado, seus olhos risonhos. Inclinou-se

diante das duas anciãs e logo estendeu a mão direita a Frances.

—Por bem ou por mal, senhora —lhe disse, sorrindo com simpatia—, pretendo voltar a ouvi-la cantar outra vez antes de morrer.

—Espero, milord —disse ela, pondo sua mão na dele e observando-o levá-la a seus lábios—, que não esteja pensando em fazer isso logo.

Ele riu e lhe deu um tapinha na mão antes de soltar-lhe.

E então entrou Lucius, parando a marcha, arrumado a mais não poder com seu traje de noite negro, colete bordado em ouro mate e camisa de linho branca com encaixe. Sorriu encantado às tias e depois se voltou para fazer um cumprimento formal a Frances.

Ela fez seu cumprimento.

As tias sorriram e pareceram encantadas.

—Senhorita Allard?

—Lorde Sinclair.

Ela já tinha que fazer um esforço para introduzir ar nos pulmões.

Todos pareciam extraordinariamente felizes uns com os outros, apesar de ser um grupo muito eclético. Quase imediatamente passaram ao salão de jantar, o conde com uma tia em cada braço e o visconde Sinclair com Frances no braço direito e Amy no esquerdo.

E a conversação continuou animada durante todo o jantar e depois na sala de estar.

Logo acabaria a noite e chegaria a seu fim seu terrível sofrimento, pensou Frances. Teriam se observado todas as cortesias e dentro de cinco dias ela poderia retirar-se a Bath e a sua vida normal.

A perspectiva lhe resultava curiosamente triste, levando em conta que adorava ensinar e que queria a todas suas alunas e tinha verdadeiras amigas no colégio.

—Suponho que a senhorita Marshall poderia nos deleitar no piano se houvesse um nesta casa —comentou tia Martha—. E sei que Frances poderia fazê-lo com sua voz. Mas não sugerirei que cante sem acompanhamento, mesmo que saiba que poderia fazê-lo muito bem de todos os modos.

—Sempre teve muito ouvido —explicou tia Gertrude.

—Eu estou encantada de que não haja nenhum instrumento —disse Amy, rindo alegremente—. E não me surpreenderia que meu avô e Luz também. Qualquer que diga que toco bem seria excessivamente amável comigo.

—E eu não vou fingir que não me decepciona não poder ouvir cantar à senhorita Allard outra vez —disse o conde—, mas todas as coisas ocorrem com uma finalidade, estou convencido. Na casa Marshall sim há um piano, e de qualidade muito superior além disso. Será um enorme prazer para mim as convidar às três para jantar alguma noite desta semana. E depois, senhorita Allard, você poderia cantar para ganhar o jantar. —Olhou-a com seus olhos sorridentes por debaixo de suas

grossas sobrancelhas brancas—. Quer dizer, se quiser. Isso não será uma condição para que deva jantar. Mas me faria a honra de cantar para mim ali?

Ou seja, pensou ela, tal como ocorreu em Bath, esse encontro se prolongaria. Ia voltar a vê-los todos outra vez?

Olhou a suas tias avós. As duas lhe estavam sorrindo de orelha a orelha, as duas absolutamente felizes. Como poderia dizer não e lhes negar esse pequeno prazer? E a verdade, no fundo, desejava dizer não?

—Muito bem, então —disse—. Irei e cantarei, milord, só para você e minhas tias. Obrigada. Será um prazer para mim.

—Esplêndido! —disse ele, esfregando as mãos—. Caroline a acompanhará. Pedirei a ela amanhã pela manhã. Terá que ir uma tarde para falar com ela sobre a peça escolhida e praticar um pouco as duas.

—Obrigado, isso seria muito conveniente.

— Me concederá outro pedido? —perguntou ele—. Seja qual for a outra peça que escolha, cantará também a que cantou em Bath? Ansiei voltar a ouvi-la.

—E eu adoro cantá-la, milord —repôs ela sorrindo calorosamente.

Estava sentada um pouco afastada da lareira porque tia Gertrude sempre gostava de ter o fogo muito forte. O conde voltou sua atenção à tia Martha, que estava sentada perto dele e tia Gertrude convidou Amy a sentar-se na banqueta que tinha a seus pés para que lhe contasse todas suas emocionantes experiências em Bath e o que tinha feito em Londres depois. O visconde Sinclair, que até o momento tinha estado de pé atrás da poltrona de seu avô com a mão apoiada no respaldo, foi sentar-se no sofá, ao lado de Frances.

Durante toda a noite ela teve o maior empenho em não olhá-lo nem lhe fazer caso, o qual era, pensou pesarosa, como tratar de evitar uma onda estando sentada a um passo da praia.

—Está muito formosa esta noite —disse ele.

—Obrigada.

—Espero que a escola da senhorita Martin não tenha afundado no caos e iminente desmoronamento por você ter vindo aqui.

—Não é graças a você que não esteja —disse ela secamente.

—Ah.

Foi a única coisa que disse em reconhecimento de que ela sabia seu papel em trazê-la a Londres.

—Espero que a senhorita Hunt goze de muito boa saúde e que siga igualmente formosa.

—A verdade é que me importa um rabanete —disse ele em voz muito baixa, incitando a olhá-lo pela primeira vez essa noite.

Felizmente o disse em voz tão baixa que só ela podia ter ouvido essas chocantes palavras.

—Por que o fez? Por que persuadiu minha tia para me pedir que viesse?

—Ela precisava de você, Frances. Também precisava sua outra tia, que realmente estava de cama, na última vez que estive aqui.

—Pede-me que creia, então, que seu motivo foi puramente altruísta?

—O que você crê? —Sorriu-lhe com esse sorriso de lobo que fazia dar um tombo nas vísceras.

—E por que veio na primeira vez? Só para visitar duas anciãs movido pela bondade de seu coração?

—Está zangada comigo —disse ele, em lugar de responder.

E em lugar de sorrir, estava-a olhando com os olhos intensos, os lábios apertados e a mandíbula rígida e contundente.

—Sim, estou zangada. Eu não gosto que me manipulem, lorde Sinclair. Eu não gosto que outra pessoa pense que sabe melhor que eu o que me faz feliz.

—Contente.

—Contente, então.

—Sim que sei melhor que você o que a fará feliz.

—Acredito que não, lorde Sinclair.

—Poderia obtê-lo em um mês —disse ele—. Em menos. Poderia dar a você felicidade profissional. E felicidade pessoal em tal abundância que sua taça se derramaria, Frances.

Ela sentiu um desejo tão intenso que teve que romper o contato visual com ele. Apressou-se a baixar a vista para suas mãos.

—Minhas possibilidades para esses dois tipos de felicidade se arruinaram faz mais de três anos, lorde Sinclair —disse.

—Sim? Faz três anos? —perguntou ele, em voz tão baixa como antes.

Ela não respondeu a pergunta.

—Depois cultivei isso de estar contente —disse—. E embora pareça incrível, encontrei-o e descobri que é melhor que qualquer outra coisa que tenha experimentado. Não estrague isso também.

Ele esteve um longo momento em silêncio, durante o qual ouviram rir ao conde e à tia Martha por algo que havia dito um dos dois e a voz de Amy falando feliz com tia Gertrude.

—Acredito que já o fiz —disse no final— Ou perturbado, em todo caso. Porque não acredito que tenha estado contente uma única vez Frances, a não ser só numa espécie de inércia, da qual despertou quando a tirei desse fóssil de carro, me jogando fogo e enxofre.

Ela o olhou então, muito consciente de que não estavam sozinhos na sala, que suas tias estavam a só uns palmos e muito provavelmente observando-os dissimuladamente com enorme interesse.

Não podia portanto permitir que as emoções que sentia se refletissem em seu rosto.

— Vai se casar —disse.

—Sim —conveio ele— mas falta responder uma pergunta. Quem vai ser a noiva?

Ela fez uma inspiração para falar, mas distraiu sua atenção ao ver que o conde estava se levantando, com a evidente intenção de pôr fim à visita.

O visconde Sinclair se levantou também, sem dizer mais nada e procedeu a agradecer sua hospitalidade às tias. Então Amy se aproximou para abraçá-la, lhe assegurando que de algum jeito persuadiria sua mãe de permitir que pudesse participar do jantar em sua casa com a senhora Melford e a senhorita Driscoll.

—Depois de tudo —disse ingenuamente—, você é minha amiga especial. Além disso, por nada no mundo perderia ouvi-la cantar outra vez. Pode se que eu não tenha um dom especial para interpretar a música, senhorita Allard, mas sei reconhecer quando alguém tem.

O conde voltou a segurar sua mão e inclinar-se sobre ela.

—Prepare mais de uma canção, por favor —lhe disse— Depois de escutá-la uma vez, sei que desejarei um bis.

—Muito bem, milord.

O visconde Sinclair se inclinou diante ela com as mãos seguras às costas.

—Senhorita Allard.

—Lorde Sinclair.

Foi uma despedida bastante austera, mas isso não impediu que as duas tias se expressassem com delirante encantamento uma vez que partiram os convidados.

—O conde de Edgecombe está tão encantador como quando era jovem —comentou tia Martha—, e quase tão arrumado também. E a senhorita Marshall é uma delícia. Mas o visconde Sinclair...

—É tão arrumado e encantador para fazer desejar a qualquer mulher voltar a ser jovem para tratar de conquistá-lo —terminou a tia Gertrude—. Mas melhor que já não sejamos jovenzinhas esperançadas, Martha. Só tinha olhos para Frances.

—Foi muito encantador conosco também —disse a tia Martha—, mas cada vez que olhava Frances, parecia devorá-la com os olhos e se esquecia de nossa existência. Notou que foi sentar-se a seu lado no instante em que desviamos deles a atenção para lorde Edgecombe e para a senhorita Marshall?

—Pois claro que notei —respondeu tia Gertrude—. Me sentiria gravemente decepcionada se não tivesse dado resultado nosso estratagema, Martha.

—Ai, Deus —protestou Frances—. Não devem ver um romance onde simplesmente não existe. Nem tratar de promovê-lo.

—Você, querida, vai ser a viscondessa Sinclair antes que acabe o verão —disse a tia Martha—, a

não ser que eu esteja muito equivocada. A pobre senhorita Hunt vai ter que buscar outro.

Frances colocou as mãos nas bochechas, rindo para seu pesar.

—Estou absolutamente de acordo com Martha—disse tia Gertrude—. E não pode nos dizer que é indiferente, Frances. Não acreditaríamos, não é, Martha?

Frances se apressou a dar boa noite a suas tias e subiu correndo ao seu quarto.

Suas tias avós não entendiam.

Tampouco ele.

Existiria isso chamado destino?

Mas se existia, por que tinha que ser tão cruel? Porque o caminho em que a tinha posto já três vezes desde o Natal era absolutamente impossível, inalcançável.

Não entendia o destino tampouco?

«Mas falta por responder uma pergunta. Quem vai ser a noiva?»

Seguia desejando casar-se com ela, então? Não tinha sido um simples impulso o que o precipitou a lhe propor matrimônio em Sydney Gardens enquanto a chuva caía torrencialmente a seu redor?

Amava-a? Amava-a?

Frances tinha aceito cantar na casa Marshall, embora impondo uma espécie de condição.

«Muito bem, então. Irei e cantarei, milord, só para você e minhas tias. Obrigada. Será um prazer para mim.

Essas palavras ressonavam na cabeça do Lucius nos dias seguintes enquanto planejava sem piedade frustrar sua humilde vontade. Não havia dito a sério essas palavras, dizia-se.

Ao menos, provavelmente sim as disse a sério, concedeu, uma vez que havia algo muito estranho, quase antinatural na atitude de Frances para seu talento. Mas não deveria haver dito a sério. Qualquer um que tivesse essa voz estaria impaciente por cantar para um público de um milhão de pessoas, se fosse possível colocar esse número em uma sala. Seria um desperdício criminoso deixá-la cantar somente para seu avô e suas tias e, era de supor, também para sua mãe, suas irmãs e ele.

Frances Allard ficava muito tempo encerrada, em corpo, mente e alma, entre as paredes da Escola de Meninas da senhorita Martin, e era hora que saísse e enfrentasse a realidade. E se ela não o fazia voluntariamente, por Deus que ele tomaria a iniciativa e a tiraria dali. Era possível que nunca lhe desse a oportunidade de fazê-la feliz em um sentido pessoal, mesmo que nesse assunto ainda não se desse por derrotado definitivamente, mas a obrigaria a ver que a aguardava um glorioso futuro como cantora. Faria tudo o que estivesse em seu poder para ajudá-la a chegar a esse futuro.

Frances não nasceu para ensinar, disso estava seguro. Não que ele tivesse assistido algumas de suas aulas e tivesse descoberto que não era apta para essa tarefa, certo. Na realidade, o mais provável era que fosse. Mas estava tão claro que nasceu para fazer música e compartilhá-la com o

mundo que qualquer outra ocupação era simplesmente um desperdício do talento que Deus lhe deu.

Ele a traria para a luz. A ajudaria, a obrigaria, se fosse necessário, a ser tudo o que estava destinada a ser por seus dons inatos.

Portanto, não daria atenção as palavras que ela disse a seu avô: «Irei e cantarei, milord, só para você e minhas tias».

Conhecia alguém. O homem era um amigo dele e se casou fazia muito pouco. Era um conhecido perito nas belas artes, especialmente em música, e particularmente famoso pelos concertos que oferecia em sua casa cada ano, nos quais atuavam músicos proeminentes de todo o Continente, além de pessoas descobertas por ele, para um grupo muito seleto de convidados. No Natal passado seu intérprete estrela foi um menino soprano ao que descobriu em um grupo de cantores de canções de natal em Bond Street. E em janeiro se casou com a mãe do menino.

Parecia-lhe estranho imaginar o barão Heath casado e com dois enteados. Mas ao que parece isso acontecia a todos finalmente, pensou tristemente; quer dizer, o matrimônio. Pelo menos Heath teve a satisfação de escolher a sua esposa e casar-se por amor.

Convidou-o para assistir a um concerto na casa Marshall e lhe prometeu um presente musical que lhe poria os cabelos em pé.

—Tem uma voz extraordinariamente bela —lhe explicou—, mas não teve a ninguém que atraísse sobre ela a atenção de pessoas que pudessem fazer algo para patrocinar sua carreira.

—E logo eu estarei clamando por ser esse patrocinador, suponho —disse lorde Heath—. Ouço isto com tediosa freqüência, Sinclair. Mas confio em seu gosto, sempre que estivermos falando de gosto em vozes, não em mulheres.

Lucius sentiu uma pontada de raiva, mas a esmagou.

—Venha e traga lady Heath. Assim poderá ouvi-la e julgar por si mesmo se sua voz não iguala a sua beleza.

Uma cantora necessitando um público, acreditava ele. Como poderia Frances cantar como cantou em Bath com apenas sua família e a dela e os Heath olhando? Se inclusive em Bath o público era modesto em número.

A sala de música da casa Marshall tinha capacidade para umas trinta pessoas sentadas com certa comodidade. Se retirassem os painéis que a separavam do salão de baile, haveria capacidade para mais, e o espaço das duas salas teria a amplitude apropriada para a potência de uma grande voz.

Além disso, um concerto fazia necessário mais de um intérprete...

Seus planos foram aumentando em grandiosidade de hora em hora.

—Estou pensando em convidar algumas pessoas para que se reúnam conosco na sala de música depois do jantar, na noite que deva jantar a senhorita Allard com suas tias avós —disse a seu avô na

hora do chá, três dias antes do dito jantar—. Entre elas o barão Heath e sua esposa.

—Ah, excelente idéia, Lucius. Deveria haver me ocorrido , convidar Heath. Ele pode fazer algo por ela. Não imagino que a senhorita Allard ponha alguma objeção.

Bom, bem poderia, suspeitava Lucius. Conhecia-a melhor que seu avô. Mas não o disse.

—Tenho a clara impressão —disse a viscondessa— que é essa tal senhorita Allard, e não a senhora Melford nem a senhorita Driscoll, que vai ser a convidada de honra a nossa mesa. Isso é extraordinário, se recordar que é uma professora de escola.

—Verá, Louisa —lhe disse o conde— é extraordinária.

Caroline tinha afogado um gemido para ouvir as palavras de Lucius.

—E eu tenho que acompanhar à senhorita Allard diante de um público que inclui o barão Heath? —protestou—. Quando devo praticar, Luz?

—Depois de amanhã pela tarde —respondeu ele—. Mas será melhor que não diga a ela nada de lorde Heath, Caroline, nem de nenhum outro convidado. Só a porá nervosa.

—Pô-la nervosa a ela! —exclamou Caroline, quase em um chiado—. E quanto a mim?

—Quando começar a cantar ninguém vai notar como toca, Caroline —lhe disse Amy amavelmente.

—Bom, obrigada por me dizer isso —disse Caroline, começando a rir.

Amy também riu.

—Não foi minha intenção dizer o que pareceu —explicou—. Sua interpretação é muito boa, muito melhor que a minha.

—O qual não é um grande elogio, Amy, se o pensarmos bem —disse Emily irônica.

—E você, pai —disse firmemente a viscondessa—, tem aspecto cansado. Lucius o ajudará a subir ao seu quarto e repousará até a hora do jantar.

—Sim, senhora —disse o conde dando uma piscada travessa. Na realidade tinha uma cor cinza na face.

Mas ninguém pôs objeção a transformar a parte musical da noite em um concerto, ia pensando Lucius, subindo lentamente a escada com seu avô apoiado pesadamente em seu braço. Claro que ele não tinha empregado essas palavras para explicar seus planos. Mas qualquer reunião de um pequeno, ou grande, número de pessoas com o fim de escutar algumas interpretações musicais se podia chamar concerto em sentido extenso.

Tinha três dias para reunir um público de envergadura respeitável para fazer justiça ao talento de Frances Allard, em pleno auge da temporada, quando cada dia levava uma enchente de convites às casas de cada membro da alta sociedade. Mas se podia fazer, caramba, ele o faria. Seus pés moveram-se firmes no caminho para o êxito e a fama dessa noite. E tudo seria obra dele.

Claro que isso poderia lhe servir de pouco consolo nos anos vindouros.

Embora não tudo estava perdido no fronte pessoal. Ainda não estava casado, e nem sequer comprometido, ao menos não oficialmente. Os Balderston já estavam de volta na cidade, mas ele tinha arranjado para evitá-los nas últimas vinte e quatro horas.

Jamais tinha sido um homem que renunciasse alegremente ao que desejava com desespero. E virada a página ou não, não tinha mudado nesse particular.

Desejava desesperadamente a Frances Allard.

Capítulo 19

A casa Marshall era uma grandiosa mansão em Cavendish Square, o coração mesmo de Mayfair, descobriu Frances na tarde do dia anterior a que iria jantar lá. Poderia haver imaginado, claro, posto que era a casa da cidade do conde de Edgecombe. Mas ao descer do velho carro parado na porta, ajudada por Thomas, sentiu um estranho medo de chamar muito a atenção ali. Baixou a cabeça e entrou com toda pressa.

Muito consciente de que realmente estava de volta em Londres.

Mas no interior da casa não viu ninguém, além de alguns criados e a jovenzinha que a esperava na sala a qual a fizeram passar, que se apresentou como senhorita Caroline Marshall. Era uma jovem alta, elegante e bonita e se parecia muito pouco com seu irmão.

Dele não viu sinais.

A sala era enorme, e estava magnificamente decorada, o teto elevado pintado com uma cena da mitologia, frisos dourados, abajures de aranha de cristal, grandes espelhos nas paredes e um reluzente chão de madeira. Frances quase ficou sem fôlego. Ali ia cantar para o conde e suas tias na noite seguinte?

Mas a senhorita Marshall lhe deu uma explicação que a tranqüilizou um pouco:

—O piano daqui é muito melhor ao que está no salão, e meu avô insiste que nada que não seja o melhor é bastante bom para você, senhorita Allard. O que não entendo é por que tiraram os painéis. Esta é a sala de música e o salão de baile também. Amanhã já os terão posto, sem dúvida, e sua voz não terá que encher este espaço tão enorme. Mas a verdade é que isto não está bom. Deveria praticar no espaço em que vai cantar.

Mas que glorioso seria, pensou Frances tristemente olhando o opulento esplendor da sala, estar à altura de cantar para um público que enchesse esse imenso espaço. Em outro tempo sonhou cantar em um lugar tão magnífico como esse. Enquanto esquentava a voz com as escalas e exercícios que aprendeu quando menina, adequou a voz a enorme sala, embora muito consciente de que quando cantasse a noite seguinte teria que modificar o volume de acordo com o espaço menor.

—Meu Deus! —exclamou a senhorita Marshall, antes que começassem a praticar as peças que tinham escolhido—, este salão não é muito grande para você, depois de tudo, não é ? Que

extraordinário!

Então ficaram a praticar seriamente e Frances se entregou ao prazer de simplesmente cantar que essa oportunidade lhe brindava. Na escola cantava, é obvio, mas não com freqüência nem muita oportunidade, nem tampouco com toda a potência de sua voz. Depois de tudo, a finalidade da escola e o seu papel de professora, era fazer cantar às meninas, não agradar seu desejo de criar música ela sozinha. Essa era uma finalidade nobre, sempre o tinha pensado. Para ela era uma sorte ajudar às jovens a desenvolver suas capacidades.

E seguia pensando-o, mas, ah, que maravilhoso sentir prazer em cantar toda uma hora.

—Agora sei o que quis dizer Amy —disse a senhorita Marshall, quando terminaram e estava fechando as partituras e as ordenando no suporte de livro— quando me assegurou que ninguém notaria meu acompanhamento quando você começasse a cantar. Nunca tinha ouvido uma voz mais formosa, senhorita Allard.

—Bem, obrigada —disse Frances, sorrindo afetuosa—. Mas você é uma pianista muito competente, sabe? E não tem por que sentir medo diante de um público. Mas não tem nenhum motivo para estar nervosa na noite de amanhã, não é? Já que só estarão sua família e minhas tias, e elas são as pessoas menos intimidadoras do mundo, asseguro.

Colocou o chapéu e se atou as fitas sob o queixo, dando um último olhar impressionado ao salão de baile, que a noite seguinte estaria oculto pelos painéis. Então ouviu falar a senhorita Marshall e deu-se conta de que não falava com ela.

—Quanto tempo está aí? —estava dizendo—. Acreditei que fosse acompanhar à senhorita Hunt à festa no jardim de Muriel Hemmings.

Estava falando com visconde Sinclair, logicamente, que estava apoiado no marco da porta da sala de música, como se estivesse ali a bastante tempo.

—Chegaram alguns primos do campo —disse ele— e tiveram que abandonar a festa no jardim para atendê-los.

—Bom, poderia ter avisado de sua presença —disse sua irmã, chateada—. esteve escutando?

—Sim. Mas se equivocou em algumas notas, Caroline, eu o ouvi. Estou seguro de que a senhorita Allard não se equivocou em nenhuma.

—Tem que dar a ordem para que voltem a pôr os painéis entre as salas. Foi muito incômodo praticar neste espaço. Embora a voz da senhorita Allard o enche de sobra, poderia acrescentar.

—Sim —disse ele, afastando-se do marco da porta e endireitando-se—. Eu também notei isso.

Frances não o olhou.

—Tenho que ir —disse—. Já estou aqui dez minutos a mais do que pensava estar. O pobre Thomas deve estar cansado de me esperar.

—É possível que o pobre Thomas já esteja bebendo uma cerveja —disse o visconde—, quer

dizer, se for capaz de conduzir esse carro a um passo mais rápido que o de uma tartaruga com sono. Enviei-o para casa.

—Que o enviou...? —Olhou-o nos olhos, indignada—. Pois agora terei que ir caminhando.

Ele estalou a língua.

—E é um caminho tão terrivelmente longo, sobretudo em um dia ensolarado e quente como hoje.

Ele não entendia. Poderiam vê-la se andasse pelas ruas do elegante bairro Mayfair.

—Luz, a senhorita Allard não trouxe nenhuma criada com ela —disse sua irmã severamente.

—Eu a acompanharei.

—Não necessito uma criada —disse Frances—, não sou uma menina. E não quero lhe causar esse incômodo, lorde Sinclair.

—Não será nenhum incômodo. Preciso fazer exercício.

Que mais podia lhe dizer estando presente a senhorita Marshall? Ele sabia muito bem que ela não faria uma cena. Em seus olhos havia um brilho que já começava a lhe resultar conhecido.

Para um homem rechaçado duas vezes, por ela uma simples professora de escola, ele era notavelmente perseverante. Mas já desde o começo tinha visto que era resolvido, às vezes até belicoso. E após tinha compreendido que era também impulsivo e temerário; não era fácil persuadi-lo a renunciar a algo no que tivesse posto sua mente.

E pelo motivo que fosse, tinha posto a mente em obter que ela aceitasse ter algum tipo de relação com ele. Se essa relação seria a de matrimônio, não sabia. Mas isso não importava, em todo caso. Havia dito não uma vez, e devia continuar dizendo.

Em silêncio pôs-se a andar a seu lado. Desceram pela longa e curva escada até o vestíbulo principal e continuaram até a porta. Só esperava que não andasse ninguém pelas ruas entre Cavendish Square e Portman Street a essa hora da tarde.

Lucius fora convidado a tomar o chá em Berkcley Square com os Balderston, Porta e os primos. Mas embora se sentisse obrigado pela honra a ir à festa no jardim porque fazia dias que havia dito que iria, não sentiu os mesmos escrúpulos uma vez que mudaram os planos. Enviou uma amável desculpa e ficou em casa.

Esteve passeando pelo corredor, fora do salão de baile, e de tanto em tanto ficava imóvel, desde uns poucos minutos depois da chegada de Frances, que tinha observado de uma janela de cima. Mal podia acreditar no que ouvia. Tinha-a achado magnífica na festa dos Reynolds, mas o que não compreendeu então era que ela tinha controlado o volume de sua voz devido ao pequeno tamanho do salão.

Nessa tarde tinha soltado a voz, embora dominando-a à perfeição em todo momento.

Os cabelos de Heath ia fazer algo mais que ficar em pé; teria sorte se não saíssem voando da

cabeça.

Mas ele não tinha manipulado as coisas só para poder acompanhá-la a pé a Portman Street ou para falar de sua voz ou brigar com ela. Demônios, estava apaixonado e entretanto sabia muito pouco dela. Nunca lhe tinha parecido importante o fato de não conhecer uma mulher. Em todo caso as mulheres são pessoas estranhas, contraditórias, irracionais, hipersensíveis, e ele sempre se contentou mantendo uma distância de sua mãe e suas irmãs e jamais tinha tentado sequer conhecer ou entender às mulheres que levava para a cama. Na realidade nunca tinha lhe ocorrido, até que pensou ao dar-se conta que não conhecia Porta mesmo que a conhecendo por quase toda sua vida. Não lhe pareceu importante e seguia não parecendo. Mas Frances sim o importava.

—Este não é o caminho para ir a Portman Street —disse ela quando ele segurou sua mão e a pôs em seu braço ao sair de Cavendish Square.

—Há muitos caminhos para chegar lá, alguns mais rápidos e diretos que outros. Não vai me dizer, não é Frances, que tem tão pouca energia que devamos tomar a rota mais curta?

—Não tem nada que ver com a energia. Minhas tias me esperam para o chá.

—Não, não a esperam. Enviei-lhes uma mensagem com Thomas informando-as de que a levaria para dar um passeio pelo parque antes de levá-la para casa. Estarão encantadas. Gostam.

—O que? —Olhou-o indignada e retirou a mão antes que ele pudesse impedi-la. Não tinha por que lhes enviar nenhuma mensagem, lorde Sinclair. Não tinha por que enviar de volta Thomas com o carro. Não tenho nenhum desejo de caminhar pelo parque. E que presunçoso ao acreditar que minhas tias gostam. Como sabe?

—Fica linda quando está zangada—disse ele—. Perde essa frieza da Madona clássica e se transforma na beldade italiana apaixonada que é no fundo.

—Sou inglesa —disse ela secamente—. E não desejo ir ao parque.

—Porque a estou acompanhando? Ou porque não está, perdoe-me, vestida no último grito da moda?

—Não me importa nada a moda.

—Então é muito diferente de todas as outras damas que eu conheci. E de todos os cavalheiros, se for por isso. Não tomaremos os atalhos que freqüentam a esta hora as multidões elegantes, Frances. Sou muito egoísta para compartilhá-la. Tomaremos algum caminho sombreado e falaremos. E se fosse vestida com farrapos, de todas maneiras seria mais formosa para mim que qualquer outra mulher que conheci.

—Zomba de mim, milord —disse ela, mas seguiu caminhando a seu lado, com as mãos firmemente seguras às costas—. Acredito que não leva a vida muito a sério.

—Às vezes é mais divertido não levar. Mas há certas coisas que levo muito a sério, Frances. Estou sério neste momento. Tenho ânsia de saber o que me perco, posto que não quer me aceitar.

Isso a silenciou. Olhou-o com expressão de não compreender, e então baixou bruscamente a cabeça ao ver que se aproximavam duas pessoas, que passaram por eles murmurando saudações.

—Sei algumas coisas sobre você —continuou ele—. Sei que sua mãe era italiana e seu pai algo assim como um nobre francês. Sei que é aparentada com o barão Clifton. Sei que se criou em Londres e partiu dois anos depois que morreu seu pai para ensinar música, francês e escritura na escola da senhorita Martin em Bath. Sei que é boa cozinheira. Sei que tem uma das vozes soprano mais formosas, talvez a mais formosa, de nossa geração. Sei outras coisas de seu caráter. Sei que é muito dedicada a seu dever e que sabe ser obstinada e às vezes francamente belicosa, e também afável e afetuosa com as pessoas que quer bem. Sei que é sexualmente apaixonada. Inclusive a conheço no sentido bíblico. Mas no fundo não a conheço absolutamente, não é?

—Não tem por que —disse ela firmemente no momento em que chegavam às portas do Hyde Park.

Entraram e tomaram um estreito e sombreado caminho que discorria paralelo à rua, oculto à vista por frondosas árvores.

—Ninguém pode ser um livro totalmente aberto para outra pessoa —continuou—, mesmo que exista a intimidade de uma relação estreita com essa pessoa.

—E não existe essa intimidade entre nós?

—Não. Rotundamente não.

Ele pensou se não estaria sendo um tolo absoluto. Tentou imaginar seus papéis invertidos. E se ela tivesse ido atrás dele e ele houvesse dito já duas vezes com muita clareza que não a desejava? Como se sentiria se de todos os modos ela tivesse continuado o assédio e manipulado as coisas para encontrar-se a sós com ele, e depois exigisse saber coisas dele?

O quadro era desagradável.

Mas e se os sinais que lhe dava fossem contraditórios? E se enquanto sua boca dizia não todo seu ser dizia sim?

—Me fale de sua infância —disse.

Bom Senhor, será que tinha perdido a cabeça? Jamais lhe tinha interessado a infância de ninguém.

Ela suspirou audivelmente, e por um momento ele pensou que ia seguir calada.

—Por que não? —disse ela então, como falando consigo mesma—. tomamos uma longa rota e bem poderíamos ter algo do que falar.

Ele a olhou. Usava um vestido de musselina cor nata e um singelo chapéu de palha. Estava totalmente fora de moda. Entretanto estava bonita e adorável. Por toda ela dançavam linhas de sol e de sombra ao caminhar.

— Se trata disso —disse.

Pela primeira vez ela esboçou um sorriso e levantou a vista para olhá-lo.

—Estaria bem para você se me pusesse a falar horas e horas sem parar nem para respirar, sobre todos os detalhes que conseguisse recordar de minha infância?

—Sim—conveio ele—, mas o assunto é, Frances, que duvido que me aborreceria.

Ela agitou a cabeça.

—Foi uma infância feliz e segura. Não conheci minha mãe, assim não sentia falta dela. Meu pai era tudo para mim, embora estivesse rodeada de babás, professoras, preceptores e criados. Tinha tudo o que pode comprar o dinheiro. Mas a diferença de muitos meninos privilegiados, não me descuidava emocionalmente. Meu pai brincava comigo, lia para mim, levava-me para passear com ele, passava horas comigo todo dia. Animava-me para ler, para aprender, para estudar música, e para fazer e ser tudo o que fosse capaz de fazer e ser. Ensinou-me a aspirar às estrelas e não me conformar com nada inferior.

Ele poderia haver perguntado por que ela esqueceu dessa lição concreta, mas não queria voltar a discutir com ela nem que voltasse a ficar calada.

—Vivia em Londres?

—A maior parte do tempo. Eu adorava viver aqui. Sempre havia um lugar para conhecer, alguma igreja para admirar ou um museu ou galeria de arte para vagar ou um mercado para explorar. Havia muita história para assimilar e muitas pessoas para observar. E sempre tinham as lojas, as bibliotecas, os salões de chá e os parques para que me levassem. E o rio para navegar.

E entretanto fugia de Londres, pensou ele. Depois do Natal não conseguiu convencê-la de voltar mesmo que lhe oferecesse abundantes luxos para substituir os de sua infância, que ao que parece tinha perdido.

Que humilhação deve ter sido para ela ter que mudar-se para Bath para ensinar, e usar roupas que ou tinham vários anos, como os dois vestidos de noite com que a tinha visto, ou eram baratos, como o de musselina que estava usando hoje.

—Mas também ia ao campo —continuou ela—. Às vezes minhas tias avós me levavam para passar um tempo com elas. Teriam me levado para viver com elas quando cheguei a Inglaterra, a tia Martha já era viúva. Suponho que acreditavam que um cavalheiro não seria capaz de criar uma filha sozinho, sobretudo em um país que lhe era desconhecido. Mas embora as queira muitíssimo e sempre lhes agradeça o afeto que me prodigalizaram, alegra-me que meu pai não tenha me entregado a elas.

—Tinha ambições para você como cantora? —perguntou-lhe ele, observando que novamente baixava bruscamente a cabeça quando passou junto a eles um casal mais velho que ele não conhecia, em direção oposta.

—Sonhos mais que ambições —disse ela—. Nem sequer quis me contratar um professor de canto

antes que completasse treze anos, e depois não me permitia cantar em público, nem em recitais, nem concertos, ainda quando meu professor de canto dizia que estava preparada. Tinha que esperar até os dezoito anos, dizia, porque então minha voz já teria amadurecido, e então só se isso fosse o que eu realmente desejava. Era inflexível em sua crença de que a um menino ou a uma menina não se devia explorar, embora tivesse talento.

—Mas não supunha que aos dezoito anos você estaria pensando em se casar?

—Reconhecia-o como uma possibilidade. E quando lady Lyle quis patrocinar minha apresentação em sociedade depois que completei dezoito anos, ele insistiu para que não fizesse nada com respeito a mim até que tivesse passado o verão. Mas então morreu de um ataque do coração repentino. Ele sonhava por mim porque sabia que eu tinha meus sonhos. Não teria me pressionado a nada contra minha vontade. Isso foi o que meu avô fez com minha mãe, quando ela era muito jovem.

—Sua mãe era cantora?

—Sim, na Itália. E muito boa, segundo meu pai. La se apaixonou e se casou com ela.

—Mas você deixou morrer seus sonhos e ambições com seu pai? Fez algum intento para cantar em algum recital ou para atrair algum patrocinador? —Acreditava ter ouvido de suas tias que tinha encontrado um patrocinador e inclusive cantado algo—.Foi viver com lady Lyle, não é? Ela não ofereceu alguma ajuda à você?

—Sim me ofereceu. — Sua voz tinha mudado, saía mais abrupta, sem emoção—. E cantei algumas vezes diante de públicos pequenos. Eu não gostei e quando vi o anúncio de um posto de professora na escola da senhorita Martin em Bath, solicitei-o e fiquei com posto. Não lamentei nunca a decisão de segurar esse posto. Sou feliz lá, ah, bem, sou contente, se quiser. Mas não há nada errado em sentir-se contente, lorde Sinclair.

Ah. Por um momento ele passou a fazer parte de sua vida. Ela parecia desfrutar contando sua história. Havia prazer em sua face, um sorriso em seus olhos, animação em sua voz. Mas voltou a fechar-se para ele. Seguramente que uma formosa jovenzinha cuja apresentação em sociedade foi patrocinada por uma baronesa, teria perspectivas de matrimônio, mesmo que, como supunha ele, seu pai a tivesse deixado sem um centavo. Mas ainda no caso de não haver nenhum determinado pretendente em sua vida, sim tinha diante dela a deslumbrante perspectiva de forjar uma ilustre carreira como cantora. Isso tinha sido o sonho de seu pai e o dela a maior parte de sua vida. Lady Lyle estava disposta a ajudá-la.

Entretanto ela renunciou a tudo isso à avançada idade de vinte anos?

Não tinha contado algo de sua história. E era algo muito importante, suspeitava ele. Algo que muito possivelmente era a chave do mistério que envolvia a Frances Allard.

Mas ela não ia dizer.

E por que teria que dizer-lhe. Tinha-o rechaçado duas vezes; não devia nada a ele.

Mas alguém deve ter feito algo mais por ela nessa época.

Não era muito tarde para fazer renascer seus sonhos.

«Ensinou-me a aspirar às estrelas e não me conformar com nada inferior.»

A noite seguinte ela tocaria essas estrelas e inclusive as agarraria.

Poderia ter que lhe dizer adeus outra vez e desta vez aceitar e ater-se a seus desejos, mas primeiro restabeleceria seu sonho, caramba.

Ela o olhou com um meio sorriso.

—Não suspeitava, lorde Sinclair que fosse tão bom para escutar.

—Isso se deve a que me conhece tão pouco como eu a você, Frances.

Há muitas coisas que não suspeita de mim.

—Acredito que não me atrevo a pedir exemplos —disse ela e se pôs a rir.

—Porque teme que chegaria a gostar de mim depois de tudo?

Ela ficou séria imediatamente.

—Não desgosto de você.

—Não? Mas não quer se casar comigo?

—Não há nenhuma conexão entre essas duas coisas. Não podemos nos casar com todas as pessoas que nós gostamos. Viveríamos em uma sociedade muito bígama se o fizéssemos.

—Mas se duas pessoas se gostam o bastante, um matrimônio entre elas tem mais possibilidades de êxito do que se não se gostassem nada. Não está de acordo?

—Essa é uma pergunta bastante absurda. A senhorita Hunt não o aceita? Não gosta de você?

—Poderia supor que levaria a conversa em torno de Porta.

Segurou-a pelo cotovelo para levá-la até a porta no final do caminho, e saíram à rua. Dali tomaria a rota mais próxima a Portman Street.

— Foi muito ruím, Frances, que tenha me rechaçado. Tenho que me casar com alguém este ano, como Porta me assinalou e se você não me aceita, suponho que então terei que me casar com ela. E antes que derrame seu desprezo em minha cabeça e compaixão na dela, me permita acrescentar que no mesmo fôlego me disse que ela também deve casar-se com alguém e que esse alguém bem poderia ser eu. Não há nenhum sentimento por parte de nenhum dos dois, sabe? E nos gostamos muito pouco também. Não há nenhum perigo de que parta o coração de outra mulher se você me aceitar. Quer tirar a prova?

—Não —disse ela.

—Então, quer me explicar exatamente por que não?

Essa era uma pergunta mal educada e com ela viria um bom corte que só poderia feri-lo. Mas a pergunta já tinha sido feita, assim esperou a resposta. Esta foi breve.

—Não.

—Não é porque não tem afeto por mim? —perguntou-lhe, segurando-a novamente pelo cotovelo para fazê-la cruzar a rua com toda pressa.

Ao passar jogou uma moeda na mão estendida de um mendigo que se afastou para um lado para lhes dar passagem.

—Não quero responder nenhuma pergunta mais —disse ela. Mas passado um instante disse: —Lucius?

Olhou seu rosto voltado para ele, comovido, como se sentia sempre nas raras ocasiões que ela o chamava por seu nome de batismo.

—Sim?

—Amanhã irei jantar na casa Marshall e depois cantar na sala de música para seu avô e minhas tias. Inclusive eu adorarei fazê-lo. Mas isso deve ser o fim. Dentro de dois ou três dias voltarei para Bath. Tem que ser o fim, Lucius. Pode ser que não acredite que estará melhor se casando com a senhorita Hunt, mas o asseguro que sim. Ela é de seu mundo e conta com a aprovação família dela e da sua imagino. Se lhe propuser isso, com o tempo haverá afeto e inclusive amor entre vocês. Deve esquecer sua obsessão por mim. Isso é o que é, sabe? Na realidade não me ama.

Ele já estava furioso antes que ela terminasse de falar. Se ainda estivessem no parque teria batido nela. Mas embora não houvesse muita gente na rua pela qual caminhavam, não deixava de passar uma ou outra pessoa. E quem podia saber quem estava olhando ou ouvindo, à vista ou atrás das janelas das casas que ficavam a beira da rua?

—Obrigado —disse, cortante—. É muito amável, Frances, ao me dizer quem amo e quem amarei. É tranqüilizador saber que a única coisa que sinto por você é uma obsessão. Sabendo disso, me recuperarei num instante. Pronto! Já estou recuperado. Aí está a casa de suas tias avós, senhora. Foi um prazer para mim acompanhá-la a sua casa, mesmo que a rota tenha sido um pouco longa para seu gosto. Estarei ansioso para vê-la amanhã a noite. Tenha um bom dia.

—Lucius —disse ela, olhando-o aflita.

—Na realidade, senhora, acredito que prefiro que me trate de você e me chame lorde Sinclair. Lucius sugere uma intimidade entre nós que já não cultivo.

—Ah —disse ela—. Ah.

Ele bateu na porta com o batente e se inclinou em uma elegante reverencia quando esta se abriu, quase imediatamente. Não ficou para vê-la entrar. Deu meia volta e pôs-se a andar pela rua.

Sentia-se a ponto de explodir de fúria.

Sentia-se assassino.

«Deve esquecer sua obsessão por mim.»

Apertou os dentes.

«Isso é o que é, sabe? Na realidade não me ama.»

Queria Deus que tivesse razão!

Mas às vezes, pensou, o amor é extraordinariamente parecido com o ódio.

E essa era uma dessas vezes.

Capítulo 20

Ao entardecer do dia seguinte, a senhora Melford e a senhorita Driscoll chegaram pontuais à casa Marshall com sua sobrinha neta, e foram recebidas muito amavelmente no salão pela viscondessa Sinclair, que foi apresentada pelo conde de Edgecombe.

— Já a conhecia antes, acredito, senhora Melford —disse a viscondessa—, e a você também, senhorita Driscoll. Mas isso faz muito tempo, quando meu marido estava vivo. E você é a senhorita Allard..—Sorriu a Frances—. Ouvimos falar muito de você e esperamos com imensa expectativa ouvi-la cantar depois do jantar. E devo lhe agradecer por ter sido tão amável com Amy quando esteve em Bath. Chateia-lhe tremendamente ser a mais nova da família e ter que esperar um ano para sua apresentação em sociedade.

—Recebeu-me muito amavelmente quando tomei chá em Brock Street, senhora —lhe assegurou Frances—. Fez-me sentir muito bem.

Havia nove pessoas reunidas no salão, observou. Bem mais do que tinha imaginado. Isso fazia um total de doze. Mas isso não explicava o nervosismo que sentia. Ou talvez «nervosismo» não fosse a palavra adequada. Não tinha dormido bem a noite passada nem tinha conseguido concentrar-se em nenhuma atividade durante o dia. A fúria com que partiu Lucius depois de acompanhá-la para casa, a tinha preocupado desde esse mesmo instante. Pela primeira vez se viu obrigada a considerar a possibilidade de que ele tivesse realmente sentimentos profundos por ela, que sua perseguição não fosse motivada simplesmente pela luxúria, pela vontade frustrada ou por um simples impulso.

Não conseguiu evitar a conclusão de que ele havia se sentido «ferido».

Então lamentou não haver contado a ele simplesmente toda a história de sua vida. Já não importava, não é? E o teria dissuadido finalmente, ao lhe demonstrar que um matrimônio entre eles era absolutamente impossível.

A viscondessa as apresentou a todos. A jovenzinha loira e bonita com a covinha na bochecha esquerda quando sorria, era a senhorita Emily Marshall. O jovem e sério cavalheiro com óculos sujeitos na ponta do nariz era sir Henry Cobham, o prometido de Caroline. O outro casal eram lorde e lady Tait. Por ser parecida com Emily Marshall, Frances concluiu que lady Tait era a irmã mais velha.

Uma vez feitas as apresentações tudo correu bastante bem. Frances evitava o visconde Sinclair, tarefa que lhe resultava fácil pois ele parecia decidido a evitá-la também. No jantar sentou-se entre

o senhor Cobham e lorde Tait e descobriu que eram muito amenos e loquazes. Suas duas tias estavam muito animadas e via-se claramente que estavam muito bem.

A única coisa que ficou por fazer, pensou quando o jantar chegou a seu fim e estava esperando que lady Sinclair fizesse o sinal para que as senhoras se retirassem para deixar os cavalheiros com seu Porto, era cantar para o conde e suas tias e depois poderiam partir e teria acabado toda essa terrível experiência.

No dia seguinte, ou talvez no outro, voltaria para Bath. Desta vez mergulharia totalmente em seu trabalho de professora. Se esqueceria do senhor Blake; era injusto obrigar-se a acolher bem seu interesse por ela quando não sentia nada por ele além de uma moderada gratidão. Esqueceria totalmente tudo o que concernia a pretendentes.

E sobretudo, esqueceria Lucius Marshall, visconde Sinclair.

Concentrou seus pensamentos na música que ia cantar e tratou de preparar-se mentalmente. Seu único desejo era poder cantar no salão em lugar de na sala de música. Mas era muito formal e magnífica para um grupo familiar relativamente pequeno.

Embora supunha pareceria diferente com os painéis que a separavam do imenso salão de baile.

—Senhorita Allard —disse o conde de repente, lhe falando do outro extremo da longa mesa—, estes últimos dias pensamos que seria muito egoísmo deixar que sua atuação fosse somente para nós. Portanto Lucius convidou alguns amigos para que se reunissem conosco depois do jantar para escutá-la. Pensamos que a surpresa lhe agradaria. Espero que assim seja.

Alguns amigos.

Frances ficou paralisada.

Pois sim que não se importava. Importava-se muitíssimo.

Estava em Londres.

—Que esplêndido! —exclamou tia Martha—. É muita consideração de sua parte. —Sorriu ao conde e depois a Lucius—. É obvio que Frances não se importará. Não é, querida?

Quantos seriam «alguns»? E «quem» seriam?

Mas suas tias, observou, estavam quase a ponto de arrebentar de orgulho e felicidade. E o conde não poderia estar mais feliz consigo mesmo se estivesse lhe presenteado um colar de diamantes em uma almofada de veludo.

—Será uma honra para mim, milord —disse.

Talvez alguns só significasse dois ou três. Talvez fossem desconhecidos. Seguramente que eram, na realidade. Fazia três anos que não aparecia em Londres.

—Sabia que a agradaria —disse o conde, esfregando as mãos satisfeito—. Mas a honra é toda nossa, o asseguro, senhora. Agora bem, deseja ser sociável com os convidados durante um momento, ou deseja relaxar em silêncio antes de cantar? Lucius a acompanhará ao salão enquanto

os outros vão à sala de música. Lucius?

—Certamente, senhor. —Lucius se levantou de seu posto bastante longe do dela na mesa e lhe ofereceu o braço enquanto ela se levantava—. Nos reuniremos com vocês dentro de meia hora.

Frances pôs a mão em seu braço.

A sala de jantar e o salão não estavam no mesmo andar que a sala de música. De baixo não subia nenhum som particularmente notável.

De qualquer modo Frances teve a angustiante sensação de que ouvia sons de pessoas que desciam a escada.

—Quantas pessoas são alguns amigos? —perguntou-lhe.

—Parece preocupada, Frances—disse ele, abrindo as portas do salão e fazendo-a entrar.

—Pareço? —perguntou ela virando-se para olhá-lo. — Estarei mais então quando souber a resposta?

—Há pessoas com um quarto de seu talento que matariam pelo tipo de oportunidade que se oferece a você esta noite —disse ele.

Ela aumentou os olhos.

—Então dê a oportunidade a essas pessoas e salve-as de ter que assassinar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—E que tipo de oportunidade? —quis saber ela.

—Não sei se ouviu falar de lorde Heath —disse ele.

Ela o olhou em silêncio. Todo mundo tinha ouvido falar de lorde Heath, ao menos todo mundo com inclinações musicais.

—É um famoso perito e mecenas da música —explicou ele—. Pode promover sua profissão como ninguém poderia em Londres, Frances.

Isso foi o que lhe disse seu pai uma vez. Ele planejava conseguir que o barão se fixasse nela, mesmo que, conforme disse, isso seria muito difícil pois todas as pessoas com o mínimo de talento viviam cercando-o para que as escutasse.

—Já tenho uma profissão —disse— e você me afastou dela na metade do trimestre, em grande parte com falsos pretextos. Voltarei para lá, dentro de um ou dois dias. Não necessito nenhum mecenas. Já tenho uma empregadora, a senhorita Martin.

—Sente-se e relaxe —disse ele—. Vai ficar abatida que isso a impedirá de cantar tão bem como sabe.

—Quantos, lorde Sinclair? —insistiu ela.

—Não sei se poderia dizer o número exato, sem ir à sala de música para contá-los.

—Quantos? Aproximadamente quantos?

Ele se encolheu de ombros.

—Deveria estar contente —disse—. Esta é a oportunidade que esperou por muito tempo. Ontem reconheceu que este era seu sonho e o de seu pai.

—Não coloque meu pai nisto! —de repente sentiu uma espécie de frio ao redor do coração e se sentou bruscamente na poltrona mais próxima; era uma idéia espantosa—. Ontem tinham tirado os painéis que separam a sala de música do salão de baile. Sua irmã chamou sua atenção a respeito e o recordou que tinha que colocá-los no lugar. Foram colocados?

—Na realidade, não —disse ele, ficando de costas para a lareira, olhando para ela.

Deus santo, as duas salas formavam uma sala de concertos bastante grande. Seria possível que...?

—Por que não?

—Vai estar magnífica esta noite, Frances —disse ele.

Tinha as mãos seguras nas costas. Estava olhando para ela com uma intensidade que poderia havê-la desconcertado em outras circunstâncias.

Sim, essa era a intenção, compreendeu. Tinham tirado os painéis porque o público era tão numeroso que não caberia na sala de música somente. E o tinham feito, ele o tinha feito, sem consultá-la.

Tal como a trouxe para Londres com ardis, sem consultar os desejos dela.

—Deveria partir imediatamente —disse—. E o faria se isso não fizesse minhas tias avós parecerem estúpidas .

—E desiludisse a meu avô —acrescentou ele.

—Sim.

Olhou-o furiosa. Lhe sustentou o olhar, com as mandíbulas apertadas.

—Frances —disse ele passados alguns minutos de hostil silêncio —, do que tem medo? De cantar mal? Isso não ocorrerá, prometo-lhe isso.

—Não é outra coisa que um intrometido —disse ela, amargamente—. Um intrometido arrogante que está convencido eternamente de que só você sabe o que eu devo fazer com minha vida. Sabia que eu não queria voltar para Londres, entretanto manipulou as coisas para que viesse. Sabia que não queria cantar diante um público muito numeroso e muito menos em Londres, mas reuniu um público de todos os modos e fez quase impossível me negar a cantar diante deles. Sabia que não queria voltar a vê-lo, mas não fez o menor caso de meus desejos. Acredito que de verdade imagina que me quer, mas equivoca-se. A gente não manipula uma pessoa que se quer, nem se esforça por fazê-la desgraçada. Só quer a si mesmo. É um tirano, lorde Sinclair, o pior tipo de déspota.

Observou que ele ficou muito pálido enquanto ela falava; sua expressão se tornou dura e reservada. De repente ele se virou para olhar os carvões sem acender da lareira. Transcorreu um longo momento de incômodo silêncio.

—E você, Frances —disse ele, ao fim—, não sabe o significado da palavra «confiança». Não tenho

nada contra sua escolha de ensinar em lugar de cantar. Por que teria que o ter? É livre para escolher seu rumo na vida. Mas preciso entender seu motivo para fazê-lo e há um motivo que não é simples preferência nem inclusive simples pobreza. Não tenho nada contra sua negativa de vir comigo a Londres depois do Natal nem de se casar comigo quando lhe pedi isso recentemente há mais de um mês; não me considero um presente de Deus para as mulheres, nem espero que toda mulher se apaixone loucamente por mim, nem sequer aquelas que se deitaram comigo. Mas preciso entender o motivo de sua negativa, já que não acredito que seja aversão e nem sequer indiferença. Não confia em mim para me explicar seus motivos. Não confia em mim com... com sua pessoa.

Ela estava tão furiosa que nem sequer voltou a sentir pesar por não ter sido mais franca com ele na tarde anterior.

—Não tenho por que —exclamou—. Não tenho nenhuma obrigação de confiar em você nem em nenhum homem. Por que teria que confiar? Não é nada para mim. E só estou segura de uma coisa nesta vida e é que posso confiar em mim. Eu não me decepcionarei.

Então ele se voltou para olhá-la, desaparecida de sua face toda expressão de humor ou brincadeira.

—Está segura disso? Está segura de que já não o fez?

De repente ela entendeu, talvez soubesse todo o tempo, por que pode contemplar um futuro com o senhor Blake mas não com Lucius Marshall. Além de uma confissão completa sobre seu passado, incluindo o que ocorreu depois do Natal, nunca teria que compartilhar nada mais profundo de seu ser com o senhor Blake. O instinto o dizia. A cortesia, a amabilidade, certos interesses e amizades comuns os teriam levado pela vida muito contentes. Com Lucius teria que compartilhar até mesmo sua alma, e ele a sua com ela. Nenhuma outra coisa serviria jamais entre eles, equivocou-se ao dizer isso do livro aberto. Quando era muito jovem poderia haver-se arriscado a abrir-se com ele, na realidade teria acolhido bem essa perspectiva. As jovenzinhas tendem a sonhar com esse tipo de amor e paixão que arde e brilha forte durante toda a vida e inclusive depois da morte.

Embora ela só tivesse vinte e três anos, intimidava-a a perspectiva de uma relação assim, embora a desejasse também.

Então recordou, com repentina e não convidada clareza, a noite que passaram juntos e fechou os olhos.

—Virei dentro de vinte minutos para acompanhá-la à sala de música —disse ele—. É um concerto que organizei para você, Frances. Haverá outros intérpretes, mas você será a última, como é lógico; ninguém iria querer atuar depois de você . Agora a deixarei sozinha para que se acalme.

Caminhou até a porta com longas passadas, sem olhá-la. Mas quando tinha a mão no trinco, deteve-se.

—Se me pedir isso quando voltar, ou inclusive agora, a levarei para sua casa em Portman Street.

Encontrarei uma desculpa para dar aos convidados. Nunca me falta criatividade quando necessito.

Esperou, se por acaso ela fosse dizer algo, mas ela não disse nada. Então saiu em silêncio e fechou a porta.

Seria um milagre que era melhor não esperar, pensou Frances, que na sala de música e salão de baile não houvesse ninguém que a reconhecesse. Curiosamente, compreender isso lhe produziu uma sensação de quase tranqüilidade, resignação diante de seu destino. Já não podia fazer nada. Poderia partir da casa, claro, e poderia fazê-lo sem esperar que Lucius voltasse. Mas sabia que não o faria.

O conde de Edgecombe se sentiria decepcionado.

Suas tias se sentiriam aflitas e humilhadas.

E em algum lugar, muito no fundo dela, havia um motivo mais egoísta para ficar.

Tinha renascido dolorosamente o sonho de toda sua vida.

Ele não lhe tinha respondido a pergunta a respeito do número de convidados. Mas não era necessário. Sabia que tinham que ser muitos. Por que se não fossem, haveria necessidade de tirar os painéis que separavam a sala de música do salão de baile? Inclusive a sala de música já era bastante grande, com capacidade para algumas dezenas de pessoas; mas não era bastante grande para o público dessa noite.

E um dos membros desse público séria lorde Heath. Que orgulhoso se sentiria seu pai se pudesse sabê-lo.

A artista que havia nela, a cantora que tinha crescido sonhando cantar diante de um público, ansiava cantar essa noite fossem quais fossem as conseqüências.

Afinal, um pintor não pinta um óleo e depois o esconde com um lençol para que não ninguém o veja. Um escritor não escreve um livro e depois o esconde em uma prateleira debaixo de outros livros para que jamais ninguém possa lê-lo. E o dono de uma casa acende uma vela, como diz o Evangelho, não para pô-la sob uma redoma escura, mas sobre um castiçal para que ilumine todos que estão na casa.

Durante seus anos de professora não tinha captado no todo o muito que reprimia seu instinto natural de cantar para que outros a ouvissem.

«Ensinou-me a aspirar às estrelas e não me conformar com nada inferior.»

Papai!

Bom, essa noite cantaria, para ele e para si mesma. E no dia seguinte arrumaria suas coisas para voltar para Bath.

A intenção de Lucius quando saiu do salão era subir ao seu quarto para passar esses vinte minutos consumindo-se de mau humor em particular, ou golpeando as quatro paredes com

justificada fúria. Mas tinha a incômoda suspeita de que seus pensamentos seriam mais que um pouco perturbadores, se fosse a um lugar onde não teria outra coisa que fazer senão permitir que aflorassem em sua cabeça lhe gritando acusadores.

Um intrometido.

Um tirano.

Um déspota.

«A gente não manipula uma pessoa que quer nem se esforça por fazê-la desgraçada.»

Condenação!

Seu seguinte impulso foi irromper na sala de música e mandar todo mundo embora com palavras destemperadas. Depois de tudo haveria montões de diversões onde poderiam ir, sempre as havia durante a temporada. Mas embora estivesse acostumado a ser impulsivo e inclusive temerário, quase nunca era mal educado, ao menos não nessa escala. Além disso, essa não era sua casa. E seu avô esperara com muita expectativa essa noite.

No final terminou indo à sala de música a ver quem tinha vindo e para ser simpático. E pelo que parecia, pensou logo que entrou na sala, ali estavam todas as pessoas que havia convidado e que em realidade era um bom número. A sala de música estava lotada; também estava o salão de baile, embora muitas pessoas ainda não tivessem se sentado e formassem grupos aqui e lá, fazendo muitíssimo ruído.

Foi saudar o barão Heath e sua esposa e os levou aos lugares na primeira fila que lhes tinha reservado. Conversou aqui e lá com amigos e conhecidos. Teve especial cuidado em ir saudar e dar as boas-vindas a lady Lyle e lhe assegurar que ia desfrutar particularmente do concerto. Quando ela o olhou um pouco perplexa, sorriu-lhe e lhe disse que logo veria o que queria dizer.

Abriu caminho para Porta Hunt e os Balderston, dando-se conta, com uma careta reprimida, que essa era a primeira vez que pensava neles em toda a tarde. O marquês do Godsworthy, observou, estava conversando com seu avô.

—Isto é muito agradável —lhe disse lady Balderston—. Um concerto na casa Marshall é um obséquio não habitual.

—Será o melhor, senhora —lhe assegurou ele.

—Caroline me disse que ia cantar a professora da escola de Bath —lhe disse Porta—. É prudente isso, Lucius? O público daqui é muito superior em gosto ao que está acostumada ela.

—A senhorita Allard não nasceu professora de escola, Porta. Tampouco nasceu em Bath. Criou-se em Londres e teve os melhores professores de canto.

—Só nos cabe esperar —disse ela— que as pessoas sentadas atrás consigam ouvi-la. Me perdoe, Lucius, mas sua mamãe está ocupada com os convidados. Sabe que Amy está aqui?

—Não são muitas as coisas concernentes a suas filhas que minha mãe não saiba. Amy é membro

desta família e esta é uma noite familiar que foi aberta a nossos amigos.

Fazendo uma amável inclinação de cabeça, afastou-se dela, antes de começar a sentir-se irritado outra vez. Já sentia muitas coisas negativas para acrescentar irritabilidade à lista.

Os outros intérpretes já tinham chegado e eram cada vez mais os convidados que iam se sentando. Não há nada pior que um concerto que comece tarde. Era hora de ir procurar Frances.

Ela pediria sua cabeça em uma bandeja quando visse a quantidade de público, pensou, caminhando para o salão. Por algum motivo que escapava a sua compreensão, ela tinha renunciado a seus sonhos fazia três anos e estava mais que relutante a recuperá-los.

Um intrometido. Um tirano. Um déspota.

Bom, era culpado do que o acusava, supunha. Melhor ser um intrometido que um pusilânime. Sempre tinha enfrentado a vida de frente. E era pouco provável que mudasse na sua avançada idade.

Ela estava de pé junto à janela, de costas à sala, contemplando a escuridão. Tinha as costas muito retas, mas quando se voltou para ouvir o som da porta, ele viu que sua expressão e sua postura geral refletiam tranqüilidade e serenidade.

Estava na presença da profissional consumada, compreendeu. Tinham-na tomado de surpresa, a surpresa não lhe tinha agradado em nada, nada, mas nesse momento estava preparada para cantar.

—Vamos? —disse-lhe.

Ela atravessou a sala sem dizer uma palavra e segurou o braço que lhe oferecia.

Essa seria talvez a última vez que caminhava para algum lugar com Frances Allard, pensou. Ela não o desejava, ou melhor dizendo não queria desejá-lo. E tinha chegado o momento de renunciar. Depois dessa noite ela teria clara sua escolha, disso estava convencido.

Poderia voltar para Bath ou poderia ficar nas mãos de Heath e forjar uma nova e gloriosa carreira.

Pelo menos ele tinha organizado as coisas para que ela tivesse essa escolha. Mas não voltaria a interferir.

Se demonstrar seu amor por ela significava deixá-la sair de sua vida, o faria.

Embora fosse a coisa mais difícil que faria em toda sua vida. A passividade não lhe ficava bem por natureza.

Quando chegaram à porta da sala de música, Frances se deteve e apertou ligeiramente a mão em seu braço.

—Ah —disse em voz baixa— estes são «alguns» amigos.

Não o disse em tom de pergunta, assim ele não ofereceu nenhuma resposta, simplesmente a conduziu ao lugar desocupado entre suas tias avós, na primeira fila.

—Não é esta uma surpresa deliciosa, queridíssima? —comentou-lhe a senhorita Driscoll

enquanto ela se sentava.

—Não está terrivelmente nervosa, querida? —perguntou-lhe a senhora Melford.

Lucius se afastou para ocupar seu lugar, no outro lado do corredor central. Já tinha visto que todos estavam sentados. Quando ele apareceu se produziu quase um silêncio. Levantou-se novamente, deu as boas-vindas a todos e apresentou o primeiro intérprete da noite, um violinista conhecido dele que durante o ano passado tinha gozado de certo êxito em Viena e outros lugares do Continente.

Sua interpretação foi impecável e bem recebida pelo público. Também foi a da pianista que tocou depois dele e a do harpista que tocou depois dela. Mas para Lucius estava difícil concentrar-se. A seguinte seria Frances.

Teria cometido um horroroso engano de julgamento?

Não duvidava que ela o faria bem, mas... o perdoaria algum dia?

Mas, demônios, alguém tinha que sacudi-la para tirá-la de sua inércia.

Levantou-se e a apresentou:

—Com meu avô e minha irmã mais nova fomos a uma festa em Bath faz várias semanas e houve um recital musical. Então foi quando, como parte do recital, ouvimos pela primeira vez uma voz que meu avô segue definindo como a voz soprano mais gloriosa que ouviu em seus quase oitenta anos de escutar. Era uma voz que os dois nos sentimos honrados e privilegiados de escutar. Esta noite voltaremos a ouvir, como também vocês. Senhores e senhoras, a senhorita Frances Allard.

Ouviu-se um educado aplauso quando Frances se levantou e Caroline ocupou seu lugar diante do piano e abriu as partituras no suporte de livro.

Frances estava ligeiramente pálida, mas tão serena como ele a viu no salão. Olhou tranqüilamente ao público, depois baixou a cabeça e fechou os olhos, mantendo-os fechados um momento. Estava, viu Lucius, enquanto se fazia silêncio nas duas salas, enchendo lentamente de ar os pulmões e depois soltando-o.

Então ela abriu os olhos e fez um gesto de assentimento a Caroline.

Tinha escolhido «Let the Bright Seraphim», a última ária do oratório Sansón de Haendel, ambiciosa peça para trompetista e soprano. Não havia trompetista, logicamente, só o piano e sua voz.

E assim sua voz foi também a trompetista, assinalado pelos complicados gorjeios e escalas da música, enchendo as duas salas de som puro, nunca estridente, nunca gritão, sem avassalar nem um instante o espaço nem afligir aos ouvintes. Voz, música, espaço, tudo uma combinação gloriosa, perfeita.

—Let the bright Seraphim in burning row, their loud, uplifted trumpets blow. *

Olhava aos assistentes enquanto cantava. Cantava para eles, introduzindo-os no sentimento

triunfal da letra e a magnificência da música. E entretanto era evidente que para ela não era uma mera atuação. Desta vez, pela primeira vez, Lucius a via cantar e ficou claro que ela estava imersa no mundo da música, criando-a em cada nota que cantava.

E ele estava nesse mundo com ela.

Tão imerso se encontrava que deu um salto de surpresa quando começou o forte e prolongado aplauso ao terminar a peça. Tardiamente se uniu aos aplausos, sua garganta e peito oprimidos pelo que só podiam ser lágrimas não derramadas.

Dizer que se sentia orgulhoso dela teria sido usurpação; ele não tinha nenhum direito a fazer seu esse sentimento. O que sentia era... sorte, alegria pura. Alegria pela música, alegria por ela, alegria por ele, por formar parte dessa experiência.

E então, mais tardiamente ainda, compreendeu que deveria haver-se levantado para fazer algum comentário e lhe pedir outra canção. Mas não foi necessário. O aplauso se apagou e foi seguido por alguns «chsss», enquanto Caroline abria outra partitura e esperava o sinal para começar a tocar.

Frances começou a cantar a ária «I know That My Redeemer Liveth».

O que na primeira peça foi brilhantismo puro se converteu em viva e absoluta emoção na segunda. Antes que ela tivesse terminado, Lucius estava tratando de conter as lágrimas, totalmente indiferente à ignomínia que significaria chorar em público por uma simples interpretação musical.

* Let the bright seraphim in burning row, their loud, uplifted anjo trumpets blow. Let the cherubic host, in tuneful choirs, toitch their immortal harps with golden wires. Que os resplandecentes serafins em brilhante fila, elevem seus trompetistas angelicais e soprem com força. Que as hostes de querubins em melodiosos coros pulsem as cordas de ouro de suas harpas imortais. (N. T.)

Estava cantando melhor que aquela vez em Bath, se isso fosse possível. Mas dessa vez, está claro, ele teve que desprender-se das distrações para ouvi-la.

Já estava de pé antes que se apagasse a última nota, embora não aplaudiu imediatamente. Observou-a, alta, régia e formosa, continuar imersa no mundo da música até que se apagou o último eco de som.

No momento não temporal entre a última nota da música e o primeiro som dos aplausos, Lucius soube sem o menor indício de dúvida que Frances era a mulher que amaria do fundo de sua alma para o resto de sua vida, embora não voltasse a vê-la nunca mais depois dessa noite. E apesar de tudo, apesar de todas as acusações dela no salão, não lamentava o que tinha feito.

Por Deus que não o lamentava. Voltaria a fazer tudo outra vez.

E ela não o lamentaria jamais. Jamais poderia lamentar essa noite.

Finalmente ela sorriu e se voltou para assinalar Caroline, que realmente tinha feito um trabalho soberbo no piano. As duas fizeram suas reverências e Lucius sorriu às duas, mais feliz que nunca em toda sua vida, que recordasse.

Era impossível nesse momento não acreditar nos finais felizes.

Capítulo 21

Frances se sentia feliz; consciente e gloriosamente feliz.

Estava onde lhe correspondia estar, isso sabia e fazendo aquilo para o que tinha nascido.

Estava a transbordar de felicidade.

E quando começavam a apagar os aplausos, instintivamente, sem pensar, virou-se para sorrir a Lucius, que estava de pé na primeira fila, sorrindo para ela com uma expressão de orgulho, não pôde evitar ver e uma felicidade que correspondia com a dela.

E muito mais que isso, certamente.

Que tola tinha sido! Quase do momento em que se conheceram lhe tinha dado a possibilidade de tocar as estrelas, de arriscar tudo pela intensidade da vida, pela paixão e o amor. E depois pela música também.

Ela preferiu não correr o risco.

Então ele se arriscou por ela.

Sentiu uma onda de amor tão intensa que quase lhe tirou o fôlego.

Mas o conde de Edgecombe vinha abrindo caminho para ela. Segurou sua mão direita e diante de todos se inclinou sobre ela e a levantou até seus lábios.

—Senhorita Allard —disse, dirigindo-se ao público—. Recordem o sobrenome, meus amigos. Algum dia muito em breve alardearão de havê-la ouvido aqui antes que se tornasse famosa.

O concerto tinha acabado e já se ouvia o murmúrio de conversações e o ruído produzido quando as pessoas se levantavam de seus assentos e na porta do salão de baile apareceram lacaios em fila com bandejas de comida e bebida para pôr nas mesas com toalha branca dispostas na parte de trás.

Mas Frances não ficou desatendida, mesmo que o conde tenha se afastado um pouco para falar com suas tias avós. O visconde Sinclair ocupou imediatamente seu lugar. Novamente tinha a expressão receosa.

—Não há palavras, Frances —lhe disse—. Simplesmente não há palavras.

Então ela desejou chorar. Mas já estava ali a mãe dele também, que foi e a abraçou.

—Senhorita Allard. Esta noite subi e desci do céu. Meu sogro, Lucius e Amy não exageravam quando falaram com tanto entusiasmo de seu talento. Obrigada por cantar para nós.

Lorde Tait a saudou com uma inclinação de cabeça e lady Tait lhe sorriu de orelha a orelha dizendo que não podia estar mais de acordo com sua mãe.

Emily Marshall passou o braço pelo de Caroline e sorriu a Frances.

—Escutei-a, Caroline —disse—, e tocou extremamente bem. Mas o vovô tinha razão. Algum dia poderei alardear que minha irmã acompanhou à senhorita Allard em seu primeiro concerto em Londres.

Amy, faiscante de entusiasmo, também a abraçou.

—E eu poderei alardear diante de todos meus conhecidos que você já era minha amiga especial antes que me apresentasse em sociedade —disse.

Frances riu. Não lhe escapava o fato de que estava rodeada pela família de Lucius e que todos a olhavam com aprovação. Esse era um momento precioso que recordaria sempre com prazer.

E então todos afastaram-se para um lado ao aproximar-se outra senhora e um cavalheiro. Lorde Sinclair fez as apresentações. Mas Frances já tinha visto o cavalheiro antes. Era lorde Heath. Inclinou-se em uma reverência diante dele e diante de lady Heath.

—Senhorita Allard —disse ele—. Ofereço um concerto cada ano próximo ao Natal, como talvez saiba, no qual reúno, para o prazer de meus amigos e convidados esmeradamente escolhidos, os melhores talentos que posso atrair de toda a Inglaterra e do Continente. Espero que me permita fazer uma exceção a essa regra e organizar um recital musical agora, durante a temporada, com você como a única intérprete. Asseguro-lhe que todos os que a ouviram esta noite desejarão voltar a ouvi-la. E a voz correrá como o proverbial rastro de pólvora. Não haverá espaço em minha casa para dar capacidade a todos os que desejarão assistir.

—Talvez, então, Roderick —disse lady Heath, pondo a mão em seu braço e olhando Frances com os olhos sorridentes—, deveria considerar a possibilidade de alugar uma sala de concertos para a ocasião.

—Brilhante ideia, Fanny! Assim será. Senhorita Allard, só necessito sua confirmação. Posso fazê-la grandiosa em um abrir e fechar de olhos. Não, me permita que corrija essa ridícula afirmação. Você não me necessita para isso, já é grandiosa. Mas posso convertê-la na soprano mais solicitada da Europa, atrevo-me a assegurar, se ficar em minhas mãos. Embora deva desfrutar desta sensação de tênue poder enquanto posso; pois não durará muito. Muito em breve você não necessitará patrocínio, nem meu nem de ninguém.

Essas palavras ofereceram a ela uma saudável dose de realidade. Era muito para suportá-lo. Muita luz tinha alagado sua vida em muito pouco tempo. Sentiu uma angustiante necessidade de retroceder um passo e levantar uma mão pedindo silêncio, para pensar. Daria algo, pensou, por ver a tranqüila e sensata face de Claudia nessa multidão. Ansiou ter a seu lado Anne e Susanna. Ao mesmo tempo estava muito consciente de Lucius a seu lado, calado e tenso, perfurando-a com os olhos.

—Obrigado, lorde Heath —disse—. Me sinto profundamente honrada. Mas sou professora.

Ensino música entre outras coisas em uma escola de meninas em Bath. Essa é minha profissão e inclusive neste momento desejo voltar para lá, para minhas alunas que me necessitam, e para minhas companheiras, que são minhas mais queridas amigas. Eu gosto de cantar para minha satisfação pessoal. De vez em quando desfruto fazendo-o diante de um público, inclusive diante de um tão numeroso como este. Mas não desejo fazer disso uma profissão.

E havia verdade em suas palavras. Não toda a verdade, talvez, mas...

—Quanto lamento ouvir isso, senhora —disse lorde Heath—. Lamento muitíssimo, de verdade. Temo que entendi mal. Quando Sinclair me convidou para vir aqui esta noite pensei que o fazia a pedido seu. Pensei que você desejava promover-se. Se não desejar, compreendo. Tenho um enteado que possui uma voz extraordinariamente doce, mas minha esposa mantém uma rédea muito firme sobre minhas ambições para ele. E tem muita razão, é um menino. Respeito sua decisão, mas se alguma vez mudar de opinião, pode ir a mim em qualquer momento. Em cinco meses tive a extraordinária sorte de ter ouvido a mais pura das vozes soprano de menino e agora a mais gloriosa das vozes soprano femininas.

Depois que se afastaram, Frances olhou a lorde Sinclair.

—Ainda poderia me surpreender sacudindo-a até fazer salta-lhe os dentes, Frances —disse ele.

—Porque não compartilho suas ambições para mim?

—Porque as compartilha —replicou ele—. Mas não voltarei a discutir com você. Não voltarei a manipulá-la nem a empurrá-la nunca mais, como estará encantada de saber. Depois desta noite, estará livre de mim.

Ela teria esticado a mão para lhe segurar a manga, embora não sou- besse por que, mas nesse momento se aproximaram outras pessoas, com o desejo de falar com ela, felicitá-la e elogiar sua interpretação.

Frances sorriu e tratou de entregar-se ao simples prazer do momento.

E era um prazer, não tinha nenhum sentido negá-lo. Sentia alguma coisa quente e maravilhosa em saber que o que fazia, que o que gostava de fazer, tinha entretido a outras pessoas, e mais que entretido em muitos casos. Várias pessoas lhe disseram que seu canto as tinha comovido tanto que chegaram as lágrimas.

E então parte de seu prazer de desvaneceu quando o visconde Sinclair apresentou lorde e lady Balderston e a jovem que estava com eles.

—A senhorita Porta Hunt —disse ele.

— Ah.

Era extremamente formosa, com a beleza perfeita tipo rosa inglesa que ela sempre tinha invejado quando estava crescendo, até que compreendeu que nunca seria assim. E além de sua beleza, a senhorita Hunt demonstrava ter um excelente gosto para vestir-se, um porte perfeito e grande

dignidade em suas maneiras.

Como poderia um homem olhá-la e não amá-la?

Como podia Lucius...?

O sorriso da senhorita Hunt era elegante, refinado.

—Foi uma interpretação muito elogiável, senhorita Allard —lhe disse—. A diretora e as professoras de sua escola devem estar muito orgulhosas de você. Suas alunas são afortunadas por tê-la como professora.

Falava com amável superioridade, isso era imediatamente evidente.

—Obrigada —disse Frances—. Me honra ter a oportunidade de formar as mentes e os talentos das jovenzinhas.

—Lucius —disse a senhorita Hunt voltando-se para ele—. Tomarei a liberdade de acompanhar Amy ao seu quarto agora que terminou o concerto.

Lucius. Chamava-o Lucius, o conhecia muito, pensou Frances. E estava claro que conhecia muito bem à família e a casa Marshall. Ia se casar com ele, afinal de contas. Ele podia negar, apegando-se à estrita verdade que não estava comprometido com ela ainda, mas era essa realidade que tinha diante de seus olhos.

Importava?

—Não deve ter esse incômodo, Porta —disse ele—. Minha mãe a enviará para a cama quando achar conveniente.

A senhorita Hunt voltou a sorrir e foi reunir-se com seus pais, que nesse momento estavam falando com lady Sinclair. Mas Frances observou que o sorriso não chegou aos olhos.

Então se virou para olhar lorde Sinclair e o encontrou olhando-a com uma sobrancelha arqueada.

—Um desses atrozes momentos em que os piores pesadelos ganham vida —disse ele—. Mas estou aqui, ainda vivo ao final do pesadelo.

Referia-se, supôs ela, a que acabara de encontrar-se cara a cara com a senhorita Hunt.

—É muito formosa —disse.

—É perfeita —disse ele, arqueando a outra sobrancelha—. Mas o problema é, Frances, que eu não sou e nunca desejei sê-lo. A perfeição é algo infernal. Você está muito distante de ser perfeita.

Ela riu para seu pesar, e teria virado para reunir-se com suas tias avós, mas foram se aproximando outras duas pessoas, de modo que se voltou para elas, sorrindo.

Ah!

— Conhece então o conde de Fontbridge? — perguntou lorde Sinclair. Enquanto ela se sentia como se olhasse através de um longo túnel o homem a quem amou e com quem esteve quase a ponto de se casar, ha mais de três anos—. E a sua mãe, a condessa?

Então ela olhou a mulher que estava atrás dele. A condessa de Fontbridge estava tão gorda e

formidável que quase parecia um anão ao lado de seu filho, mais por sua obesidade e força de sua presença do que por sua altura.

—Lady Fontbridge —disse.

—Mademoiselle Halard. — A condessa nem sequer tratou de dissimular a hostilidade de sua face, nem a dureza de sua voz.— Vejo que voltou a Londres. Quando decidir oferecer outro concerto no futuro, lorde Sinclair, talvez fosse conveniente que divulgasse a identidade dos intérpretes a seus convidados, para que eles pudessem decidir sobre se vale a pena assistir ou não. Mas nessa ocasião é bem possível quem nem eu nem meu filho teríamos imaginado que a senhorita Frances Allard fosse a mesma mademoiselle Françoise Halard, com a qual em outros tempos tivemos uma desafortunada relação.

—Françoise —disse o conde, olhando-a como se não tivesse ouvido o que sua mãe acabara de dizer— Aonde estava? Você desapareceu, teve algo a ver com...?

—Vamos, Charles — o interrompeu sua mãe, colocando firmemente a mão em seu braço—. Nos esperam em outro lugar. Tenha uma boa noite, lorde Sinclair.

Intencionalmente ignorou Frances.

Depois de dar uma longa e doída olhada em Frances, Charles se deixou levar por sua mãe, cujas plumas se agitavam indignadas em sua cabeça enquanto caminhava muito reta pela sala sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.

— Um de seus atrozes momentos de pesadelos que ganham vida, Frances? — perguntou lorde Sinclair—.Ou deveria dizer Françoise? Suponho que Fontbridge é um noivo rechaçado de seu passado?

—É melhor eu ir —disse ela—. Creio que minhas tias estão desejando voltar para casa. Tudo isso foi muita agitação para elas.

—Ah, sim claro. Isso é o que faz melhor, Frances. Mas talvez eu possa animá-la um pouco mais, levando-a para ver lady Lyle.

— Está aqui?

Frances surpreendeu quando começou a rir. A única coisa que faltava para completar o desastre desta noite, seria descobrir que George Ralston também estava alí.

—Pensei que ela gostaria de ouvi-la —explicou ele—. E que você gostaria de voltar a vê-la. A convidei.

—Sim? —Olhou-o sorrindo—. Deveras? Não ocorreu a você pensar que eu a havia visitado antes de hoje se tivesse desejado ter uma terna reunião com ela?

Ele suspirou audivelmente.

—Recordo —disse—, que em certa estrada coberta de neve ha vários meses a informei que ia ter que ir comigo em meu coche e você se negou terminantemente. Nesse momento, Frances,

cometi o maior erro de minha vida. Cedi a um impulso cavalheiresco, bem a contragosto, e fiquei a discutir. Deveria haver seguido, deixando-a abandonada a sua própria sorte.

—Sim —disse ela—, deveria. E eu deveria ter me mantido firme em minha primeira decisão.

—Desde então cada um tem sido um pesadelo para o outro —disse ele.

— Você tem sido meu pesadelo.

— E você não tem sido outra coisa que doçura e luz para mim, suponho.

—Nunca desejei ser nada para você. Sempre me mantive firme nesse ponto.

—A exceção de uma memorável noite, quando uniu seu corpo com o meu e três vezes, Frances. Não creio que foi uma violação.

Ai Deus, pensou ela, estavam brigando diante de toda essa gente que enchia o salão de baile. E acabava de ver a lady Lyle, sentada um pouco afastada dos demais, no salão. Estava tão elegante como sempre, seu distinto cabelo prateado recolhido sobre a cabeça e decorado com plumas. Também se via ligeiramente divertida, seus olhos fixos nela.

— Não tenho nenhum desejo de falar com lady Lyle —disse—. E não tenho nehum desejo de continuar aqui mais tempo. Vou reunir-me a minhas tias. Obrigada pelo que fez por mim esta noite, Lucius. Compreendo que pensou que me comprazeria, e por alguns momentos foi um prazer. Mas vou voltar a Bath dentro de alguns dias. Este é um adeus.

Ele arqueou uma sobrancelha outra vez e sorriu. Mas apesar do sorriso, ela notou tristeza em seus olhos, uma tristeza semelhante a que ela sentia em seu coração.

—Outra vez? —disse ele—. Isto não está se tornando algo tedioso, Frances?

Ela poderia havê-lo lembrado que esse adeus não seria necessário se ele a tivesse deixado em paz e se não houvesse sugerido a tia Martha que a chamasse a Londres, supostamente o leito de morte de tia Gertrude.

—Adeus —disse, e só quando a palavra saiu de seus lábios deu-se conta de que a havia susurrado.

Ele inclinou a cabeça várias vezes e logo girou bruscamente sobre seus calcanhares e saiu do salão de baile.

Frances o observou sair, pensando se esse seria enfim o final.

Mas como poderia não sê-lo?

A condessa de Fontbridge sabia que havia voltado a Londres.

Charles também sabia.

E também lady Lyle.

Não levaria muito tempo para George Ralston descubrir também.

A única coisa que esperava era que Bath continuasse sendo um refúgio bastante seguro.

Capítulo 22

Lucius tinha toda a intenção de cumprir sua promessa de deixar Frances sair de sua vida desta vez. Havia deixado muito claros para ela seus sentimentos e intenções; havia feito todo o possível para que ela reconhecesse que não lhe era indiferente; inclusive teve a intenção de ser generoso e favorecer sua profissão como cantora, como deveria ser há muito tempo, ou quando não pôde fazer nada para favorecer um romance entre eles.

Mas ela se mantivera obstinada.

Não tinha outro remédio que deixá-la ir, a não ser que estivesse disposto a fazer-se de tolo mais do que já havia-se feito.

Simplesmente tinha que manter-se ocupado com os planos de casamento.

Seu casamento! Deus misericordioso!

Mas quando se encontrou sentado essa tarde no salão, com Porta e sua mãe que estavam de visita, justamente no dia seguinte ao concerto, sentiu-se enganado em lugar de ditoso ou pelo menos resignado.

Acabava de chegar em casa com Amy, depois de uma visita a Torre de Londres, e colocou a cabeça pela porta do salão para informar sua mãe que os esperava para o jantar. Nesse instante se maldisse por não haver perguntado antes aos criados se sua mãe estava com alguém. Maldição, ainda que silenciosas, não precisavam de fundamento. Estavam todas alí: sua mãe, Margaret, Caroline e Emily, com lady Balderston e Porta. Sim e havia também Tait, que olhava tristemente para a porta, como se esperasse que alguém o resgatasse, ele poderia haver-se retirado depois de uma breve troca de banalidades. Mas ficou com pena de abandonar seu cunhado a esse destino solitário.

E assim, dois minutos depois, estava sentado no sofá ao lado de Porta, com uma xícara de chá nas mãos con una taza de té en las manos.

Ele havia interrompido uma longa conversa sobre chapéus. Olhou para Tait e trocou com ele uma careta quase imperceptível quando a conversa retornou.

Mas, uma vez que se havia dito tudo que era possível dizer sobre o tema, Porta se voltou para ele.

—Mamãe explicou a lady Sinclair que na realidade foi um erro permitir que Amy assistisse ao concerto ontem a noite — disse ela.

No mesmo instante ele ficou irritado.

—Ah, sim?

—Na realidade tudo isso foi um erro —continuou ela—, e sem dúvida será uma vergonha para você nos próximos dias. Mas suponho que não sabia, e essa será sua defesa. Será minha defesa para

você. Os erros não tem por que serem desastrosos, a não ser que nos neguemos a aprender com eles. Estou segura de que aprenderá a ser prudente, Lucius, sobretudo quando tiver alguém com mais sensatez para aconselhá-lo.

Ele a olhou com as sobrancelhas arqueadas. De que demônios estava falando? E lhe oferecia sua sensatez como futura conselheira? Mas claro. Ainda que na realidade não a oferecia, mas dava-a «certamente».

—E no futuro deverá escolher com mais cuidado o talento musical de seus intérpretes —continuou ela amavelmente—. Deveria haver comprovado melhor as credenciais da senhorita Allard, Lucius, ainda que deveria-se dar por certo que uma professora de escola fosse respeitável. Mamãe, papai e eu a consideramos quando pedimos a você que nos apresentasse.

Todos estavam escutando, logicamente, mas pelo visto estavam conformados em deixar que Porta falasse.

Lucius entrecerrou os olhos. A irritação já estava superada. Estava sentindo algo muito mais perigoso. Mas manteve seus sentimentos dominados.

— E o que é exatamente, Porta, que não faz respeitável a senhorita Allard? Que tipo de fofoca tem escutado?

—Realmente não creio, lord Sinclair —disse lady Balderston, com a voz tensa de indignação reprimida— que nos possa acusar de sermos tão vulgares para fazer caso de fofocas. Nós ouvimos dos próprios lábios de lady Lyle ontem a noite. Lady Lyle cometeu um erro há alguns anos de ter a amabilidade de dar um lugar a essa moça francesa que agora se faz passar por inglesa.

— E esse é o pecado da senhorita Allard, senhora? —disse Lucius arqueando as sobrancelhas— .Que algumas pessoas pronunciem seu nome Halard? Que teve um pai francês e uma mãe italiana? A plantaram aqui quando era um bebê para que quando crescessec fosse uma espiã francesa? Que emocionante seria isso! Talvez devêssemos sair correndo para capturá-la e mantê-la encarcerada na Torre de Londres a esperar seu destino.

Tait transformou seu riso contido em um exercício de limpar a garganta.

—Lucius, este não é o momento para frivolidades —disse sua mãe.

— Alguém disse que era? —perguntou ele virando-se para olhá-la, e observou que Emily, que estava mais atrás, estava olhando com olhos risonhos com sua covinha na bochecha em plena vista.

— Pois eu gosto da pronúncia francesa de seu nome —disse Caroline—, e me estranha que tenha trocado.

— A verdade é, Lucius —disse Porta—, que lady Lyle se sentiu obrigada a expulsar de sua casa a senhorita Allard porque se associava com pessoas inconvenientes e cantava em festas privadas do tipo que nenhuma dama respeitável deveria sequer saber e muito menos participar, e estava ficando com uma reputação escandalosa. Quem sabe em que mais estava metida.

—Porta, querida —disse sua mãe —, é melhor não falar dessas coisas.

—É doloroso fazê-lo, mamãe —reconheceu Porta—, mas é necessário que Lucius saiba o quão perigosamente cercou de escândalo lady Sinclair e suas irmãs noite passada. A verdade deve ser dita suavemente ao conde de Edgecombe, que está repousando em sua cama esta tarde. Confiaremos na discrição de lady Lyle, que não lhe dirá nada do que nos disse. E suponho que nós nos calaremos. Ela nos fez jurar que guardaríamos segredo, mas de qualquer modo nós nem sonharíamos em dizer nada a ninguém.

— A fez jurar que guardaria segredo. —disse Lucius, com os olhos entrecerrados outra vez.

—Ela não queria que alguém suspeitasse que sua pupila a enganou em outro tempo, não é? Mas pensou que mamãe e papai deviam saber. E que eu devia saber.

—Por quê? —perguntou Lucius.

Por um momento Porta pareceu quase confusa. Mas se recuperou em seguida.

—Sabe, suponho, que seja pela íntima conexão entre nossas famílias, Lucius.

—Me estranha —disse ele—, que não tenha falado simplesmente comigo.

—O que eu creio —intercedeu Margaret— é que lady Lyle ficou aborrecida por não poder reclamar para ela nada da glória da interpretação da senhorita Allard ontem a noite e idealizou uma maneira de introduzir um malévolo mexerico em nosso círculo familiar para que cortemos nossa relação com ela. Creio que tudo isso é um montão de besteiras.

—Eu também Marg —disse Emily—.A quem importa o que fez a senhorita Allard em outro tempo?

—Para mim seria uma honra voltar a acompanhá-la em qualquer momento —disse Caroline—. Me estranha que quisesse repetir essa besteira, Porta.

—Ah, mas devemos agradecer lady Balderston e Porta por nos informar do que ouviram —disse lady Sinclair, sempre tão diplomática—. Melhor isso que descobrir que se murmura em nossas costas. Mas parece que a senhorita Allard corrigiu qualquer defeito que havia em sua natureza quando vivia com lady Lyle, e isso é muito honroso. Estarei eternamente feliz de não haver perdido a oportunidade de ouvir sua gloriosa voz ontem a noite. Talvez, Emily, alguém queira outra xícara de chá.

Lucius se levantou bruscamente.

— Vai sair, Lucius? — perguntou sua mãe.

—Sim. Acabo de lembrar que devo ir visitar a senhorita Allard.

—Para agradecê-la pessoalmente por ontem a noite? — perguntou sua mãe—. Isso me parece muito conveniente, Lucius. Talvez seu avô queira acompanhá-lo se já levantou-se de seu descanso da tarde. Inclusive Amy...

—Irei só —disse Lucius—. Já agradeci a ela ontem a noite. Hoje tenho outra missão.

Interrompeu-se, mas já era demasiado tarde para não completar o que havia começado a dizer; todos, sem exceção, estavam olhando para ele com expectativa.

—Irei pedir a ela que se case comigo —disse.

Mesmo que o assoalho do salão estivesse coberto de parede a parede com um grosso tapete, poderia ouvir-se o som de um alfinete caindo quando ele saiu da sala.

E bem, que demônios acabara de fazer? Pergunto-se quando subia de dois em dois os degraus da escada para ir ao seu quarto.

Havia aberto a boca e metido os pés pelas mãos.

Mas o problema era que nem sequer lamentava.

Frances passou a manhã muito ocupada. Não havia imaginado que seria assim depois de todo torvelinho de emoções, prazer e aflição da noite passada. E afinal, havia passado quase toda a noite sem poder dormir.

Mas suas tias ficaram até tarde na cama, por isso estava só tomando o café da manhã, quando lhe entregaram a carta de Charles.

Desejava voltar a vê-la e suplicava um encontro com ela; lhe dizia que nunca entendeu por que sumiu sem dizer uma palavra, que era certo que haviam discutido em seu último encontro, mas que depois sempre resolviam suas diferenças. Que ele não estava aborrecido com ela, se isso era o que temia, que via que havia se redimido depois que saiu de Londres; tinha entendido que ela estava ensinando discreta e respeitavelmente em Bath desde então.

Dobrou a carta e a deixou a um lado de seu prato. Mas lê-la havia evaporado seu apetite por culpa das recordações.

Estava no começo da temporada em que fez sua apresentação em sociedade quando conheceu o conde de Fontbridge, e não tardaram em apaixonar-se. Ele desejava casar-se com ela, mas dizia que levaria um tempo fazer com que sua mãe aceitasse a filha de um imigrante francês. Mas justamente então morreu seu pai, então ele teve que reconciliar-se com sua mãe porque ela não possuía nenhuma fortuna. Depois veio o problema de que ele considerava que sua futura esposa não devia ser conhecida como uma pessoa que cantava para ganhar a vida. Entretanto, ao mesmo tempo ela duvidava que alguma vez ele considerasse o momento e as circunstâncias adequados para que se casassem, também começou a deixar de amá-lo. Então tiveram uma terrível briga, pelo motivo que ele se inteirou que ela havia cantado em uma determinada festa; ela defendeu seu direito de fazer o que quisesse, pois nem sequer estavam comprometidos oficialmente e no final lhe disse que não queria voltar a vê-lo nunca mais.

E realmente não voltou a vê-lo, até a noite passada. No entanto ela havia feito a promessa de não voltar a vê-lo. Na realidade fez algo pior...

Estava obrigada pela honra a não contestar esta carta.

Tinha ganhado a fama, pensou, de não dar as explicações devidas. Além disso, nos anos seguintes a morte de seu pai, havia cometido muitos erros de julgamento, a inevitável conseqüência de haver sido a mimada e adorada filha de um homem que a protegia, orientava e tomava quase todas as decisões por ela.

Fechou os olhos e pos de lado o prato. Acostumou-se a não refletir nunca sobre esses anos. E estava bem assim. Havia tomado as rédeas de sua vida e se orgulhava do que havia feito dela. Mas claro, é impossível apagar totalmente algo da mente simplesmente pela força de vontade, sobretudo quando esse algo é tão importante como os anos da própria vida mal empregados. Muitas vezes, desejou poder retroceder para fazer as coisas de outra maneira.

Bem, pensou, abrindo os olhos e contemplando a toalha branca, estava de volta em Londres, não? E já era tarde para sair tão sigilosamente como havia entrado, sem ser vista. E todas as pessoas que ela desejava especialmente evitar já a haviam visto: Charles, a condessa de Fontbridge, lady Lyle. Não tinha dúvida de que George Ralston já sabia que ela estava ali.

E se já era tarde para ir sem ser vista, então deveria igualmente deixar de andar com sigilo.

Depois de tudo talvez devesse fazer as coisas de outra maneira, mesmo quando já era um pouco tarde.

Uma hora depois ía pela rua, só e a pé, em direção a casa da condessa de Fontbridge. Não era a hora em que costumava-se fazer as visitas sociais, mas essa não seria uma visita social.

Quando a fizeram passar pelo portão da casa do conde em Grosvenor Square, perguntou se a condessa estava em casa e entregou ao mordomo a carta que Charles havia escrito para ela, com a ordem de que a entregasse em mãos. O mordomo a deixou esperando no vestíbulo, mas ela supunha que a condessa se negaria a recebê-la. Passados alguns minutos a levaram a uma sala de estar no primeiro andar.

Não houve nenhum tipo de saudação. A condessa estava de pe diante de uma pequena mesa de escritório, a cabeça inclinada numa pose arrogante e a mãos juntas na altura da cintura. Não a convidou para sentar-se.

— Então achou conveniente romper sua promessa, mademoiselle Halard —disse—. Suponho que tenha vindo aqui esta manhã para oferecer uma explicação. Nenhuma é aceitável. É de se esperar que quando decidiu voltar a Londres também se preparou para aceitar as conseqüências.

—Vim porque uma das minhas tias avós estava bastante doente, senhora—repôs Frances—. Quando aceitei cantar na casa Marshall a pedido do conde de Edgecombe, nao sabia que iam convidar outras pessoas para escutar-me. Minha tia avó está melhor e o concerto já passou. Voltarei à Bath sem demora. Mas não vim aqui para pedir desculpas. Queria dizer que não deveria ter feito o acordo que fiz com você há mais de três anos. O fiz porque me enfureceu que o implacável domínio

que exercia sobre a vida de Charles, a fizesse crer que podia afugentar com dinheiro a mulher com a qual ele queria casar-se. O fiz por cínico ressentimento. Porque então eu não tinha a menor intenção de casar-me com ele. Inclusive havia dito a ele.

— Seu descumprimento do acordo ia ter conseqüências — a recordou a condessa.

E essas conseqüências a estavam preocupando enormemente, mas não queria continuar dominada pelo medo. Talvez Lucius lhe havia feito um favor ao trazê-la a Londres com falsos pretextos. Talvez fosse necessário que ocorresse tudo isso.

—Sim —disse—. E pode fazer efetiva sua ameaça se quiser, senhora. Nao estou em posição de impedi-la, não é? Lhe fiz uma promessa que tinha toda intenção de cumprir. Mas «sempre» e demasiado tempo para qualquer acordo. Sua finalidade era separar-me de seu filho. Que isso já estava feito antes que você me pagasse esta bela soma, nao tem importância. Minha finalidade era pagar algumas incômodas dívidas. Isto já está feito e esquecido. Pronto voltarei a Bath e continuarei la, ensinando. Mas nao prometo nao voltar nunca mais aqui. Não dou nem a você nem a ninguém esse poder sobre mim.

A condessa de Fontbridge a olhou fixamente com os olhos entrecerrados, mas antes que pudesse dizer algo, se é que pensava dize-lo, Frances deu meia volta e saiu da sala.

Sentiu-se um pouco enjoada enquanto descia a escada e saia para a rua e para o ar fresco, e enormemente aliviada que Charles não tivesse feito sua aparição. O mais provável era que não estivesse em casa.

Por um momento quase cedeu a tentação de dirigir seus passos de volta a casa de suas tias. Já havia experimentado mais confusão emocional nessas últimas 24 horas. Menos ainda! Que nos últimos três anos ate antes do Natal. Mas não havia nenhum sentido parar ali.

E ao cabo de um momento a fizeram passar a uma sala de estar muito mais elegante do que a que acabara de deixar. E lady Lyle não estava de pé em uma pose hostil para recebê-la. Estava reclinada em um sofá, acariciando com uma mão um cachorrinho deitado em sua saia e com uma expressão que indicava que se sentia divertida.

—Bem, Françoise —disse, a modo de saúda-la, com sua voz rouca e aveludada tão conhecida—, afinal não foi capaz de ignorar-de, é? Devo sentir-me honrada, filha? Está muito bonita, ainda que essa roupa de usa seja horrorosamente provinciana, e o vestido que usava ontem a noite nao era melhor. E esse cabelo! É para fazer chorar.

—Sou professora de escola, senhora.

Lady Lyle fez seu cão de companhia ficar quieto, pois ele estava latindo pela entrada de uma desconhecida em seu território.

—Isso dizem, Françoise. Que divertido que tenha estado em Bath todo este tempo, e como «professora». Que vida mais atrozmente aborrecida deve ter levado.

—Me encanta ensinar —repôs Frances—. Eu gosto muito desta vida.

Lady Lyle começou a rir fazendo um gesto desdenhoso com a mão.

—A George Ralston interessará saber que você voltou —disse—. A perdoará e restabelecerá, Françoise, ainda que tenha feito muito mal ao desaparecer sem dizer uma palavra. Já havia lhe escrito, intercedendo em seu favor.

— Vou voltar a Bath —disse Frances.

—Tolices, filha. Ah, vamos, sente-se. Me dá torcicolo ter que olhar para cima. Não tem a menor intenção de ir embora. Tem estado tramando seus planos com muito engenho, e conquistou os favores do conde de Edgecombe e de lorde Sinclair, que estiveram em Bath ha pouco, entendi. E tem assegurado o interesse de lorde Heath, graças a eles. Lhe concedo todo o mérito. Levou alguns anos, mas conseguiu. E tenho que dizer que sua voz melhorou; foi impressionante sua interpretação ontem a noite. Mas seus ardis nao a levarão mais longe, sabe? Inclusive sem levar em conta que nao esta livre para aceitar o patrocínio do barão Heath, resulta que está a ponto de perder a seus influentes amigos, Françoise. Uma palavra deixada cair no ouvido de certa dama que esta a ponto de transformar-se na noiva de Sinclair e nos ouvidos de sua mãe e de seu pai, seu único recurso será buscar promoção para sua carreira em outra parte. Ah, e por certo, filha, essa palavra já caiu nestes ouvidos ontem a noite. Nada extremado, nada muito condenatório, a asseguro, mas isso não foi necessário com essa dama. É «muito» puritana, e tem um «muito» firme domínio sobre o pobre Sinclair.

No dia anterior Frances havia se encolhido de medo. Mas essa manhã algo havia se quebrado nela, e se sentia como se voltasse a vida depois de um longo sono semelhante a morte. Se havia acreditado estar livre nessa nova vida que se havia forjado, na realidade nao era livre. Tinha que enfrentar seu passado para sê-lo novamente.

E nao sentou-se.

— Não estou em dívida com você, lady Lyle —disse—, no entanto tenho a impressão que você vai assegurar que eu esteja, para voltar a ter poder sobre mim. Nunca estive em dívida com você, a não ser talvez por minha hospedagem quando vivia aqui, a suas custas, depois que meu pai morreu. Mas lhe paguei essa dívida e muitas vezes. Não tenho nenhuma obrigação com George Ralston tampouco, ainda que não me reste dúvida de que muito rapidamente ele me asseguraria que sou sua escrava por toda vida se ficasse em Londres tempo suficiente para ouvi-lo.

— Escrava! —exclamou lady Lyle, divertida outra vez—. Pobre George! E depois de tudo que fez por você, Frances. Estava bem encaminhada para ser famosa.

—Creio que «de má fama» seria uma expressão mais apropriada —replicou Frances—. Pode dizer o que quiser a senhorita Hunt e a lorde Sinclair, e inclusive a lorde Heath. A mim não importa. Volto a Bath, porque quero, por escolha. Ali está meu lugar, minha profissão e minhas amigas.

—Ai, pobre Françoise. Já não se castigou bastante? —Lady Lyle baixou o cão ao solo, se sentou bem e deu umas palmadinhas no sofá mole—. Venha, sente-se aqui e coloquemos fim nessa tola discussão. Sempre tivemos afeto uma pela outra, não é? E eu adorava seu pai. Todavia deseja sua carreira de cantora angustiosamente, nao tem nenhum sentido negar. Isso ficou perfeitamente claro ontem a noite. Bem, todavia pode recuperá-la, menina tola. Não tinha nenhuma necessidade de abandoná-la e logo fazer planos para recuperá-la com seus próprios esforços. Falaremos com Ralston e...

—Agora eu vou —disse Frances—. Tenho outras coisas que fazer esta manhã.

—Ah, fala igual a seu pai. Também era obstinado e muito orgulhoso. Mas tão charmoso e encantador, absolutamente irresistível.

Frances deu meia volta para sair.

— Ralston não gostará nada disso, Françoise —lhe disse lady Lyle—. Nem eu tampouco. E agora sei onde encontrá-la. Imagino que não terei nenhuma dificuldade para descobrir o nome e o endereço da escola onde ensinas e a identidade do presidente do conselho, da diretora, ou de quem quer que seja que a empregue. Bath não é uma cidade grande, e nao creio que haja muitas escolas de meninas lá.

Por um momento Frances se sentiu como se uns dedos de gelo houvessem se estendido para pegá-la. Mas já não era a menina de três anos atrás para assustar-se ante qualquer ameaça.

— A escola da Senhorita Martin fica em Daniel Street —disse secamente sem voltar —. Tenha um bom dia, senhora.

Manteve sua postura reta ate que saiu para a rua; então seus ombros encurvaram-se. Era muito bom ter desafiado descaradamente a condessa de Fontbridge e lady Lyle essa manhã, mas a euforia de faze-lo havia lhe dado uma falsa sensação de segurança. Na realidade seu mundo ameaçava desabar estrondosamente. Agora a condessa de Fontbridge sabia aonde vivia e trabalhava. Também o sabia lady Lyle. E essas duas damas eram capazes de qualquer coisa. Se qualquer delas decidisse complicar sua vida em Bath, ela teria que ir embora de lá. Não que houvesse escondido algum segredo de Claudia. Mas era imprescindível que as professoras de uma respeitável escola de meninas estivessem acima de toda repreensão. Não poderia continuar lá se algum rumor de escândalo a respeito dela chegasse aos ouvidos dos pais das meninas, ou do desconhecido benfeitor de Claudia.

E tudo por culpa do visconde Sinclair! Sem sua intromissão ela nao teria vindo para Londres e nada disso teria acontecido. Não, isso era injusto.

Passou por sua menta ia a casa Marshall. Mas com que fim, pensou. Seri muito indecoroso chegar lá e pedir para falar com o visconde Sinclair.

Seria melhor escrever-lhe. Ele havia causado muitos problemas durante um tempo, mas talvez

merecesse que lhe desse uma explicação completa e veraz de por que se negava a casar-se com ele.

Afinal, estava perdidamente apaixonada por ele. Teria que fazê-lo entender.

Mas não lhe escreveria de Londres, decidiu, a caminho de casa. Senão ele se precipitaria paraPortman Street outra vez para tentar persuadi-la a fazer o que no fundo ele sabia que nao era possível.

Em todo caso, na noite passada havia ficado muito claro que seu compromisso com a senhorita Hunt era iminente.

Esperaria ate estar de volta em Bath, e então lhe escreveria.

Um último adeus.

Sorriu tristemente ao pensá-lo.

Com isso, só ficava por considerar que devia ter respeito por suas tias avós.

Não foi só o cinismo que a induziu a fazer a promessa a lady Fontbridge de que iria embora sem dizer nada a Charles e se manteria distante para sempre. Também foi medo, não tanto por ela como por suas tias avós. Não pode suportar a idéia de que elas sofressem; muitas vezes diziam que ela era como uma filha para cada uma, a pessoa que mais amavam na vida.

Era possível que a condessa decidisse fazer-lhes algum mal.

Quando chegou em casa inteirou-se que suas tias estavam acordadas e se encontravam no pequeno caramanchão na parte de trás do jardim, desfrutando do bom tempo.

Enquanto ía reunir-se com elas, tomou a decisão.

E em menos de três horas estava a caminho de Bath. Já era mais de meio dia. Seria mais sensato esperar até a manhã do dia seguinte, como suas tias tentaram convencê-la, mas uma vez tomada a decisão se sentia quase desesperada por estar de volta em Bath, de volta a cansativa rotina da vida escolar, de volta para suas amigas.

Era quase certo que teria que parar em alguma parte do caminho para passar a noite, mas ela podia pagar. Podia pagar uma noite em uma pousada.

Mas não foi só o desespero por estar em Bath que motivou sua brusca partida. Também foi o desespero por sair de Londres, por afastar-se «dele», antes de viesse com mais pretextos para falar com ela, e ela temia que o faria, apesar de ter afirmado o contrário noite passada. Não suportaria voltar a vê-lo.

Fazia falta a seu coração uma oportunidade para começar a recuperar-se.

Suas tias ficaram desiludidas, logicamente. E o barão Heath?, lhe perguntaram. E sua carreira como cantora? E lorde Sinclair? Certamente que estava apaixonado por sua querida Frances; elas duas haviam chegado a essa conclusão noite passada.

Mas no final aceitaram sua decisão e lhe asseguraram que se sentiam muito contentes que houvesse feito uma longa viagem até Londres somente para vê-las e que tenha ficado quase toda a semana.

Insistiram em enviá-la de volta em seu coche.

E assim, depois das longas e chorosas despedidas e fortes abraços, já estava a caminho.

Na realidade a viagem era bastante parecida com a que havia começado tudo depois das férias do Natal, pensou, quando as ruas de Londres iam dando espaço ao campo e tratava de encontrar uma posição cômoda no carro; se sentia cansada até a medula dos ossos. Era conveniente talvez que tudo acabasse assim.

Mas desta vez não havia neve.

E desta vez nao havia nenhum Lucius Marshall que apareceria atrás dela em um coche mais rápido.

Derramou muitas lágrimas de auto compaixão, depois as secou firmemente com o lenço e soou o nariz.

Capítulo 23

Se continuasse insistindo em desentender-se com Frances Allard, decidiu Lucius, ficaria igual como se houvesse moído os dentes até as raízes.

Chegou a casa de Portman Street, totalmente disposto a dar-lhe uma tremenda surra, para enteirar-se de que ela havia ido embora há apenas meia hora. Então teve que passar dez minutos completos com suas muito chorosas tias avós, que declararam que ele devia ter chegado antes para persuadir sua queridíssima Frances a ficar mais tempo. Mas ela decidiu que já estava há muitos dias ausente da escola e que devia partir imediatamente, mas seria impossível chegar a Bath ainda hoje.

— A enviou em seu carro, então, senhora? —perguntou ele, dirigindo-se a senhora Melford.

— Mas é claro. Não podíamos permitir que que ela viajasse com todos os inconvenientes de uma diligência , lorde Sinclair. É nossa sobrinha e nossa herdeira.

Pouco depois ele saiu. E isso deveria ter sido tudo.

Fim da história.

Adeus.

Fim.

Mas claro, depois de sair do salão da casa Marshall com tanto estardalhaço e intenso dramatismo, totalmente improvisado e sem ensaio prévio, seria um tanto quanto ridículo voltar lá e anunciar que abandonara seus planos de propor casamento a Frances Allard porque ela já havia partido da cidade.

Propor-lhe casamento, mesmo depois que ela o rechaçou uma vez e desde então não dera sinais de ter mudado de opinião.

Sim, parecia estar sofrendo de uma demência grave e incurável.

Quando chegou a casa Marshall subiu de dois em dois os degraus da escada para ir a seu quarto, ao menos era essa a sua intenção. Mas encontrou-se com uma verdadeira muralha de pessoas no primeiro degrau; deviam tê-lo visto chegar pela janela do salão e saíram para interceptá-lo.

Meio que esperou ver Porta entre elas, mas não estavam nem ela nem lady Balderston. Mas sim o resto, com exceção de seu avô; inclusive Amy estava.

—E bem, Luz? —lhe perguntou Amy quando ainda faltavam seis passos para chegar até ele. — Ela disse que sim? Sim?

— Cale a boca, Amy —disse severamente sua mãe — Lucius, o que você fez?

— Saí em uma busca inútil —contestou ele—. Não estava lá. Está a caminho de Bath.

—Jamais em minha vida havia me sentido tão constrangida —disse sua mãe —. Porta não o aceitará agora, sabia? Lady Balderston não o permitirá, tampouco lorde Balderston, imagino, quando inteirar-se do ocorrido. E no caso de que eles o permitam, creio que ela não o aceitará. Se portou com muita dignidade depois que você partiu e inclusive deu conselhos a Emily sobre o vestido que deveria usar para o baile dos Lawson amanhã. Mas você a humilhou diante de quase toda sua família.

Ele chegou ao degrau e Tait deu um passo para o lado para deixá-lo passar; inclusive deu seu apoio através de um sorriso secreto.

— A humilhei, mamãe? —disse então — Como? Dando-lhe a entender que é uma mexeriqueira ? Talvez eu deveria ter tido mais tato, mas não disse outra coisa que a verdade.

— Totalmente de acordo —disse Emily—. Como se eu não fosse perfeitamente capaz de escolher meus vestidos.

— Eu nunca simpatizei muito com lady Lyle — acrescentou Margaret—. Sempre tem um meio sorriso no rosto. Me inspira desconfiança.

—Vamos, calem-se —disse a viscondessa—. Se mostra teimoso propositalmente, Lucius. Sabe muito bem que Porta esteve esperando sua proposta de casamento todo o mês passado ou mais. Todos estamos esperando.

—Então todas tem estado equivocadas. Prometi escolher uma esposa nesta primavera, mas não a Porta Hunt.

Amy bateu palmas.

—Me alegra, Luz —disse Caroline—. Não gostei da atitude de Porta nesta primavera. Não gostei «dela».

— E acredita que a senhorita Allard é uma opção conveniente? —perguntou sua mãe,

carrancuda.

— Não vejo por que não, a não ser por ter-me rechaçado mais de uma vez.

—O quê?! —exclamou Emily.

—Está louca?! —exclamou Margaret.

Tait fez um gesto de pena.

—Ah, não, Luz, não! —exclamou Amy—. Ela não faria isso.

—Vamos, calem-se todos —insistiu lady Sinclair—. Vão despertar seu avô.

— Ainda está dormindo? —perguntou Lucius.

— Temo que tenha se exigido demais e esgotou suas forças. —respondeu sua mãe —. Não estava nada bem hoje. E agora isso. Lhe causará um grande pesar. Tinha posto seu coração em que se casaria com Porta. Tem certeza que não atuou com mais precipitação que de costume esta tarde, Lucius? Talvez se fosse a Berkeley Square e se desculpasse...

—Não farei nada disso. E enquanto sigo aqui falando estou perdendo um tempo valioso. Perdoem-me, mas tenho que ir trocar de roupa. Meu tílburi deverá estar na porta dentro de meia hora.

—Aonde vai? —lhe perguntou sua mãe, entristecida.

— Atrás de Frances, obviamente —contestou ele começando a subir o lance de escada seguinte.— Aonde mais?

Ouviu os entusiasmados vivas de Amy até que sua mãe a fez calar-se.

Doíam todas as partes do corpo de Frances. Era impossível encontrar uma posição cômoda no duro assento do coche. E cada vez que pensava ter encontrado uma, o veículo dava um salto ou uma sacudida sobre um buraco, e voltava a pensar se alguma vez esse coche havia tido boa suspensão, já não tinha mais.

De todos os modos, ao aproximar-se o crepúsculo, se surpreendeu dando cochiladas. Logo estaria escuro e veriam-se obrigados a parar. Havia recusado o oferecimento de suas tias de uma dama de companhia, por causa da respeitabilidade. Não lhe importava viajar sozinha. Não parariam para passar a noite em uma pousada concorrida nem elegante, e sua roupa simples e prática serviria para que o dono da pousada e os demais hóspedes não se sentissem escandalizados porque estava só.

No dia seguinte estaria de volta na escola. Havia descansado pouco, como era lógico. Teria que verificar exatamente o que a professora substituta havia ensinado a suas alunas e depois preparar as aulas para o dia seguinte. Não seria fácil. Nunca jamais havia tido um só dia livre. Mas lhe alegrava a idéia de voltar a estar ocupada.

E com cada dia que passasse iria esquecendo pouco a pouco a gloriosa maravilha do concerto da

noite passada e o terrível momento de seu último adeus a Lucius, até que finalmente transcorreria todo um dia sem pensar nem na altura nem na profundidade das emoções que essa semana havia produzido.

Estava metida no interior de um bloco de neve, escondendo-se de Charles. Estava cantando e sustentando uma nota alta quando lhe lançaram na boca uma bola de neve e viu Lucius sorrindo de orelha a orelha e aplaudindo com entusiasmo. Seu coral das mais velhas estava cantando uma madrigal diante de lorde Heath, mas todas cantavam com vozes monótonas fora do tempo, enquanto ela agitava inutilmente os braços para restabelecer a ordem.

E assim continuou sonhando, muitos sonhos mais, muito nítidos, sem sentido, desordenados, até que de repente despertou sobressaltada quando o carro derrapou e balançou, parecendo descontrolado.

Segurou no desgastado apoio de couro que estava pendurado sobre sua cabeça e esperou que ocorresse o desastre. Ouviu um atronador ruído de cascos de cavalos e gritos e então viu os cavalos, vinham na mesma direção de seu carro. Eram de um tílburi de cavaleiro, observou, arregalando os olhos de indignação. Um tílburi no caminho para Bath? E viajando a essa velocidade criminosa? Ia seguindo como um raio por esse trecho do caminho que era particularmente estreito. E se viesse outro carro em sentido contrário?

Encostou o rosto no vidro da janela para ver o cocheiro sentado em seu elevado assento. Vestia-se muito elegante, um paletó longo de montar cor tostado, e uma capa para viagem de couro e um chapéu copa um pouco inclinado.

Com os olhos arregalados, Frances não deu crédito ao que via, não podia estar segura de reconhecê-lo; estava muito mais acima de sua linha de visão. Mas não o moço que ia de pé atrás. Sua expressão era de um desprezo absoluto, e ia gritando algo, seguramente para Thomas, algo que afortunadamente ela não ouvia. Ver-lhe a expressão do rosto bastava para saber que o que gritava não era elogioso.

Não havia se equivocado, então. Se esse homem era Peters, o cocheiro tinha que ser o visconde Sinclair.

Por que será que isso não a surpreendia?

Quando terminou de passar o rápido veículo, se endireitou no assento e fechou os olhos, dividida entre a furia e um ataque de riso totalmente inapropiado.

Ele falava de eliminar a palavra «agradável» do idioma, mas pelo visto já havia apagado totalmente a palara «adeus» de seu vocabulário pessoal.

Não soltou o apoio de couro. Quando Thomas freiou bruscamente o carro, estava bem preparada para as sacudidas e saltos que a haviam catapultado até o acento da frente esmagando-lhe o nariz no respaldo se não estivesse preparada.

Se aproximou da janela e olhou adiante, mas o cenário era muito parecido ao que ela havia esperado. O tílburi, já a cargo somente de Peters, estava atravessado no caminho. O visconde Sinclair vinha caminhando para o carro, os longos fraldões do paletó agitando-se sobre as reluzentes botas e seu chicote de montar golpeando-as. Sua expressão era decididamente carrancuda.

— Se preferisse viajar nas estradas do rei em um carro e não nesta porcaria de charrete velha, Frances —disse, depois de abrir a porta bruscamente —, já poderia ter ido e voltado de Bath. Mova-se.

Frances o olhou impotente, e se moveu.

Ofendia a alma refinada de Lucius ter que viajar nesse fóssil velho. Mas não havia maneira de evitar esse destino; o carro oferecia mais intimidade que seu tílburi, sobretudo levando a Peters, e mais importante ainda, os ouvidos de Peters, atrás. Só lhe restava esperar que nenhum de seus amigos estivesse a caminho de Bath e visse o veículo em que viajava. Jamais se recuperaria da ignomínia.

—Graças a você hoje perdi uma esposa perfeita —disse, fechando a porta e sentando-se ao lado dela; notou que estava firmemente na ponta do assento em lugar de afundar-se comodamente—. E quero uma recompensa, Frances.

Compreensivelmente, ela continuou sentada no lugar, de onde havia se se retirado quando ele se sentou, e o olhou com expressão hostil.

Fora se ouviram muitos gritos mal humorados, presumivelmente Peters e Thomas mencionando suas respectivas genealogias outra vez, e logo Peters empreendeu marcha com o tílburi, tal como lhe havia ordenado, porque então passou um carro em sentido contrário, o cocheiro com o rosto vermelho de raiva, e o carro em que estavam sentados y el coche en que estaban sentados rangeu e seguiu viagem a seu passo de tartaruga.

— A senhorita Hunt o rechaçou? — perguntou ela afinal—. Me surpreende, você confessar. Mas em que sentido sou responsável, se é que posso saber?

—Não me rechaçou —disse ele—. Não teve a oportunidade. Eu anunciei, estando ela e a sua mãe presentes, que ia a Portman Street oferecer-lhe meus elogios e minha mão. Quando descobri que você havia partido e voltei para casa, elas já haviam partido enojadíssimas, e segundo a opinião de minha mãe, Porta já não me aceitará nem que me arraste de quatro, engolindo poeira ou um humilde pastel, ou o que estiver disponível.

— E faria isso se tivesse oportunidade?

— Arrastar-me de quatro? Bom Deus, não. Meu criado de quarto se demitiria no ato, e gosto como ele faz o nó das gravatas. E afinal, Frances, não tenho o menor desejo de carsar-me com Porta Hunt, nunca tive e jamais terei. Creio que preferia estar morto.

—É muito charmosa.

— Sobremaneira. Mas essa conversa nós já tivemos ontem a noite, Frances. Prefiro que falemos de você.

Estava fuxicando, sabia, fazendo brincadeiras de coisas que na realidade não eram nada divertidas. Se dissesse a verdade, não teria nada que fazer aonde estava. Mas isso não ia reconhecer.

—Não há nada que dizer de mim —disse ela—. Creio que será melhor que faça vir seu tílburi e volte para Londres, lorde Sinclair.

—Pelo contrário, há muitíssimo de que falar. Que é uma francesa que se fez passar por inglesa, por exemplo. Como vou saber que não é uma espiã?

Ela estalou a língua.

— Você sabia que sou francesa. Importa que tenha preferido que me chamassem Françoise Halard ou Frances Allard? Não sei, as pessoas esperam que uma francesa seja chamativa, que fale com as mãos, que palpite de emoção. Esperam que seja «estranjeira». Me criei na Inglaterra. Sou inglesa em tudo que importa.

Se tivesse que viajar muitas horas nesse carro, pensou ele, sua coluna poderia sofrer danos irreparáveis, para não dizer o que aconteceria a suas nádegas.

— A libero da suspeita de espiã, então —disse —. Mas o que me diz disso que cantava em orgias antes de transformar-se em professora, Frances?

De pronto voltou a sentir-se triste.E viu que ela tinha os lábios apertados.

—Orgias —repetiu ela em voz baixa.

—Lady Lyle não empregou essa palavra exatamente —explicou ele—. Estava falando com Porta e se sentiu obrigada a moderar sua linguagem. Mas foi isso que quis dizer.

Ela virou a cabeça para olhar pela janela. Não estava usando chapéu, observou ele, que estava no assento em frente. Seu perfil parecia talhado em mármore e sua cor era de mármore também.

— Não tenho por que justificar-me diante de você, quando adota esse tom comigo. Nem sequer quando não adota, se quer saber. Pode descer do carro de minhas tias e voltar para a cidade.

Ele exalou um longo suspiro de exasperação, muito audível.

— Mas não posso, sabe? Simplesmente não posso partir, Frances, enquanto não tiver terminado nossa história. Recordo um livro que li quando era pequeno; era um livro antiqüíssimo, que encontrei na biblioteca de meu avô. Fiquei tão absorvido na história que desejei passar os dias do verão perfeitamente decentes para estar ao ar livre, ficando em casa

bebendo seu conteúdo. E então a história chegou a uma brusca interrupção, faltavam as últimas não sei quantas páginas. Fiquei com a impressão de estar pendurado em um penhasco agarrado pelas unhas, sem a menor esperança que me resgatassem. E nenhuma das pessoas a quem perguntei havia lido o maldito livro. Quando joguei longe o livro, saiu voando pela janela da biblioteca, levando o painel de vidro com ele, o que me custou minha mesada por pelo menos seis meses. Mas jamais esqueci minha ira e frustração. E estas se tem reanimado ultimamente. Gosto das histórias que tem finais claros.

— Não estamos vivendo nas páginas de um livro — replicou ela.

— E portanto a história pode terminar como desejarmos que termine —disse ele —. Já não peço um felizes para sempre, Frances. É necessário dois para um casamento feliz, e até o momento parece que temos o total de um bem disposto. Mas necessito saber os por quês, por que tem me rechaçado, por que noite passada rechaçou uma oportunidade com lorde Heath pela qual muitos músicos matariam. Demônios, Frances, o que aconteceu em seu passado? Que esqueleto tem escondido em seu armário?

Ela quase se enterrou em seu lugar.

—Tem razão. Merece uma explicação. Talvez a houvesse dado em Sydney Gardens se tivesse compreendido que sua proposta era séria e que não agia movido simplesmente por um impulso romântico. Deveria ter dito quando me levou para caminhar pelo Hyde Park, mas não disse. Pensava escrever-lhe de Bath, mas agora tenho que dizê-lo pessoalmente.

— De Bath? Por que não de Londres?

—Porque —suspirou ela—, temia que viesse ver-me depois de ler a carta. Temia que não tivesse sensatez suficiente.

Olhou-o e ele sustentou seu olhar; e viu um sorriso brincar em seu lábios.

— Nunca é sensato? — perguntou ela.

— Há um fino limite entre a sensatez e a tolice. Mesmo que não tenha determinado de que lado você está, Frances. Conte-me do esqueleto que tem no armário.

—Ah, há suficiente para encher toda uma mansão cheia de armários. Não é uma coisa só mas sim um montão de coisas. Depois que meu pai morreu fiz um embrolho com minha vida. Mas tive a sorte de poder libertar-me e começar uma nova vida. E é a essa vida que volto agora. E é uma vida em que você não pode estar incluído.

—Porque sou visconde, suponho —disse ele, irritado—, e herdeiro de um condado. Porque vivo grande parte de minha vida em Londres e faço parte da alta sociedad.

—Sim. Exatamente.

—Também sou Lucius Marshall —disse ele, e tive a satisfação de ver brilhar lágrimas em seus olhos antes que baixasse a vista para suas mãos.

O carro fez uma curva no caminho e o sol crepuscular entrou oblíquo pela janela do lado refletindo-se nos cabelos dela.

— Fale-me de lady Lyle — ele disse —. Viveu com ela alguns anos, mas ontem a noite quase me cortou a cabeça quando disse que a tinha convidado para ouvi-la cantar. Depois ela deixou cair umas palavras no fértil ouvido de Porta. Sua intenção só pode ter sido prejudicá-la.

— Gostava muito de meu pai. Creio que estava apaixonada por ele. Talvez, não, provavelmente foi sua amante. Ela patrocinou minha apresentação em sociedade e era atenciosa comigo em outros sentidos também. Quando ele morreu me convidou para morar com ela e a mim pareceu o mais natural. Não creio que quisesse fazer-me nenhum mal, mas meu pai deixou muitas dívidas, algumas com ela. Já estava totalmente arruinada, mas tinha esperanças de fazer um casamento vantajoso.

—Com Fontbridge —disse ele.

Ela assentiu.

Fontbridge era um tipo pusilânime, apegado as saias de sua mãe. Era difícil imaginar Frances apaixonada por ele. Mas claro, era tremendamente difícil entender qualquer coisa que ela fizesse. Afinal, isso acontecera há vários anos. E Fontbridge tinha uma maneira que parecia despertar o instinto maternal de algumas mulheres.

—Me incomodava depender totalmente de lady Lyle —disse ela—. Lhe agradeci e me senti muito feliz quando me apresentou a um homem que estava disposto a patrocinar e organizar minha carreira como cantora. E ele foi me elogiou muito e me disse que estava seguro que me daria fama e fortuna. Firmei um contrato con ele. Me parecia um sonho feito realidade. Poderia trabalhar como cantora, poderia pagar todas as dívidas de meu pai e poderia casar-me com Charles e viver feliz para sempre. Era uma crença muito ingênua, tem que entender. Havia levado uma vida muito protegida e resguardada.

—Quem? —perguntou ele —Quem era esse patrocinador?

—George Ralston.

— Maldita seja, Frances! Esse homem tem uma profissão de enganar desvalidas e tolas. Você não sabia? Mas claro que não sabia. Lady Lyle sabia?

—Ela me disse que cantar me permitiria pagar o que meu pai ficou devendo e os gastos que haviam incorrido morando com ela. Me senti obrigada pela honra, mas isso foi depois. No princípio estava tão extasiada pensando que por fim ia cantar como havia sonhado, que o dinheiro e as dívidas eram algo muito secundário.

— E assim cantou em orgias —disse ele.

— Em festas. Muito logo me decepcionei. Não podia escolher os lugares para cantar, nem as canções e nem se quer a roupa que usaria; o contrato estipulava que Georges Ralston teria o

controle total dessas coisas. E os públicos eram formados quase exclusivamente por homens. Se as festas eram orgias, não sei, mas não me surpreenderia que houvessem sido. Recebi várias proposições através de meu agente, nenhuma delas de casamento, compreenda, e ele procurava persuadir-me de que vinham de homens ricos e influentes que poderiam promover minha carreira mais rápido que ele. Muito logo, vivia dizendo-me, já cantaria em salas de concerto grandes e teria a liberdade para cantar o que quisesse.

—Bom Senhor, Frances. —Lhe segurou uma mão e a segurou firme quando ela tentou retirá-la —. Esse é o terrível passado que tem me ocultado? Que idiota você é, meu amor.

— Continuava circulando na sociedade —continuou ela—. Continuava frequentando as festas da alta sociedade. Mas o rumor já começava a infiltrar-se. Uma vez Charles se inteirou de onde havia cantado e para quem. Me jogou na cara e me ordenou que o deixasse, e tivemos uma briga terrível. Mas ainda antes dessa briga eu já havia decidido que não poderia casar-me com ele jamais. Não era capaz de libertar-se do domínio de sua mãe e já sabia que era frágil de caráter.

E então me disse que de maneira nenhuma poderia cantar em público uma vez que fosse sua condessa.

—Que burro —disse Lucius.

—Mas não seria diferente com você — disse ela, olhando-o fixamente com os olhos entrecerrados, até que o carro deu outra virada em uma curva e deixou o rosto na sombra outra vez —. Se pudesse aceitar o oferecimento de lorde Heath, quer dizer, se não estivesse obrigada por contrato com George Ralston, e se ele tivesse organizado as coisas para cantar em concertos de prestígio na Inglaterra e no Continente, não me desejaria como esposa. Uma viscondessa não faz essas coisas.

—Maldita seja, Frances. Mas estava tão exasperado que não lhe ocorreu nada que dizer.

Em lugar disso, segurou-a pelos braços, a beijou na boca e a estreitou fortemente até que ela relaxou e correspondeu ao beijo.

—Sempre supõem que me conhece muito bem — disse, quando finalmente afastou o rosto —. Com freqüência sou um tipo impulsivo, desmedido, Frances, mas teria que estar louco para pedir-lhe que se casasse comigo e logo organizar um concerto para que Heath a ouvisse cantar, se pensasse que ter a carreira que deveria ter como cantora e casar-se comigo eram atividades mutuamente excludentes. Diabos, tem feito muitíssimo por nada.

—Nunca me senti uma nada —disse ela amargamente, afastanso-se e voltando para seu lugar —. As dívidas que meu pai deixou eram maiores do que eu pensava, havia firmado um contrato do qual nunca poderia livrar-me, e lady Lyle se tornou menos agradável quando comecei a queixar-me.

—Um contrato. Que idade tinha, Frances?

—Dezenove. Importa isso?

—Pois claro que importa. Vale tanto quanto papel molhado. Era menor de idade.

—Ah. Não pensei que importava. — colocou as mãos nas bochechas por um momento e moveu a cabeça—. As coisas iam de mal a pior. E então ocorreu o pior de tudo. Depois de brigar com Charles fui ver a condessa de Fontbridge. Não sabia nada da briga, mas estava resolvida a separar-nos. Me ofereceu dinheiro, uma boa soma, se aceitasse partir de Londres sem dizer uma palavra a Charles e não voltasse nunca mais.

Ele a olhou incrédulo e também com uma expressão parecida com um sorriso.

— E aceitou o dinheiro?

—Sim. Me senti muito furiosa. Mas afinal, não tinha outra alternativa que fazer a promessa, ao menos eu acreditava que não tinha. E então pensei: por que não? Por que não pegar o dinheiro mesmo quando não tinha a menor intenção de casar-me com se filho? Assim aceitei. Necessitava desse dinheiro para libertar-me, e assim justifiquei minha decisão. Entreguei todo o dinheiro a lady Lyle, e depois meti minhas coisas em uma maleta e saí de casa naquela noite aproveitando que ela estava em uma festa. Não tinha nenhum plano, mas no dia seguinte vi o anúncio de um cargo de professora na escola da senhorita Martin; o solicitei e um dia mais tarde seu agente em Londres aceitou enviar-me a Bath para uma entrevista. Necessitava partir, Lucius, e parti. Não havia nada para mim em Londres. Me acreditava atada a um contrato que era aborrecido, estava a ponto de estourar o escândalo em torno de mim, e tanto lady Lyle como lady Fontbridge poderiam desencadeá-lo em qualquer momento. Parti, esperando contra toda esperança ter a oportunidade de começar de novo, de ter uma vida melhor. E por incrível que possa parecer, eu consegui. Desde então tenho sido feliz. Até que conheci você.

—Ah, meu amor. —Voltou a segurar sua mão, mas desta ela logró retirá-la.

—Não, não entende —disse, justo no momento em que o carro dava uma virada brusca para entrar no pátio do estábulo pedrogoso de uma pousada rural, onde Peters já estava de pé junto ao tílburi—. Não sabe por que tive que fazer essa promessa a condessa de Fontbridge. Ela sabia algo que lady Lyle lhe contou, algo que eu não sabia. Suponho que lady Lyle queria assegurar-se de que eu não me casaria com Charles, porque então deixaria de cantar e de pagar-lhe grandes somas de dinheiro por dívidas que muito possivelmente eram invenções suas. Mas a única coisa que me importava era que minhas tias avós não descobrissem nunca a verdade. As faria sofrer insuportavelmente, eu acreditava.

Ao que parece não notara que o carro havia parado. Lucius levantou uma mão para impedir que Peters abrisse a porta.

—Não sou quem acredita que sou. — disse ela.

—Nem Françoise Halard nem Frances Allard? —preguntou ele em voz baixa.

—Não sou nem francesa nem inglesa. Minha mãe era italiana e meu pai também, que eu saiba. Na realidade não sei quem era, ou é.

Ele contemplou seu perfil quando ela abriu as mãos sobre a saia e as olhou.

—Minha mãe era cantora —continuou ela—. Meu pai se apaixonou e se casou com ela mesmo quando já estava grávida de outro. Depois que ela morreu, no ano em que eu nasci, me trouxe para a Inglaterra com ele e me criou como sua filha. Nunca me disse uma palavra da verdade; a soube pela primeira vez naquela ocasião, há mais de três anos.

— Está certa, então, de que é verdade?

Ela sorriu olhando para as mãos.

— Suponho que uma parte de mim sempre pensou que talvez fosse uma cruel invenção. Mas minhas tias avós me confirmaram hoje. Antes de partir lhes disse a verdade, e então descobri que meu pai já havia dito a elas duas quando chegou a Inglaterra comigo. Sempre souberam.

Estava chorando, compreendeu ele, ao ver em sua saia uma mancha de umidade que escurecia o tecido. Lhe passou um lenço, ela o segurou e enxugou seus olhos.

—Assim pode ver, que não posso casar-me com ninguém de nível elevado. Não posso casar-me com você. E antes que se precipite a contradizer-me Lucius, pare para pensar. Você fez uma promessa à seu avô, a toda sua família na realidade. Eu os conheci e o vi com eles. Sei que lhes tem afeto. Mais que isso, que os ama. E sei que você é motivado com mais freqüência pela impetuosidade do que pelo amor. Você é uma pessoa mais preciosa do que pensa, creio. Pelo bem de sua família, não pode casar-se comigo.

E então, absurdamente, ele teve gana de chorar. Seria certo isso? Talvez não fosse o perdido que as vezes acreditava ser?

« Sei que você é motivado com mais freqüência pela impetuosidade do que pelo amor.»

— Já está quase escuro —disse—, e se esta pousada não oferecer uma torta de carne decente para o jantar vou sentir-me terrivelmente mal. Suponho que você está disposta para uma xícara de chá?

Ela assoou o nariz e olhou ao redor, como se só nesse momento se desse conta de que o carro não ia balançando pelo caminho.

—Ah, Lucius —riu trêmula—. Duas xícaras seria melhor.

—Só uma coisa —disse ele antes de dar sinal a Peters para que abrisse a porta —. Por esta noite somos o senhor e a senhora Marshall. Não vamos escandalizar os donos da pousada chegando no mesmo carro e depois anunciando-nos como o visconde Sinclair e a senhorita Allard.

Não lhe deu oportunidade de contestar. Desceu do carro de um salto e virou-se e estendeu-lhe a mão para ajudá-la a descer.

— Já começava a pensar, chefe — disse Peters— que ia ter que esperar até altas horas da madrugada para atrair a atenção do velho Thomas para que entrasse aqui em lugar de seguir balançando.

Lucius não fez o menor caso da graça.

Capítulo 24

—Importa, Lucius —disse ela—. Importa, de verdade.

—De verdade, não importa—disse ele, olhando-a exasperado—. Bom Deus, Frances, se tivesse dito tudo isso quando estávamos em Sydney Gardens, isolados pela chuva, já poderíamos estar casados e começando a viver felizes para sempre.

—Não poderíamos — disse ela, ainda que tudo fosse dor em seu coração —. Nunca pára para «pensar», Lucius.

Tiveram que interromper a discussão. Estavam em uma sala de jantar pública, pois não havia salões reservados na pousada. Os únicos outros hóspedes presentes formavam um grupo em outro extremo, e estavam concentrados na conversa, mas acabava de chegar o dono da pousada com a comida, carne assada com verduras. Frances lamentou não haver pedido somente chá e pão com manteiga.

Lucius estava muito composto e elegante; havia trocado de roupa para o jantar e feito a barba. E essa última atividade a realizou na frente dela, enquanto estava sentada na enorme cama do quarto que compartilhavam, com os braços ao redor dos joelhos. mientras estaba sentada en la enorme cama de la habitación que compartían, con los brazos alrededor de las rodillas. Ele havia tirado a camisa.

Essa cena era quase sufocante por causa da intimidade. E pode contemplar todos os ondulantes músculos de seus braços, ombros e costas. Sim, ele tinha uma figura esplêndida. E não que sua contemplação fosse puramente científica; enquanto o olhava se sentia terrivelmente consciente dele sexualmente. Também estava muito consciente de que passariam a noite juntos nesse quarto, e nessa cama. Nem lhe passou pela mente horrorizar-se.

—Se importa que Allard, ou Halard, suponho, não fosse seu verdadeiro pai? — perguntou Lucius quando o dono da pousada já havia se afastado, segurando seu garfo e faca e começando a cortar a carne.

—No princípio me importava muitíssimo e me inclinava a não acreditar. Mas não parecia o tipo de coisa que pudesse ser inventada por lady Lyle. Era ambiciosa e de vez em quando malévola, mas não me parecia que fosse má. Depois, quando já tinha me recuperado da primeira impressão, compreendi que o imenso amor que ele sempre derramou sobre mim era mais precioso ainda do que eu havia acreditado, já que eu nem sequer era do seu sangue. Mas me importava em outros sentidos. Eu era uma impostora na sociedade. Não poderia haver-me casado com Charles nem que ainda o amasse. E isto continua valendo agora, não é somente algo do passado; não posso casar-me com você.

Levou o garfo com comida à boca e então descobriu que mastigá-la era quase impossível.

— De verdade é tão ingênua, Frances? Muitos membros da alta sociedade não têm os pais que declaram ter. Não ouviu dizer que uma vez que a mulher tenha dado um herdeiro a seu marido e outro de reposição pode começar a desfrutar de sua vida da maneira que quiser, sempre que seja discreta? Há muitas mulheres da boa sociedade que fazem isso com grande entusiasmo e presenteiam seus maridos com bem sortidos filhos que eles não puderam gerar. O que disseram suas tias avós sobre isso?

—Me disseram que a primeira vez que me viram, eu era um bebê de olhos grandes e que se apaixonaram por mim no mesmo instante. Me disseram que meu pai lhes disse a verdade sobre mim e isso simplesmente não lhes importou em nada. Meu pai era seu amado sobrinho e me reconhecia como sua filha. Assim jamais lhes ocorreu não reconhecer-me como sobrinha neta. Me disseram que eu era a menina de seus olhos.

— Quando fui vê-las esta tarde —disse ele—, me disseram que também é sua herdeira.

—Ah —disse ela, deixando quase sonoramente na mesa o garfo e a faca, já sem querer fingir que comia.

—Não irá chorar outra vez, não é Frances? Se eu soubesse traria uma dezena de lenços limpos, mas não sabia. Não chore, meu amor.

—Não, não vou chorar. Mas há três anos, quando a condessa de Fontbridge foi ver-me com suas ameaças, só pensei nelas. Não podia suportar que soubessem que foram enganadas por todos esses anos. E suponho que não suportaria a idéia de perder seu carinho. Mas hoje quando fui ao caramanchão para dizer-lhes a verdade, me olharam consternadas porque «eu» sabia. Então me abraçaram, me beijaram e me disseram que era uma boba por haver duvidado delas um só momento.

— Está vendo? — disse ele, com o prato já quase vazio —. Estão de acordo comigo, Frances, em quem é uma boba, quero dizer. Nunca compensa ceder a ameaças nem a chantagem. Irei ver lady Fontbridge e lhe darei uma boa bofetada, se quiser, eu o faria se não fosse muito pouco cavalheiresco tratar com essa violência a uma dama.

—Ah, Lucius —riu ela—. Esta manhã fui vê-la e lhe disse que ainda que voltasse a Bath já não me considerava atada pela promessa que fiz há três anos, a não ser a de casar-me com Charles porque nesse tempo eu já não tinha a menor intenção de casar-me com ele.

E depois fui ver lady Lyle e lhe disse que já não me considerava em dívida com ela nem obrigada com George Ralston. Então ameaçou seguir-me a Bath com seus cruéis mexericos, e eu lhe disse o nome da diretora da escola.

O garfo dele ficou suspenso a meio caminho da boca. Lhe sorriu e ela sentiu dar uma volta completa em seu coração dentro do peito.

— Bravo, meu amor!

—Lucius — disse ela, suspirando—, está é a terceira ou quarta vez que me chama assim na última hora mais ou menos. Deve deixar de fazô-lo. De verdade, deve. Necessita concentrar-se em cumprir a promessa que fez a seu avô. Se a senhorita Hunt já não é uma candidata, tem que encontrar outra.

— Já a encontrei.

Ela voltou a suspirar.

— Sua esposa deve ser uma mulher aceitável para sua família. Sabe que tem que sê-lo. Fez essa promessa de casar-se tão logo se inteirou de que o conde de Edgecombe estava mal de saúde. Sabe por que fez essa promessa? Porque era seu dever fazê-la? Sim. Creio que o dever significa muito para você. Porque eles querem-no bem você também quer bem a sua mãe e a suas irmãs? Sim. Se comprometeu a casar-se, a estabelecer-se e a ter sua própria família, Lucius, porque você ama a família que o criou nutriu e pensa que lhes deve essa estabilidade em sua vida.

—Vejo que hoje está propensa a atribuir-me todo tipo de motivações sentimentais — disse ele. Seu prato já estava vazio, deixou na mesa o garfo e a faca e segurou seu copo de vinho —. Mas se há verdade no que disse, Frances, também há nisto. Me casarei «por amor». Isso já havia decidido e se põe numa situação difícil, porque te amo e portanto não posso conformar-me com nenhuma outra. No entanto tenho que cumprir uma certa promessa antes que acabe o verão.

Deixou o dono da pousada retirar os pratos. Atrás dele chegou uma camareira com dois pratos de fumegante pudim. Frances fez um gesto indicando que levasse o dela e pediu uma xícara de chá.

—Seu pai a reconheceu desde o momento de nascer, verdade que sim? —disse Lucius quando voltaram a ficar sós —. Estava casado com sua mãe? Deu-lhe seu nome?

—Sim, é claro.

—Então você é legítima. Aos olhos da igraja e da lei é Frances Allard, ou talvez Françoise

Halard.

— Mas nenhum nobre arrogante iria querer casar-se comigo sabendo a verdade — disse ela.

—Bom Senhor, Frances, para que iria querer casar com um nobre arrogante? Isso me parece um destino tremendamente horroroso. Case-se comigo, é melhor.

—Estamos dando voltas no mesmo assunto.

Ele levantou a vista de seu pudim para sorrir-lhe.

—Acabo de me dar conta —disse — que afinal não fez o pudim de sebo com nata para coroar a torta de carne, Frances.

Mas direi isso: aquela torta me encheu tanto, que certamente o pudim seria desperdiçado se o tivesse feito.

Quanto, quanto o amava, pensou ela, olhando-o. Devia ter-se apaixonado quando...

— Acredito —continuou ele— que me apaixonei por você depois de saborear o primeiro bocado daquela torta, Frances. Ou talvez foi quando entrei na cozinha e encontrei você abrindo a massa com o rolo e bateu em minha mão quando eu roubei um pedaço. Ou talvez foi quando a puxei de seu carro, a coloquei no caminho e você opinou que deveriam queimar-me em azeite fervendo. Sim, acredito que tem que ter sido então. Nenhuma mulher havia-me dito antes palavras tão carinhosas.

Ela continuou olhando-o.

—Necessito saber algo, Frances —disse ele—. Por favor, devo sabê-lo. Você me ama?

—Isso não tem nada haver com nada. — respondeu ela, negando lentamente com a cabeça.

—Pelo contrario, tem tudo haver com tudo.

—Claro que te amo, é claro que te amo. Mas não posso casar-me com você.

Ele endireitou as costas, a apoiou no respaldo, seu pudim só meio comido, e lhe sorriu com a expressão com que a olhou antes: os olhos intensos, os lábios apertados, a mandíbula rígida. Talvez não se pudesse chamar sorriso, mas...

—Amanhã —disse— você continuará seu caminho para Bath na velha charrete, Frances. Tem seus deveres como professora lá, e sei que são importantes para você. Eu voltarei a Londres em meu. Tenho deveres que me esperam lá, e são importantes para mim. Esta noite faremos amor.

Ela molhou os lábios e viu que ele seguia com os olhos o movimento de sua língua.

Ela sabia, que ele havia renunciado a discussão.

Seu coração se rompeu um pouquinho mais.

Mas tinham essa noite.

—Sim—disse.

Lucius não podia crer a mudança que continha o feito de amá-la, de amá-la conscientemente,

não só levar para a cama um corpo atraente por ele que havia concebido um forte desejo sexual.

Havia se apaixonado por ela muito rápido, supunha, tal como dissera à ela no jantar. Se não, por que lhe rogou que fosse com ele para Londres quando não tinha nenhum plano e sim todos os motivos para não levá-la? Se não, por que foi impossível esquecê-la nos três meses seguintes a seu rechaço, mesmo quando se convenceu de que ela o havia esquecido? Se não, por que, lhe fez uma impulsiva proposta de casamento em Bath? E se não, por que continuou a perseguindo sem cessar desde então?

Mas em algum momento ao longo do caminho, e era impossível saber quando e por que ocorreu, seus sentimentos por ela mudaram, aprofundaram-se, de modo que já não estava só apaixonado por ela; a amava. A beleza de sua pessoa e de sua alma, esse forte sentido de dever e de honra pelo qual vivia, as vezes equivocado e quase sempre irritante, a maneira que tinha de inclinar a cabeça e olhá-lo com expressão de exasperação e inconsciente ternura, como se sua face se iluminasse de alegria quando se esquecia de si mesma, sua capacidade de entregar-se a diversão, a brincadeira e ao riso, ah, havia cento e uma outras coisas intangíveis que faziam dela a única mulher que havia amado em sua vida, e a única que amaria.

Quando deitaram-se nus no meio da ampla cama do quarto da pousada e rodeou com os braços seu quente e esbelto corpo, estreitando-o contra o dele, comprovou que estava quase tremendo.

A idéia de que todavia poderia perdê-la esteve a ponto de avassalá-lo, assim que colocou os lábios entreabertos sobre os dela e tratou de concentrar-se no momento.

Nesse momento ela estava nua e desejosa em seus braços, e isso era a única coisa que importava.

Nesse momento estavam juntos.

E ela havia reconhecido que o amava. Ele já sabia, sabia em seu coração, mas ela havia dito as palavras.

«Claro que te amo, é lógico que te amo.»

—Lucius —disse ela, com a boca colada a dele —, Faça amor comigo.

Ele afastou o rosto para sorrir-lhe na tênue luz das lâmpadas do pátio do estábulo que entrava pela janela.

—Creio que era o que estava fazendo. Não estou fazendo bem? Notou como seu corpo estremecia todo pelo riso. Como o encantava quando fazia isso.

—Claro que —disse, pondo-a de costas e inclinando-se sobre ela, passando um braço por baixo da cabeça e metendo um joelho entre suas coxas — está muito quente para acariciá-la, Frances. Uma brasa viva. Poderia queimar-me acariciando-a. Não estará doente de alguma febre por

acaso?

Ela voltou a rir, lhe rodeou a nuca e aproximou o rosto para dar-lhe outro beijo, apertando os seios contra o peito dele.

—Creio que sim —disse—, e me parece que a doença vai piorar antes de melhorar. Mas só me ocorre um remédio. Faça-me melhorar, Lucius.

Falou com uma voz grave, rouca, que lhe arrepiou a carne desde os braços até o final da coluna.

—Encantado, senhora —respondeu, depositando beijos de pluma pelo queixo e garganta — Deixamos as preliminares desta vez?

—Desta vez? —perguntou ela entrelaçando os dedos em seus cabelos.— Haverá outra vez então?

— Quantas horas nos restam da noite?

— Oito?

—Então haverá outras vezes —disse ele—. Uma para jogar, uma para descansar entre uma e outra. Outras três vezes, então? Talvez quatro porque esta vai ser breve.

—Pois, passemos as preliminares desta vez —disse ela rindo suavemente.

Então ele a montou, passou as mãos por debaixo do seu corpo, acomodando-a, se posicionou entre suas coxas e se enterrou forte e profundamente nela.

Já quase desde o princípio sabia que era uma mulher apaixonada. Mas essa noite havia abandonado todas suas inibições. Não mentiu quando disse que estava demasiado quente apara acariciá-la. O que se seguiu foi pura e gloriosa carnalidade. Ela respondeu investida por investida, e se acoplaram com vigor, as respirações ofegantes, a paixão e o suor mesclados, até chegarem a um avassalador orgasmo ao mesmo tempo.

Recordou no último instante que estavam em uma pousada e as paredes poderiam não ser tão grossas e a prova de ruídos como deveriam, então cobriu-lhe a boca com a sua aberta para absorver seu último grito.

Depois virou a cabeça para o lado, relaxou todo seu peso sobre ela e suspirou.

— Um segredo quando se quer passar toda uma noite de jogo —disse — é poupar um pouco de energia, realizar o primeiro assalto de modo restrito e ir acumulando para chegar a um delicioso orgasmo no último assalto depois do amanhecer.

— Mas esse é exatamente o que estamos fazendo, não? — disse ela em voz baixa, jogando um fôlego quente em sua orelha —. Espere o último assalto, Lucius. Vai fazer-nos explorar as órbitas e saltaremos disparados pelo espaço.

— O céu que me ampare —disse ele —, e o céu ampare o mundo. E então caiu dormindo, sem antes incomodar-se de sair de cima dela.

Seria possível que algumas pessoas vivessem a vida com essa intensidade dia após dia, mês após mês e inclusive ano após ano?, estava pensando Frances em um desses momentos de cochilo dessa noite em que não estava fazendo amor nem dormindo. Assim, dando e recebendo com temerária indiferença às conseqüências, ao futuro ou a qualquer outra coisa, na realidade, que não fosse o precioso momento que estava vivendo?

A parte prudente dela lhe dizia que era uma tola ao fazê-lo, inclusive imoral. Mas algo em sua alma sabia que se nunca esticasse a mão para alcançar a felicidade, nunca a encontraria, e ao final de sua vida saberia que havia virado as costas de propósito para as oportunidades mais preciosas que a vida havia oferecido de presente.

Não podia casar-se com Lucius; ou melhor não queria, porque sabia que ele nunca seria totalmente feliz sem a benção de sua família.

E como iam dar essa benção se sua esposa era a filha de uma cantora italiana e um italiano desconhecido?

Não podia casar-se com ele, mas poderia amá-lo essa noite.

E fez isso, entregando-se plenamente a toda paixão que sentia por ele. Fizeram amor uma e outra vez, as vezes com vigor rápido, como no princípio da noite, as vezes com carícias preliminares prolongadas, sedutoras, quase dolorosas, e acoplamentos lentos, longos, rítmicos, tão atrozmente sensuais e belos que os dois, por acordo tácito, retardavam o momento em que a excitação se desencadearia e os arremessaria ao precipício e à saciedade, à paz e ao sonho.

Suas mãos, seu corpo, seus potentes braços e pernas, sua boca, seus cabelos, seu cheiro, tudo nele foi se tornando tão conhecido ao longo da noite como seu próprio corpo. E tão amado. Chegou a entender a ideia de que o homem e a mulher podem transformar-se em uma só carne.

Quando ele estava dentro dela, lhe custava saber onde terminava ela e começava ele. Seus corpos pareciam feitos para encaixar-se um ao outro, para unir-se e para relaxar juntos.

— Feliz? — sussurrou ele em seu ouvido quando a aurora começava a dar uma luz cinza ao quarto.

Tinha um braço ao lado do corpo, os dedos entrelaçados com os dela, uma de suas pernas sobre as duas dela, e com a outra mão traçava lentos círculos em seu ventre.

—Mmm —sussurrou ela.

Mas a aurora seguia inevitavelmente o dia, pensou.

— Está contente de voltar ao trabalho?

—Mmm —repetiu.

Mas sim que estava. Sempre havia sido feliz na escola e seu trabalho sempre produzira satisfação nela. Suas companheiras eram as melhores e mais íntimas amigas que havia tido em sua vida. Gostava delas, simples assim.

— O resto do ano escolar será agitado?— perguntou ele, segurando o lóbulo da orelha entre os dentes e esfregando a ponta com a língua, produzindo-lhe sensações que fizeram seus dedos dos pés se encolherem. —Terei que preparar e corrigir os exames de final de curso —explicou —. Haverá um chá de despedida para as meninas que estão deixando a escola, e buscaremos ocupação para as menians em regime gratuito, em posições que sua educação e inclinações pessoais as qualifiquem. Faremos a seleção de novas alunas para o próximo ano; Claudia sempre nos faz todos seus professores participarem da decisão. E logo virá o concerto de fim de ano para os pais e amigos, com a entrega de prêmios. Participarão todos meus corais e algumas de minhas alunas de música. De agora em diante haverá ensaios diários. Sim, estarei muito ocupada para pensar em outra cosa.

— E agradecerá por isso?

Ela manteve seus olhos fechados por um momento, sem contestar.

—Sim—disse afinal.

Ele lhe virou a cabeça com as mãos entrelaçadas e a beijou na boca.

—E você estará muito ocupado participando de todos os bailes e festas. —Parece que minha mãe e as meninas desfrutam levando-me de arrasto. —disse ele.

—E terá desejos de conhecer alguém. Talvez...

Ele a interrompeu com outro beijo.

—Não diga tolices, querida. Na realidade, não diga nada. Me vem outro ataque de energia.

Ele segurou sua mão livre e a colocou sobre o membro. Ela o sentiu endurecer-se de excitação e o rodeou com a mão.

— Mas estou com muita preguiça para colocar-me em cima ou para colocar você em cima de mim —disse ele —. Vamos ver se há uma maneira preguiçosa de amar?

A virou para ele, colocou a perna sobre seus quadris, acomodou sua posição e a penetrou. Ela acomodou os quadris para dar-lhe mais acesso. E se amaram lenta e preguiçosamente e o ardente e quase relaxado orgasmo chegou vários minutos depois.

Ele baixou a perna de seus quadris e os dois adormeceram, todavia unidos.

Quando despertou , o sol já havia saído e brilhava em seus olhos. «Amanhã você continuará seu caminho para Bath... Eu voltarei a Londres...»

Indiscutivelmente, a manhã havia chegado.

Ela deveria voltar para Londres com ele, estava pensando Lucius. Deveria voltar para a casa de suas tias avós, deixar-se mimar por elas e preparar-se para a celebração de seu compromisso e logo para o casamento antes que acabasse o verão. Deveria voltar para ir falar com Heath, para organizar com ele o concerto que este planejava para ela. Deveria dedicar-se a praticar canto e preparar-se para a profissão que estava esperando que ela estendesse a mão para segurá-la. Mas

havia algo muito mais importante que devia fazer. Devia voltar à Bath, à escola da senhorita Martin, voltar à suas alunas e deveres docentes e à tudo que havia enriquecido e dado sentido a sua vida durante os três anos e meio passados.

Poderia haver-se arruinado então, presa como estava entre o ultimato que lhe dera a condessa de Fontbridge e a cruel exploração de seu talento a que se dedicaram Ralston e lady Lyle durante dois anos.

Mas ela não arruinou-se, apesar de como a haviam educado. Teve a força de caráter e a resolução para virar as costas a esse desastroso começo de sua idade adulta e iniciar uma nova vida.

Se enganou ao chamá-la covarde, havia compreendido, ao acusá-la de conformar-se com estar contente quando podia alcançar a felicidade com ele e seu canto.

Ela não fugiu de sua antiga vida. Correu até uma nova.

Era difícil esperar que ela renunciasse a essa vida simplesmente porque a amava e queria que se casasse com ele. Era difícil esperar que renunciasse a isso pela perspectiva de uma carreira como cantora, ainda que houvesse sonhado com a felicidade na profissão toda sua vida.

Tinha uma vida e uma profissão, e às duas devia sua presença e compromisso, pelo menos até que finalizasse o ano escolar em julho.

A coisa mais difícil que tinha que fazer, em muito, muito tempo, seria deixá-la seguir seu caminho sem tentar persuadi-la de voltar a Londres com ele, e nem sequer rogar-lhe para que lhe permitisse vir buscá-la em julho. Porque ela tinha razão. Mesmo quando já sabia que não poderia de nenhuma maneira casar-se com uma mulher que não quisesse, também sabia que era importante a benção de sua família, a de sua mãe e de suas irmãs e além disso a de seu avô.

Se seu amor por Frances pesaria mais que a desaprovação deles, se vinha ao caso, não sabia, mas acreditava que sim. Mas sim sabia que devia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ganhar essa aprovação.

E isso seria mais fácil se voltasse só, senão os enfrentaria por algo já feito.

Portanto, depois do café da manhã, que poderiam não ter pedido, porque não comeram, se despediram no pátio do estábulo, ele e Frances Allard.

Thomas já estava sentado no banco de seu carro, os dois dóceis cavalos já engatados, esperando o sinal para partir. Peters, enquanto isso , estava junto das cabeças do par de cavalos mais decididos engatados ao tílburi, e parecia impaciente para colocar-se em marcha, mesmo que nessa manhã pareceu decepcionado quando Lucius lhe informou que não conduziria o veículo.

Estando os dois fora da porta aberta do carro dela, Lucius segurou as duas mãos dela, apertou-as fortemente, levou uma a seus lábios e a manteve ali um longo momento, com os olhos fechados.

— Até logo, meu amor — disse —. Que tenha uma boa viagem. Procure não trabalhar demais.

Com seus escuros olhos grandes e expressivos, ela o olhou longamente nos olhos, como se quisesse embebedar-se dele para aplacar a sede do resto do dia.

—Adeus, Lucius —disse. Engoliu a saliva com dificuldade — Adeus, meu amadíssimo.

Soltou bruscamente as mãos e subiu apressada no carro, sem ajuda. Ali se pôs a ordenar suas coisas enquanto ele fechava a porta e manteve a cabeça baixa enquanto ele dava sinal a Thomas. O traste velho pôs-se em movimento.

Ela manteve a cabeça baixa até o momento em que o carro virou para entrar no caminho. Então levantou a vista e, quase muito tarde, agitou a mão em despedida.

E partiu.

Mas não para sempre, caramba.

Este não era um adeus.

Jamais voltaria a dizer-lhe adeus.

De qualquer modo, pensou, caminhando até o tílburi, saltando para o elevado banco e pegando as rédeas das mãos de Peters, se sentia como se fosse.

Estava a ponto de começar a chorar, condenação.

—Será melhor que se segure bem — advertiu Peters quando este subiu atrás —. Tão logo entremos no caminho vou fazer os cavalos correrem.

— Isso eu diria também, chefe —disse Peters—. Algumas pessoas pouco aficcionadas aos cafés da manhã do campo gostariam de fazer seu almoço em Londres.

Lucius pôs os cavalos para correrem.

Capítulo 25

Quando haviam transcorrido duas semanas desde o surpreendente anuncio Guando habían transcurrido dos semanas desde el sorprendente anúncio do visconde Sinclair no salão da casa Marshall e vendo que não aparecia nenhum anúncio de seu compromisso, lady Balderston deixou muito claro a lady Sinclair, com uma série de indiretas e rodeios, que se o visconde Sinclair quisesse oferecer humildes desculpas seria recebido com perdão e compreensão. Afinal, se dizia que a metade dos cavalheiros presentes no concerto haviam se apaixonado pela Allard, e todos sabiam bem que o visconde Sinclair muitas vezes falava e agia impulsivamente.

Quando passaram outras duas semanas, e não chegou nenhuma desculpa, nem humilde nem de outro tipo, lady Porta Hunt se transformou repentinamente em «alvo de fofocas» dos salões elegantes de Londres, pois corria o rumor de que havia rechaçado a proposta do visconde Sinclair em favor das atenções e requerimentos que lha fazia um personagem da importância do marquês de Attingsborough, filho e herdeiro do duque de Anburey. E logo, como prova de que os rumores

não mentiam, começaram a ser vistos juntos em todas as partes, passeando de tílburi pelo Hyde Park, sentados um ao lado do outro em um palco de teatro, dançando em diversos bailes.

Enquanto isso Lucius não estava ocioso, ainda que estivesse muito menos ativo que de costume. Passava horas e horas sentado nos aposentos de seu avô, ou bem junto da cama na sala de estar quando o ancião sentia-se bastante bem para levantar-se.

Segundo seu medico, havia sofrido outra falha cardíaca muito leve.

Na tarde do mesmo dia que voltou a Londres, Lucius se sentou junto a cama para esfregar alternadamente as frias e flácidas mãos entre as suas e acalentá-las.

— Vovô, sinto não estar aqui antes. Estava a meio caminho de Bath de ida e volta.

Seu avô lhe sorriu cochilando.

—Quando fui ver a senhora Melford e a senhorita Driscoll ontem a tarde , descobri que Frances acabava de partir de regresso a Bath. Fui atrás dela.

— Assim que não deseja cantar, então, mesmo quando Heath ficou tão impressionado com ela.

— Sim ela deseja, mas é professora, e neste momento a escola, suas alunas e suas companheiras são mais importnates para ela que qualquer outra coisa. Não quer estar mais tempo ausente, longe delas.

Seu avô tinha os olhos fixos em seu rosto.

— E tampouco deseja a você, Lucius?

Lucius friccionou mais um pouco a mão de seu avô.

— Me quer. Me deseja tão loucamente como eu a ela. Mas não crê que ‘e digna de mim.

— E você não tentou convencê-la do contrário? —riu o ancião—. Deve estar perdendo suas faculdades, filho meu.

—Não, não podia, porque não tinha a autoridade para convencêla. Ela não se casará comigo a não ser que conte com a benção de toda minha família.

O avô fechou os olhos.

—Sabe tão bem quanto eu —continuou Lucius— que o senhor faz o maior gosto que me case com Porta.

Estes vivos olhos se abriram outra vez.

— Isso é algo que ao longo dos anos temos falado com Godsworthy como um resultado desejado — disse—. Mas você deve voltar a mente ao dia do Natal, Lucius, quando disse que a decisão para escolher uma esposa deve ser sua e só sua. O casamento é uma relação íntima, de corpo, mente e inclusive de espírito. Pode encontrar muita felicidade se os cônjuges estão unidos pela amizade, pelo afeto e pólo amor, e muito sofrimento se não estão.

— Não sofrerá se não me casar com Porta, então? — perguntou Lucius—. E a verdade, vovô, não posso. É perfeita em todos os sentidos, mas eu não sou.

Seu avô riu suavemente outra vez.

— Se eu fosse jovem e ainda não tivesse conhecido sua avó, Lucius, creio que me apaixonaria pela senhorita Allard. Tenho notado sua crescente estima por ela.

—Teve boa criação e educação — explicou Lucius—, mas não lhe restou nenhum dinheiro quando seu pai morreu. Caiu nas mãos de lady Lyle e George Ralston, nada menos. Ele a fez firmar um contrato para dirigir sua carreira de cantora. Pode imaginar, se quiser, vovô, o tipo de compromissos para cantar que lhe encontrava. Eram muito menos que respeitáveis. Ele e lady Lyle foram ficando com o dinheiro durante um tempo, supostamente para pagar as dívidas de seu pai. Fontbridge cortejava Frances nesse tempo, mas a condessa é demasiado muito elitista e arrogante para olhar com bons olhos seu casamento com a filha de um imigrante francês. Então lady Lyle interveio para romper a conexão. Fontbridge havia dito a Frances que no poderia cantar depois de seu casamento e sem dúvida lady Lyle temia perder seus rendimentos. Verteu veneno nos ouvidos de lady Fontbridge. E seu plano teve êxito. A condessa não só separou Frances de seu filho com ameaças como também a obrigou a afastar-se totalmente da vida que levava aqui. Frances foi para Bath sem dizer uma palavra a nenhum deles e desde então tem ensinado lá.

—Minha admiração por ela só aumentou —disse o conde—. E o fato de que tenha voltado para lá agora, Lucius, em lugar de deixar-se arrastar pelo entusiasmo de Heath e nosso, indica estabilidade, formalidade e firmeza de caráter. Eu gosto cada vez mais.

— Mas é o veneno vertido no ouvido da condessa que mais preocupa Frances —continuou Lucius—. É o que considera que a desqualifica mais para ser minha esposa. Ela não é filha de Allard, e quando ele se casou com sua mãe antes que ela nascesse, sabia que estava grávida de outro homem. Frances não conheceu a identidade de seu verdadeiro pai, mas supõem que era italiano, como sua mãe. Allard a reconheceu quando nasceu e a criou como a uma filha, e nunca lhe disse nem uma palavra da verdade. Mas disse para a senhora Melford e para a senhorita Driscoll, e para lady Lyle, que presumo era sua amante. Pela lei, então, Frances é legítima.

Seu avô fechou os olhos por um longo momento. Lucius chegou a pensar que havia adormecido. Tinha uma ligeira cor cinza na pele, e estava magro como um pergaminho. Sentiu desejo de chorar, pela segunda vez nesse dia. Acariciou a mão que tinha nas suas.

—Lucius, meu filho — disse seu avô por fim, com os olhos fechados —, seu casamento com a senhorita Allard tem minha benção. Pode dizer a ela.

—Talvez o senhor possa dizer, vovô. No final do ano escolar há uma festa em que se dá um concerto com entrga de prêmios. Cantarão todos os seus corais e atuarão algumas de sua alunas de música. Pensei que poderíamos assistir.

—Iremos —disse seu avô —. Mas agora vou descansar, Lucius.

Já estava roncando suavemente quando Lucius colocou a mão embaixo das mantas.

Lady Sinclair e suas filhas foram surpreendentemente fáceis de persuadir.

Lady Sinclair estava tão contente que seu filho estivesse morando na casa Marshall, comportando-se responsavelmente a maior parte do tempo, mostrando tanta preocupação e carinho por seu avô e tão boa disposição para acompanhar suas irmãs em suas diversas saídas, que não tinha dúvida de que ficaria encantada com qualquer noiva que escolhesse, pois já havia-se resignado com a idéia de que ele nunca poria fim a suas correrias de juventude. E se o nascimento da senhorita Allard era de legitimidade duvidosa, bem, também o era de um bom segmento da aristocracia. Os aristocratas simplesmente não falam desses assuntos. Uma semana depois, Lucius soube que sua mãe havia feito um esforço especial na noite anterios para falar com a condessa de Fontbridge no centro social Almack's, durante uma festa que foi com Emily. Intencionalmente levou a conversa ao tema Frances Allard, falou sem rodeios de seu nascimento e conexões e depois expressou a opinião de que uma dama de tão boa criação e recato e com esse admirável talento só poderia ser desejável como amiga e, com o tempo talvez, quem poderia saber ao certo? Inclusive algo mais que uma amiga para a família. Ah, e sabia lady Fontbridge que a senhorita Allard é a herdeira da senhora Melford e da senhorita Driscoll, as tias avós do barão Clifton? E com essas duas damas, por certo, ela teria uma relação tão íntima e de tanto carinho que não havia «nenhum» segredo entre elas?

—Nunca tinha ouvido mamãe falar assim —comentou Emily, muito orgulhosa—. Deixou pequena a qualquer dessas velhas fofoqueiras em veneno e virulência, Luz. Se via na expressão arrogante e altiva da condessa que entendia muito bem.

—Vigie sua língua, Emily —disse sua mãe zangada—. Sua mãe uma velha fofoqueira, sem dúvida.

Mas todos que estavam reunidos ao redor da mesa do café da manhã começaram a rir.

Margaret, que no Natal havia falado com muita ênfase a favor de Porta como esposa de seu irmão, havia casado com Tait por amor, e então deu sua opinião dizendo que se a senhorita Allard era a mulher que Lucius amava, ela não diria nada para dissuadi-lo. Afinal, Tait já a havia advertido há tempos que Lucius cortaria o pescoço antes de casar-se com Porta quando chegasse o momento.

Caroline, que continuava com a cabeça nas nuvens desde seu compromisso, só pode aplaudir que seu irmão tivesse escolhido uma mulher pela qual estava tão evidentemente apaixonado. E também se sentia pasmada pelo talento da senhorita Allard e gostaria muito de tê-la como cunhada.

Emily teve uma grave desilusão com Porta nessa primavera, em que a via com mais freqüência que de costume. Não a considerava em absoluto conveniente para Luz. A senhorita Allard, em troca, era perfeita, como como comprovava o fato de que teve coragem para voltar a Bath para ensinar mesmo quando Lucius havia ido atrás dela para convencê-la a voltar para Londres.

Amy estava simplesmente extasiada.

Mais ou menos uma semana depois de encontrar-se com a condessa de Fontbridge no centro social Almack's, a viscondesa se encontrou com lady Lyle em uma festa de jardim que participou com Emily e Caroline, e teve com ela uma conversa sobre Frances, muito similar a que teve com a condessa, se é que se podia chamar conversa, porque lady Sinclair era quem falava e lady Lyle se limitava a escutar, com seu habitual meio sorriso brincando em seus lábios.

—Pero escutou —informaria Caroline depois.

Mas Lucius não ia permitir que sua mãe lutasse todas as batalhas. Uma manhã encontrou-se com George Ralston no salão de boxe de Jackson. Normalmente não haveriam nem se olhado, não porque houvesse uma hostilidade particular entre eles, mas sim porque iam com grupos muito diferentes. Mas nessa determinada manhã se fixou no mau caimento da gravata de Ralston e lhe disse em tom desaprovador, diante da perplexidade de seus amigos. E depois, colocando o monóculo no olho, observou uma mancha de lama nas botas de cano alto do homem e comentou em voz alta que qualquer um que tivesse um criado de quarto tão descuidado teria que ser descuidado.

E então, como se acabasse de lhe ocorrer, o convidou a treinar com ele em um combate de boxe amistoso.

A reação de seus amigos já havia passado da surpresa ao assombro.

Não foi um combate amistoso. Ralston estava furioso pelos insultos a que o havia submetido um dos expoentes mais respeitados da sociedade, e Lucius estava mais que disposto a satisfazê-lo.

Quando o próprio cavalheiro Jackson pôs fim ao combate depois do sexto assalto, mesmo que tivessem planejado dez, Lucius tinha as bochechas brilhantes, os nós dos dedos mais brilhantes ainda e algumas costelas que lhe recordariam o combate por vários dias, enquanto que Ralston tinha um olho transformado em uma fenda em meio de duas inchações, uma bendita em cima do outro, um nariz vermelho brilhante que induzia a suspeitar que poderia estar quebrado, e hematomas nos braços e no tórax que no final do dia estariam mais negros e manteriam seu proprietário desperto e rígido muitos dias e muitas noites.

—Obrigada — disse Lucius no final —. Foi um prazer, Ralston. Tenho que lembrar-me de dizer à senhorita Allard a próxima vez que a vir que encontrei com você e passamos uma hora muito agradável eh... conversando. Mas talvez você a recorde como mademoiselle Halard. Lord Heath está impaciente por patrocinar sua carreira como cantora, sabia? É possível que ela aceite seu oferecimento uma vez que está em total liberdade para fazê-lo. A conheceu, creio, quando todavia era menor de idade, não? Mas faz tanto tempo que talvez sem sequer se recorde dela. Ah, tem um dente solto, não é? Eu em seu lugar não o moveria, companheiro. É possível que se firme na gengiva se deixá-lo em paz. Tnha um bom dia!

— E que diabos foi tudo isso? — perguntou um de seus amigos mais obtusos, quando Ralston já não podia ouvi-lo.

—Ah, quase vi sair tiros ali, hein Sinclair? — disse um amigo mais astuto sorrindo.

Pois sim.

Foram intermináveis os dois meses que teve que esperar para o concerto de fim de ano da escola da senhorita Martin. E logicamente este tempo esteve repleto de ansiedade, já que não tinha nenhuma segurança de que Frances se alegraria de voltar a vê-lo e inclusive que aceitaria casar-se com ele, mesmo quando chegasse armado com a benção de todos e de cada um dos membros de sua família.

Nunca se sabia com Frances.

Na realidade, só pensar em sua obstinação lhe causava uma grave irritação.

Ia raptá-la e fugir com ela se voltasse a dizer não. Simples assim. Ou por-se de joelhos e suplicar-lhe. Ou enterrar-se em uma decadência romântica.

Mas não acreditava que ia fracassar. O acompanhariam seu avô, que estava disposto a provar as águas de Bath outra vez, e Amy, que estava mortalmente farta de Londres. Também iriam Tait e Margaret, que não queriam perder a ocasião nem por todo ouro do mundo. Ao menos foi isso que Tait disse. Margaret foi muito mais refinada e declarou que desejava muito visitar Bath outra vez, já que não havia ido lá nos últimos cinco anos. E também a senhora Melford e a senhorita Driscoll iam, já que Bath não ficava muito longe de sua rota para casa, e estavam muito desejosas de ver sua querida Frances no ambiente de sua escola. E sempre haviam desejado conhecer suas amigas de lá, entre elas a senhorita Martin, e ouvir seus corais.

Lucius tinha uma forte suspeita de que haviam decidido ir quando se inteiraram de que «ele» iria. Desejavam que se casasse com sua sobrinha neta.

E ele, Deus misericordioso, estava mais que disposto a comprazê-las .

O último mês do ano escolar sempre era um frenesí de trabalho. Esse ano não foi uma exceção. Tinha que preparar e corrigir exames, fazer os exames orais de francês, escrever as cartas de notas e informes, escolher as alunas premiadas e preparar o concerto de final de ano.

Este último consumia as energias de todas durante todos os momentos não ocupados pelas aulas acadêmicas e as horas de comer e dormir; inclusive estas duas últimas atividades tiveram que ser reduzidas na última semana.

Frances era talvez a mais ocupada, pois tinha que preparar aperfeiçoar todos os números musicais, a exceção da série de contradanças. Mas todas as professoras tinham um papel a desmpenhar. Claudia ia ser a mestra de cerimônias e teria que preparar seu discurso de fim de curso. Susanna havia idealizado, escrito, posto em cena e escolhido o elenco de uma novela da vida

escolar, e a ensaiava com as meninas durante longas horas e na maior parte em segredo, e com muitos risos a julgar pelos sons que chegavam de sua sala. O senhor Upton havia desenhado a decoração do cenário para toda a festa, e Anne reunia um grupo de meninas, além de David, para confeccioná-lo na sala de arte todas as tardes até o anoitecer quando podiam escapar de seus estudos e deveres.

Frances havia anunciado a Claudia sua demissão ao terminar o ano.. Não vinha fugindo quando chegou a escola há três anos, mas estava em busca de uma vida melhor, e para encontrar-se a si mesma, e estava orgulhosa do êxito conseguido em ambas as coisas. Mas continuar ali, havia decidido, depois de várias noites sem dormir e várias conversas com suas amigas, seria esconder-se da realidade.

Porque a realidade e seus sonhos haviam coincidido no final, e se desta vez virasse as costas rechaçaria ao destino e era possível que nunca mais tivesse a oportunidade de cumpri-lo.

Ia ver lorde Heath. Se colocaria em suas mãos e descobriria até onde poderia levá-la a sua voz.

Ia agir para fazer realidade seus sonhos.

Anne e Susanna a banharam em lágrimas, ainda que as duas tenham declarado veementemente que ia fazer o correto. Mas ficariam terrivelmente tristes. Suas vidas na escola não seria igual sem ela.

Mas não voltariam a dirigir-lhe a palavra nunca mais, lhe disse Susanna, se não o fizesse.

E estariam torcendo muito por seu progresso e fama, disse Anne, e explodiriam de orgulho por ela. Claudia declarou que não aceitaria sua demissão. Contrataria uma professora substituta até o Natal. Se então Frances desejasse voltar, estaria esperando-a. Se não, então contrataria uma professora permanente.

«Não ficará mal ocorra o que ocorrer, Frances — lhe disse —. Se continuar com o canto como profissão, quer dizer que nasceu para isso. Se depois de tudo achar que essa vida não é para você, voltará ao que fazia soberbamente, como podem atestar as meninas que passaram por essa escola nos três últimos anos.»

E assim chegou a aurora do dia do concerto de fim de ano e continuou da maneira habitual, com a ameaça de todos os desastres possíveis e imagináveis, todos evitados no último instante por um cabelo: as bailarinas não encontravam suas sapatilhas de balé, as cantoras não encontravam suas partituras, e ninguém conseguia encontrar Martha Wright, a menor aluna da escola, qie seria a primeira a sair ao cenário e dar as boas vindas aos convidados; no final a encontraram trancada no quarto das vassouras, recitando sua fala com os olhos fortemente fechados e as mãos tampando os ouvidos.

Pouco antes de começar a apresentação, Susanna começou olhar por um extremo da cortina do cenário, para ver se havia vindo alguém, sempre a última ansiedade dessas festas.

—Caramba — disse por cima do ombro a Frances, que estabva ordenando suas partituras —, a sala está repleta.

Sempre estava, logicamente.

—Ah, olhe! — exclamou justamente quando estava a ponto de soltar a cortina para que caísse em seu lugar—. Venha ver, Frances, fila seis de trás para frente, a esquerda.

Frances sempre resistia a tentação de olhar pela cortina. Não gostava que alguém do público pudesse vê-la olhando. Mas não podia negar-se, porque Susanna a estava olhando com os olhos arregalados, as bochechas coradas e seu sorriso atravessado.

Olhou.

Curiosamente, ainda que estivessem mas ao centro, foram suas tias avós que ela viu primeiro. Mas antes que pudesse reagir pela alegria que invadiu-lhe o peito, lembrou que Susanna nunca as tinha visto, e que portanto não poderia reconhecê-las. Moveu os olhos para a esquerda.

O conde de Edgecombe estava sentado ao lado da tia Martha, mais ao lado estavam lady Tait e lorde Tait, depois Amy e depois...

Respirou longa e lentamente e soltou a cortina.

—Frances! —exclamou Susanna, dando-lhe um forte abraço, sem fazer caso das olhadas de curiosidade de algumas poucas meninas que estavam trabalhando nos bastidores; surgindo-lhe lágrimas nos olhos —. Ah, Frances, vai ser feliz. Uma de nós vai ser feliz. Me sinto tão... feliz!

Frances estava muito aturdida para sentir algo mais que perplexidade.

Mas não havia tempo para os sentimentos. Eram sete horas em ponto e Claudia sempre insistia que a apresentação começasse com pontualidade.

Apareceu Anne com Martha Wright, lhe apertou os delgados ombros, lhe deu um beijo na bochecha e com um suave empurrão a fez sair para o cenário.

No ensaio geral desta tarde havia saído tudo errado. Mas a senhorita Martin assegurou alegremente às meninas que esse era um bom sinal, que pressagiava que a apresentação dessa noite seria um sucesso. E tinha toda razão. Os corais cantaram em uníssono, com ritmo e melodia; as bailarinas dançaram com pés ligeiros e não de enredaram nenhuma só vez nas fitas; o grupo coral recitativo fez seu número com muito brio e dramatismo como se fossem uma só voz; Elaine Rundel e o menino David Jewell cantaram seus solos com perfeição; Hannah Swan e Veronica Lane tocaram seu duo ao piano sem equivocar-se em uma só nota, ainda que ficasse muito claro, inclusive para aqueles sem o menor ouvido musical, que o instrumento já tinha seus bons anos e que era muito improvável que durasse muitos mais, e as atrizes da paródia de Susanna, que representava as professoras e as meninas preparando o concerto, resultou em muitas risadas do público e aplausos inclusive antes que terminasse.

A noite chegou a seu fim com um discurso da Senhorita Martin, em que mencionava os êxitos mais importantes do ano, e que acabou anunciando o começo da entrega de prêmios.

Depois, ao recordar, Frances nunca poderia explicar como havia passado por tudo isso. Cada vez que estava no cenário dirigindo um coral e se voltava para agradecer os aplausos do público, via bem suas tias avós sorrindo de orelha a orelha, o conde e Amy. Nem uma só vez olhou para Lucius. Não se atrevia.

Mas sabia que ele estava sorrindo-lhe com o brilho nos olhos e a expressão de lábios apertados e mandíbula rígida que demostrava orgulho, afeto e desejo.

E amor.

Já não duvidava que ele a amava.

Nem que ela amava a ele.

A única coisa que havia duvidado era a possibilidade de que houvesse algum futuro para eles.

Mas o conde de Edgecombe estava com ele. Também estavan Amy e lorde e lady Tait. E suas tias avós.

Que poderia significar isso?

Não se atreveu a responder essa pergunta.

Nem sequer tentou. Procurou concentrar-se no concerto, dar as meninas toda atenção que mereciam. Inconscientemente, lhes deu mais atenção que de costume e elas cantaram muito melhor que de costume. Mas finalmente o último prêmio foi entregue e cessou o último aplauso, e não lhe restou outra coisa que sair ao vestíbulo com as meninas e os demais professores e mesclar-se aos convidados enquanto passavam bandejas com biscoitos e limonada.

Ali estavam tia Martha e tia Gertrude esperando para abraçá-la e desfazendo-se em exclamações de elogios pela beleza de todas as músicas. Amy a felicitou depois delas. Lorde Tait fez sua inclinação com a cabeça e lady Tait lhe sorriu com algo mais que amabilidade em sua expressão. O conde de Edgecombe, um pouco mais abatido que o habitual, segurou suas duas mãos entre as suas, as apertou e lhe disse que ao que parecia era tão boa professora quanto cantora, e que isso já era dizer pouco.

Lucius se manteve em segundo plano, parecendo sem nenhuma pressa em chegar-se. Mas quando Frances o olhou, temeu que seus joelhos dobrassem. Ele a estava devorando com os olhos.

Por fim ele lhe estendeu a mão e quando ela colocou a sua na dele, levou-a aos lábios.

—Frances —disse—, já disse-lhe adeus pela última vez. Me nego terminantemente voltar a dizê-lo. Se insistir em seu não, partirei sem dizer uma palavra.

Ela sentiu subir a cor para as bochechas. Suas tias estavam ali escutando. Também o avô dele, suas irmãs e cunhado. E Anne e David, que acabavam de colocar-se atrás dela.

—Lucius! —disse em voz baixa.

Ele não lhe soltou a mão, seus olhos já estavam sorridentes.

— O último impedimento já está eliminado —disse, no momento em que Susanna se colocava atrás dele —. Temos a benção de todos e de cada um de meus familiares. Não fiz o pedido à suas tias avós, mas apostaria que contamos com sua benção também.

—Lucius!

Começava a sentir-se horrorosamente perturbada. As pessoas já começavam a olhá-los. Um bom número de meninas dando-se cotoveladas e dissimulando risinhos. Ali estava sua professora, a senhorita Allard, no meio do vestíbulo, sua mão sujeita ao coração de um charmoso e elegante cavalheiro, que a olhava risonho, com uma expressão que sugeria que era algo mais que diversão o que sentia.

Claudia já tinha visto a cena e vinha na direção deles.

Frances o olhou em muda súplica.

E então seus ousado, impulsivo, incômodo e maravilhoso Lucius fez o que seguramente era a maior audácia que havia feito em sua vida.

E arriscou tudo.

—Frances —disse, sem sequer tentar baixar a voz para fazer um pouco mais íntimo o momento —, meu amor mais querido, me faz a honra de casar-se comigo?

Ouviram-se exclamações abafadas, cochichos, suspiros e sons pedindo silêncio. Alguém deixou escapar um choramingo, talvez Amy ou uma de suas tias avós. Esse era o tipo de proposta de casamento, pensou uma remota parte do cérebro de Frances, com que nenhuma mulher nem sonharia. Era o tipo de proposta de casamento que toda mulher merecia. Mordeu os lábios.

E em seguida sorriu radiante e disse:

—Sim, Lucius, claro que sim.

Havia se enganado. Ainda não havia cessado o último aplauso da noite. Suas bochechas arderam quando todos que estavam bastante próximos para ouvir, começaram a aplaudir outra vez.

O visconde Sinclair baixou a cabeça como se fosse beijar-lhe o dorso da mão, mas em lugar disso deu-lhe um forte e breve beijo na boca.

E então foram aclamados por seus familiares, amigos meninas gritonas.

— E agora — disse Claudia então, exalando um suspiro que contradizia seus sorridentes olhos — , suponho que vou ter que aceitar sua demissão, Frances. Mas sempre disse que estaria disposta a fazê-lo por uma boa causa, não é?

Capítulo 26

As bodas da senhorita Frances Allard com o visconde Sinclair seria celebrada na Abadia de Bath, um mês depois das proposições públicas de casamento e aceitação.

A viscondessa, que logo se transformaria na viscondessa viúva, queria que as núpcias fossem celebradas em Londres, na igreja de St. George de Hanover Square. A senhorita Melford queria que fosse na igreja de Mickledean de Somersetshire.

Mas por muito que suas tias avós fossem sua única família, suas amigas da escola eram igualmente queridas a Frances. E apesar de Anne pensar em passar uma parte do verão em Cornualha, nem Susanna nem Claudia podiam afastar-se de Bath já que na escola ficavam nove meninas em regime gratuito das quais tinham que ocupar-se.

Seria inconcebível que suas três melhores amigas não assistissem seu casamento.

E Lucius não opôs nenhuma objeção.

«Contanto que você estivesse lá, meu amor — disse—, eu ficaria muito feliz de casar-me em um celeiro da ilha mais remota das Hébridas.»

E assim Frances pode vestir-se para suas bodas em seu conhecido quarto da escola, o último dia que seria dela, e pode despedir-se em particular de suas companheiras antes de partirem para a igreja e ela descesse para a sala de visitas, onde o barão Clifton a esperava, seu primo em segundo ou terceiro grau, para acompanhá-la a igreja e entregá-la.

—Frances —disse Susanna, olhando seu elegante vestido novo azul celeste e seu chapéu combinando enfeitado com flores —, está linda. E hoje você se tranformará em viscondessa. A única coisa que posso dizer é que é uma sorte que lorde Sinclair não seja duque. Tentaria arrebatá-lo de você.

Riu alegremente de sua brincadeira, mas também tinha lágrimas nos olhos.

—Te cedo tu duque —disse Frances, abraçando-a—. Aparecerá um dia desses, Susanna, se apaixonará por você e a levará com ele.

— Mas como vai me encontrar quando vivo e ensino dentro das paredes de uma escola?

A pergunta foi feita em tom alegre, mas Frances percebeu que Susanna, apesar de jovem e bonita, não tinha esperança de casar-se ou inclusive de ter um pretendente.

— A encontrará— assegurou—. Lucius me encontrou, não foi?

— E continuou encontrando-a e encontrando-a —disse Susanna, rindo outra vez e passando para um lado para dar lugar a Anne.

—Ah, sim está linda, Frances —disse Anne—. O vestido e o chapéu soa bonitos, mas é a felicidade que irradia que a faz linda. Seja feliz! Ah, mas já sei que será. Este é um casamento por amor e está se casando com um homem extraordinário, que permitirá que você tenha sua carreira de cantora, que a incentiva a ter, na realidade.

—Você também será feliz, Anne — disse Frances enquanto se abraçavam —. Você será.

—Ah, já sou feliz. Tenho David e tenho esta vida. É preferível à que tinha antes, Frances. Tenho meu lugar aqui.

Estava sorrindo e era evidente que estava encantada pelo seu casamento. Mas Frances sempre percebera um matiz de tristeza por trás de seus sorrisos calorosos.

Nesse momento, Claudia apareceu na porta do quarto.

—Frances — disse —, não sabe quanto vamos sentir sua falta, minha querida. Mas este não é um dia para a autocompaixão. Estou muito, muito feliz por você, de verdade.

Claudia Martin não era o tipo de mulher dada a abraços. Tampouco era o tipo que chorava por qualquer motivo. Mas nesse momento fez as duas coisas, ou se não chorou, parecia chorar, pois desceram por sua bochecha duas lágrimas claras.

—Obrigada — disse Frances, quando estavam abraçadas —. Obrigada por arriscar-se e dar-me oportunidade quando eu estava desesperada. Obrigada por fazer-me sentir uma professora profissional e uma amiga, e inclusive uma irmã. Claudia, desejo que seja feliz assim algum dia. Desejo muito.

Mas já era o momento das três irem para a igreja.

E pouco depois chegou o momento em que Frances devia colocar-se a caminho de suas bodas na Abadia.

O grupo reunido não era era muito numeroso. De qualquer modo, era surpreendente a quantidade de pessoas que chegaram de Londres para a ocasião, entre elas o barão Heath com sua esposa e seus enteados.

O mais importante, observou Lucius enquanto esperava na Abadia a aparição de sua noiva, era que estavam presentes toda a família e as amigas dela, entre elas as meninas em regime gratuito que passavam as férias na escola, cada uma com seu melhor vestido de domingo, e toda a família dele.

Só um ano antes a idéia de ter sua família por perto o deixaria assustado.

Só um ano antes a idéia de casar-se o deixaria assustado.

E seguramente não havia acreditado que esse dia, ou qualquer outro dia, ia celebrar um casamento por amor.

Ah, mas a palavra «amor» não tinha bastante potência. «Adorava» Frances. Gostava dela e a admirava além de todos os sentimentos românticos e luxuriosos que tinha por ela.

E de pronto ali estava ela, entrando na nave e avançando para o altar de braço com Clifton, esbelta e elegante em sua beleza morena.

Recordou a primeira vez que a viu, de passagem, quando seu carro ultrapassou o dela debaixo de uma forte nevasca. Recordou a segunda vez que a viu, quando a arrancou de seu submergido carro,

uma harpia molhada lançando fogo e enxofre pelos olhos e pela boca.

Recordou-a preparando o bolo de carne e o pão.

Recordou-a esculpindo um sorriso em seu boneco de neve e logo retrocedendo para contemplá-lo com complacente satisfação, a cabeça ligeiramente inclinada.

Recordou-a dançando a valsa com ele, entoando a melodia.

Recordou o momento em que se deteve na porta do salão dos Reynolds e descobriu que a cantora que tanto havia cativado sua alma era Frances Allard.

Recordou...

Mas já não tinha nenhuma necessidade de recorrer a lembranças para extrair prazer. Hoje estavam diante de seus familiares e amigos para comprometerem-se a passar toda uma vida juntos.

Ela já estava ao seu lado, seus olhos muito escuros iluminados pela maravilha do momento.

Esse era um momento que viveria em toda sua plenitude enquanto ocorresse, um momento que guardaria em sua memória todo o resto de sua vida.

Lhe sorriu, e ela sorriu para ele.

—Amadíssimos irmãos... —começou o reverendo.

A manhã esteve nublada, e ameaçava chuva. Mas quando o visconde Sinclair saiu ao pátio da Abadia com sua vistosa viscondessa segura em seu braço, o sol brilhava em um céu azul puríssimo.

— Passamos juntos certas mudanças climáticas extremas, meu amor — disse, olhando-a —. Mas agora temos sol. Lhe parece que é um bom presságio?

— Não é outra coisa que um dia lindo —respondeu ela—. Não necessitamos nenhum presságio, Lucius, só nossa vontade para pegar nosso destino e vivê-lo.

Então ele a segurou pela mão e começaram a correr pelo pátio; passaram por uma pequena multidão de espectadores interessados que haviam saído da Pump Room para olhar, passaram por debaixo dos arcos e chegaram ao carro que os esperava, com Peters sentado na boléia. O carro os levaria de volta a escola, onde esperava por eles e pelos convidados o café da manhã das bodas.

— A sala do teatro esteve fechada para mim nestes dois últimos dias —explicou Frances—. Mas Claudia, Anne e Susanna passaram lá horas e horas com as meninas. Creio que estavam decorando-a.

Lucius entrelaçou os dedos com os dela.

—Não tenho dúvida de que será uma obra de arte. — disse —. A admiraremos, Frances, saudaremos nossos convidados e seremos felizes com eles. Hoje cumpri uma promessa e meu avô viveu para vê-la. E hoje fizemos muito felizes a duas idosas irmãs, suas tias avós. Mas agora, este momento, é só nosso. E não tenho a menor intenção de desperdiçá-lo. Ah, isto sim que é muito conveniente.

O carro acabava de fazer uma brusca curva para entrar na ponte O Pulteney, e o movimento os fez chocar-se.

—Muito —disse Frances, olhando-o com olhos brilhantes e risonhos.

Ele lhe passou um braço pelos ombros, baixou a cabeça e a beijou longa e conscientemente.

A nenhum dos dois nem ocorreu preocupar-se que as janelas não estavam fechadas com algumas cortinas.

O mundo seria muito bem recebido se quisesse compartilhar sua felicidade.

FIM

Formatação : Mrenata

Resenha Bibliográfica
Mary Balogh

Nació en Wales, Gran Bretaña y sus padres le pusieron el nombre de Mary Jenkins. Tuvo una infancia feliz junto con su hermana, dos años mayor que ella. Solían llenar de historias sus cuadernos y devoraban todos los libros que podían. Decían que cuando crecieran serian escritoras, un sueño que han cumplido.

Mary se graduó como profesora de inglés y como quería enseñar y viajar, se fue a Canadá, donde conoció a su marido en una cita a ciegas… antes de un año estaban casados. En 1985 escribió su primera novela, Masked Deception, la cual ganó el premio Rita de novela romántica. Compaginó su carrera como profesora de inglés con su pasión por la escritura, hasta que en 1988 se jubiló después de veinte años de docencia.

En la actualidad sigue viviendo en Canadá junto con su marido también retirado. Sigue leyendo mucho, escuchando música galesa, practicando yoga y dando largos paseos matutinos. “La vida es muy buena… quién dice que los sueños no se vuelven realidad. Pueden hacerse realidad si tienes visión, esfuerzo y un poco de suerte, bueno, tal vez, mucha suerte”.